

Jake  
Adelstein

# Tóquio

*proibida*

*Uma viagem  
perigosa pelo  
submundo  
japonês*

  
COMPANHIA DAS LETRAS





# DADOS DE COPYRIGHT

---

## SOBRE A OBRA PRESENTE:

*A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo*

---

## SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

*O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).*

---

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



jake adelstein

# Tóquio proibida

*Uma viagem perigosa pelo submundo japonês*

*Tradução*

Donaldson M. Garschagen



*Dedico este livro*

*Ao investigador Sekiguchi, que me ensinou o que é ser um homem honrado. Estou tentando.*

*A meu pai, que foi sempre meu herói e me ensinou a defender o que é certo.*

*Ao Departamento da Polícia Metropolitana de Tóquio e ao Federal Bureau of Investigation (FBI), por terem protegido a mim, a meus amigos e a minha família, e por seus incansáveis esforços para reprimir as forças das trevas.*

*Aos que amei e se foram para não mais voltar. Vocês são lembrados com saudade.*

会うは別れの始め

*O encontro é somente o começo da separação.*  
Provérbio japonês

# Sumário

Prelúdio — Dez mil cigarros

parte i

朝日 Manhã de sol

A sorte estará do seu lado

Não se trata de aprender, mas de desaprender

Tudo bem, garotos, peguem seus blocos

Chantagem: a melhor amiga de um repórter iniciante

É Ano-Novo, vamos brigar

O perfeito manual do suicídio

O assassinato da *snack-mama* de Chichibu

Enterrem-me numa cova qualquer: a visita dos *yakuzas*

A sequência de desaparecimentos de amigos de cachorros  
em Saitama, parte i:

Quer dizer que está me pedindo para confiar em você?

A sequência de desaparecimentos de amigos de cachorros  
em Saitama, parte ii:

Fora da cama, os *yakuzas* são uns sanguessugas que não  
valem nada

parte ii

日常 A jornada

Bem-vindo a Kabukicho!

Minha noite como acompanhante  
Que fim levou Lucie Blackman?  
Caixas eletrônicos e britadeiras: um dia na vida de um  
repórter do *shakaibu*  
Flores da noite  
O Imperador da Agiotagem

parte iii

夕暮れ Ocaso

O império do tráfico de pessoas  
Dez mil e um cigarros  
De volta à ronda  
Confissões de um *yakuza*  
Dois venenos

Epílogo  
Nota sobre fontes e proteção de fontes  
Agradecimentos  
Nota do autor

## Prelúdio

# Dez mil cigarros

“Ou você apaga essa matéria ou apagamos você. E talvez sua família também. Eles primeiro, que é para você aprender a lição antes de morrer.”

O testa de ferro bem vestido falava muito devagar, da maneira como se fala com idiotas ou com crianças, ou como os japoneses às vezes falam com estrangeiros desorientados.

Parecia uma declaração como outra qualquer.

“Largue essa matéria e largue o emprego, e vai ser como se nada tivesse acontecido. Escreva o artigo, e não haverá neste país lugar algum em que a gente não ache você. Entendido?”

Nunca foi uma boa ideia estar contra o Yamaguchi-gumi, a maior facção do crime organizado no Japão. Com cerca de 40 mil membros, é um bocado de gente para provocar.

A máfia japonesa. Você pode chamar seus integrantes de *yakuzas*, mas muitos deles preferem o nome *gokudo*, que significa literalmente “o caminho final”. O Yamaguchi-gumi é o topo da pirâmide *gokudo*. E entre os numerosos

subgrupos que constituem o Yamaguchi-gumi, o Goto-gumi, com mais de 9 mil membros, é o mais perigoso. Eles retalham o rosto de diretores de cinema, jogam gente pelas janelas dos hotéis, lançam retroescavadeiras contra as casas das pessoas. Coisinhas assim.

O homem que estava diante de mim propondo o acordo era do Goto-gumi.

Ele não fez a proposta em tom ameaçador. Não debochou nem apertou os olhos. A não ser pelo terno preto, nem sequer parecia um *yakuza*. Tinha todos os dez dedos. Não engrolava os erres como os bandidos de cinema. Talvez se parecesse com um garçom meio grosseiro num restaurante elegante.

Deixou cair a cinza no carpete e depois amassou o cigarro com calma no cinzeiro. Acendeu outro, com um isqueiro Dunhill folheado a ouro. Fumava Hope. Caixa branca, letras maiúsculas — os repórteres notam essas coisas —, mas não eram dos Hope comuns. Eram do tipo curto e compacto. Alto teor de nicotina. Letais.

O *yakuza* tinha vindo a essa reunião com outro testa de ferro que não disse absolutamente nada. O Calado era magro e moreno, com cara de cavalo, e usava o cabelo comprido tingido de laranja — o corte *chahatsu*. Vestia um terno escuro idêntico ao do outro.

Eu estava acompanhado de um policial de baixo escalão, outrora designado para a Força-Tarefa Anticrime Organizado, da província de Saitama. Chiaki Sekiguchi. Era um pouco mais alto que eu, quase tão moreno, corpulento e de olhos fundos, com um cabelo à moda de Elvis em 1950.

Era comumente confundido com um *yakuza*. Se tivesse escolhido o outro caminho, tenho certeza de que teria sido um chefe do crime muito respeitado. Era um ótimo policial, grande amigo, meu mentor em muitos aspectos, e tinha se oferecido para me acompanhar. Olhei para ele. Sekiguchi ergueu as sobrancelhas, esticou o pescoço e deu de ombros. Não ia me dar mais nenhum conselho. Não agora. Eu tinha de me virar.

“Se importa se eu fumar um cigarro enquanto penso no assunto?”

“Fique à vontade”, disse o *yakuza*, mais reservado que eu.

Tirei do paletó um maço de Gudang Garam, cigarros indonésios de cravo. Com forte teor de nicotina e alcatrão, têm cheiro de incenso, o que me lembrava os dias que passei num templo zen na época da faculdade. Quem sabe eu não devesse ter me tornado um monge budista... Mas agora era um pouco tarde.

Pus um cigarro na boca e, enquanto apalpava os bolsos em busca de um isqueiro, o testa de ferro, com presteza, aproximou seu Dunhill e se certificou de que o cigarro estivesse aceso. Era muito obsequioso. Muito profissional.

Observei a espessa coluna de fumaça que saía em círculos concêntricos da ponta do cigarro. As folhas de cravo enroladas junto às do fumo crepitavam e estalavam quando eu aspirava. Tive a impressão de que o mundo inteiro era um silêncio só, e este era o único som que eu ouvia: crepitações, estalos, faíscas. O cravo costuma fazer isso. Torci para que as fagulhas não abrissem um buraco no meu terno, ou no dele — mas depois de uma reflexão mais detida, percebi que isso não me importava nem um pouco.

Eu não sabia o que dizer ou fazer. Não tinha uma só pista. Não reunira material suficiente para escrever a matéria. Que diabo, não era uma matéria. Ainda. Ele não sabia disso, mas eu sabia. A informação que eu tinha só servira para me levar àquele desagradável confronto.

Talvez todo esse problema tivesse seu lado bom. Talvez fosse a hora de voltar para casa. Claro, talvez eu estivesse cansado de trabalhar oitenta horas por semana. Talvez estivesse cansado de chegar em casa às duas da manhã para sair às cinco. Eu estava cansado de estar sempre cansado.

Cansado de correr atrás de furos. Cansado de ser furado pelos concorrentes. Cansado de encarar seis fechamentos por dia — três na parte da manhã, para a edição vespertina, e três à noite, para a edição matutina. Cansado de acordar de ressaca dia sim, dia não.

Não me passou pela cabeça que ele estivesse blefando. Parecia muito sincero. Para ele, a matéria que eu tentava escrever ia matar seu chefe. Não diretamente, mas como consequência. Era seu *oyabun*, seu pai substituto. Tadamasa Goto, o mais famoso dos gângsteres japoneses. Assim sendo, era natural que ele achasse justo acabar comigo.

No entanto, se eu honrasse minha parte no negócio, eles cumpririam a deles? O problema real era que eu não podia escrever a matéria. Ainda não tinha todos os fatos. Mas não podia deixar que eles soubessem disso.

Tudo o que eu sabia era o seguinte: no verão de 2001, Tadamasa Goto tinha feito um transplante de fígado no Centro de Câncer Hepático Dumont-Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Sabia, ou achava que sabia, quem tinha sido o médico que realizou o transplante. Sabia quanto Goto teria gastado para conseguir seu fígado: cerca

de 1 milhão de dólares, segundo algumas fontes; 3 milhões, segundo outras. Sabia que uma parte do dinheiro para pagar as despesas de hospital fora enviada do Japão para os Estados Unidos através do escritório de um cassino de Las Vegas em Tóquio. O que eu não sabia era de que forma um sujeito como ele tinha conseguido entrar nos Estados Unidos. Devia ter falsificado um passaporte, ou subornado algum político japonês ou americano. Alguma coisa estava errada. Ele era uma das pessoas vigiadas pela Imigração e Alfândega dos Estados Unidos, pelo fbi e pelo Departamento de Entorpecentes. Estava na lista negra. Não tinha como entrar nos Estados Unidos.

Eu estava certo de que havia uma grande matéria por trás da saga de Goto e sua cirurgia. Foi por isso que estivera trabalhando no assunto durante meses. Mal podia supor que, enquanto eu trabalhava no caso, alguém tinha me dedurado.

Percebi que minhas mãos tremiam. Era como se o cigarro tivesse evaporado de meus dedos enquanto eu pensava.

Acendi um segundo cigarro. E pensei com meus botões: que diabos podia fazer para sair dessa?

Eu só tinha uma chance de fazer a escolha certa. Não haveria um segundo encontro. Eu não ia poder publicar uma correção depois. Senti que estava entrando em pânico, que meu estômago dava um nó, que meu olho esquerdo se contraía com espasmos.

Estava nessa profissão havia mais de doze anos, e pronto para parar. Mas não assim. Como eu tinha chegado até ali? Era uma boa pergunta. Uma pergunta melhor do que a que me faziam naquele momento.

Eu me perdi em meus pensamentos, perdi a conta dos cigarros que fumei.

“Apague a matéria ou apagaremos você”, era o que o testa de ferro tinha dito.

Essa era a proposta.

Eu não tinha mais cartas para jogar, e havia ficado sem cigarros.

Engoli, expirei, engoli de novo e então sussurrei minha resposta. “Está bem. Não vou... publicar a matéria... no *Yomiuri*.”

“Ótimo”, disse ele, muito satisfeito consigo mesmo. “Se eu fosse você, iria embora do Japão. O velho é louco. Você tem mulher, dois filhos, certo? Tire umas férias. Tire umas longas férias. Quem sabe não procura outro emprego?”

Todos se levantaram. Trocamos cumprimentos mínimos, mais para levíssimos acenos de cabeça, e olhares fixos, sem nem piscar.

Depois que o testa de ferro e seu assistente se foram, virei-me para Sekiguchi e perguntei: “Você acha que agi certo?”.

Ele pôs a mão no meu ombro e apertou-o um pouco. “Você fez a única coisa que podia fazer. Foi a coisa certa. Nenhuma matéria merece que se morra por ela, nenhuma matéria merece que sua família morra por ela. Os heróis não passam de pessoas que não tiveram escolha. Você ainda tem escolha. Fez a escolha certa.”

Eu estava sem ação.

Sekiguchi me levou para fora do hotel e tomamos um táxi. Em Shinjuku, encontramos uma cafeteria. Sentamos num reservado. Sekiguchi pegou seu maço de cigarros, me ofereceu um e acendeu-o.

“Jake”, começou ele, “de qualquer forma você estava pensando em deixar o jornal. Chegou a hora. Você não vai ser um covarde se fizer isso. Você não tem mais cartas na mão. O Inagawa-kai? O Sumiyoshi-kai? São uns anjinhos se comparados a esses sujeitos. Não sei qual é a maldita encrenca com o transplante de fígado que Goto fez nos Estados Unidos, mas ele deve ter seus motivos para não querer que a coisa se torne pública. Seja lá o que for, é muito importante para ele. Recue.”

Sekiguchi me deu um tapinha no ombro para se assegurar de que eu estava prestando atenção. Olhando-me nos olhos com a intensidade de uma navalha, ele prosseguiu: “Recue. Mas não desista de sua matéria. Descubra de que o filho da puta tem medo. Você precisa saber, porque seu tratado de paz com esse homem não vai durar. Eu garanto. Esses sujeitos não esquecem. Você precisa saber. Senão, vai passar o resto da vida com medo. Às vezes é preciso recuar para continuar lutando. Não desista. Espere. Espere um ano, dois anos, se for preciso. Mas descubra a verdade. Você é um jornalista. É seu trabalho. É sua vocação. Foi isso que trouxe você até este ponto.

“Descubra o que ele quer evitar que descubram, o que é que ele não quer que as pessoas saibam. Porque ele é um homem assustado — assustado a ponto de vir atrás de você como fez. Quando você souber o que é, terá uma carta na manga. Use-a com cuidado. Aí você vai ter uma chance de voltar a fazer o que quer fazer.

“Quando eu fui rebaixado e mandado para o trânsito — porque alguém, de minha própria gente, puxou o meu tapete —, pensei em deixar a corporação. Todos os dias eu queria ir embora. Você não pode imaginar o que é ser um

investigador e de repente se ver obrigado a preencher muitas de trânsito porque um sujeito inseguro e sem escrúpulos, que não sabe nada, só consegue subir dessa forma. Mas eu tinha de pensar em minha família. A escolha não era só minha. Então eu esperei. Tive de engolir aquilo, dia após dia, mas o tempo passa e depois de certo tempo as coisas mudaram. Pude expor minha visão dos fatos, e agora estou outra vez fazendo aquilo que sei fazer. Você está no mesmo barco, Jake. Não desista.”

Sekiguchi tinha razão, é claro. Não era o fim do mundo. Mas estou pondo o carro na frente dos bois.

Houve um tempo em que eu não atazanava os *yakuzas*, não era um ex-repórter de saco cheio com insônia crônica e fumante inveterado. Houve um tempo em que eu não conhecia o investigador Sekiguchi, nem o nome Tadamasa Goto, nem mesmo sabia escrever um artigo decente em japonês sobre o roubo de uma bolsa, e só conhecia os *yakuzas* do cinema.

Houve um tempo em que eu tinha certeza de estar entre os mocinhos. Isso parece ter acontecido há muito, muito tempo.

parte i

朝日

manhã de sol

# A sorte estará do seu lado

O dia 12 de julho de 1992 foi crucial para minha formação sobre o Japão. Eu estava grudado no telefone, com os pés dentro de minha minigeladeira — no calor do verão, qualquer friozinho vem bem —, esperando uma ligação do *Yomiuri Shimbun*, o mais prestigiado jornal do Japão. Ou eu conseguia emprego como repórter ou ficaria sem trabalho. Foi uma longa noite, o auge de um processo que vinha se estendendo por um ano inteiro.

Pouco tempo antes, eu me dava ao luxo de não me importar nem um pouco com o futuro. Era aluno da Universidade Sofia (Joichi), em plena Tóquio, na qual pretendia obter um diploma de graduação em literatura comparada, e escrevia para o jornal estudantil.

Assim, eu tinha alguma experiência, mas nada que pudesse ser visto como o começo de uma carreira. Estava um passo além de dar aulas de inglês, e conseguia uma renda decente traduzindo do inglês para o japonês vídeos didáticos de kung fu. Com mais algum bico ocasional, fazendo massagem sueca para donas de casa japonesas ricas, eu ganhava o bastante para as despesas do dia a dia, mas ainda dependia de meus pais para pagar os estudos.

Eu não tinha ideia do que pretendia fazer. A maior parte de meus colegas de estudos já tinha promessas de emprego antes mesmo da formatura — um costume chamado *naitei*,

pouco ético mas generalizado. Eu também tinha uma promessa, da Sony Computer Entertainment, mas que só valeria se eu estendesse meu curso por mais um ano. Não era o emprego que pedi a Deus, mas afinal de contas era a Sony.

Foi assim que no fim de 1991, com uma carga horária levíssima e tempo livre de sobra, decidi mergulhar no estudo do japonês. Cismeiei de prestar o exame de ingresso nos meios de comunicação, destinado a recém-formados, e tentar descolar um emprego como repórter, trabalhando e escrevendo em japonês. Na minha fantasia, eu supunha que, se era capaz de escrever para o jornal estudantil, não poderia ter muita dificuldade para escrever num jornal de circulação nacional com 8 ou 9 milhões de leitores.

No Japão, as pessoas não abrem caminho para uma carreira nos principais jornais a partir de publicações regionais, em pequenas cidades. Os jornais contratam o grosso de seus repórteres diretamente na universidade, mas antes disso os calouros precisam prestar um “exame de ingresso”, semelhante a um vestibular. O ritual funciona assim: os aspirantes a repórter se reúnem num gigantesco auditório onde são submetidos a um dia inteiro de testes. Os que conseguem uma boa pontuação são chamados para uma entrevista, depois outra, e depois outra. Quem for bem nas entrevistas e cair nas graças dos entrevistadores pode receber uma promessa de emprego.

Para ser sincero, eu não acreditava de verdade que pudesse ser contratado por um jornal japonês. O que quero dizer é o seguinte: quais seriam as chances de um garoto judeu do Missouri ser aceito nessa fraternidade jornalística japonesa de alto nível? Mas eu não me importava. Se tinha de estudar uma coisa, se tinha um objetivo, ainda que

inalcançável, o tempo gasto correndo atrás dele deveria ter resultados indiretos. No pior dos casos, ia melhorar meu japonês.

Mas a qual jornal eu me candidataria? O Japão tem um excesso de mídias de notícias, que são ainda mais importantes que nos Estados Unidos.

O *Yomiuri Shimbun* é o jornal de maior circulação do Japão e do mundo — mais de 10 milhões de exemplares por dia. O *Asahi Shimbun* vem em segundo lugar, hoje mais distante do primeiro do que antes. Dizia-se que o *Yomiuri* era o órgão oficial do pld, Partido Liberal Democrático, que dominou a política japonesa desde a Segunda Guerra Mundial; o *Asahi* era o jornal oficial dos socialistas, quase invisíveis hoje em dia; e o *Mainichi Shimbun*, o terceiro, era o porta-voz dos anarquistas, porque nunca sabia de que lado estava. O *Sankei Shimbun*, provavelmente o quarto jornal do país nessa época, era considerado o porta-voz da extrema direita; dizia-se que tinha tanta credibilidade quanto um tabloide de supermercado. Mesmo assim, às vezes dava bons furos.

A agência de notícias Kyodo, equivalente da Associated Press no Japão, era ainda mais difícil de entender. A agência se chamava originalmente Domei, e foi o braço propagandístico oficial do governo japonês durante a Segunda Guerra Mundial. Nem todos os vínculos políticos foram cortados quando a agência se tornou independente depois da guerra. Além disso, a Dentsu, a maior e mais poderosa agência de publicidade do Japão (e do mundo), tem uma participação dominante na empresa, e isso dá o tom de sua linha. No entanto, há algo que faz da Kyodo uma excelente agência de notícias para quem trabalha nela: seu sindicato, que causa inveja em todos os repórteres do Japão.

O sindicato garante que seus repórteres possam tirar as férias a que têm direito — o que é bem raro na maior parte das empresas japonesas.

Existe também a Jiji Press, uma espécie de irmã mais nova da Kyodo, mas muito ativa. Tem menos leitores e menos repórteres. A piada corrente é que os repórteres da Jiji escrevem seus artigos depois de ler os da Kyodo — uma piada cruel numa atividade cruel.

A princípio, inclinei-me pelo *Asahi*, mas comecei a me sentir ofendido por sua insistência em falar mal dos Estados Unidos a cada oportunidade. Parecia se incomodar com a imagem que a maioria das pessoas no Japão, segundo eu pensava, tinha de meu país: porta-voz da democracia, distribuindo liberdade e justiça em todo o mundo livre.

Os editoriais do *Yomiuri* eram áridos, muito conservadores, indefinidos e escritos com forte carga de kanji (os ideogramas chineses originais), mas as matérias da editoria nacional de fato me impressionavam. Num tempo em que a expressão “tráfico de pessoas” anda não fazia parte do vocabulário popular, o *Yomiuri* publicou uma série de denúncias detalhadas sobre o drama de tailandesas levadas a ingressar clandestinamente no Japão para trabalhar na indústria do sexo. Os artigos tratavam as mulheres com certa dignidade e, embora com cautela, criticavam a polícia por sua ineficácia em relação ao problema. A posição do jornal, pareceu-me, era firmemente favorável aos oprimidos. Lutava por justiça.

O *Asahi* e o *Yomiuri* marcaram os exames para o mesmo dia. Inscrevi-me para o do *Yomiuri*.

O exame fazia parte do Seminário de Jornalismo do *Yomiuri Shimbun*, um método dissimulado e bem conhecido de contratar pessoas antes do início da temporada oficial de

caça ao emprego. Permitia que eles fisessem a nata de cada safra. O processo não é muito divulgado, portanto quem quiser de verdade entrar para o *Yomiuri* precisa ler o jornal religiosamente, ou pode perder o bilhete premiado. Todos os redatores do jornal universitário que aspiravam a ser repórteres do *Yomiuri* checavam as páginas do jornal. Num país em que as aparências são importantes, eu precisava parecer respeitável. Escarafunchei meu armário só para descobrir que a umidade do verão tinha transformado meus dois ternos em colônias de fungos. Então me meti numa loja de roupa masculina que dava bons descontos e comprei um terno de verão pelo equivalente a trezentos dólares. A roupa era feita de um tecido fino e bem ventilado, com um belo acabamento preto fosco. Ficou bem em mim.

Quis impressionar Inukai, meu amigo e editor do jornal estudantil, com minha elegância, mas quando apareci na redação, localizada num porão escuro como uma masmorra, sua reação foi bem diferente da que eu imaginava.

“Meus pêsames, Jake-kun.”

Aoyama-chan, outra colega, parecia pensativa. Não abriu a boca.

Eu não conseguia entender o que estava acontecendo.

“O que aconteceu? Foi algum amigo?”, perguntou Inukai.

“Um amigo?”

“Quem morreu?”

“Hem? Ninguém morreu. Todo mundo que conheço está bem.”

Inukai tirou os óculos e limpou as lentes com a camisa.

“Então você comprou esse terno sozinho?”

“Isso. Trinta mil ienes.”

Inukai estava achando graça naquilo. Digo isso porque ele apertava os olhos como um cachorrinho alegre. “Que tipo de terno você pretendia comprar?”, perguntou, com falsa seriedade.

“O anúncio dizia *reifuku*.”

Aoyama-chan segurava o riso.

“O que foi?”, perguntei. “O que há de errado?”

“Seu idiota! Você comprou um terno de luto! Isso não é um *reifuku*, é um *mofuku*!”

“Qual é a diferença?”

“O *mofuku* é preto. Ninguém usa terno preto para uma entrevista de emprego.”

“Ninguém mesmo?”

“Talvez um *yakuza*.”

“Bom, não posso fazer de conta que acabo de chegar de um enterro? Quem sabe ganho pontos por solidariedade...”

“Lá isso é. As pessoas têm pena de deficientes mentais.”

Aoyama entrou no papo. “Quem sabe você pode se candidatar a *yakuza*! Eles usam preto! Você seria o primeiro *yakuza* gaijin!”

“Ele não nasceu para ser *yakuza*”, disse Inukai. “E o que seria dele quando o pusessem para fora?”

“É verdade”, disse Aoyama, aquiescendo. “Se não der certo, ele vai ter um trabalhão para voltar a ser jornalista. É difícil escrever só com nove dedos.”

A essa altura, Inukai estava com a corda toda. “Não acho que ele consiga sair da organização com nove dedos. Com oito é mais provável. Ele é o tipo do enrolão, primitivo, descoordenado e sempre atrasado. Um bárbaro.”

“Entendo”, disse Aoyama. “Na verdade, ele ainda poderia catar milho na máquina de escrever. Mas em termos

de carreira, não acho que a de *yakuza* seja para ele, embora fique bem de terno preto.”

“Então o que devo fazer?”

“Compre outro terno”, disseram os dois em coro.

“Não tenho dinheiro.”

Inukai ficou pensativo. “Hum... Acho que você pode ir com esse porque é um gaijin. Talvez até achem engraçadinho... se não concluírem que você é um idiota.”

Foi o que fiz.

Com o terno de luto e tal, em 7 de maio me arrastei até a primeira sessão do seminário, realizada às 12h50 num lugar imponente pegado ao edifício central do *Yomiuri Shimbun*. O seminário seria feito em dois dias. O primeiro era um dia de aulas. O segundo era de *enshuu*, ou “prática de campo”, um eufemismo para exames. Fiquei surpreso com o uso dessa expressão, que é um termo basicamente militar.<sup>1</sup>

O seminário começou com um discurso de abertura e uma palestra “para os que aspiram a ser jornalistas”, seguida de uma segunda palestra sobre os princípios éticos fundamentais da reportagem do jornal. Depois houve uma sessão de duas horas em que “o pessoal da linha de frente” — repórteres da ativa — falou sobre seu trabalho, as alegrias de conseguir um furo e a angústia de ser furado pela concorrência.

Não me lembro de muitos detalhes das palestras. As longas horas que passei lendo e aprendendo a escrever em japonês com alguma competência tinham um lado ruim: minha capacidade de entender o japonês falado era

paupérrima. Além disso, eu não era dos falantes mais fluentes. No entanto, estava fazendo um jogo calculado. Para conseguir uma entrevista, é preciso ir bem no teste escrito, portanto eu havia empregado mais tempo em ler e escrever do que em qualquer outra coisa. Eu não diria que era completamente surdo para o japonês, mas sim que tinha capacidade limitada de entender e falar.

Mas, pelo que pude entender, os comentários do repórter de polícia sobre a cobertura da seção de segurança pública do Departamento da Polícia Metropolitana de Tóquio me pareceram bastante bons. O cara aparentava quarenta anos, tinha cabelo grisalho e crespo e ombros caídos — aquilo que os japoneses chamam de “postura de gato”.

Segundo ele, a seção de segurança pública raramente emitia declarações e jamais distribuía comunicados à imprensa. Tudo era dito no resumo do caso oferecido pela polícia, de modo que quem não prestasse atenção perdia a matéria. Não era lugar para viciados em adrenalina (ou estrangeiros). Às vezes os repórteres passavam um ano inteiro sem escrever uma só palavra. Mas sempre que ocorria uma prisão, havia muitas notícias, já que isso envolvia questões de segurança nacional.

O verdadeiro exame, ou “exercício de ordem-unida”, como era chamado, estava marcado para três dias depois, na Escola Profissionalizante de Engenharia Yomiuri, nos subúrbios de Tóquio. Como eu não tinha lido o folheto da empresa, fiquei um pouco confuso com o fato de um jornal ter também uma escola profissionalizante. Eu ainda não sabia que o *Yomiuri* era muito mais que um jornal; era um

vasto conglomerado de empresas que abrangiam desde o parque de diversões Yomiurilândia até a Yomiuri Ryoko, uma agência de viagens, e a pousada Yomiuri, em Kamakura, uma hospedaria japonesa tradicional. O *Yomiuri* também tinha seu próprio mini-hospital, no terceiro andar de sua sede, dormitórios no quarto andar, uma cafeteria, uma farmácia, uma livraria e um massagista interno. O time de beisebol da empresa, os Yomiuri Jaiantsu (Giants), é comparável aos Yankees em popularidade. Com entretenimento, férias, serviços médicos e esportes, era possível passar a vida toda no Japão sem sair do império Yomiuri.

A partir da estação, segui a multidão de jovens japoneses vestidos de terno azul-marinho e gravata vermelha, o “uniforme de recruta” da época. Em 1992, isso implicava também que todos os que tinham tingido o cabelo de castanho ou vermelho, ao sabor da moda, devolvessem a ele o preto original. Havia uma ou outra mulher, vestida com o equivalente feminino do sóbrio terno azul-marinho.

Cheguei à escola profissionalizante quinze minutos antes da hora do exame e me inscrevi. Uma das pessoas da recepção me perguntou: “Você tem certeza de que está no lugar certo?”.

“Tenho”, respondi, humildemente.

O exame se dividia em quatro partes. A primeira era sobre língua japonesa; a segunda, sobre línguas estrangeiras, que se podia escolher entre várias; a terceira era uma redação; e a quarta, uma chance para o candidato se vender como possível empregado.

Passei correndo pela primeira parte, que acabei vinte minutos antes de qualquer um. Fiquei um pouco ali sentindo orgulho de mim mesmo até que distraidamente virei a folha

do outro lado e observei algo que fez meu estômago revirar: havia perguntas também no verso da folha! Fiz tudo para terminar, mas temi que fosse fracassar no exame. Quando o prazo acabou, entreguei o que tinha feito (ou o que não tinha feito). Furioso comigo mesmo, voltei a meu assento pronto para esquecer o resto do exame e voltar para casa.

Eu devia estar branco, de tão chocado, quando um homem do *Yomiuri* se aproximou e bateu em meu ombro. Tinha cabelo como o dos Beatles, óculos de aros metálicos e um vozeirão que não combinava com a estatura e a aparência. (Fiquei sabendo mais tarde que se tratava de Endo-san, do departamento de recursos humanos. Morreria de complicações de um câncer de garganta poucos anos depois.)

“Não pude deixar de notá-lo entre os candidatos”, disse ele em japonês. “Por que está fazendo este exame?”

“Bom, achei que se me saísse bem poderia me candidatar a um emprego no *Daily Yomiuri* em inglês.”

“Dei uma olhada rápida na sua prova. Você foi bastante bem nas primeiras perguntas. O que houve com o resto?”

“É muito constrangedor. Só notei que havia perguntas no verso da folha quando já era tarde demais.”

“Ah! Vou tomar nota disso”, disse ele, tirando do bolso do paletó uma pequena agenda, na qual rabiscou alguma coisa.

Dirigiu-se a mim de novo. “Nem pense no *Daily Yomiuri*. Seria um desperdício. Você devia tentar a coisa de verdade, não a imitação. Você ainda tem chance de se sair bem. Estuda na Sofia, não é?”

“Sim”, disse eu.

“Foi o que pensei. Não desista”, falou, dando-me um tapinha no ombro.

Então fiquei lá, num furioso conflito íntimo. Desistir e ir para casa, ou seguir em frente? Levantei-me e joguei a mochila no ombro. No que olhei para a sala, tive a impressão, por um momento, de que o tempo tinha parado. O burburinho cessou, os gestos das pessoas ficaram pelo meio e ouvi um forte zumbido. Naquele instante, percebi que ir embora ou ficar seria a decisão mais importante de minha vida adulta. Em algum lugar, num universo alternativo, saí de lá. Mas não neste.

Pus a mochila na mesa de um tranco e me sentei. Peguei meus lápis, aproximei a cadeira, me aprumei e fiquei pronto para a segunda rodada. Se pudesse pôr uma trilha sonora em minha vida, naquele instante teria escolhido o tema de James Bond. Vamos convir que o ato de enfileirar os lápis não dá uma grande abertura de filme, mas foi o mais próximo que cheguei de uma ação heroica.

A segunda parte foi sobre línguas estrangeiras e eu, espertamente, escolhi inglês, e nesse ponto os meses passados na chatice de traduzir e legendar vídeos de kung fu valeram a pena. Tive de traduzir um trecho sobre a economia livre da Rússia do inglês para o japonês, e depois um breve texto sobre os progressos sociais na sociedade japonesa moderna do japonês para o inglês. Terminei os dois textos antes do intervalo seguinte, de dez minutos.

Em seguida veio a redação. O tema era *gaikokujin*, ou “estrangeiros”, e, depois do desastre da primeira rodada,

comecei a me sentir abençoado. Esse era um tema sobre o qual todo estrangeiro volta e meia é interpelado e, na Sofia, assunto frequente de redação.

Às vezes é melhor ter sorte do que ser bom.

Aconteceu que, embora eu tivesse ido pessimamente na prova de japonês, ainda fiquei em nonagésimo lugar entre cem candidatos, o que significa que meu japonês foi considerado melhor que o de 10% dos candidatos japoneses. Tirei primeiro lugar na prova de língua estrangeira — tanto na tradução do inglês para o japonês quanto na do japonês para o inglês. Na verdade, perdi pontos na tradução para o inglês, o que não é muito elogioso para minha proficiência em inglês. Tirei C na redação, mais pelo conteúdo que pela gramática. No total, nas três primeiras partes do exame, fiz 79 pontos em cem, e fiquei em 59º lugar. Nada brilhante, mas mesmo assim fui chamado para uma entrevista. A única razão que posso imaginar para isso foi que tenham relevado o fato de eu ter saltado o verso da página na prova de japonês.

A primeira entrevista, que ocorreu três semanas depois, foi maravilhosamente breve. Tive oportunidade de explicar o lapso cometido, depois me perguntaram sobre minhas expectativas em relação ao emprego e minha disposição para trabalhar muitas horas. Exagerei minha disposição de trabalhar duro. Perguntaram-me sobre o que eu conhecia sobre o *Yomiuri*, e mencionei a série sobre prostitutas tailandesas e como a profundidade da cobertura tinha me impressionado — com o que ganhei pontos com os repórteres da editoria de cidade que estavam presentes.

Disseram-me que haveria duas entrevistas mais, e depois disso fiquei semanas a fio sem notícias deles.

Agora eu estava nervoso. O que tinha começado como um desafio totalmente absurdo já estava no reino da possibilidade. Chegava em casa todos os dias e ficava à espera do toque do telefone. Lia o jornal religiosamente. Acelerei meus estudos de japonês. Se conseguisse o emprego, como iria me virar? Comecei a ver televisão com a esperança de melhorar minha compreensão do japonês falado. Um dia, a frustração de viver nesse limbo se tornou tão forte que me empurrou para a porta de casa e para dentro de um cinema de Kabukicho para ver um péssimo filme de horror.

Na volta para casa, notei, na entrada de uma sala de jogos, uma máquina engraçada que previa o futuro pelo tarô. No estado de ânimo em que me encontrava, achei que não me faria mal consultar um especialista.

Enfiei cem ienes na máquina. A tela acendeu e entrou num turbilhão de rosa e verde. Escolhi a categoria “Trabalho”, “Madame Tantra” para ler minha sorte, e entrei com minhas informações pessoais. Madame Tantra, uma linda japonesa coberta por um xale e com uma marca vermelha na testa, como uma sacerdotisa hindu, apareceu na tela em meio a uma nuvem de fumaça para me oferecer as cartas. Rolei o mouse em forma de bola de cristal e cliquei no maço de cartas que estava sobre a mesa virtual.

O veredicto final: rei de espadas, virado para cima.

Sucesso.

Palavra-chave: curiosidade.

O emprego mais adequado para você é como redator, editor ou algo que tenha a ver com a escrita. Para esse tipo de trabalho, são necessárias qualificações literárias e também certa dose de curiosidade natural (interesse). Como você tem esses dois atributos, certamente saberá fazer uso deles. Se mantiver suas antenas ligadas em busca de informações e alimentar sua curiosidade mórbida de maneira adequada, a sorte estará do seu lado.

Fiquei impressionado. Aquilo parecia tão pertinente que até guardei o papel impresso. Fortalecido com as boas graças da Sorte, peguei o último trem para casa e chequei a secretária eletrônica. Havia uma ligação do *Yomiuri*, pedindo que comparecesse a uma segunda rodada de entrevistas.

A segunda rodada foi feita ante uma banca de três pessoas. Dois dos juízes pareciam entusiasmados, mas o terceiro me olhava como se eu fosse uma mosca no sashimi dele. Percebi que eu era um candidato controverso. Depois de uma porção de indagações, um deles me fez a seguinte pergunta, com grande seriedade:

“Você é judeu, não é?”

“Sim, formalmente.”

“Muita gente no Japão pensa que os judeus controlam a economia mundial. O que você acha disso?”

Respondi na hora: “O senhor acha que se os judeus realmente controlassem a economia mundial eu estaria aqui me candidatando a um emprego de repórter? Sei o valor do salário inicial”.

Acho que foi a resposta certa, porque ele segurou o riso e piscou para mim. Acabaram-se as perguntas.

Levantei-me e já estava indo embora quando um deles me deteve. “Adelstein-san, só falta uma rodada de

entrevistas. Se você for chamado, estará praticamente dentro. Vamos chamar os candidatos finais em 12 de julho. Esteja em casa. Não vamos ligar duas vezes.”

\* \* \*

E ali estava eu, de volta a meu pequeno apartamento, em 12 de julho de 1992, meio enfiado na geladeira e com uma das mãos grudada no telefone. Tinha a garganta seca e tremia. Estava me sentindo como se esperasse uma parceira de última hora para o baile de formatura.

A ligação veio às 21h30. “Parabéns, Adelstein-san. Você foi selecionado para a rodada final de entrevistas. Por favor, compareça à sede do *Yomiuri* em 31 de julho. Alguma dúvida?”

Eu não tinha nenhuma.

A última entrevista foi muito boa. Eram sorrisos para todo lado, e o clima estava bem descontraído. Não houve perguntas capciosas. Um dos entrevistadores começou a formular uma complicadíssima pergunta sobre política japonesa, mas num sotaque de Osaka tão impenetrável que eu não fazia ideia do que ele estava dizendo. Fiz como se fosse um psiquiatra, repetindo partes da última frase e acrescentando comentários vagos, como “Bom, é uma forma de considerar a questão”. Ao que parece, ele interpretou minhas respostas como aquiescência total, e não me dei ao trabalho de decepcioná-lo.

As duas perguntas finais foram:

“Você trabalha no sábado?”

Isso não era problema.

“Você come sushi?”

Também não era.

Depois disso, Matsuzaka-san, um dos funcionários mais antigos de recursos humanos, que, para um japonês, era parecidíssimo com um judeu, me deu um tapinha nas costas e disse: “Parabéns. Considere-se contratado. O material para as formalidades de praxe será enviado pelo correio”.

Enquanto eu me encaminhava para a porta, ele me segredou com ar conspiratório: “Eu também me formei pela Sofia. Seus professores me falaram muito bem de você. É ótimo ter mais um sofiano a bordo”. Era incrível, mas a sorte esteve comigo durante todo o processo, a ponto de ter um contato da universidade entre os contratantes.

Não sei por que o destino foi tão bom para mim, mas, seja como for, achei que deveria me proteger por todos os flancos. Na volta para casa, parei para depositar algumas moedas na pilha que havia diante do Buda nos jardins do Museu Nezu. Eu devia uns trocados ao Buda (que tinha tomado emprestados para o bilhete do metrô) e gosto de pagar minhas dívidas.

1 Os repórteres do *Yomiuri* como grupo às vezes são chamados de *Yomiuri-gun* (exército do *Yomiuri*), e os repórteres não contratados do *shakaibu* (editorias nacional, policial e de cidade) são os *yu-gun* (literalmente, exército dos parados, mas com o sentido tradicional de “corpo de reserva”).

# Não se trata de aprender, mas de desaprender

Como dispunha de seis meses antes de começar a trabalhar, tive tempo de sobra para que a insegurança germinasse. Não conseguia me livrar da sensação de ter dado um passo maior do que as pernas. Com certeza eu me arranjará no que se refere a leitura e escrita, mas como ia fazer para entrevistar pessoas em japonês?

O cara de recursos humanos do *Yomiuri* encarregado dos novatos, o neojudeu Matsuzaka, ficou de queixo caído quando apareci em seu escritório, em outubro, e pedi a ele para fazer um estágio preliminar de modo a começar em melhores condições.

“Admiro sua vontade de estar preparado”, disse ele, “mas a verdade é que nunca vi alguém querendo trabalhar antes do início oficial. Mas, como o seu caso é especial, vou ver o que posso fazer.” Levou-me para o terceiro andar para tomar um café, entregou-me o material oferecido aos novos repórteres e me despachou.

Ligou umas duas semanas depois. Tinha conseguido um miniestágio de uma semana em diversas redações. Fui designado em primeiro lugar para a sala de imprensa do Departamento da Polícia Metropolitana de Tóquio, o dpmt.

Matsuzaka encontrou-se comigo no saguão da sede central da Polícia Metropolitana de Tóquio, gigantesco

labirinto num edifício que se destacava de todos os demais no distrito administrativo. Era o centro nevrálgico da polícia de Tóquio, composta de aproximadamente 40 mil pessoas. Matsuzaka ia me recomendar a Ansei Inoue, jornalista famoso e autor de *Trinta e três anos como repórter policial*. Inoue, que comandava a equipe de jornalismo policial, era amado, temido e invejado dentro do império *Yomiuri*. Sua porta para a fama foi provar que um professor universitário condenado por matar a mulher era inocente. Ele não só expôs os erros da máquina policial e da acusação como encontrou o verdadeiro assassino. O caso se tornou um exemplo clássico de como uma pessoa inocente pode ser condenada uma vez colhida pelas engrenagens brutalmente eficientes do sistema judiciário japonês.

Inoue tinha cerca de 1,70 metro de altura, era magro e com cabelo comprido e desgrenhado que lhe cobria um dos lados do rosto. Usava um terno cinza, gravata preta e sapatos surrados. Os olhos, escondidos atrás de uns óculos escuros que lhe davam um aspecto sombrio, faiscaram quando ele viu quem eu era. Parecia estar achando muita graça na situação.

“Então você é o gaijin de quem me falaram?”, perguntou, animadamente. “Você fala japonês, certo?” A pergunta fora dirigida mais a Matsuzaka do que a mim, mas de qualquer forma respondi.

“Falo japonês. Escrever é outra história.”

Inoue riu. “Bem, tudo indica que você escreve melhor que as pessoas que trabalham para mim. Vamos subir.”

Teoricamente, qualquer pessoa que visitasse o dpmt e não fosse funcionário, jornalista cadastrado ou portador de um certificado de segurança precisava do acompanhamento de um policial para entrar no edifício, mas Inoue entrava e

saía a seu bel-prazer. Ainda faltavam três anos para que a seita Verdade Suprema lançasse gás sarin no metrô de Tóquio, o que teve como consequência o arrocho nas medidas de segurança em toda a cidade.

No elevador, Inoue fez um resumo da organização da polícia, mas a maior parte do que disse estava além de minha compreensão. Descemos no nono andar, onde ficavam a parte de relações públicas do dpmt e três salas de imprensa: uma para os jornais, uma para a televisão e outra para rádios e jornais locais do país. Não havia espaço para revistas semanais ou mensais, que a polícia considerava publicações sensacionalistas e mantinha de fora de sua lista oficial de órgãos de imprensa.

Tampouco havia representantes de órgãos da imprensa estrangeira; os principais propagadores de notícias do Japão nunca reclamaram dessa falta de mídia estrangeira, nem reclamarão. Quando se faz parte de um monopólio, não há interesse em quebrá-lo voluntariamente.

Alguns repórteres passavam o tempo jogando baralho sobre uma escrivaninha caindo aos pedaços, numa área aberta perto da cozinha. Havia também uma sala coberta com um tatame úmido onde os repórteres podiam estender seus futons e curtir uma ressaca enquanto esperavam a próxima rodada de notícias.

Quando Inoue e eu entramos na parte da sala de imprensa reservada para o *Yomiuri*, que constava em essência de um aposento retangular delimitado por um cordão e uma cortina servindo de porta, todos os repórteres estavam reunidos em volta de uma mesa, examinando detidamente um livro de fotografias. Dei uma olhada. O lugar era muito pouco parecido com a ideia que eu tinha das instalações de imprensa do maior jornal do Japão: as

paredes estavam cobertas de estantes com livros de cima a baixo; havia jornais e revistas espalhados no sofá e no chão; as lixeiras transbordavam de faxes amassados, embalagens de macarrão instantâneo e latas de cerveja. Cada mesa tinha um processador de texto. Lá no final havia um aparelho de ar condicionado quente e frio, e no largo peitoril se viam seis televisores e sobre eles três aparelhos de vídeo. Todos os televisores estavam ligados. Um rádio de ondas curtas sintonizado na frequência do departamento de incêndios berrava. Num beliche ao lado da “porta” alguém dormia, calçado, com a edição matutina lhe cobrindo a cabeça.

Inoue e eu passamos entre o aglomerado de repórteres. O livro que eles estavam examinando era *Sex*, de Madonna, que acabava de ser lançado, e os repórteres (todos homens) estudavam e comentavam os peitos dela. Inoue fez as apresentações e depois pegou o álbum e estendeu-o para mim. “Você acha que este livro é obsceno?” Tratava-se da versão japonesa, e por isso grande parte do conteúdo de apelo sexual explícito (ou seja, genitais e pelo pubiano) levava tarjas pretas.

“Não, para mim, não.”

“Bem, se tivessem publicado isto”, e Inoue pegou na estante uma edição americana sem censura, “a polícia teria ido atrás do editor e confiscaria todos os exemplares. Os editores da *Santa Fe*<sup>2</sup> por pouco escaparam da cadeia por ter mostrado uns pelinhos pubianos, mas este troço americano é bem chegado à pornografia. Pode ser pornografia artística, mas é pornografia. Nós teríamos uma boa matéria se os editores japoneses não tivessem amarelado.”

“A polícia prenderia alguém por isso?”

“A Suprema Corte determinou, em 1957, que qualquer coisa que excite sexualmente o observador sem um bom motivo, viole o senso de decoro do cidadão normal, seja vergonhosa e viole os conceitos morais sexuais do público em geral é obscena. Por serem obscenas, essas obras são ilegais e sua distribuição é crime.”

“O que significa que...”

“Bom, para os policiais significa ‘nada de pelos pubianos’. Ou significava.” Inoue deu um risinho abafado. “É uma coisa esquisita neste país. A polícia não se importa se você pagar por um boquete na hora do almoço, ou se as moças das boates de sexo anunciarem seus serviços na entrada, mas sai do sério quando se trata de gente vendo gente transando. Pelos pubianos estão muito perto da coisa real. Moral da história: faça, mas não olhe.”

“É legal vender esse troço nos Estados Unidos?”, perguntou-me um dos repórteres.

Isso nos levou a uma discussão de vinte minutos sobre as diferenças entre a pornografia japonesa e a americana. Os repórteres ficaram chocados ao saber que raramente se usavam polvos ou outros animais marinhos para tapar os órgãos genitais na pornografia americana, e que fazer sexo através de uma meia-calça não era um tema popular. Pediram que trouxesse uns vídeos em minha próxima visita aos Estados Unidos.

Assim que deixamos a sala, Inoue me preveniu: “Não faça isso. Esqueça essa história de trazer material pornográfico para esses idiotas. A última coisa de que precisamos é que você fique retido na alfândega. Eles vão sobreviver sem isso”.

Levou-me até a cafeteria, pediu chá verde e perguntou o que eu queria fazer no *Yomiuri*.

“Bom”, eu disse, “me interesso por jornalismo investigativo e por um lado do Japão que conheço pouco. O lado sórdido. O submundo.” Conteí a ele que meu pai era juiz de instrução rural e que o crime e a cobertura policial sempre tinham me interessado.

Ele me recomendou que tivesse como objetivo o *shakaibu*, a seção de notícias nacionais, responsável pela cobertura policial. Inoue explicou desta forma: “É a alma do jornal. Tudo o mais é detalhe. Jornalismo de verdade, jornalismo que pode mudar o mundo, isso é o que fazemos”.

Perguntei-lhe que conselho me daria como repórter, e ele se calou por um instante. Ele cheirava a saquê quando começou a falar, e depois fiquei sabendo que esteve bebendo até as cinco da manhã. Ainda eram nove horas, e acho que não teria falado com tanta franqueza se estivesse completamente sóbrio.

“A reportagem jornalística não é astronáutica”, disse ele. “As bases estão lançadas. Você parte da base e constrói a partir dela. É como nas artes marciais. Você tem a *kata* (forma), que memoriza e repete, é assim que aprende os movimentos básicos. Aqui é a mesma coisa. Existem três ou quatro maneiras básicas de escrever sobre um crime violento, de modo que você precisa ter em mente o estilo, preencher as lacunas e tornar as coisas claras. O resto vem sozinho.”

Ele ficou mais sério.

“Há oito regras para ser um bom repórter, Jake.

“Primeira: nunca queime suas fontes. Se não conseguir preservar suas fontes, ninguém vai confiar em você. Todos os furos se baseiam na suposição de que você vai preservar a pessoa que lhe deu a informação. Esse é o princípio e o fim da reportagem. Sua fonte é sua amiga, sua amante, sua

mulher e sua alma. Se trair sua fonte, vai trair a si próprio. Se não preservar sua fonte, você não é um jornalista. Não é sequer um homem.

“Segunda: termine uma matéria o mais cedo possível. A vida das notícias é breve. Se perder a chance, a matéria cai ou você perde o furo.

“Terceira: não acredite em ninguém. As pessoas mentem, a polícia mente, até seus colegas repórteres mentem. Admita que mentem e aja com cautela.

“Quarta: obtenha toda informação que puder. As pessoas são boas ou más, a informação não. A informação é o que é, e não importa quem a trouxe até você, ou de onde a roubou. O importante é a qualidade, a veracidade da informação.

“Quinta: memorize e persista. Matérias esquecidas voltam para assombrar as pessoas. O que parece um caso insignificante pode se transformar mais tarde numa grande matéria. Continue atento a uma investigação em curso e verifique onde ela vai dar. Não permita que o fluxo constante de novas notícias o faça esquecer casos inconclusos.

“Sexta: use a triangulação em suas matérias, principalmente se não forem baseadas em declarações oficiais das autoridades. Se uma informação puder ser confirmada junto a três fontes diferentes, é mais provável que seja quente.

“Sétima: escreva tudo em pirâmide invertida. Os editores cortam pelo pé. A coisa importante vai no início, os detalhes banais, no fim. Se quiser que sua matéria chegue a ser publicada, escreva um texto fácil de cortar.

“Oitava: nunca ponha suas opiniões pessoais numa matéria, deixe que alguém faça isso em seu lugar. É para

isso que existem especialistas e comentaristas. A objetividade é uma coisa subjetiva.

“E isso é tudo.”

Eram conselhos surpreendentemente francos vindos de um homem que tinha fama de ser, digamos assim, esquivo. Seja como for, Inoue deve ter jogado pesado para chegar ao cargo que ocupava. Tinha sido contratado por uma sucursal regional e não pela central. Nos velhos tempos, o pessoal contratado pelas sucursais regionais eram cidadãos de segunda classe, pulavam de sucursal em sucursal e passavam pouquíssimos dias por ano na central — o que os impedia de cobrir os principais acontecimentos e fazer carreira em Tóquio. Inoue lutou contra o sistema e de alguma forma conseguiu abrir caminho na editoria nacional e conquistar um espaço na cobertura da Polícia Metropolitana de Tóquio.

Como qualquer funcionário do *Yomiuri*, ele sabia que, para os que queriam ser jornalistas investigativos, a editoria nacional era o lugar certo. Se era duro chegar lá, ficar era ainda mais difícil. Dentro do jornal se dizia que os repórteres da nacional trabalhavam mais, bebiam mais, se divorciavam mais e morriam mais cedo. Não sei se essas afirmações foram estatisticamente comprovadas, mas quase todos os repórteres da nacional, de hoje e de sempre, têm um orgulho masoquista de sua condição.

Depois de três dias no dpmt, fui mandado para a sucursal de Chiba para passar dois dias trabalhando com outros repórteres. O chefe da sucursal de Chiba já tinha sido repórter de notícias nacionais e chefe da cobertura do dpmt;

chamava-se Kaneko. A redação era clara e moderna, com dois conjuntos de mesas, diversos aparelhos de fax sobre as prateleiras e tudo perfeitamente organizado em estantes, em ordem cronológica. Estava para a sala de imprensa do dpmt como Vênus está para Marte.

Kaneko me deu uma recepção calorosa. Estava interessado principalmente em minha formação judaica. Sentamo-nos frente a frente nos sofás que havia num canto da redação, onde ele me crivou de perguntas, até chegar aonde queria: “Você fala hebraico?”.

Não falava.

Ele me pareceu desapontado, então perguntei por que estava interessado nisso.

“Bom, é que vejo uma porção de israelenses vendendo relógios, joias e artigos de grife — falsos, é claro — nas ruas próximas da estação, e acho que eles estão pagando aos *yakuzas* por proteção.”

A essa altura, eu não sabia muita coisa sobre os *yakuzas*. Sabia que eram gângsteres e que podiam ser violentos. Mas, afora isso, eu era totalmente ignorante — o que, é claro, ia mudar.

Ele me ofereceu um cigarro enquanto explicava. Aceitei, acendi e tentei não tossir.

“Então, sendo você um gaijin”, continuou, “talvez pudesse conversar com eles, descobrir alguma coisa. Seria interessante saber quanto os *yakuzas* estão levando nessa e como se fazem esses acertos. O que você acha?”

Eu disse que adoraria, mas que não seria em hebraico.

Kaneko chamou um repórter de nome Hatsugai e nomeou-o meu editor. Deram-me uma caneta, um bloco e um gravador, e fui despachado trinta minutos depois de ter chegado à redação.

Os ambulantes estavam por todo lado, principalmente perto da estação. A maior parte deles parecia ser de israelenses em viagem pan-asiática, vendendo coisas que haviam conseguido no Nepal ou no Tibete. Alguns tinham relógios e bolsas de grife falsificados, comprados na Tailândia. Sentei-me num Mister Donut do outro lado da rua e comecei a vigiar os vendedores.

Dois dias e muitos donuts depois, vi dois japoneses de calças brancas, camisas estampadas espalhafatosas e cabelos muito encrespados que iam em direção a um vendedor israelense. Não havia dúvida de que eram bandidos. Um deles era alto, de testa larga, mas deixava o mais baixo ir na frente. Saí do Mister Donut e comecei a andar por ali como quem não quer nada.

A banca foi abordada pelos dois lados, e ouvi o baixinho dizer quatro ou cinco palavras ao israelense; uma delas era *shobadai*, que eu nunca tinha ouvido. Sussurrando em hebraico, o camelô tirou um maço de dinheiro da gaveta da banca e o entregou. O *yakuza* baixinho passou o dinheiro ao *yakuza* alto, que o contou despidoradamente, à vista de todos, antes de embolsá-lo e deixar o vendedor em paz.

Fui em direção ao israelense e examinei suas joias, balançando a cabeça em sinal de solidariedade. “Eu não sabia que era preciso pagar aluguel para abrir uma banca de rua”, comentei.

O israelense puxou para trás o rabo de cavalo e olhou para mim, um tanto desconfiado. Depois de um momento relaxou, tomou-me por um colega estrangeiro. “Você tem de pagar se não quiser a polícia ou esses caras no seu pé. Eles ficam com trinta, trinta e cinco por cento de tudo o que vendo.”

“E como eles sabem quanto você vende?”

“Ah, eles sabem. Eles olham o que você tem na banca e o que não está mais lá quando voltam. Não dá para enrolar.”

“Por que você não chama a polícia?”

“Você deve ser novo no barco, irmão. Meu visto é de turista, e se chamar a polícia, vou preso. Os *yakuzas* sabem disso, e eu sei disso. É o preço de fazer negócios aqui. Não há escolha.”

“Mixou”, eu disse. “Estava pensando em fazer isso. Dar aula de inglês é chato.”

“Não é ruim, não”, disse ele. “Mais ou menos cem mil ienes num fim de semana. É bom negócio aqui e melhor ainda em Yokohama, me disseram.”

Ofereci a ele alguns donuts e fiquei por ali, ouvindo sobre as aventuras dele na Tailândia. Uns trinta minutos depois apareceu outro israelense numa van, com a namorada japonesa, e começou a descarregar mercadoria.

O camelô número um me apresentou. O camelô número dois se chamava Easy, e não perdeu tempo para começar a reclamar dos gângsteres num pesado sotaque israelense: “Filhos da mãe! Odeio essa gente. Quanto mais ganhamos, mais eles nos tiram. Por mim não dava nada, mas Keiko”, apontou para a namorada, “diz que não seria nada bom”.

Keiko aquiesceu. Depois de perguntar se eu falava japonês, ela começou a conversar: “Você conhece o Sumiyoshi-kai?”.

Até eu já tinha ouvido falar no Sumiyoshi-kai, uma das maiores facções dos *yakuzas* em atividade em Tóquio, e era melhor não se meter com eles. Estava claro que pagar era o que o camelô podia fazer para conservar seu negócio.

Como continuávamos conversando, Easy começou a ficar aborrecido. Parei com o *nihongo* (japonês) e passei a

falar em inglês, sobre o tempo, com os dois camelôs. Depois voltei à redação.

Quando contei a Kaneko o que tinha descoberto, ele não escondeu sua satisfação e, por meu lado, fiquei satisfeito também.

“O que significa *shobadai*?”, perguntei.

“É uma gíria para “aluguel”. *Basho* significa ‘lugar’ e *dai*, ‘dinheiro’. Em vez de ‘*bashodai*’, os *yakuzas* dizem ‘*shobadai*’. Eles gostam de inverter as palavras para que as pessoas de bem não entendam. Faz parte do jargão deles... É um termo usado para achacar vendedores de rua.”

E então Kaneko me disse: “Escreva o artigo”.

Sem demora, eu estava sendo conduzido a águas profundas. O mote era que os *yakuzas* estavam explorando vendedores ambulantes estrangeiros que não podiam reclamar à polícia, e que se tratava de uma nova forma de ganho para o crime organizado. Fiz o melhor que pude, mas suspeito que tenha feito um trabalho pobre. Eu não sabia muita coisa sobre a legislação de combate ao crime organizado, que era nova no país, e não tinha nenhum contato na polícia que pudesse dar alguma profundidade à matéria. Era como uma disciplina básica do curso de jornalismo.

Hatsugai deu uma olhada no artigo. “Nada mau”, disse, educadamente. “É um bom começo. Vou falar com a polícia de Chiba e saber o que eles pensam a respeito. Depois juntamos tudo e tentamos a edição local.”

Quando cheguei à redação na segunda-feira seguinte, Kaneko me recebeu com grande agitação. “Adelstein”, disse, “boas-novas! O dia hoje está fraco de notícias, e seu artigo vai sair na edição nacional. Na vespertina!”

Ele me garantiu que para um repórter de sucursal regional ter um “furo” publicado na edição nacional era uma proeza fantástica. Ele estava quase tão agitado quanto eu fiquei depois disso.

O título dizia “Crime organizado visa ambulantes não japoneses. Os *yakuzas* encontram um novo meio de extorquir ‘rendimentos’ aproveitando-se de trabalhadores ilegais (que não podem buscar proteção policial)”. De alguma forma, havia nisso algo de universal, o bastante para transformá-lo em notícia nacional, pelo menos naquele dia. Não davam o crédito, é claro — mesmo um repórter experimentado poucas vezes conseguia, então por que reclamar?

No final das contas, era uma respeitável peça jornalística, e Inoue ligou para me felicitar naquela mesma manhã. Entrei na edição nacional com um furo, e nem sequer estava oficialmente contratado!

Sentindo-me um pouco mais confiante, decidi dar um tempo e viajar antes de começar a vida de assalariado. O *Yomiuri* tinha um sistema que facultava aos recém-contratados tomar um empréstimo sem juros e viajar para o exterior antes de começar a trabalhar. Era um benefício generoso que criava um vínculo eficaz com o funcionário, e aproveitei a oportunidade para programar uns meses em Hong Kong para estudar *wing chun*, arte marcial chinesa pela qual me interessava havia muito tempo. Mas em pouco tempo o *Yomiuri* me contatou com más notícias: não tinha conseguido tirar meu visto. Recomendaram-me que voltasse para cuidar disso sem demora. Se não voltasse, meu emprego estaria praticamente perdido.

O antigo escritório da Imigração ficava a três minutos exatos da central do *Yomiuri*. Era um prédio velho com

rachaduras e mal iluminado, com os dois primeiros andares sempre lotados de estrangeiros irritados. Eu tinha recebido um cartão me convocando para uma entrevista e tive de esperar mais de uma hora. Enquanto esperava, me fingi de árvore para brincar com dois meninos, meio filipinos, meio japoneses, que corriam como possessos pela área de espera, enquanto a mãe e seu agente discutiam sobre o visto dela com um funcionário. O menino menor, de uns cinco anos, estava dependurado pelos dedos em meu nariz quando fui chamado. Afastei os dedos dele e me encaminhei para a sala nos fundos.

Meu entrevistador era um velho burocrata com muito ouro nos dentes e o cabelo grisalho esticado para o lado com uma espécie de pomada. Queria fazer a entrevista em inglês, e fiz a vontade dele.

“Vai trabalhar para o *Daily Yomiuri*<sup>3</sup> a partir de abril do ano que vem?”

“Não, vou trabalhar para o *Yomiuri* do Yomiuri a partir deste mês de abril.”

“*Yomiuri* do Yomiuri?”

“Sim, o *Yomiuri* do Yomiuri. Em japonês.”

“Então o senhor é fotógrafo.”

“Não, vou ser repórter.”

“Repórter? O senhor escreve em japonês?”

“Sim, é por isso que vou para o *Yomiuri* do Yomiuri, não para o *Daily Yomiuri*.”

“O *Yomiuri* do Yomiuri?”

“Sim.”

“Se o senhor escreve em japonês, é trabalho internacional ou trabalho local?”

“Não sei. O senhor é a pessoa da Imigração.”

“Oh! O senhor tem contrato?”

“Não. Vou ser um funcionário normal. *Seisha-in*.”<sup>4</sup>

“*Seisha-in*? E não é japonês?”

“Não que eu saiba.”

“Então precisa de um contrato.”

“Não tenho contrato. Sou um *seisha-in*. Os *seisha-in* não fazem contratos; são contratados por toda a vida.”

Coçou a cabeça e inspirou entre os dentes. “Acho que você precisa ter um contrato. Arrume um contrato e volte aqui.”

“Quando?”

“Quando tiver o contrato.”

“E com quem devo falar?”

Isso o deixou atrapalhado. Parecia compreender que teria de assumir a responsabilidade pessoal por meu pedido de visto. Pude notar que os olhos dele se voltavam rapidamente para a esquerda, enquanto pensava em alguém a quem pudesse me encaminhar, mas depois, com relutância, me deu seu cartão.

“Fale comigo.”

Saí da Imigração bastante confuso e um pouco irritado. Eu tinha realizado o sonho japonês — a condição de funcionário pleno de uma grande empresa. Não queria nenhum tipo de contrato pendurado sobre minha cabeça como uma espada de Dâmocles. Queria tudo a que tinha direito: emprego por toda a vida, plano de saúde da empresa, cartão de visita de prestígio, trabalho sem fim e um visto melhor.

Fui para a recepção do *Yomiuri* e pedi para falar com alguém da área de recursos humanos. Um dos medalhões do departamento veio falar comigo. Expliquei a situação e por que eu não estava entusiasmado com a ideia de ter um “contrato” com a empresa. Esperava que ele resmungasse

alguma coisa burocrática, como “Bom, isso não pode ser resolvido”, e me pusesse no limbo enquanto eu aguardava que preparassem um contrato às pressas.

Em vez disso, sem nem piscar, ele olhou para mim e disse: “É a coisa mais estúpida que já ouvi. Você foi contratado como funcionário normal, e essa é sua condição. Nenhum de seus colegas teve de assinar um contrato, e não há razão para que você seja tratado de outro modo”.

Pegou o cartão de visita do sujeito da Imigração que lhe dei e me mandou para casa. “Vou tratar disso”, disse.

Na manhã seguinte, eu estava comendo uma tigela de flocos Morinaga com chocolate quando recebi um telefonema da Imigração. A jovem que ligou perguntou se às duas da tarde eu estaria disponível para ir até lá e finalizar a documentação. Fiquei um tanto surpreso. Em mais de cinco anos de Japão, nunca a Imigração me perguntara sobre minha disponibilidade. Mas não abusei da sorte. Sim, às duas estaria bem.

Quando apareci lá naquela tarde, me dirigi para a sala de espera, mas fui imediatamente conduzido à sala do senhor Dentes de Ouro. Ele se pôs de pé quando entrei.

“Desculpe-me pela confusão. O seu caso é pouco comum. Trouxe o passaporte?”

Entreguei-lhe o passaporte. Ele voltou em cinco minutos com um visto de três anos que me permitia trabalhar na área de assuntos internacionais e ciências humanas. Desejando-me sorte, me empurrou nervosamente porta afora.

Nunca soube se ele recebeu uma ligação ameaçadora ou se era uma questão de procedimento, mas fiquei impressionado. Foi meu primeiro encontro com o poder que havia por trás do *Yomiuri*.

Naquele 1º de abril, todos os sessenta novatos foram investidos da condição de funcionários do *Yomiuri* numa cerimônia realizada na sede da empresa. O presidente falou, nossos nomes foram mencionados, tiraram fotos. Eu já conhecia alguns dos calouros de eventos prévios, inclusive um jogo de *softball* que jogamos no Tokyo Dome, estádio do Yomiuri Jaiantsu.

Depois da cerimônia, Matsuzaka, o egresso da Sofia que tinha favorecido minha contratação, me levou para beber. Nessa altura de minha carreira, eu ainda não tomava álcool. Fomos a um barzinho em Ginza, com John Coltrane nas caixas de som embutidas no teto, mesas de mármore e coqueteleiras enfileiradas e tão reluzentes que a pouca luz ambiente refletia nelas. Era um lugar de classe, e não o tipo de espelunca que os repórteres do *Yomiuri* costumavam frequentar.

Pedi uma Coca e dei início a uma lenga-lenga sobre como eu estava ansioso para ser designado para uma redação e “aprender o ofício”.

Matsuzaka me interrompeu com um aceno. “Não se trata de aprender. Trata-se de desaprender. Trata-se de cortar laços, jogar coisas fora, livrar-se de preconceitos, esquecer tudo o que você achava que sabia. Essa é a primeira coisa que você vai aprender. Se quer ser um excelente repórter, tem de amputar o passado. Tem de abrir mão de seu orgulho, de seu tempo livre, de seus passatempos, de suas preferências e suas opiniões.

“Se tiver uma namorada, saiba que ela irá embora porque você não poderá ficar com ela, e isso vai acontecer muitas vezes. Tem de desistir de seu orgulho porque tudo o que pensa que sabe está errado.

“Por razões políticas, sociais e éticas, você terá de ser amável com pessoas de quem não gosta. Vai ter de prestar deferência a repórteres mais antigos. Não poderá julgar as pessoas, mas aprenderá a julgar o valor da informação que elas lhe dão. Vai roubar horas ao sono, ao exercício físico e à leitura de livros. Sua vida vai se resumir a ler o jornal, beber com suas fontes, ver as notícias, ter cuidado para não ser furado e cumprir prazos de fechamento. Você será sufocado por trabalho que vai lhe parecer sem sentido e estúpido, mas vai fazê-lo seja como for.

“Aprenderá a deixar de lado o que você gostaria que fosse verdade e encontrar o que é verdade, e vai relatá-la como é, não como gostaria que fosse. É um trabalho importante. Os jornalistas são a única coisa neste país que tem os poderosos sob controle. São os últimos guardiões da frágil democracia que temos no Japão.

“Abandone suas convicções, sua dignidade e seu orgulho, mas faça seu trabalho. Se conseguir fazer isso, pode chegar a ser um grande repórter.”

Ele disse tudo isso sem pausa, como num monólogo sereno, monocórdio. Ficou claro para mim que ele estivera pensando sobre isso durante longo tempo.

Mas ele não tinha terminado.

“Lembre-se disso. Você deve ter cuidado para não perder tudo o que é importante para você e até mesmo para não se perder. É um duro exercício de equilíbrio. Alguns acabam perdendo tudo pelo trabalho e ganhando nada em troca. Essa empresa vai cuidar de você enquanto for útil, e, a menos que cometa um crime, nunca será demitido. É um emprego muito seguro. No entanto, como repórter, você é uma mercadoria de consumo. Quando perder a utilidade, já não será um repórter. Vai fazer alguma outra coisa. O

repórter tem uma vida útil curta nessa empresa. Aproveite enquanto dura. Simplifique, elimine as coisas de que não precisa, mas assegure-se de deixar atrás algo que valha a pena.”

Depois disso, ele mudou de assunto de repente e começou a falar de beisebol — esporte sobre o qual, apesar de minha origem americana, eu não sabia coisa alguma.

Não foi a primeira vez que me surpreendi com a seriedade do pessoal do *Yomiuri* em relação à vocação jornalística. A imprensa japonesa é retratada pelos meios de comunicação estrangeiros como um bando de burocratas puxa-sacos, como cachorrinhos lulu, mas não é exatamente o que acontece.

Eu ainda estava assimilando as palavras de Matsuzaka, fingindo entender as melhores jogadas do passatempo americano predileto, quando chegou uma jovem repórter cuja contratação ele tinha defendido havia alguns anos. Ela estava chateada porque, ao voltar de uma sucursal regional, tinha sido designada para passar alguns meses na paginação. Matsuzaka explicou que isso fazia parte do processo pelo qual todos passavam antes de ir para a lista de repórteres das redações maiores. Era um rito de iniciação.

Depois nos mandou para casa no mesmo carro do jornal. O *Yomiuri* tinha sua própria frota, usada para levar repórteres para entrevistas, coletivas e às vezes para casa. Quando eu estava entrando no carro, Matsuzaka me deu um tapinha no ombro.

“Jake, você vai ser designado para a sucursal de Urawa”, disse. “É uma pedreira. A redação tem um clima espartano e fica no coração de Saitama. Isso é bom porque

você vai ter oportunidade de escrever para a edição nacional, e vai escrever bastante. Estará ocupadíssimo.”

“Urawa? É mesmo? Fica assim tão perto de Tóquio?”

“Pertíssimo, mas quando chegar lá, vai ver que Tóquio está do outro lado do planeta. O pessoal de Urawa está sempre muito ocupado, mas lembre-se do que eu lhe disse. Não desista. A gente deposita muita esperança em você.”

Enquanto íamos para casa, eu disse à protegida de Matsuzaka que tinha sido indicado para Urawa. Ela respondeu “*Goshushosama desu*”. É a frase usada nos enterros para expressar condolências.

Saitama é uma grande província, meio suburbana, meio rural, na periferia de Tóquio. Urawa é uma enorme cidade-dormitório de onde trabalhadores cansados saem para trabalhar na capital.

Saitama. Era um lugar considerado tão pouco bacana pelos japoneses metropolitanos que tinha gerado seu próprio qualificativo: *dasai*, que significa “nada descolado, chato, fora de moda”.

Resumindo, fui mandado para a Nova Jersey do Japão.

2 *Santa Fe* era um álbum de nus da conhecida atriz Rie Miyazawa, publicado antes de *Sex*. Foi uma publicação famosa porque mostrava pelos pubianos. As “qualidades artísticas” do trabalho ganharam a aprovação tácita das autoridades, abrindo a porta para a orientação mais distendida da atualidade.

3 O *Daily Yomiuri* é uma edição em inglês do *Yomiuri Shimbun* com algum material original. A maior parte do conteúdo vem de artigos traduzidos da versão japonesa do *Yomiuri*. Muitos jornalistas e correspondentes estrangeiros em Tóquio começaram nesse jornal, que publica alguns bons textos originais. Por outro lado, muitos dos jornalistas japoneses consideram ir para lá uma espécie de rebaixamento, tortura ou punição, ou como tentativa de transferência para um cargo melhor no departamento de notícias internacionais.

4 O *seisha-in* é um funcionário pleno. Em 1993, isso significava emprego para toda a vida. Uma vez contratado, o funcionário nunca seria demitido. O emprego para toda a vida sempre foi uma espécie de mito no Japão, mas nos anos 90 muitas das grandes empresas ofereciam tacitamente esse tipo de contratação.

# Tudo bem, garotos, peguem seus blocos

Tomei pleno conhecimento da reputação da sucursal de Urawa antes de chegar lá. Um antigo repórter que fora mandado para lá publicou um artigo demolidor na revista *Tsukuru*, voltada para o pessoal da mídia. “*Yomiuri Shimbun*: meus três meses de desilusão” era o título, mas, como se não bastasse, vinha o subtítulo: “Desilusão, desespero, sofrimento e finalmente uma decisão”.

O texto relatava as intermináveis tarefas prosaicas que o autor tinha sido obrigado a desempenhar 24 horas por dia, sete dias por semana. Falava do abuso de um editor que, furioso ao ver que um dos kanji usados pelo repórter não estava na lista aprovada pelo jornal, insultou-o e lançou uma sandália na cabeça dele. Falava do fedor de saquê que invadia a redação todas as noites, às seis horas, quando o editor declarava encerrada a jornada de trabalho e invariavelmente abria uma garrafa.

Cheguei a encarar meu primeiro ano no jornal como uma confirmação parcial do artigo. Digo “parcial” porque acho que o autor não entendeu direito o quadro completo, que é o seguinte: o primeiro ano da vida de repórter no Japão é um trote elaboradíssimo, salpicado de um pouco de treinamento profissional. Se você sobreviver, as coisas melhoram um pouco. Se tiver sorte, poderá conseguir entre

os novos focas seus próprios escravos para comandar e começará a descobrir os fundamentos do jornalismo.

Só recentemente o *Yomiuri* tinha decidido reforçar as fileiras da sucursal de Urawa. Em parte isso aconteceu porque nosso inimigo mortal, o *Asahi*, havia posto sua própria sucursal de Urawa sob o comando do *shakaibu* (editorias nacional e de cidade). Isso queria dizer que, enquanto nossa sucursal contava apenas com os magros recursos de uma redação regional, a do *Asahi* podia convocar um exército de cem repórteres para enviar a Saitama para investigar uma matéria importante. O *Asahi* estava ferrando com a gente, e os mandachuvras tinham decidido equilibrar as coisas.

Havia quatro focas destinados a ser bucha de canhão na batalha de Urawa: Tsuji, Kouchi, Yoshihara e eu. Na vida empresarial japonesa, as pessoas que começam a trabalhar juntas, principalmente as que trabalham juntas em sua primeira missão, se tornam a coisa mais próxima de uma família que alguém pode ter. O fato de essas pessoas serem *doki*, que significa literalmente “do mesmo período”, cria um estranho mas importante laço que persiste durante todo o tempo em que trabalharem na empresa, e até mesmo depois que saem. É comparável à cerimônia de fraternidade para os jovens *yakuzas*, que trocam taças de saquê: cria-se um laço que nunca se romperá.

Tive muitíssima sorte. Tinha gostado imediatamente de meus futuros camaradas assim que os conheci na cerimônia de investidura do *Yomiuri* — e pareceu-me que eles tinham gostado de mim.

Jun Yoshihara tinha 22 anos, dois menos que eu, e parecia um ídolo pop. Era formado pelo departamento de comércio da Universidade Waseda. (Era uma coisa rara; embora muitos dos egressos da Waseda entrassem para os meios de comunicação, vinham geralmente do departamento de jornalismo.) Alto e em boa forma para jogar futebol, era tão pálido que mais parecia um europeu. Durante um curto período nós o chamamos de O Rosto, e é assim que ainda hoje penso nele.

Naoki Tsuji, o Francesinho, tinha 25 anos e também era formado pela Waseda, não pelo departamento de jornalismo, mas pelo de literatura francesa. De nós quatro, era o mais inteligente. Estava sempre impecavelmente penteado, usava ternos feitos sob medida e vivia lendo algum obscuro romance japonês ou alguma obra-prima francesa. Irradiava sensibilidade e educação fina.

É claro que tudo o que acabo de dizer fazia dele uma excelente aquisição para o *Yomiuri*, e deve ter sido por isso que ele se tornou alvo da implicância dos repórteres mais velhos, que se incomodavam com o simples fato de ele existir. É possível que ele tivesse se dado bem no *Asahi*, mas nunca se sabe. De certa forma, era como se um graduado com louvor da Faculdade de Jornalismo de Berkeley arrumasse emprego no *Washington Times*. Hoje ele é um escritor de sucesso, com quatro romances no currículo.

Yasushi Kouchi era chamado de Sujeitinho, embora eu não me lembre por quê. Tinha 24 anos e um diploma em relações internacionais pela Universidade de Tsukuba. Era prematuramente calvo — por isso parecia mais velho — e tinha um rosto muito redondo, o que lhe dava o aspecto de um chinês (do ponto de vista japonês). Era uma das pessoas

mais confiáveis que já conheci, e seu raciocínio rápido me salvou uma porção de vezes.

Éramos um grupo esquisito: O Rosto, o Sujeitinho, o Francesinho e o Gaijin. Mas desde o primeiro dia um passou a consertar as cagadas dos outros. É tudo o que se pode desejar de amigos ou colegas em qualquer lugar de trabalho. E no meu caso, logo, logo comecei a confiar na boa vontade deles, isso depois de um pequeno incidente que poderia ter encerrado prematuramente minha carreira.

Na véspera de nossa apresentação na redação para o início oficial do trabalho, houve uma festa num bar *izakaya* de Urawa, e, embora eu estivesse com um horrível resfriado, compareci. Teria sido pior não ir.

Todo o pessoal estava lá. Hara, o chefe da sucursal, com seu físico de lutador de sumô, a risada gostosa e alegre, o terno italiano e o Rolex. Usava permanente malfeito do tipo carneirinho, óculos precariamente equilibrados na ponta do nariz e o cabelo enrolado nas orelhas, o que lhe dava um vago aspecto de judeu hassídico.

Ono, emprestado à sucursal de Urawa, liderava a equipe de repórteres policiais daquela província, o que fazia dele o supervisor direto dos novatos. Parecia uma versão menor de Hara, com olhos amendoados que pareciam recortados numa abóbora. Ono tinha muito orgulho de ser um repórter do *shakaibu*, e em cinco minutos deixou claro que não era um simples repórter regional e não ia ficar enfiado naquele cafundó para sempre.

Hayashi e Saito, os dois editores. O último tinha um sotaque regional tão carregado que parecia não ter alguns

dentos. Era capaz de ser bastante prestativo quando sóbrio. O outro, baixinho e por isso mesmo ressentido, era famoso por ser um tirano beberrão e dirigir como um louco. Para nossa sorte, passava a maior parte do tempo bêbado e alegre.

Shimizu, o digitador, tinha bigode, dentes amarelos e nada de cabelo no alto da cabeça, o que parecia um elemento indispensável naquela redação.

Yamamoto, o número dois de Ono na editoria, viria a ser meu mentor e, às vezes, meu carrasco. Tinha sido meu *senpai* na universidade — ou seja, estava no segundo ano quando eu era calouro. Seus traços fisionômicos eram quase mongóis, e não sei por que me lembrava um porco-espinho. Depois havia Nakajima, seu amigo inseparável, careca como o Sujeitinho e com um carão como o de Ichabod Crane.<sup>5</sup> Tinha formação universitária em ciências e se enquadrava no estereótipo do cientista clássico: frio, analítico, seco. Mas ao contrário do estereótipo do cientista clássico, vestia-se melhor do que ninguém.

Finalmente Hojo, o fotógrafo, que tinha o nariz tão vermelho, com tantos vasos capilares rompidos que poderia passar por irlandês. Por causa de sua idade avançada, podia dizer o que quisesse, a quem quer que fosse, sem medo de recriminação, e foi o que fez naquela noite.

Nós, os focas, fomos convidados a ficar numa mesa nos fundos do bar e nos apresentar. Ono foi o primeiro a encher nossas taças de saquê, e depois passamos o resto da noite a encher a dele, à moda japonesa, dizendo *kanpai* (“saúde”) a cada vez. Os inferiores servem saquê aos superiores. Ocasionalmente os superiores retribuem.

Ono e Hara contavam histórias da guerra, e eu, aturdido e dominado pelo resfriado, tentava acompanhar a conversa

o melhor que podia. Mesmo num dia normal, minha capacidade de compreensão ainda deixava a desejar, mas eu não queria que ninguém soubesse disso. Hara ergueu o copo para um brinde.

O saquê não estava fazendo bem para minha congestão nasal. No meio do brinde de Hara, um gigantesco espirro abriu caminho entre meus condutos nasais e explodiu antes que eu tivesse tempo de levantar a mão para encobri-lo. Do meu nariz voou uma enorme bolota de muco que cortou o ar com um sibilo, passou pelo Rosto e pelo Sujeitinho antes de atingir o alvo: o desprevenido Hara, meu primeiro chefe e senhor de meu futuro.

Fez-se um silêncio súbito, terrível, que parecia durar para sempre.

Foi então que o Sujeitinho bateu na minha cabeça com um jornal. “Jake, você é um bárbaro!”, urrou. Yoshihara também bateu em mim. Isso quebrou o gelo e todos riram, inclusive Hara, que tinha limpado os óculos com o guardanapo *oshibori* que O Rosto prontamente lhe estendera.

Curvei-me mil vezes em pedido de desculpas. Hojo se reuniu à linha de ataque, batendo na minha cabeça com seu *oshibori* úmido. “Você sabe como se usa isto, idiota?”, disse ele.

O que poderia ter sido um terrível desastre virou piada em questão de segundos. Até Ono estava achando graça.

“*Omae*”, começou ele, usando uma das formas mais grosseiras de dizer “você” em japonês, “você é um gaijin machão. *Omae*, nunca vi alguém fazer isso e viver para contar a história.”

Continuei me curvando e pedindo desculpas, mas Ono abanou a mão como para dizer que nada tinha acontecido.

Despejou mais saquê em minha taça e me mandou beber.

Depois disso, Shimizu arrastou a todos para seu bar de acompanhantes favorito, e desmaiei ouvindo Ono esgoelando qualquer coisa no caraoquê. Então alguém me pôs num carro e me despachou para casa.

Meu novo apartamento era uma pequena quitinete que ficava em cima de um salão de chá e confeitaria, a cinco minutos de bicicleta da sucursal de Urawa. Em 1993, muitos apartamentos ainda não eram alugados para estrangeiros, mas a empresa encontrou aquele para mim e serviu de fiadora. A maravilha dessa quitinete era o banheiro. Nos meus cinco anos de universitário no Japão, nunca tinha morado num apartamento que tivesse banheiro: tinha de ir aos banhos públicos ou à ducha automática. Cinco minutos de água quente custavam cem ienes na ducha e trezentos nos banhos públicos.

Naquela noite, quando mergulhei o corpo dolorido em meu próprio ofurô, rezando para que a ressaca fosse amena, me senti muito bem! Eu tinha mesmo subido na vida. Estava empregado, sobrevivera a um espirro potencialmente fatal e tinha minha própria banheira. O que mais um homem havia de querer?

No dia seguinte, 15 de abril de 1993, às 8h30 da manhã, compareci à sucursal do *Yomiuri Shimbun* em Urawa e me sentei no saguão junto aos outros novatos. Comparada à imaculada sucursal de Chiba, essa era, para dizer o mínimo, um bocado caída. O Sujeitinho deu um profundo suspiro e disse: “Isto é uma espelunca. Eu esperava coisa um pouco mais legal”. O Francesinho comentou: “É claro que não se

parece nem um pouco com a redação-modelo do fôlder da empresa”. O Rosto disse que tinha ouvido falar de coisas piores.

A redação ocupava a maior parte do segundo andar de um edifício comercial situado num bairro residencial. O chefe tinha sua própria sala, com porta. O resto era um espaço aberto, sem nenhum cubículo, nenhuma privacidade. A recepção, perto da janela, não era um lugar dos mais acolhedores. Havia três sofás de couro sintético em volta de uma grande mesa transbordante de jornais sob os quais se escondiam montanhas de revistas empilhadas. A persiana da janela estava coberta de uma camada de nicotina que, como papel mata-moscas, captava desde poeira a partículas de alimentos e, ah, sim, insetos.

Havia dois grandes conjuntos de mesas. As mesas dos dois editores ficavam perto do meio da sala. Os repórteres mais antigos ocupavam as três mesas do fundo e dispunham do luxo de um sofá encostado na parede. Havia um laboratório fotográfico e, ao lado dele, uma sala forrada de tatame onde o pessoal da noite dormia. (Para completar, um banheiro com ducha e uma mesa com as gavetas inferiores entupidas de revistas pornográficas.) Os editores podiam tirar um cochilo ali, mas o lugar era vedado aos outros repórteres quando o sol brilhava. Já os quatro novatos tinham seus lugares bem no meio da sala, onde ficavam mais vulneráveis.

Em quase todas as mesas havia um telefone cheio de botões, mas nenhum computador (ainda não tinha chegado o tempo disso). Havia um terminal de rede adaptado, onde as matérias eram digitadas e enviadas à sede para uma revisão final. Mandávamos nossas matérias pelos telefones

ao terminal, onde Shimizu as redigitava e formatava. O sistema era muito pouco eficiente.

Ono chegou por volta das nove, com a cara inchada e de poucos amigos, como se tivesse dormido com o terno que usara na noite anterior. Parou diante do balcão da recepção e olhou para nós.

“Quem foi o infeliz que autorizou vocês a sentar aí?”, berrou.

Na mesma hora nos pusemos de pé.

Ele riu e nos mandou sentar. Nakajima nos entregou uma cópia do manual do repórter policial, versão 1.1, intitulado *Um dia na vida do repórter policial*; um bipe, que ficaria para todo o sempre afivelado em nossa cintura, ininterruptamente ligado; e por fim um jogo de documentos — coletâneas de artigos enquadrados nas categorias Roubo, Homicídio, Agressão, Dano ao Patrimônio, Drogas, Crime Organizado, Licitação Fraudulenta, Acidente de Trânsito e Subtração de Carteira. Sim, subtração de carteira. Em 1993, o furto em série de carteiras ainda merecia seu próprio estilo de reportagem. Às vezes, pelo que se via, um furto de carteira era digno até mesmo de ser a matéria principal da edição local.

“Esses são exemplos dos tipos de matéria que vocês escreverão como repórteres de polícia”, explicou Nakajima. “Estudem os artigos e recordem o estilo. Esperamos que o saibam na ponta da língua em uma semana. Pronto, já têm tudo de que precisam para escrever um artigo. Agora é pôr mãos à obra.”

Esse foi o começo e o fim de nosso treinamento como repórteres de polícia.

O item seguinte da programação foi uma explicação sobre nossas obrigações diárias além da reportagem. Ao

anoitecer, quando chegássemos à redação, deveríamos encomendar o jantar dos veteranos. E ao terminar o turno da noite, deveríamos atualizar o arquivo de recortes.

As regras para o arquivo de recortes eram incrivelmente complicadas. Havia instruções sobre o lugar onde anotar a data de um artigo, como registrar a edição do jornal em que foi publicado, onde arquivar, onde anotar as referências cruzadas, como registrar as edições nacionais e as matérias de primeira página. O manual de organização do arquivo de recortes era bem maior que o da cobertura policial.

Fomos também apresentados a outras tarefas, entre as quais escrever minibiografias para uma seção que chamávamos de “O reizinho de nossa casa” para a edição local gratuita distribuída pelo *Yomiuri* como serviço comunitário. Tratava-se, em essência, de anúncios de nascimento. E como tínhamos de nos familiarizar com todo tipo de notícia, devíamos escrever sobre os eventos esportivos locais, reunir estatísticas e informar a previsão do tempo. Cada um deles, desnecessário dizer, exigia um tipo diferente de registro, de redação e de comentário.

Depois disso nos deram um calendário para o mês, que explicava quem — e quando — estava escalado para tarefas matutinas, vespertinas e noturnas e para a cobertura esportiva. Diante do nome de alguns dos veteranos havia quadradinhos com uma risca diagonal em certos dias. Perguntei o que era aquilo.

“Dias de folga”, disse Nakajima.

“Mas não há quadradinhos com diagonal para nós”, eu disse.

“É porque vocês não têm folga.”

Por volta de uma da tarde, estávamos tendo um curso intensivo sobre como digitar informações esportivas no computador quando o jornal recebeu um telefonema da sala de imprensa da polícia. Um homem tinha sido morto a facadas numa caminhonete em Tsurugashima. A polícia municipal de Saitama fizera o anúncio, e tudo indicava que uma Unidade Especial de Investigação de Homicídios seria posta em ação.

Ono estava visivelmente agitado. “Tudo bem, garotos, peguem seus blocos. Peguem suas câmeras e vamos lá.” Assassinato dava sempre grandes matérias em Saitama, como em qualquer parte do Japão. Isso é bem revelador do nível de segurança do país: um assassinato, qualquer assassinato, é notícia nacional. No entanto, há exceções: quando a vítima é um chinês, um *yakuza*, um sem-teto ou estrangeiro não branco, o valor da notícia cai uns cinquenta por cento.

Ono explicou o protocolo. “Vamos fazer o *kikikomi* (cena do crime e entrevistas correlatas) no local do assassinato e na empresa do morto. O trabalho de vocês é descobrir qualquer coisa sobre ele — quem era, quando foi visto pela última vez, quem poderia querer matá-lo — e fazer uma foto. E tragam uma foto dele vivo, não me interessa como vão conseguir, mas consigam. Se acharem alguma coisa interessante, liguem para o repórter da sala de imprensa da polícia ou para a redação de Urawa. Agora andem.”

Sáímos. Os novos funcionários eram proibidos de dirigir nos seis primeiros meses, e por isso dois de nós fomos com Yamamoto e outros repórteres, e dois tomaram um táxi de uma empresa contratada pelo *Yomiuri*.

Tsurugashima ficava bem longe de Urawa. A polícia de Nishi Irima foi encarregada da investigação inicial. A

Primeira Divisão de Investigação (homicídios, crimes violentos) da Polícia Municipal de Saitama enviou seu chefe. Quando cheguei à cena do crime, Yamamoto me pôs a par dos acontecimentos.

Por volta das onze da noite anterior, Ryu Machida, de 41 anos de idade, tinha sido achado morto pela mulher numa caminhonete estacionada numa zona industrial. Estava no banco de trás, e fora esfaqueado do lado esquerdo do tórax. Aparentemente, sangrara até morrer. Tinha sido visto três dias antes, ao sair para o trabalho. Como não voltou, a família deu queixa de desaparecimento na polícia local, na véspera, dia 14, solicitando uma busca formal.

Ainda fazia frio para um mês de abril. Fiquei entusiasmado com o fato de estar em campo, munido de minha credencial do *Yomiuri* e de uma braçadeira. Mas a cena do crime acabou sendo decepcionante. A polícia tinha isolado uma grande área em torno do veículo com uma fita amarela na qual se lia mantenha distância. A área circundante era quase deserta de vida humana. Diligentemente, circulei por ali batendo nas portas, na tentativa de encontrar alguém que tivesse visto alguma coisa. Mas na maior parte das vezes as pessoas ficavam num silêncio perplexo ao ver minha cara branquela, e quando davam por si era para dizer, com ar distante, que não.

O Rosto e o Sujeitinho não tiveram melhor sorte.

Numa fábrica de autopeças, apresentei-me a um velho funcionário como Jake Adelstein, do *Yomiuri Shimbun*. Tive a resposta que estava se tornando habitual: “Não preciso de nada”.

“Não estou vendendo nada.”

“Já sou assinante de um jornal.”

“Não estou vendendo jornais. Sou repórter do *Yomiuri*.”

“Repórter?”

“Sim, repórter.” Apresentei-lhe minha credencial.

“Humm.” Ele leu a credencial umas três vezes. “É um gaijin, não é?”

“Sim. Sou um repórter gaijin a serviço do *Yomiuri*.”

“E por que está aqui?”

Esse processo se repetia interminavelmente, já que a suposição inicial de todos era que eu fosse vendedor de assinaturas do jornal. Um homem de meia-idade que atendeu à porta usando um conjunto de moletom chegou a reclamar que o jornal da manhã estava sendo entregue com atraso.

Então resolvi mudar de tática, dizendo: “Olá, eu sou repórter do *Yomiuri Shimbun* e estou trabalhando numa matéria. Esta é minha credencial. Peço desculpas por ser estrangeiro e por tomar seu tempo, mas gostaria de fazer algumas perguntas”.

Isso agilizou o processo, mas os resultados continuaram nulos. O mesmo aconteceu com meus colegas, de modo que fomos mandados para a empresa onde a vítima trabalhava, junto com uma multidão de repórteres de outras mídias. Quando chegamos, o expediente acabara e os trabalhadores estavam deixando o edifício. Deviam ter sido instruídos para não falar com a imprensa, porque nos deparamos com um muro de silêncio. Dei umas voltas por ali para ver se conseguia melhorar minha sorte. Encontrei um homem de macacão verde que carregava um caminhão. Cumprimentei-o, e ele não mostrou nenhuma surpresa com

minha cara não japonesa. Perguntei se ele achava que alguém teria motivos para querer liquidar o colega dele.

“Bom, ele estava tendo um caso com uma colega de trabalho”, disse o homem. “Todo mundo sabia disso. Então, imagino que possa ter sido a mulher dele, ou talvez a amante. Você quer o nome dela?”

É claro que eu queria o nome. Tentei escrevê-lo, mas era péssimo para nomes japoneses. Há tantas pronúncias e tantos kanji para eles que a coisa é um verdadeiro pesadelo até mesmo para os japoneses. Ele acabou tirando o bloco de minhas mãos e escreveu o nome para mim. Fiz mil agradecimentos, mas ele apenas acenou com a mão.

“Você não soube disso por mim, e eu nunca falei com você.”

“Certo.”

“Yoshiyama, a amante, não vem ao trabalho há alguns dias. Fim de papo.”

Podia ser tão fácil? Liguei para Yamamoto de um telefone público. Estava tão agitado que não conseguia me fazer entender. Yamamoto me acalmou, e lhe dei a informação em detalhes. Ele disse que era para eu agarrar Yoshihara e trabalhar com ele.

Começamos ligando para todos os Yoshiyama do catálogo telefônico. Yoshihara acabou encontrando a Yoshiyama certa, mas, de acordo com o marido, ela não poderia falar ao telefone porque estava conversando com a polícia. Bingo!

Nossa próxima tarefa era conseguir chegar à delegacia de polícia de Nishi Iruma para a entrevista coletiva. O repórter da redação-satélite local, Kanda, já estava lá conversando com o subdelegado. Jovens repórteres do

*Asahi* e do jornal local de Saitama rondavam por ali, mas a maior aglomeração estava em torno da máquina de café.

Kanda já tinha sua lata de café. Era um repórter veterano, bem diligente e agressivo. Usava óculos de aros metálicos que lhe cobriam a maior parte do rosto e tinha uma franja longa, espessa e besuntada, como a de um cão peludo, caindo por cima dos óculos. Chamou-me para a mesa do subdelegado e nos apresentou. Trocamos cumprimentos e depois disso Kanda me puxou para um canto. Cumprimentou-me pelo trabalho, mas recomendou que mantivesse a boca fechada durante a entrevista coletiva. “Se você perguntar alguma coisa importante na entrevista coletiva, estraga seu próprio furo. Pergunte apenas sobre detalhes que todo mundo já sabe, e não sobre coisas que você sabe pela metade. Limite-se a observar e a ouvir.”

A entrevista coletiva se realizou numa sala de reuniões do segundo andar. As equipes de televisão tentavam abrir caminho, e as pessoas colocavam seus gravadores no pódio onde o chefe do setor de Homicídios ia falar. Quando falou, foi sem demora direto a suas anotações: “Parece que Machida, a vítima, foi assassinado há alguns dias, provavelmente na noite de seu desaparecimento. Ao que parece a faca, de lâmina comprida, lhe perfurou o coração, matando-o instantaneamente. A causa oficial da morte foi hemorragia.

“Tudo indica que a vítima foi morta no carro, a julgar pelas manchas de sangue. Estamos inquirindo seus amigos e patrões para averiguar algumas pistas. Foi constituída uma comissão especial de investigação; hoje à noite teremos um nome para ela.

“É tudo, por enquanto. Alguma pergunta?”

Ninguém levantou a mão de imediato. Parecia ser consenso não fazer perguntas importantes na entrevista coletiva e deixar para levantar os fatos bombásticos depois da entrevista, na polícia, na casa deles ou na saída. Contudo, as pessoas se sentiam compelidas a perguntar alguma coisa.

“Segundo seus relatórios preliminares, a mulher dele encontrou o corpo. Como foi que ela o encontrou?”

“Ela estava procurando por ele com uma amiga quando viu o carro da família. O corpo estava lá.” Até eu achei que a pergunta era vaga.

“Em que momento a polícia foi notificada do desaparecimento de Machida?”

“Dois dias depois do sumiço.”

“Por que esperaram tanto tempo?” Era um repórter do *Asahi*, que franziu o cenho.

O investigador não mordeu a isca. “Bom, quanto tempo o senhor acha que se deve esperar? Se o senhor não chegar hoje em casa até as duas da manhã, sua mulher vai dar queixa de desaparecimento?”

“Minha mulher? Sem dúvida!”

Ouviram-se risos. O resto da entrevista foi ameno e o grupo se dispersou.

Finalmente voltamos para Urawa e comparamos nossas anotações. Quando Yamamoto voltou da casa do delegado de polícia, por volta das três da manhã, aonde tinha ido em busca de informação, confirmou os detalhes que tínhamos reunido. A mulher que tinha “ajudado” a sra. Machida a descobrir o corpo era a mesma Yoshiyama que supostamente estava tendo um caso com ele. Naturalmente, para a polícia ela era a principal suspeita.

O dia seguinte, usado para entrevistar os vizinhos, foi infrutífero. Pudemos confirmar que a polícia estava interrogando Yoshiyama, mas ela se recusava a ceder. Na manhã do dia seguinte, ela confessou ao marido, que chamou a polícia de Saitama para efetuar a prisão, bem a tempo de sair na edição vespertina.

Ficou mais ou menos assim:

*Yoshiyama tinha um emprego de meio período na mesma empresa em que Machida trabalhava. Os dois tinham um caso desde a primavera do ano passado, e Machida estava tentando terminar.*

*No dia 12, depois do trabalho, eles se encontraram num parque das imediações e saíram para um passeio de carro que durou três horas. Por volta das vinte e uma horas, Machida estacionou o carro perto do trabalho, onde os dois discutiram. Yoshiyama então esfaqueou-lhe o peito com uma faca de montanhismo, matando-o quase instantaneamente. Ela alegou que Machida queria acabar com o relacionamento e com a própria vida, e ela apenas fez o que ele queria.*

*Yoshiyama tinha relações sociais com a sra. Machida, e por isso se oferecera para ajudá-la a procurar o marido. A polícia ainda tinha de encontrar a arma do crime, mas havia no carro uma lata de suco com as impressões digitais de Yoshiyama. Em setembro de 1994, ela foi condenada a oito anos de trabalhos forçados.*

Não foi um caso especialmente impactante, e tenho certeza de que há muito se apagou da memória dos policiais e mesmo dos repórteres que o cobriram. Ganhei uns pontos por ter conseguido tão rápido uma pista da assassina. Claro que foi mais por sorte que por competência, mas aprendi uma lição importante: em jornalismo, o que vale são os resultados, não o esforço.

5 Personagem do conto de Washington Irving "The legend of Sleepy Hollow" ("A lenda do cavaleiro sem cabeça"), de 1820. (N. T.)

# Chantagem: a melhor amiga de um repórter iniciante

Depois de alguns meses como repórter de polícia, eu tinha me tornado amigo de vários policiais, mas ainda não conseguira nenhum furo só meu, cavado por mim mesmo.

Conseguir furos era difícil. Exigia tomar conhecimento de um bom caso, encontrar o investigador de baixo escalão que trabalhava nele, ganhar sua confiança e extrair as informações que ele tinha para depois ir subindo na cadeia alimentar de um jeito que o pessoal de cima não soubesse que você estava obtendo dados mais abaixo.

Era preciso passar horas esperando que sua fonte voltasse para casa, esperando que deixasse escapar alguma informação em sua breve conversa com ela. Num caso importante, sua fonte poderia ficar dias sem aparecer em casa. Em 1993, o contato era mais difícil, já que a maior parte das pessoas não tinha telefone celular, o que significava que era preciso contar com a sorte para fisgar alguém no trabalho, em casa ou em algum ponto entre esses dois lugares. Tinha-se de checar os fatos com terceiros e convencer o editor de que podia soltar a matéria com segurança mesmo sem ter nenhuma nota oficial sobre o assunto para se proteger. Às vezes era preciso visitar a casa do suspeito para saber se estava ou não preso, já que no Japão os dados sobre as prisões não são acessíveis ao

público. Muitas vezes, quando você estava pronto para escrever a matéria e notificava o investigador-chefe, a polícia imediatamente lançava uma nota, reduzindo a nada seu furo e todo o seu esforço.

Mas acabei dando uma dentro. Como? A boa e velha chantagem.

Toda noite, em meio à entediante digitação de resultados esportivos, dos anúncios de nascimento e dos obituários, além da encomenda do jantar para os jornalistas mais antigos, eu pegava minha bicicleta, pedalava até a delegacia policial de Omiya e ficava rondando os policiais. Na maioria das vezes, se eles não estivessem ocupados, fofocava com eles por algum tempo. Tomávamos chá verde e discutíamos política, casos antigos ou o que estava passando na televisão. Eu levava donuts, que segundo creio não faziam parte da dieta habitual dos policiais japoneses, mas ao que parece eles não se importavam. Na verdade, podem até ter gostado justamente por isso.

Uma de minhas fontes, que trabalhava nos transportes ferroviários, tinha me falado de um batedor de carteiras profissional preso algumas semanas antes que confessara um altíssimo número de casos. O que me chamou a atenção foi que o ladrão saía para “trabalhar” todos os dias de terno e gravata; era um verdadeiro profissional. Variantes dessa história costumavam aparecer na imprensa japonesa, mas achei interessante porque eu não tinha nada melhor.

Depois de checar as informações, eu estava pronto para escrever a matéria. Tinha em mãos todos os fatos de que precisava, menos o número de crimes, e a matéria dependia disso. Os funcionários da empresa ferroviária não sabiam. Minha única chance seria falar com algum figurão da polícia de Omiya, que estava incumbida do caso.

O investigador-chefe se chamava Fuji. Era conhecido como bom de interrogatório e ótimo policial, mas, para um repórter, era desagradável lidar com ele. Alto e magro, com os clássicos óculos de fundo de garrafa, usava sempre ternos cinza amarrotados. Tinha sempre a barba crescida, mesmo às dez da manhã.

Não sei se ele gostou ou não de mim. Só sei que me viu como uma chateação, outro reporterzinho aborrecido que acabaria sendo substituído por outro calouro, de preferência japonês. Decidi dar o salto e pedir a ele que me permitisse escrever a matéria, mas ele não se alterou.

“Se você acha que sabe muito, vá em frente e escreva a matéria. Mas aposto que você não sabe quantos bolsos ele esvaziou antes de ser preso. Dez? Cem? Duzentos?”

“Então foram mais de cem?”

“Você não sabe, não é?”

“Não.”

“Bom, então acho que essa matéria não é sua. Por que simplesmente não espera uma semana, quando poderá ter todos os detalhes?”

“Está dizendo que vai me dar o furo?”

“Não”, disse ele. “Vamos divulgar o caso dentro de uma semana e você poderá fazer todas as perguntas que quiser.”

“Mas aí não será mais um furo.”

“O problema não é meu. Eu faço o trabalho administrativo, os investigadores investigam, e quando juntamos todas as pontas, divulgamos o caso. Você escreve. Assunto encerrado.”

Chamou uma policial e apontou para mim. “Poderia conseguir uma xícara de chá para Adelstein-san? Ele está trabalhando muito e parece desidratado.” Deixou-me

bebericando em sua mesa e desceu para falar com o subcomandante, provavelmente para avisá-lo de que eu andava xeretando por ali.

Se eu fosse policial, me sentiria da mesma forma em relação a mim. O fato de eu ter um furo não o beneficiaria de forma alguma. Eu não tinha um cargo nem autoridade que me permitisse prometer-lhe uma grande cobertura para o caso, nem informações que pudesse lhe oferecer numa espécie de toma lá dá cá. Por outro lado, que mal haveria em ele me conceder a matéria? Eu estava trabalhando muito. A matéria faria a polícia ganhar pontos com a comunidade local, ou, em último caso, pelo menos não ia desprestigiá-la.

Eu tinha uma semana antes que se desse a divulgação. Os policiais adoravam nos fazer esperar. Era um cabo de guerra permanente. Portanto, às nove horas daquela mesma noite, mais uma vez me vi matando o tempo bebendo chá e vendo televisão com os policiais de Omiya. Foi então que notei, por acaso, um desenho posto no quadro de avisos. Era o retrato falado de um ladrão que vinha atuando em grandes lojas de aparelhos eletrônicos e de roupas numa importante via expressa da cidade. A nota policial, às vezes chamada *tehaisho*, entrava em muitos detalhes sobre as características físicas do ladrão, seu *modus operandi* e todas as lojas que tinha roubado.

“Ei, vocês se importariam se eu fizesse uma foto da delegacia?” Por acaso fiz a pergunta a um policial que estava com a boca cheia, mastigando um donut gelatinoso. “Meu pai é legista no Missouri e tem muita curiosidade em saber como é uma delegacia de polícia japonesa.”

Os caras ficaram impressionados com a ocupação quase policial de meu pai e perguntaram sobre o trabalho dele

enquanto posavam para as fotos. Posicionei-os ao lado do quadro de avisos, e enquanto me afastava fiz um close do retrato falado.

Voltei para a redação às onze, comi uma pizza fria que estava na geladeira e revelei o filme. (Ainda estávamos na Idade Média da fotografia, em que revelar um filme era um pé no saco.) Ampliei a nota, cortei-a, fiz cópias ruins dela, amassei-as e levei para casa a pior versão que consegui. Minha intenção era fazer crer que eu tinha obtido a cópia com uma das vítimas, com um comerciante local ou numa lata de lixo. Não pretendia que ninguém imaginasse que eu tinha feito a foto enquanto perambulava pela delegacia. Isso podia não só impedir meu acesso à polícia: podia fazer que meus amigos da roda de donuts fossem repreendidos.

No dia seguinte fui a uma das lojas, falei com o gerente sobre os roubos e perguntei se ele conhecia casos semelhantes. Ele mostrou sua cópia da nota policial, mas não quis dá-la para mim. Lá pelas duas da tarde fui a pé até a delegacia de Omiya e pedi para subir e falar com Fuji.

Fuji fez sinal para que eu me sentasse e cravou os cotovelos na mesa, uniu as pontas dos dedos esticados e me fitou por cima deles, com ar um tanto zombeteiro.

“Como vai a grande matéria?”, perguntou.

“Desisti daquela”, respondi.

“Desistiu?”

“Sim, consegui uma melhor. Vou escrever uma matéria de interesse público sobre a recente onda de roubos em beira de estrada na área de Omiya. Pretendo incluir este retrato falado.”

Mostrei-lhe a cópia, mas não lhe entreguei.

“Onde conseguiu isso?”, explodiu.

“Já conversei com algumas das vítimas.” Não era uma resposta nem era mentira, só um desvio.

Fuji não estava achando a menor graça. “Estamos justamente no meio dessa investigação. Se você publicar isso, vai espantá-lo e nunca vamos pôr as mãos nele.”

“Não é problema meu”, retruquei. “Meu trabalho é obter notícias, escrevê-las e publicá-las quanto antes, para o bem da comunidade. Posso dizer que vocês estão investigando, se quiser. Prometo.”

“Não publique essa matéria.”

“Sou um repórter. *Preciso* escrever coisas. É meu trabalho. Assim como o senhor investiga coisas e prende criminosos para viver, eu investigo coisas que são publicadas no jornal. Se não escrever, não trabalho, e no momento não tenho nada melhor que isso para escrever.”

Fuji apertou os olhos por trás das lentes grossas. “Posso lhe dar algo melhor para escrever. Talvez um tanto melhor do que um pequeno serviço de utilidade pública sobre crimes não esclarecidos.”

“Como o quê?”

“Vou lhe dar material sobre o batedor de carteiras que nenhum dos outros jornais tem.”

“Seria ótimo, mas só me interessa se for uma informação absolutamente exclusiva, sem condições e sem concorrência.” Estava me sentindo poderoso.

“Não fazemos isso. Se eu lhe der a informação exclusiva, todos os outros repórteres que cobrem esta delegacia virão aqui choramingar e reclamar de tratamento injusto.”

“Deixe-os choramingar. Tenho trinta minutos para informar meu chefe sobre o que lhe entregarei para a

edição matutina. Até agora, tudo o que consegui foi esse ladrão.”

“Aguenta aí”, disse ele. “Dê-me trinta minutos.” Fez um sinal para a policial, que trouxe uma xícara de chá verde e estava a ponto de colocá-la diante de mim quando Fuji a deteve com um gesto.

“Você prefere café?”

“Não, não, chá verde está bem.”

“Mas você gosta mais de café, não é?”

“Bem...”

Fuji fez outro sinal para ela.

“Creme ou açúcar?”, perguntou ela.

“Ambos, por favor.”

“Está bem, espere aqui”, disse Fuji, de saída para o andar de baixo.

O café era horroroso, instantâneo, mas mesmo assim melhor que o chá verde.

Fuji retornou em vinte minutos. “Tudo certo. Nos encontramos amanhã ao meio-dia no salão de treino, do *dojo*. Direi tudo o que você quiser saber sobre o batedor de carteiras. Prepare com antecedência as perguntas que quer fazer, porque só responderei uma vez.” E foi isso.

Naquela noite, na sala de imprensa, contei a Yamamoto sobre o trato. Ele ficou satisfeito e irritado ao mesmo tempo.

“Você chantageou o investigador-chefe em troca dessa matéria?”

“Não chantageei ninguém. Troquei uma matéria por outra.”

“Chantageou, sim.”

“Fiz alguma ameaça?”

“Bom, não.”

“Então não é chantagem.”

“Adelstein, você é mesmo uma figura. Tem colhões. É um sacana também.”

“Fiz alguma coisa errada?”

“Com tudo isso, você devia ter arrancado dele uma matéria melhor, isso sim. Um batedor de carteiras de merda foi tudo o que conseguiu?”

“Não havia nada mais que eu quisesse.”

“Tudo bem. Consiga a matéria e escreva, enquanto isso vou tentar que o editor dê a ela tratamento de furo.”

Quando cheguei ao salão de treino, no dia seguinte, Fuji estava esperando, sentado no tatame de pernas cruzadas, com um maço de papéis no colo. Tirei os sapatos, subi para o tatame e me sentei diante dele na posição *seiza* formal, com os joelhos unidos e os pés dobrados debaixo do traseiro.

Fuji tirou os óculos, deixou-os ao lado do joelho e me examinou. Peguei o bloco e a caneta.

“Adelstein.”

“Sim, Fuji-san.”

“Suas meias são de pares diferentes.”

Olhei para os pés. Era verdade. Uma das meias era cinza, e a outra, preta. Eu não tinha me preparado para tirar os sapatos. “Desculpe. Estava com pressa esta manhã.”

Fuji balançou a cabeça. “Você é uma pessoa estranha. Antes eu achava que você era um perdido, mas parece que sabe o que está fazendo. E agora não é capaz nem de combinar as meias.”

“É verdade.”

“Em meus oito anos de investigador, nunca dei furo a repórter algum.”

“Sinto-me honrado por ser o primeiro.”

“E o último. Você não pode dizer a ninguém que eu lhe falei sobre esse caso. Se perguntarem como conseguiu o furo, o que vai dizer?”

“Não creio que ninguém se importe com isso.”

“Oh, vão se importar. Conheço a sua raça.”

“Minha raça?”

“Repórteres. E então, o que vai dizer?”

Pensei um pouco. “Vou dizer que alguém da polícia deixou escapar o caso diante de meu chefe e fui obrigado a escrever a matéria porque era meu turno.”

“Excelente resposta.”

Fuji então resumiu a sequência de eventos que começou com a prisão do batedor de carteiras, os aspectos interessantes do caso, a data de nascimento do ladrão e o número de furtos confessados por ele. Depois disso, respondeu pacientemente a todas as minhas perguntas.

Ele nunca mais me deu um só furo durante todo o tempo em que cobri a polícia de Omiya. Mas continuou perguntando se eu queria chá verde ou café todas as vezes que ia conversar com ele.

A matéria saiu no fim de setembro na seção “A notícia por dentro e por fora”, no corpo principal da edição local do *Yomiuri*. Como se tratava de uma reportagem importante, me deram o crédito.

Nos anais do crime, a matéria sobre o batedor de carteiras profissional é de pouca importância, mas vou

transcrevê-la aqui como um exemplo do profissionalismo dos criminosos japoneses.

*Kosuke Sato, 45, foi preso num trem pela polícia de Omiya no momento em que tirava a carteira do bolso de uma pessoa. Foi uma proeza e tanto, pois, a menos que o batedor de carteiras seja flagrado no ato, é difícil provar sua culpa nos tribunais. A alegação da defesa nesses casos é de que o acusado “encontrou a carteira e ia levá-la à polícia o mais rápido possível”. É difícil refutar uma intenção.*

*De acordo com suas próprias contas, Sato praticou 420 furtos em menos de um ano. Pode ter praticado mais, mas ao que parece não manteve registros rigorosos.*

*Sato morava numa aldeia de pescadores na província de Niigata. Ficava fora durante a semana, dizendo à mulher que estava ajudando um amigo num bar de Tóquio. Voltava para casa nos fins de semana, pagava as contas e dava à mulher uma quantia equivalente a mil dólares por semana.*

*Saía de casa de terno e gravata, tomava um trem para Tóquio, Osaka ou uma de outras dez províncias. Durante o dia, para passar o tempo, jogava pachinko ou dormia numa sauna. À noite, pegava algum trem que lhe parecesse bom — normalmente um expresso noturno — e exercia sua arte. Procurava assalariados bêbados e meio inconscientes. O que facilitava seu trabalho era que muitos japoneses se sentem tão seguros num trem a ponto de dormir.*

*Ele se sentava perto da vítima e, usando uma pasta para dissimular seus gestos, subtraía sua carteira. Tirava o dinheiro, não tocava em nada mais e devolvia a carteira a seu dono, tudo isso sem acordar o pobre coitado. Mas sua especialidade era o buranko: tirar a carteira do bolso de um paletó pendurado num cabide próximo a seu assento. Nisso, segundo ele mesmo, sua técnica era insuperável. Era capaz de surrupiar a carteira do bolso de um paletó a despeito de o trem estar cheio ou vazio, ou de haver ou não uma possível testemunha sentada perto ou diante dele. Era especialista em bater uma carteira enquanto fingia estar dormindo.*

Tudo no Japão, até o furto, é uma arte. Até a agressão é uma arte — judô, aikidô e kendô, tudo isso é mais do que simplesmente aprender a derrotar o oponente. Trata-se de

aprender a se aperfeiçoar cada vez mais. De muitas formas, Sato era um mestre em sua arte.

Eu, pessoalmente, gostaria de ter dedicado um pouco mais de tempo a me aperfeiçoar nas artes marciais nos tempos de faculdade. Descobri que sobreviver como repórter do *Yomiuri* exigia mais da forma física do que eu tinha imaginado.

# É Ano-Novo, vamos brigar

O fim de um ano e começo do outro são acontecimentos importantíssimos no Japão. Na véspera do Ano-Novo, milhares de japoneses se congregam nos templos budistas para ouvir o toque dos sinos chamado *joya no kane*. O grande sino de bronze do templo toca 108 vezes, uma para cada pecado capital do universo budista. Acredita-se que ouvir os sinos tocando purifica a pessoa de seus pecados e lhe permite começar o ano novo limpo e renovado.

Sempre que possível vou ouvir o toque dos sinos, já que seguro morreu de velho. Alguns templos atualmente têm sites na internet, nos quais você pode tocar um sino virtual, o que já tentei, mas não é a mesma coisa.

Depois do toque dos sinos, multidões de peregrinos buscam os santuários xintoístas para rezar e pedir boa sorte no ano entrante. Durante três, quatro ou cinco dias, a depender do calendário, ninguém trabalha; muita gente visita sua cidade natal, e as ruas das zonas comerciais e administrativas ficam silenciosas e desertas.

Mas, antes que tudo isso aconteça, realiza-se a mais importante cerimônia da vida empresarial. O *bonenkai*, que normalmente acontece na primeira quinzena de dezembro, é uma festa de “esquecimento do ano” e, em muitos casos, dependendo da quantidade de álcool consumida, não é uma ameaça vã. Espera-se que todos — funcionários e chefes —

relaxem e se divirtam. Para a redação de Urawa do *Yomiuri*, isso significava tradicionalmente tomar um porre. Meu primeiro *bonenkai* não foi exceção.

Realizou-se num *izakaya* local com o cardápio de costume: peixe (cru e cozido), *yakitori* (espetinhos de frango), tofu, pickles, bolinhos de arroz e, como Urawa era um lugar famoso por seus bagres, tempura de bagre. De modo geral, os japoneses não comem bagre (o sabor não é lá muito delicado), mas fiquei contente por ter no prato algo que me lembrava minha casa.

O primeiro ato transcorreu bastante bem. Todos os novatos foram convidados a apresentar um número divertido. Alguém fez truques com baralho, outro retorceu balões, transformando-os em animais. Eu consegui enfiar uma moeda de quinhentos ienes no nariz, o que foi considerado um feito inacreditável. Foi na festa depois da festa que as coisas começaram a ficar esquisitas.

Saíamos do restaurante e nos dirigíamos para um bar de acompanhantes quando Kimura, chefe da sucursal de Kumagaya, diretorista e leal ao imperador, começou a ficar abespinhado. Kimura era um sujeito baixinho e parrudo, com o cabelo muito encrespado por um permanente, que lembrava o *yakuza* de minha matéria do estágio. Quando estava sóbrio, era um cara fantástico. Mas era péssimo bebedor, e ficara bebendo muito a noite inteira. Começou a me provocar quando entramos no *izakaya* seguinte, e, depois que nos sentamos, olhou para mim de cima a baixo e disse, com desprezo: “Olhando para você, Adelstein, não consigo imaginar como foi que perdemos a guerra. Como pudemos perder para um bando de americanos sebentos? Bárbaros sem disciplina, sem cultura e sem honra. Isso me deixa boquiaberto. Viva o imperador! *Tenno ni banzai!*”.

Em meus mais de cinco anos no Japão na condição de universitário, acho que nunca tinha conhecido pessoalmente um nacionalista. Sabia que eles existiam. Sabia que Yukio Mishima, um dos maiores escritores do Japão, era fisiculturista, gay e nacionalista. Já tinha visto grupos de direitistas em suas vans pretas circulando pela cidade, irradiando marchas militares imperiais pelos alto-falantes. Mas não tinha ideia de como lidar com Kimura. O que deveria dizer? “Desculpe por termos ganhado a guerra”?

Como tenho por norma jamais discutir com bêbados, fiquei concordando com a cabeça e dizendo coisas irrelevantes tipicamente japonesas, como “Essa é com certeza uma maneira de ver as coisas” ou “Deve ter acontecido isso mesmo”.

No início da década de 1990, revisionistas históricos e defensores ferrenhos da monarquia, como Kimura, eram vistos como excêntricos simpáticos que ninguém levava muito a sério. No momento do destempero de Kimura, eu tampouco o levei a sério.

Yoshihara e o Sujeitinho deram um jeito de me tirar da linha de tiro trocando de lugar comigo algumas vezes, mas Kimura continuava atrás de mim como um pit bull perseguindo um esquilo. Quando chegamos ao bar de acompanhantes, Kimura me deu um tapinha no ombro.

“Li no jornalzinho da empresa que você pratica *wing chun*. É uma espécie de arte marcial chinesa, não é?”

“É.”

“Você conhece o *shorinji kempo*?”

“Sim, é uma arte marcial japonesa criada por Doshin So. É um estilo de luta muito interessante.”

“É o melhor estilo de luta do mundo. É uma arte marcial japonesa.”

“Com certeza é uma ótima arte marcial. Mas prefiro *wing chun*; é mais adequado para mim.”

“*Shorinji kempo* é o melhor.”

Dei-lhe as costas e comecei a andar ao lado de Yamamoto até nossa próxima parada. Então, com o rabo do olho, vi que Kimura lançava um chute circular contra mim.

Como lutador, em geral, eu era um bosta. O *wing chun*, minha disciplina de eleição na época, é uma arte marcial famosa pelo soco curto, um golpe à queima-roupa desferido com dois nós dos dedos para o impacto final. Depois de anos de *wing chun*, havia só três coisas que eu sabia fazer direito. O soco curto era uma delas.

Sem pensar, girei o corpo, aparei o chute e acertei-lhe um soco em pleno tórax, derrubando-o de costas. Foi um soco extremamente feliz. Era como se eu tivesse batido no ponto exato de uma bola de tênis. Ouviu-se o agradável ruído do impacto, e Kimura chegou a voar durante um nanossegundo.

Para um sujeito mais velho, Kimura era bastante ágil. Levantou-se e me agarrou, prendendo-me a cabeça numa chave de braço e me forçando a ir para o chão. Enquanto isso, todos de nosso grupo vieram correndo para ver o espetáculo. O *shorinji kempo* tem alguns bons golpes, mas, dando um jeito de afrouxar a chave de Kimura, consegui me safar dela, e retribuí a gentileza apertando os dedos em torno de sua garganta. Enquanto ele sufocava, rolei para cima dele e, numa fúria de bêbado, estava me preparando para esmagar-lhe o nariz quando Odanaka, repórter veterano e normalmente um balofo adorável, me apartou de

Kimura. Perguntou-me se eu estava bem e limpou a poeira de minha roupa.

Kimura estava apertando a garganta dele, a ponto de avançar para mim, quando foi contido por outros repórteres. Gritava obscenidades.

“Ei, foi você quem deu o primeiro chute!”, gritou Odanaka para ele. “De que está reclamando? Você deveria dar o exemplo.” Odanaka era um dos poucos sujeitos que defendiam os jovens repórteres. Era preciso ter coragem para repreender um repórter veterano na hierarquia do *Yomiuri*.

A essa altura, Saito entrou na briga e espetou Odanaka com o indicador. “Por que não cala a boca? Deixe que eles lutem. É legal!” Riu e se dirigiu aos outros repórteres, instando-os a soltar Kimura, que espumava pela boca.

“Que espécie de chefe é você?”, gritou Odanaka para Saito. “Você não pode deixar os veteranos azucrinarem os calouros! Devia dar uma lição em Kimura. Você é um imbecil... Seu anãozinho.”

Ao ouvir isso, Saito quis dar um soco em Odanaka, e Odanaka reagiu, quase atingindo-o no queixo. Agora a turma estava dividida em quatro grupos: um para segurar Kimura, outro para segurar Saito, um para me proteger e outro para impedir Odanaka de socar Saito e transformá-lo numa massa sangrenta.

Terminei indo para casa a pé, com Yamamoto e alguns outros repórteres. Entramos num restaurante fast-food, o Yoshinoya, para comer uma tigela de arroz com carne. Eu estava um pouco preocupado, achando que podia perder o emprego. Yamamoto me garantiu que não era o caso. “Ei, *bonenkai* é isso. Amanhã, todo mundo terá esquecido. Quer dizer, não é bem assim, mas ninguém falará no assunto e

você deve fazer o mesmo. Aliás, belo soco. Se você escrevesse tão bem quanto luta, não seria esse pé no saco.”

Ele tinha razão. No dia seguinte, foi como se nada tivesse acontecido na noite anterior. Nunca discuti o assunto com Kimura, e passamos a nos dar melhor do que antes. Ele começou a me chamar de Jake-kun, afetuosamente, e eu tive o cuidado de jamais falar de política com ele.

\* \* \*

Achei que meu ano terminaria em paz até o dia 29 de dezembro, quando Yamamoto e eu estávamos sozinhos na sala de imprensa da polícia de Saitama. Ele estava no sofá lendo revistas em quadrinhos, e eu digitava um artigo sobre pés de aloé que estavam florindo no inverno. Pela radiofrequência dos bombeiros, ouvimos notícias de um incêndio que se espalhava em Kawaguchi, então corri atrás de um táxi e fui para o local.

Quando cheguei, o fogo já estava controlado. Eu tomava notas quando ouvi pela faixa do cidadão do carro dos bombeiros que havia outro incêndio, bem perto de onde estávamos. Enquanto os bombeiros subiam nos carros, corri para o parque onde devia estar ocorrendo o incêndio.

Ao virar a esquina da entrada do parque, quase trombei com uma tocha ambulante com forma humana. Cheguei tão perto que minha sobrancelha ficou chamuscada. O homem andava em círculos em volta de uma gangorra, devagar, como um robô, enquanto pessoas das vizinhanças lhe atiravam baldes de água e jatos de extintores. Um grupo de crianças formou uma roda em volta dele, olhando com fascínio para tudo aquilo. Na confusão, levei um jato de

espuma antichama na cara antes que o homem caísse, reduzido a uma bola, em posição fetal. O lugar cheirava a querosene, cachorro-quente torrado e molho *hoisin*.

O homem ainda respirava. Podia-se ouvir que ofegava e via-se que o peito se movia. Inspirou mais cinco vezes e morreu.

Durante um segundo, o silêncio foi absoluto. Até as crianças estavam quietas. Podia-se ouvir o murmurinho do trânsito a algumas quadras de distância, os estalidos da pele e nada mais. Depois, todo mundo começou a falar sobre o que fazer.

Os bombeiros chegaram dois minutos depois. Um dos socorristas tentou encontrar-lhe o pulso, mas queimou a mão e deu um grito de dor. Outro pegou um estetoscópio e colocou-o no lugar onde se imaginaria que estivesse o tórax do homem. Declarou-o morto no ato e estendeu uma lona azul sobre o corpo. A polícia ainda não tinha chegado.

Liguei para a redação para dizer onde estava e comecei a perguntar às pessoas sobre o ocorrido. As três crianças da escola primária que tinham visto aquilo desde o início me contaram tudo. O homem, vestido com um terno azul de trabalho, chegou ao parque de bicicleta, trazendo na cestinha um bujão de plástico vermelho com querosene. Parou, derramou o querosene na cabeça e pegou uma caixa de fósforos. Demorou para acender um dos palitos, ensopados de querosene, mas finalmente encontrou um que estava seco, pegou uma pedra no chão e acendeu o fósforo. No momento em que o fósforo lhe tocou o peito, ele ficou em chamas.

As crianças tentaram descrever o som, mas se puseram a discutir se era mais parecido com fogos de artifício ou com estalido de plástico bolha. Usaram a palavra que se

aplica a homem em chamas, *hi-daruma* (*hi* significa fogo e *daruma* é o ícone budista sem pernas e sem braços). Não pareciam nada assustadas ou chocadas com aquele ato de autoimolação. Para elas, aquilo não passava de um incidente curioso.

Conversei com um dos bombeiros que estavam ali.

“É uma vergonha”, disse ele. “Vemos uma porção de casos como esse nesta época do ano. Gente que não quer enfrentar o ano novo. Dão um jeito de tornar o feriado bem ocupado, pelo menos para nós.”

“Parece uma maneira muito sofrida de morrer.”

“Que nada, em geral não é, se você perder a consciência. Mas, se não morrer imediatamente, é um modo terrível de partir. Você agoniza em dores lancinantes, seu corpo fica todo infeccionado e você acaba morrendo envenenado por suas próprias toxinas. Ele calculou bem.”

Depositou o corpo na parte de trás de uma ambulância e me desejou um feliz Ano-Novo.

Fui até a delegacia local para obter os detalhes oficiais. A vítima era Hikoki Harasawa, de 48 anos, nascido em 5 de janeiro. Ele não teria que encarar só um novo ano, mas outro aniversário. Morava a cinco minutos do parque. Os vizinhos disseram que ele perdera o emprego numa fábrica de autopeças que fechou, e estava desempregado havia meses. Ainda era difícil para mim imaginar que um homem ateie fogo a si mesmo só por esse motivo. Mais tarde, quando comecei a investigar os esquemas de agiotagem dos *yakuzas*, descobri o que poderia tê-lo levado àquele extremo: muitas dívidas com gente muito perigosa.

Liguei para Yamamoto na sala de imprensa.

Ele fez uma pergunta: “O cara é conhecido?”.

Respondi que não.

“Então deixe pra lá.”

Voltei para Urawa e comprei um presente para Ono, o chefão. Como seu primeiro filho tinha acabado de nascer, de brincadeira mandamos fazer uma camiseta com o retrato dele num cartaz de procurado pelo crime de produzir prole sem licença. Levei a camiseta e meu presente para o apartamento dele.

Ono adorou os presentes e me convidou a ficar um pouco. A mulher dele trouxe umas Budweisers para nós. Depois de um gole, Ono fez uma careta. “Você gosta desta cerveja americana? Estava na promoção, por isso resolvi experimentar. O gosto é horrível!”

“É horrível mesmo”, eu disse, rindo. “Xixi com cinza. É assim que dizemos lá no Missouri.”

“Xixi com cinza! Muito bom. Gostei dessa. Tem gosto é disso mesmo.”

Derramamos a cerveja num vaso de planta, abrimos duas latas de cerveja Asahi e conversamos cordialmente. Era bom estar ativo e alerta no Japão.

# O perfeito manual do suicídio

Os japoneses acreditam que existe uma maneira certa de viver, amar, provocar o orgasmo feminino, decepar o dedo mínimo, tirar os sapatos, girar um bastão de beisebol, escrever uma matéria sobre homicídio, morrer — e até acabar com a própria vida. Há uma maneira certa — uma maneira perfeita — para fazer qualquer coisa.

A reverência pelo “como fazer” — a ideografia é o *tao* da filosofia chinesa — é parte essencial da sociedade japonesa, uma sociedade que ama os manuais, ama fazer as coisas de acordo com o livro, literalmente. Nos velhos tempos, antes da época das publicações em massa para o mercado, os manuais eram escritos em rolos. As pessoas acreditavam que o *kotodama* — a alma ou espírito da língua — residia em cada palavra; que ao manifestar um pensamento a pessoa lhe dá vida; que as palavras têm um poder espiritual. Essa crença atribuía à língua escrita e falada uma condição quase mística e estimulava uma reverência pela palavra escrita maior que no Ocidente.

Hoje em dia, a obsessão japonesa pelos manuais continua inabalável. Há poucos anos, a expressão *manual ningen* (“seres humanos de manual”) ganhou curso para designar uma geração de jovens japoneses que pareciam incapazes de pensar por si mesmos. O termo passou a fazer parte da língua, e agora é usado para definir pessoas que só

sabem seguir instruções e não conseguem ter ideias originais. Um sinônimo de *manual ningen* é *shijimachi ningen* (“gente que espera instruções”), que, como se pode imaginar, designa funcionários passivos, destituídos de iniciativa.

Nunca pude encontrar uma tradução boa o suficiente para *manual ningen*, por isso uso “manualoide” quando discuto o assunto em inglês. Não é uma criação tão boa quanto “verdadice”,<sup>6</sup> mas gosto dela.

Não é raro que livros classificados como manuais fiquem semanas a fio nas listas de mais vendidos. O site da Amazon japonesa ([www.amazon.co.jp](http://www.amazon.co.jp)) oferecia 9994 manuais no momento em que eu escrevia este capítulo, e tanto as listas de mais vendidos quanto os próprios livros constituem um microcosmo da sociedade japonesa.

O campeão de vendas era um manual sobre como argumentar com coreanos (no Japão e na Coreia do Sul — não posso afirmar nada sobre a Coreia do Norte) que não têm nada de bom a dizer sobre o Japão. Os coreanos guardam mágoa pelo fato de o Japão ter invadido a Coreia, subjugado seu povo, violentado suas mulheres, proibido sua língua e sua cultura, ter feito experiências com prisioneiros de guerra e sequestrado milhares de coreanos que foram enviados ao Japão para trabalhar em condições sub-humanas. A essência do livro era a seguinte: diga a esses coreanos miseráveis que parem de exagerar e calem a boca.

O livro teve um efeito colateral inesperado: no empenho de desqualificar as reclamações dos coreanos, acabou trazendo à baila a história pouco edificante da ocupação da Coreia pelo Japão, que o Ministério da Educação tinha feito de tudo para excluir do sistema público de ensino. Ao que

parece, não saber história significa nunca ter de pedir desculpas.

O número dois da lista dos mais vendidos, *Kabu no zeikin*, era um manual para fazer a declaração de imposto de renda destinado a pessoas que tivessem comprado ou vendido ações. A popularidade desse título, é de supor, mostra bem a importância do fluxo de dinheiro que entra e sai do mercado de ações.

O número três era um manual para candidatos à compra de terrenos. Quando o espaço é pouco e a habitação cara, tornar-se proprietário de terrenos é um caminho aberto para a fortuna e para o luxo. No entanto, os direitos do inquilino estão firmemente defendidos pela lei japonesa, e já houve casos em que isso atrapalhou os negócios. Acho que era por aí que entrava o manual, para garantir o fluxo de dinheiro. Podia ser também sinal de que uma década de declínio no setor imobiliário devia estar chegando ao fim.

O número quatro era o indefectível *Perfeito manual do suicídio*. O título é autoexplicativo e deve ser tomado ao pé da letra. Falaremos disso mais tarde.

Número cinco: *Manual da felação e da cunilíngua superorgásmicas — com mais de quatrocentas fotos*. Não estou inventando. Os japoneses são muito voltados para o sexo e perfeccionistas, e esse livro portanto ocupa um nicho importante e pode ser encontrado praticamente em qualquer parte do Japão. Já o vi numa prateleira da loja de conveniência 7-Eleven e numa pequena livraria familiar no centro de Tóquio — na verdade, não muito longe da embaixada americana, em Toranomom. O fato de o livro vender tanto é significativo da atitude japonesa em relação ao sexo e à sexualidade: entusiástica, receptiva, sem censura, objetiva e solene. E pelo público-alvo do livro, fica

claro que tanto homens quanto mulheres têm interesse em aperfeiçoar sua técnica ou, pelo menos, usar livros didáticos para complementar a tradição oral. O livro em si envolveu uma boa pesquisa e não é destituído de algum valor prático.

O número seis era o *Manual avançado do provedor de apoio à vida em cardiologia*, da American Heart Association, traduzido para o japonês. Meu palpite é que muita gente que compra o número cinco compra também o número seis.

O número sete era *Sexo: manual de estímulo*. O fato de esse livro estar em sétimo lugar em vez de quinto leva a crer que a maior parte dos japoneses domina os fundamentos do intercurso sexual antes de sair para comprar livros.

O número oito era um livro para engenheiros que pretendiam prestar concursos muito difíceis. Só o título me dá dor de cabeça, por isso não vou sequer mencioná-lo aqui. Apenas direi de passagem que grande número de japoneses estuda e ganha a vida com troços profundamente técnicos e cerebrais.

Número nove: *O cara desejado (Como conquistar garotas): Manual de quarenta [técnicas] — O que as mulheres, no fundo do coração, esperam de fato dos homens*. Publicado originalmente em 2003 com preço de capa de quinhentos ienes, esse manual se tornou um longo campeão de vendas, embora esteja agora pela metade do preço. Pode parecer estranho que os livros que ensinam a proporcionar melhores orgasmos às mulheres vendam mais que os que ensinam a conquistá-las — um caso, talvez, de pôr o carro adiante dos bois. No entanto, repare-se que os números cinco e sete são dirigidos tanto a homens quanto a mulheres, o que pode explicar a classificação. Ou talvez não.

Número dez: *Manual indispensável para o exame do Centro Nacional de admissões à universidade*. No Japão, a faculdade em que a pessoa conseguir entrar determina o resto da vida. Normalmente a formatura não é tão importante, embora o abandono do curso venha a fazer muita diferença. Se uma pessoa é aprovada no vestibular para uma universidade respeitada, 90% da batalha por um bom emprego estará ganha. Assim, o mais importante rito de passagem que grande parte dos japoneses enfrenta ao longo da vida é prestar o exame; o fato de esse livro não ocupar uma posição mais elevada na lista reflete o aburguesamento do Japão e a queda pronunciada na taxa de natalidade. Pode refletir também a estupidação (palavra inventada) generalizada da juventude japonesa. Se o título fosse modificado para, digamos, *Manual mangá indispensável para o exame do Centro Nacional de admissões à universidade*, as vendas do livro assim incrementado explodiriam.

Portanto, esses eram os dez mais vendidos há cerca de três anos: três sobre sexo, dois sobre a vida e a morte. Bem equilibrados.

Em meu segundo ano de trabalho, pude observar pessoalmente um desses manuais em ação. Apareceu no meu bipe uma mensagem de Takagi, o legista da Divisão de Homicídios de Urawa.

“Ei, Jake, quer ver uma coisa estranhíssima?”

“Claro.”

“Nada de fotos.”

“Está bem.”

“Nada de nomes.”

“Nada de nomes?”

“É um garoto. Menor. Por isso nada de nomes. Você conhece o procedimento.”

Deu-me o endereço e recomendou que fosse sem demora. “Os caras da Homicídios ainda não chegaram, mas se virem seu narigão de gaijin na cena do crime, tanto eu como você vamos enfrentar uma merda sem tamanho.”

“Entendi.”

De modo geral, raramente se consegue visitar a cena de um crime no Japão. As emissões radiofônicas da polícia se tornaram digitais nos anos 90, o que nos impossibilitou ouvi-las. A menos que a gente tivesse contato com alguém da assessoria de imprensa, havia um intervalo de horas entre a chegada da polícia ao local do crime e o momento em que ela informava a imprensa de que um crime fora cometido. Normalmente, quando chegávamos a polícia já tinha isolado uma grande área com a famosa fita amarela.

Nem sei por que Takagi me chamou. Pode ter sido por minha personalidade positiva, ou quem sabe pelos ingressos que eu lhe dei para um jogo de beisebol dos Yomiuri Jaiantsu. Provavelmente foi por causa dos ingressos.

Takagi e eu tínhamos uma boa relação de trabalho. Ele estava na Divisão de Crimes Violentos do Departamento de Polícia de Urawa. Tinha alguma formação em medicina, o que, pelo visto, o qualificava para o trabalho de legista mais simples e imediato. Sua voz era áspera como lixa, já que fumava cigarros Peace como uma metralhadora, da manhã à noite.

Cheguei ao local que em breve seria chamado de cena do crime em exatos quinze minutos. Era um edifício de apartamentos de cinco andares: um condomínio comum,

como muitos outros, com roupas penduradas para secar nas varandas. Takagi me cumprimentou rapidamente e me levou ao quarto andar. Foi na minha frente pelo vestíbulo e a seguir abriu a porta de metal do apartamento.

Deparei-me com um leve cheiro de coisa salgada, que descreveria como o aroma de cachorro-quente misturado com biscoito de chocolate queimado. A sala estava cheia de caixas, como se alguém tivesse acabado de se mudar, ou estivesse de mudança.

Takagi me levou ao quarto dos fundos, que devia ter sido de um adolescente: pôsteres de ídolos da juventude japonesa, com dentes ruins, pilhas de mangás num canto, embalagens de macarrão instantâneo pelo chão. O garoto jazia na parte superior de um beliche, de frente para a parede, com as costas nuas voltadas para nós.

Não sei o que me passou pela cabeça, mas já estava a ponto de bater no ombro do garoto quando Takagi esticou o pé e me fez tropeçar.

“O que...?”

“Você não está atento, Jake-san. Quase se matou. Você sabe ler japonês. Olhe direito, idiota.”

Com o braço em meu ombro, Takagi me levou para mais perto do garoto e, depois de examinar melhor, vi, pregado nas costas dele, um papel escrito com letra miúda que dizia “Não me toque, por favor. Risco de eletrocussão”. Inclinei-me sobre o corpo e vi, grudados com fita gomada no peito e nos mamilos dele, uns fios que passavam pela parede e iam dar diretamente na tomada.

Meu queixo deve ter caído. Takagi riu do meu susto.

“Tem de ter cuidado, Jake-san.”

“O que aconteceu?”

“Isto”, disse Takagi, pegando um livro da mesa próxima da cama. Era o *Perfeito manual do suicídio*. “Ele estudou a eletrocussão e seguiu as instruções com perfeição. Olhe aqui, eu seguro enquanto você lê. Só não encoste as mãos nele.”

Segundo o manual, a eletrocussão era quase sempre indolor. Só uma pontada com o primeiro choque, mas de imediato você deixa de respirar, seu coração entra em curto-circuito e você morre em segundos. Uma morte limpa. Como o corpo fica pouco danificado, o velório pode ser feito com o caixão aberto. O autor destaca que na verdade muito pouca gente prefere se matar dessa forma, mas a autoeletrocussão é barata, indolor e rápida; se você quiser morrer, ela merece uma reavaliação.

“Você devia escrever sobre isto”, disse Takagi. “Não vamos divulgar o suicídio do garoto, mas acho que a história deveria ser publicada. Os pais devem saber sobre esse livro, e se o encontrarem no quarto do filho, devem tomar providências. Ele não só ajuda no suicídio como o estimula.”

“Por que ele se matou?”

“A família acabava de vir de Osaka. Talvez alguém tenha caçoado do sotaque dele. Talvez ele não quisesse se mudar. Quem vai saber? Não deixou nenhum bilhete... só o aviso nas costas.”

“Gentil da parte dele, realmente.”

“É uma merda. Mas o aviso foi bastante gentil. E educado também... Ele até disse ‘por favor’. E fez tudo sem bagunça. Já vi uma porção de suicidas adolescentes, e alguns meninos não têm a menor consideração pela família.”

Escrevi o artigo aquele dia. Tinha algumas reservas a respeito. Para mim, era como se de alguma forma estivesse

promovendo o livro, mas provavelmente convinha tornar as pessoas mais conscientes de sua natureza insidiosa.

Além de ensinar a se matar, melhorar o desempenho sexual e aumentar o patrimônio pessoal, de que outras formas os manuais faziam parte do dia a dia dos japoneses? Bom, lembre-se, a primeira coisa que recebi quando comecei a vida de repórter foi um manual: *Um dia na vida de um repórter policial*.

O manual do repórter policial é de fato uma leitura fascinante e me permitiu ter uma ideia sobre a polícia japonesa em termos simples e diretos. A visão que se tem do sistema policial japonês e o modo como ele de fato funciona são coisas bem diferentes.

A polícia japonesa está organizada em forma de pirâmide. No topo fica o Conselho Nacional de Segurança Pública, subordinado ao gabinete do primeiro-ministro. Abaixo do Conselho está a Agência Nacional de Polícia, uma instância política e administrativa que não investiga nada e se ocupa de coordenar as investigações que vão além dos limites de uma província.

A anp dá a orientação geral para todas as organizações policiais do Japão. Imagine um fbi com todo o seu aparato burocrático mas nenhum poder de investigação, e você terá uma ideia bem aproximada do que seja a Agência Nacional de Polícia. Muitos dos que chegaram ao alto escalão da anp ingressaram por meio de um concurso nacional e tinham pouca ou nenhuma experiência policial antes de começar a carreira.

Abaixo da anp estão os 47 departamentos policiais das províncias, que investigam crimes em sua jurisdição. O mais destacado deles é o Departamento da Polícia Metropolitana de Tóquio, que funciona um pouco como o fbi, já que cuida mais de casos nacionais que locais.

O departamento de polícia de uma província comanda as delegacias de sua área e os postos policiais dos bairros, chamados *koban*. A anp nomeia seus próprios burocratas para os principais postos administrativos das sedes locais da polícia, garantindo a manutenção de seu poder e impedindo que em circunstância alguma uma pessoa que entenda do assunto e tenha competência para comandar uma grande organização policial seja indicada para o cargo. A polícia local faz todo o trabalho policial de base, investigações e controle do trânsito.

Cada delegacia de polícia normalmente é composta das seguintes divisões: crime violento, fraude, crime de colarinho-branco, trânsito, delinquência juvenil, prevenção ao crime e crimes contra os costumes (inclusive prostituição), além de uma divisão de controle do crime organizado. Drogas, clonagem de cartões de crédito e tráfico de pessoas entram em crime organizado (ou anticrime organizado, melhor dizendo) em algumas províncias, mas o setor ainda não foi claramente delineado.

Na maior parte dos casos importantes, os investigadores da chefatura de polícia assumem o comando e os da delegacia local funcionam como subordinados, fazendo o trabalho pesado, dirigindo o carro do chefe da divisão de homicídios, comprando o almoço dos investigadores principais e satisfazendo os caprichos do pessoal do *honbu* (chefatura de polícia). Quando o dpmt trabalha numa investigação conjunta com a polícia de uma província,

funciona como *honbu* e espera que todos os demais atuem como moleques de recados.

Até mesmo dentro de uma grande empresa jornalística que cubra a ação policial existe uma hierarquia. Em Tóquio, os repórteres da sala de imprensa do dpmt lidam com investigadores e comunicados das chefaturas; os repórteres do distrito lidam com as áreas de Tóquio para as quais são destacados.

O trabalho de um repórter policial iniciante é fazer amizade com investigadores de baixo escalão e conseguir um caso interessante antes que os investigadores da chefatura de polícia cravem os dentes nele. Se for realmente bom, consegue um furo no extremo inferior da cadeia alimentar. Normalmente isso implica tomar conhecimento de uma prisão antes de seu anúncio oficial.

A polícia faz anúncios regulares de casos, na forma de breves comunicados que o repórter deve completar fazendo perguntas pelo telefone ou indo pessoalmente à cena do crime.

Cada caso importante é anunciado previamente, e a polícia faz uma palestra a seu respeito, além do comunicado superficial. Isso acontece no lugar chamado sala de imprensa, situada no próprio edifício da chefatura de polícia de cada província. As grandes delegacias de polícia podem também contar com uma sala de imprensa.

Mas não é qualquer repórter que tem acesso a essas salas de imprensa.

O que não se encontra num manual para repórteres é como conviver com policiais, provavelmente a coisa mais importante da cobertura de polícia. Já ouvi alguém comparar o trabalho de um repórter policial ao de uma “gueixa do sexo masculino”. Essa é de fato uma concepção

justa do que é preciso fazer para conseguir uma matéria — pelo menos para alguns de nós. A palavra “prostituto” pode também ser outra forma de entender a coisa, mas acho que não capta as sutilezas exigidas pela tarefa. Embora haja brincadeiras pesadas envolvidas, é preciso um pouco mais de carícias preliminares além de uma rapidinha “de pé, encostado na parede”. Eu, pessoalmente, prefiro obter meus próprios dados e depois barganhar com a polícia a implorar uma migalha, mas esse é apenas o meu estilo. Fui tão culpado de ser uma gueixa do sexo masculino como a maior parte de meus colegas, exceto quando consegui me situar numa posição vantajosa para a barganha: por cima.

O memorando que se segue foi enviado por um antigo supervisor dos repórteres da cobertura policial. É bem esclarecedor a respeito da quantidade de conversa mole e vaselina que nosso trabalho exige. Posso dizer que o sujeito que o escreveu é um excelente repórter que prefere dar duro para conseguir uma matéria a confiar na bondade de policiais que lhe devem favores. Seja como for, o homem é também um puxa-saco sem igual.

A quem interessar possa

É muito triste ter de escrever o abecê de como ser um repórter policial para vocês, fracassados. Faz dez anos que saí da cobertura do crime, mas vou lhes dizer uma coisa: o pessoal do dpmt pode fazer grandes planos de guerra, mas não ganha uma batalha. Não tomem isso como um conselho de chefe, mas como o conselho de alguém mais velho que vocês e repórter veterano — o trabalho é mais duro do que vocês pensam. Se vocês fizerem a ronda mecanicamente, ou apenas apelarem para o nome do *Yomiuri*, só um ou dois de dez policiais vão revelar alguma coisa a vocês. Talvez.

Se você visitar policiais em casa à noite sem um objetivo, não vai conseguir que lhe digam nada. Qualquer um pode conseguir o endereço de um investigador com seus *senpai* [repórteres antigos] e ir à casa dele,

esperar algumas horas e, quando ele chegar, lisonjeá-lo e de vez em quando lhe dar corda com ingressos para um jogo dos Jaiantsu. Se repetir isso vezes sem conta fosse o bastante, qualquer repórter em seu primeiro ano na Jiji Press poderia se dar bem.

Sei que cada repórter policial tenta dar destaque à seção que está a seu cargo. Sei que vocês estão tentando descobrir qual policial deve ser conquistado, mas a questão é: o que você está fazendo para transformar esse policial numa fonte? O que está fazendo para se destacar dos outros repórteres? Reserve um momento para refletir sobre suas iniciativas.

Você está cuidando bem do policial que quer ganhar? Perguntou o dia do aniversário dele, onde nasceu, a que família pertence, o dia do aniversário da mulher dele e dos filhos, o aniversário de casamento, quando começam as aulas dos filhos, ou se eles encontraram emprego, a quais feriados ou ocasiões especiais a família dá mais importância? Será que você dá parabéns de maneira adequada nessas ocasiões, ou, melhor ainda, leva um presente?

Você dá lembrancinhas quando requisita os policiais no meio da noite? Se você levar ingressos para o jogo dos Yomiuri Jaiantsu, eles nem vão se tocar. “Ah, ele é repórter do *Yomiuri*, provavelmente consegue ingressos grátis”, é o que ele vai pensar. Vá à Daimaru na estação Tóquio, ou a um lugar desse tipo, e compre alguma comida ou bebida típica de sua cidade natal. Depois diga a seu camarada policial: “Alguém que voltou para minha terra me mandou isto”. Ou: “Trouxe isto para você de uma viagem”. Esse tipo de mentira é muito eficaz. E o momento é importante. Se você levar para ele um salgadinho de carne quente, ou um doce de feijão quentinho num dia frio, ótimo. Se o policial não vier para casa, dê-o a sua mulher, ou namorada, ou amante. Diga a ela: “Tome, isso não fica bom frio”. Isso fará pelo menos que ela abra a porta, o que já é um primeiro passo importante.

Você convida os policiais para comer ou beber com você? Faz o possível para que ele tome o carro alugado junto com você? Um dia chuvoso, ou com neve, seria a oportunidade perfeita para levá-lo de casa à estação do trem, ou vice-versa.

Você faz visitas aleatórias a policiais na parte da manhã? Leva exemplares do *Yomiuri* para aqueles que não o assinam? Mesmo que gaste apenas cem ienes [cerca de um dólar] para comprar uma lata de café ou refrigerante para o cara, você vai se destacar da manada.

Se um de seus amigos policiais estiver doente, você reserva um tempo para visitá-lo no meio da tarde? Se só o visitar de noite, estará no nível de um repórter em seu primeiro ano na Televisão Yamagata [cafundó do judas].

Quando a mulher ou os filhos dele ficam resfriados, compra algum remédio, ou suco de laranja, e leva à casa deles?

Quando você pega o turno da noite, sempre avisa seu camarada policial e lhe diz: “Ei, vou estar a noite toda na redação, se acontecer alguma coisa interessante me dê um alô”? Se for seu camarada o que está no turno da noite na chefatura, leve um sanduíche para ele e converse um pouco. Em vez de reclamar que não consegue ter acesso rápido à polícia quando surge um novo caso, faça o que puder para manter boas relações com os caras da assessoria de imprensa, assim será o primeiro a obter a matéria.

Se você ficar reclamando que “os policiais favorecem os repórteres da televisão”, nada vai mudar. Esse é o tipo de choradeira que se ouve de repórteres iniciantes do jornal de Yamagata ou de um pirralho de meio período da redação de Akita. Se você só reclamar, pode ficar dez anos na cobertura da polícia e não vai ganhar dos repórteres da tevê. Se não souber o dia do aniversário de seu policial, recorra às sucursais, a repórteres mais antigos, até mesmo a funcionários da administração distrital. As empresas prestadoras de serviços públicos também sabem o nome e o telefone dos policiais e para onde se mudaram recentemente.

Você está aproveitando a associação de pessoas oriundas de sua província (como a Associação de Naturais da Província de Saitama)? Mesmo que seja de Tóquio, entre para a associação da província em que trabalhou como repórter pela primeira vez. Use suas ligações com a polícia do tempo em que estava numa redação regional para conhecer policiais de Tóquio que frequentaram a academia de polícia ao mesmo tempo que suas fontes.

Reunir sua família e a dele para passear é um meio infalível de cultivar uma fonte. Famílias que passeiam unidas permanecem unidas. Você já levou sua mulher e filhos para uma passadinha na casa dele num sábado “porque estávamos passando por aqui”?

Você consegue que suas fontes lhe apresentem seus *kohai* [colegas de trabalho mais jovens e protegidos]? Se você conhecer um policial que vai se aposentar este ano, fique amigo dele sem reservas e faça que ele lhe apresente os camaradas que vão permanecer na ativa.

Se você acha que esse método desenvolve um estilo tendencioso de reportagem, muito voltado para o policial, está certíssimo. A polícia japonesa adora manipular a imprensa, e nós estamos loucos para nos submetermos a essa manipulação, desde que nos renda um furo.

6 O termo em inglês é "*truthiness*", criado pelo comediante Stephen Colbert para designar coisas que as pessoas afirmam saber por intuição. (N. T.)

# O assassinato da *snack-mama* de Chichibu

Namorar é impossível para um repórter. Meu primeiro relacionamento sério com uma japonesa acabou de fato com um telefonema. Não dela, mas de Yamamoto, às nove da noite. Era meu primeiro dia de folga em três semanas, e estava em meu futon com I-chan, tirando o atraso depois de muito tempo, quando o telefone tocou. Não tive escolha. Desmantei e atendi.

“Adelstein, temos algo que pode ser um crime em Chichibu, e precisamos que você vá para lá. Esteja aqui em dez minutos. O carro está a caminho.”

Comecei a me vestir, e I-chan fez beicinho.

“Sinto muito, meu bem”, disse eu. “Tenho de ir trabalhar.”

“Seu filho da puta! Você já foi, mas eu ainda não fui.”

(Se você acha que houve aqui algum engano, deixe-me explicar: no Japão, o ato de chegar ao orgasmo é referido não como “vir”, como em inglês, mas como “ir”. Isso deu motivo à piada segundo a qual os casais nipo-americanos têm muitos problemas de comunicação, já que nunca se sabe se estão indo ou vindo.)

“I-chan, odeio deixar você na mão, mas o dever me chama.”

Num inglês perfeito, ela replicou: “Trabalho, trabalho, trabalho. Deixe que esperem cinco minutos, merda!”.

Já tinha posto a camisa e estava à cata de minha braçadeira do *Yomiuri*, da câmara, de uma gravata desamassada e da caneta. “Vou te compensar por isso. Espere só pela próxima vez”, disse eu, com toda a sinceridade.

Nos últimos tempos nosso romance estava enveredando por um caminho difícil. Eu trabalhava sem parar, esquecia de ligar e em geral estava tão cansado, bêbado ou de ressaca que era tudo menos uma companhia agradável. Embora as coisas não estivessem indo bem havia um tempo, eu achava que ela se acostumaria com um namorado ausente. Minha atitude passiva-agressiva de me recusar a tomar uma decisão sobre “nosso futuro” também não ajudava.

“Olhe, eu sinto muito, de verdade. Estão à minha espera.”

“Se você sair por aquela porta, estará dando adeus a nosso relacionamento”, disse ela.

“Tenho de ir.”

Peguei minha bicicleta e cheguei à redação em tempo recorde. Yamamoto me esperava no carro. Saltei para o banco do motorista e disparamos para Chichibu.

Yamamoto me pôs por dentro. A vítima era a gerente de um *snack bar*<sup>7</sup> em Chichibu. Tinha sido encontrada no quarto, de pijama, num conjunto habitacional construído pelo governo, às 19h45 daquela noite. Uma empregada do bar procurou por ela no apartamento, já que não tinha

aparecido para trabalhar, e ligou para o 119 (versão japonesa do 190). Pelas informações preliminares, ela teria sido golpeada do lado direito da cabeça com um instrumento contundente.

Yamamoto me deixou no local do crime com instruções de encontrar uma foto da *mama-san* e alguém que tivesse coisas positivas a dizer a respeito dela. Ele ia para a delegacia de Chichibu a fim de ouvir o resumo do caso. Em geral era eu o repórter mandado ao local do crime porque o jornal relutava em me enviar para um resumo de caso. Temiam que me escapasse alguma coisa importante — medo que naquela época provavelmente tinha fundamento.

A vítima morava num conjunto habitacional deprimente — fileiras e mais fileiras de edifícios, igualmente pintados de bege, típicos do sistema público de habitação japonês. Todos tinham varandas com grades de metal equipadas com varais sempre cheios de roupas postas a secar, com sol ou chuva, de dia ou de noite. O lugar era mal iluminado e o único sinal de vida era o som dos televisores, que vazava através das paredes finas dos apartamentos.

A polícia tinha isolado todo o edifício da *mama-san*. Me fingi de gaijin bobo e passei por baixo da fita amarela. Consegui falar com duas pessoas antes que um policial se aproximasse de mim dizendo, zangado, em inglês: “Vá embora. Não poder ficar aqui”.

Tentei conversar com algumas pessoas que estavam por perto da barreira policial, olhando para o prédio. Fui até o edifício bege adjacente, toquei campainhas e fiz perguntas sobre a *mama-san* até encontrar um sujeito, supervisor de uma fábrica de concreto, que tinha sido cliente habitual do *snack bar*. Tinha até uma foto dela — a *snack-mama* era gordíssima — e se dispôs a emprestá-la.

“O senhor tem alguma ideia de quem poderia querer matá-la?”, perguntei, bem à maneira de um repórter.

“Humm, não sei. Talvez algum cliente com dívida, com uma conta muito alta. Ela era capaz de infernizar a vida de quem não pagasse a conta pontualmente. Já conheci agiotas mais flexíveis.”

Isso não era exatamente um comentário elogioso que se pudesse fazer sobre a vítima. “E o marido?”, perguntei.

“Não está por aqui. Ela morava com a filha. Diziam que as duas estavam se desentendendo. Alguma coisa relacionada ao namorado da filha.”

“Será que era um *yakuza*, ou só um tipo de brigão?”

“Pior. Ele era estrangeiro.”

“Estrangeiro de que país?”

“Não sei. Não consigo notar a diferença”, disse ele, envergonhado. “Parece um pouco com você.”

Beleza, pensei. Temos um suspeito! Liguei para Yamamoto e lhe contei as novidades. Ele me felicitou por minhas técnicas de investigação e depois me pôs a par do que tinha ficado sabendo no resumo do caso. A polícia de Chichibu anunciou que se tratava de um assassinato e montou uma unidade especial de investigação para o que chamou extraoficialmente de “o caso do assassinato da *snack-mama* de Chichibu”.

A *snack-mama* vinha administrando seu bar fazia mais ou menos quinze anos. Costumava ir para o trabalho às cinco da tarde, e naquele dia, como não apareceu, uma das acompanhantes foi até o apartamento dela. Bateu na porta, mas não teve resposta. A porta estava trancada. Preocupada, a moça pediu ao zelador que abrisse a porta com uma chave mestra.

O apartamento estava em ordem, sem sinais de luta ou roubo, mas a *snack-mama* jazia morta de bruços em seu futon, com o colchão ensopado de sangue. Afora isso, a casa estava em ordem e, ao que parecia, nada fora roubado. A autópsia preliminar indicou que ela teria sido morta entre a meia-noite e as primeiras horas da manhã. O ferimento mostrava que devia ter sido golpeada com uma barra, talvez um bastão de beisebol, com força suficiente para matá-la na hora. O crânio mostrava sinal de uma pancada que a levou a sangrar até morrer.

Tinha sido vista com vida pela última vez à uma da manhã, quando um empregado a deixou em casa depois do trabalho. Uma colega da escola secundária telefonara às dez da manhã, mas não tinha sido atendida, corroborando a estimativa da hora do óbito. A filha, de 28 anos, fora vista saindo de casa com um homem às 2h30 da manhã.

Yamamoto então me perguntou: “A perícia está lá?”.

“Como posso saber?”

“Eles usam uniformes azuis que dizem departamento de perícia com todas as letras. Estão atrás da arma. Se você conseguir uma foto deles com a arma, vamos usá-la. Estou mandando o Francesinho para ajudar você. O Sujeitinho vai procurar uma foto da vítima.”

Quando o Sujeitinho chegou, estava quase amanhecendo. Trouxe-me algumas *kairo*, umas almofadinhas de aquecimento instantâneo que quando sacudidas e expostas ao ar proporcionam uma ilusão de calor. Enchi com elas todos os bolsos que tinha e fiquei dando uma olhada por ali, esperando fisgar alguma coisa que valesse a pena.

O prédio ainda estava cercado pelo cordão de isolamento, mas pude ver os peritos vasculhando arbustos

nos limites do local do crime, que dava para um campo. Outros repórteres perscrutavam os estacionamentos do conjunto habitacional, na esperança de conversar com as pessoas que saíam para trabalhar.

Eu procurava por um novo ângulo quando notei, no meio do mato, o que parecia ser uma vala de drenagem e uma tubulação de esgoto, num talude pegado ao conjunto habitacional. Imaginei que chegasse até o campo, por baixo da fita amarela. Num impulso, decidi verificar se estava certo.

Arrastei-me pela vala e fui sair, todo sujo, bem junto do talude. Tive uma ótima visão dos investigadores que cavavam ao redor dos arbustos e do mato. Peguei minha câmera com teleobjetiva e comecei a clicar. De repente, percebi um enorme vulto se aproximando.

“O senhor deve ser Adelstein”, disse uma voz.

Levantei os olhos, nervoso. Era Kanji Yokozawa, chefe do Departamento de Perícia, veterano investigador de homicídios que inspirava muito respeito. Usava um boné de beisebol adaptado e óculos de lentes quadradas, sem armação. Vestia o avental azul-escuro dos peritos, com luvas de borracha enroladas nos punhos.

Não entendi se eu estava em apuros ou não. Tecnicamente, eu estava atrás do cordão de isolamento. “Ah, sim, devo ser eu”, disse, em tom amigável.

“Senhor Adelstein, não sei como ultrapassou aquela fita amarela que está ali.

“Bem, eu me arrastei pelo túnel de drenagem.”

“Entendo. E está conseguindo boas fotos?”

“Dão para o gasto. Eu estava esperando o momento mágico em que o senhor encontraria a arma do crime.”

“Se a encontrarmos, eu lhe direi. Posso até posar para uma foto. Mas acho que não vai ser tão fácil. Seja como for, já que o senhor está passeando pelos campos, se por acaso encontrar um objeto que pareça ser a arma do crime — um bastão, um cilindro de metal ou algum objeto contundente —, por favor não toque nele e nos avise.”

Diga-se a favor de Yokozawa que ele era sempre um cavalheiro, mesmo quando tinha motivos para não sê-lo. A maior parte dos investigadores de homicídios tem pavio curto e não gosta de repórteres. Yokozawa era a exceção. Por isso resolvi testar até onde podia ir. “Já que o senhor está aqui e eu estou aqui”, comecei, “não acha que eu poderia lhe fazer algumas perguntas?”

“Sim, pode perguntar. Pode ser que não consiga responder a todas, mas responderei às que puder.”

“Obrigado, Yokozawa-san”, disse eu. “Primeira pergunta: o juiz de instrução diz que a *snack-mama* foi morta com uma só pancada na cabeça. Golpe de mestre?”

“Boa pergunta. Na minha opinião, o assassino sabia exatamente o que estava fazendo. Alguns criminosos se atrapalham e batem, batem, batem, mesmo que o crânio tenha sido esmagado no primeiro golpe. Na tensão do momento, às vezes batem nos ombros, às vezes quebram a coluna da vítima. Mas nesse caso não. De certa forma, foi um trabalho profissional.”

“Um matador de aluguel?”

“Não, isso não. Seja quem for que a tenha matado, ele ou ela sabia despachar alguém com eficiência. Sabia matar.”

“Então o senhor está pensando no namorado da filha?”

“Não posso dizer. Mas vou lhe contar uma coisa, e quero que pense a respeito. O namorado da filha é iraniano.

Muitos dos iranianos que estão no Japão são ex-soldados; muitos lutaram na guerra Irã-Iraque. Eles sabem matar — com facas, com armas de fogo, com as mãos, com objetos contundentes. Na verdade, embora você não possa citar meu nome em relação a esse assunto, muitos policiais têm mais medo dos iranianos do que dos *yakuzas*.”

“Quem o senhor acha que trancou a porta?”

“Bom, deve ter sido alguém que tinha uma chave. É possível que alguém tenha entrado no apartamento, assassinado a *snack-mama*, roubado sua chave e depois fechado a porta para retardar a descoberta do corpo. Isso é possível, mas pouco provável. Em primeiro lugar porque é discutível que a *snack-mama* tenha deixado a porta destrancada, ou recebido alguém de pijama. Assim, a pessoa que trancou a porta depois de matá-la provavelmente já tinha uma chave.”

Com isso, Yokozawa fez um sinal de cabeça e voltou para o prédio. Ao partir, disse que achava que o caso seria resolvido em bem pouco tempo.

Fiquei por lá mais uma hora. Fiz uma foto desfocada de um sujeito do setor de investigações criminais no estacionamento, segurando um saco plástico com o que parecia um moletom manchado de sangue. Não vi nada mais de interessante. De volta à redação, comparamos nossas anotações. Segundo Yamamoto, os policiais estavam quase convictos de que o namorado da filha era o assassino da *snack-mama*. O que não sabiam era se a filha tinha participado do crime. Ela estava em estado de choque, o interrogatório não ia bem e o namorado iraniano não fora encontrado.

No fim da década de 1980, quando a economia japonesa estava no auge e a construção civil explodia, um

acordo entre o Japão e o Irã deu aos iranianos a possibilidade de trabalhar no Japão sem precisar de visto. No fundo, isso fazia parte de uma política extraoficial do governo japonês para atrair a mão de obra barata necessária, e muitos iranianos tinham ido e ficado (e ficado mais ainda do que deviam).

Na época, os jovens japoneses estavam acima do que se conhecia como os trabalhos dos 3K: *kitanai* (sujo), *kitsui* (difícil) e *kurushii* (penoso). Em 1993, quando estourou a bolha japonesa, o acordo foi cancelado, mas Chichibu continuou sendo um lugar cheio de indústrias pesadas e fábricas que proporcionavam trabalho aos iranianos. Agora, com esse crime, a reação da polícia de Saitama foi deter todos os iranianos de Chichibu que conseguissem encontrar. Isso ia levar tempo.

Fiquei em Chichibu os três dias que me foram determinados, seguindo pistas, conversando com iranianos e trabalhadores de fábricas, gastando a diária paga pelo *Yomiuri* em drinques com o Sujeitinho em bares de acompanhantes de quinta categoria e comparecendo a entrevistas coletivas, que tinham cada vez menos informação a divulgar. E ainda me vi escalado para a cobertura do enterro.

As matérias sobre enterros, com pequenas variações, seguem o seguinte modelo: os enterros se realizam “em silêncio e solenemente”. Sempre se podem ouvir “soluços abafados” da multidão. Mesmo que os parentes do morto tenham passado momentos agradáveis no velório da noite

anterior, rindo e lembrando os bons tempos do defunto, alegremente bêbados, isso nunca sai no jornal.

Mas com esse enterro eu estava apavorado, e tinha um motivo justo. Naquele momento, a cidade inteira sabia que o principal suspeito era o namorado iraniano da filha. Sou judeu e tenho uma fisionomia tipicamente judaica — cabelo escuro, pele morena, nariz grande. Podia passar por iraniano. Tive visões nas quais era confundido com o suspeito e linchado diante da pira fúnebre.

Reclamei com Yamamoto, sem resultado.

O cortejo era grande. A filha da vítima estava lá (pediram-nos que conseguíssemos fotos dela, já que ainda estava sob suspeita), com parentes e clientes. Ao todo, umas noventa pessoas, todas vestidas de luto.

Findas as honras fúnebres, depois que todos tinham colocado incenso no braseiro e se curvado diante da foto da vítima, seu irmão mais novo tomou a palavra em nome dos parentes. “Era uma irmã maravilhosa. Sempre cuidava das pessoas com dedicação e atenção. Quando penso no que aconteceu com ela, só consigo sentir raiva. E o que devo fazer com essa raiva? Sobre quem posso descarregar?”

Ele fez uma pausa, e tive a certeza infernal de que olhava para mim. Na verdade, com exceção da filha, parecia que todos os noventa enlutados estavam me fitando. Nervoso, coloquei minha braçadeira do *Yomiuri*, na esperança de desviar em parte a fúria dirigida a mim. Foi então que a voz de um menininho quebrou o silêncio: “Tenho de ir ao banheiro! Não posso esperar! Vou fazer xixi no chão se não for agora mesmo!”. Risinhos nervosos

encheram a sala, e, aos poucos, todos os olhares se desviaram de mim.

Depois de tudo isso, eu só queria ir para casa e desabar, mas três dias de informações esportivas, notas pagas sobre eventos e anúncios de nascimento tinham de ser redigidos. Fiquei na redação até de manhã para ter certeza de que tínhamos registrado os dados direito. Arrumei uma dor de cabeça por passar duas horas decifrando a ilegível caligrafia japonesa de mães que mandavam as fotos dos pimpolhos para publicação. O Sujeitinho e eu nos divertíamos escrevendo legendas de sacanagem, como “Não estou babando porque sou um bebê, e sim porque minha mãe tem tetas grandes!” ou “Se você acha que tenho a cara peluda, devia ver só minha língua!”. Mas em algum momento tínhamos de concluir o trabalho.

Pedalei até minha casa às duas da manhã. O apartamento estava vazio. No futon, havia um bilhete de I-chan: “Acabou”.

Ela tinha ido embora. Esticou o futon, lavou os pratos da pia, chegou a lavar a banheira e pôr o lixo para fora. Foi o rompimento mais civilizado que já tive. Deitei no futon de roupa e tudo e pensei em ligar para ela. Ainda estava pensando nisso quando adormeci. E foi isso.

Yamamoto se convenceu de que eu precisava fazer incursões noturnas à casa de Yokozawa, que parecia gostar de mim. Já tinha me dado informações anteriormente, e Yamamoto esperava que ele fizesse isso de novo — ou seja,

que revelasse alguma coisa, qualquer coisa, que nos pusesse à frente da concorrência naquele assunto.

Quando bati na porta do apartamento de Yokozawa, a mulher dele atendeu. Ainda era o começo da noite, mas ele estava em casa, de roupão, descansando no sofá. Contou-me que a maior parte dos repórteres batia a sua porta depois das dez da noite e me pediu para não falar a ninguém que ele podia chegar mais cedo. Ri e concordei.

Conversamos sobre o tempo, sobre minha vida no Japão e por fim chegamos ao caso Chichibu. Ele deixou implícito que uma arma tinha sido encontrada, mas não podia esclarecer nada. Registrei mentalmente a informação: um repórter nunca deve tomar notas nas visitas noturnas a policiais. Isso destruiria a ilusão de que se trata apenas de dois profissionais batendo papo, que na verdade você não está lá apenas para conseguir informação. As regras não são rígidas, mas de modo geral aquilo que você extrai de um policial enquanto tomam umas e outras não é algo que possa atribuir a ele, com nome e tudo. Se houver material suficiente para um artigo, trata-se sempre de “fontes ligadas à investigação” ou “a polícia de Saitama.”

Beber é importante para a polícia também, porque dá aos policiais a possibilidade de se contradizer. O policial pode afirmar “Não, eu nunca disse nada àquele repórter. Bem, estávamos bêbados e posso ter deixado escapar alguma coisa. Não me lembro”.

Yokozawa e eu discutimos os detalhes do caso durante uma meia hora, depois da qual fui à cabine telefônica mais próxima e liguei para Yamamoto. Repeti a conversa o melhor que pude, palavra por palavra. Ele disse que eu tinha feito um bom trabalho e que passaria a informação. Eu não fazia ideia de que alguma coisa que eu dissera era

importante, mas suponho que Yamamoto tenha compreendido as entrelinhas, o quadro geral. Tive vergonha de perguntar (sim, vergonha) o que era, exatamente, que ele tinha achado útil.

Na manhã seguinte, na sala de imprensa, Yamamoto e Ono, que tinham chegado cedo, se apressaram para preparar um artigo para a edição vespertina. Tínhamos o furo, e a manchete dizia: “Crime da *snack-mama*: a polícia de Saitama prende o namorado iraniano da primogênita<sup>8</sup> da vítima”.

A matéria destacava que a polícia estava prestes a prender um iraniano acusado de infringir as leis de imigração. Os peritos tinham determinado a identidade do culpado por meio de um moletom manchado de sangue, uma calça com a chave do apartamento no bolso e uma ferramenta de metal suja de sangue encontrada perto do local do crime. A polícia tinha solicitado uma ordem de prisão e esperava executá-la em um dia.

Era um furo evidente. Não a espécie de furo própria do jornalismo investigativo, mas do muito apreciado tipo “demos isso antes que a polícia anunciasse”. Efetivamente, a polícia prendeu o namorado durante o dia, e o *Asahi*, nosso inimigo natural no mundo jornalístico, foi obrigado a se contentar com a suíte.

Naquela noite falei com Yokozawa, que me cumprimentou pelo furo. Fui modesto, como convinha, mas a verdade é que eu ainda não sabia o que tinha feito. Segundo o perito-chefe, o namorado matara a *snack-mama* porque ela não queria que a filha se casasse com ele. Ele se negou a assumir a culpa, e queixou-se de que “isso é uma arapuca da polícia — armaram para cima de mim”.

Mas no que me dizia respeito, o caso estava encerrado. Não voltei a pensar nele até quase um ano depois.

Estava comendo yakisoba na estação de Omiya quando Takahashi, o foca, me ligou. Era um chamado histérico, como os que eu fazia quando era novato e estava atolado em notícias que pipocavam sem parar e três pessoas gritavam ordens diferentes ao mesmo tempo. Finalmente consegui lhe pedir que lesse para mim o comunicado.

Em essência, o boletim dizia: foi encontrado o corpo de uma jovem japonesa no parque Maruyama, em Ageo. Ela fora estrangulada com uma echarpe. De que cor? Essa informação ainda não tinha sido dada. Pude ouvir Yamamoto gritando ao fundo para que eu fosse ao local do crime. Disparei para o parque Maruyama.

Normalmente, os parques das áreas urbanas de Tóquio e Saitama são gigantescos estacionamentos com parquinhos de balanços e gangorras aqui e ali, e alguma vegetação lutando para sobreviver. Mas o Maruyama era um parque de verdade, com vastos gramados e arvoredos. A vítima fora encontrada nos arbustos que ficavam atrás de um gazebo, no centro do parque.

A polícia tentou isolar o parque inteiro, mas foi impedida por mães irritadas por não terem aonde levar os filhos para brincar. Assim, a área cercada pelo cordão de isolamento ficou restrita à que circundava a cena do crime. Quando cheguei lá, ao lado da fita amarela havia uma multidão de donas de casa curiosas, trabalhadores do parque, desempregados, estudantes sem nada melhor para fazer e idosos que tinham saído para uma caminhada. É claro que

já havia repórteres rondando o parque, procurando alguma coisa que desse mais coerência à notícia.

Já que chegar à cena do crime estava fora de cogitação, decidi fazer o mesmo que meus colegas jornalistas e entrevistar os frequentadores do parque. Alguma atividade suspeita? Haveria gangues locais perambulando pelo parque? Seria um local a que a garotada vinha para dar uns amassos? O parque era seguro?

Um idoso desdentado de camisa de golfe, jeans e sandálias disse ter visto uma porção de iranianos vagando pelo parque ultimamente. Achava que deviam estar sem trabalho e matavam o tempo ali, ou trocavam informações sobre como encontrar trabalho. Quando apareceu a primeira viatura policial naquela tarde, eles desapareceram. Foi a melhor informação que consegui depois de uma hora de trabalho.

Liguei para Nakajima e contei a ele o que ouvira.

“Merda! Tente encontrar alguém que tenha visto alguma coisa. Yamamoto vai para a entrevista coletiva. Você será mantido informado.”

Circulei pelo parque conversando com as pessoas, mas não consegui nada melhor. Policiais faziam a mesma coisa, mas o habitual exército de peritos de uniformes azuis não estava presente. A polícia tinha tanta certeza de que a arma do crime fora a echarpe que nem revistou o parque em busca de outra.

Quando voltei à redação, Yamamoto quis que eu fosse com ele à entrevista coletiva na delegacia. Eu fazia as anotações que seriam repassadas aos encarregados de montar a matéria para a edição seguinte. (Eles tinham começado a confiar em minha capacidade de entender japonês — ou talvez estivessem com falta de pessoal. Meu

conhecimento de japonês chegava ao nível de um aluno do primeiro ciclo do ensino médio.)

Saeki, o chefe de Homicídios de Saitama, comandava a entrevista. Tinha a pele marcada, usava óculos de lentes grossas e, mesmo estando pelo menos dez quilos acima do peso, conseguia encontrar ternos folgados. Estava ficando calvo, por isso passava o cabelo comprido das laterais por cima da careca, obtendo o penteado conhecido no Japão pelo nome de “código de barras”. Saeki tinha fama de ótimo policial. Eu o irritava profundamente, por razões que nunca cheguei a entender, de modo que fiquei feliz com a presença de Yamamoto para formular as perguntas.

A entrevista começou com uma biografia da vítima, de 23 anos, seguida de uma avalanche de perguntas precisas mas não necessariamente importantes que os repórteres eram obrigados a fazer. Onde o corpo foi encontrado? Para que lado estavam voltados os pés? O corpo estava de costas? A cabeça apontava para que lado? (Esta última pergunta é realmente importante. Os japoneses costumam dispor os corpos com a cabeça voltada para o norte, por isso, se o corpo estivesse nessa posição, o criminoso japonês poderia estar sentindo remorso.)

Saeki pediu a todos que se calassem e ouvissem.

O corpo tinha sido encontrado do lado norte do Pavilhão de Verão, nos arbustos. A cabeça estava voltada para o pavilhão e o corpo jazia em paralelo com os arbustos. Estava de costas, com as mãos estendidas. A moça vestia um macacão azul-escuro e blusa listrada, sapatos e meias. (Outro sinal significativo: se ela estivesse sem sapatos e meias — e se estes estivessem na cena do crime —, abria-se a possibilidade de um duplo suicídio em que o parceiro tivesse se acovardado. O motivo: os japoneses costumam

tirar os sapatos antes de se matar. Da mesma forma que é uma falta gravíssima entrar de sapatos numa casa japonesa, considera-se falta de educação, ainda que inconscientemente, entrar na eternidade sem esse decoro.)

A blusa estava levemente levantada e era possível ver a roupa íntima. Ela usava as mesmas roupas do dia anterior. E tinha sido estrangulada com uma echarpe rosa. Em seus bolsos estavam a chave de um carro e um lenço. O carro foi localizado nas proximidades; no assento do motorista havia uma bolsa com fecho de cordão que continha 6 mil ienes (cerca de sessenta dólares) em dinheiro, o que poderia descartar a hipótese de roubo, e a identidade da vítima. Seu sobrenome era Nakagawa.

E isso era tudo.

Yamamoto me mandou de volta ao parque para procurar uma testemunha ocular junto com a polícia. Outros repórteres foram mandados à casa da vítima.

Algumas horas depois, nos encontramos e revimos nossas anotações: a polícia de Saitama tinha encontrado o caderno de endereços da vítima, e entre os quarenta nomes relacionados havia o de vários estrangeiros. A polícia estava interrogando cada um deles. A echarpe rosa, supostamente a arma do crime, não pertencia à vítima; seus parentes nunca a tinham visto. Mas o mais importante (outra vez): a vítima tinha um namorado estrangeiro. No dia em que foi assassinada, tinha saído para encontrar-se com ele. Chamava-se Abdul, mas era conhecido por “Andy”. Ao que parece era um iraniano que se fazia passar por francês. Segundo uma amiga da vítima, eles tinham se conhecido numa academia em Ageo.

Ao saber disso, Nakajima e Takahashi correram para Ageo, esperando saber de alguma coisa na academia, mas

foram despachados pelos empregados, que tinham recebido instruções da polícia para não falar com a imprensa.

Aí entra a grande ideia do gaijin: eu tentaria a sorte na academia fingindo ser amigo do namorado iraniano. Como era de esperar, Yamamoto opinou que era uma tática inteligente, mas Nakajima achava que era imbecil. No fim, todos concordaram: que fosse. Vesti jeans e uma camisa polo. Não tinha me barbeado de manhã, e a barba já despontava meio crescida. Eu tinha certeza de que ia conseguir.

Quando cheguei à porta, fui até a recepção e, falando japonês com meu recém-adquirido sotaque iraniano, disse que Andy era meu amigo e conterrâneo e perguntei o preço da mensalidade da academia (não era barata). Os funcionários pareciam cautelosos, mas aos poucos relaxaram diante de meu desembaraço. Comentaram que Andy e Nakagawa tinham formado um belo casal. Essa foi minha chance de dizer, como quem não quer nada, que, como a academia era cara, eu precisava pegar algum dinheiro emprestado com Andy. Eu sabia onde ele trabalhava, mas por acaso eles saberiam onde morava?

Eles foram muito gentis. Com o endereço em mãos, saí da academia me sentindo o próprio Jim Phelps em *Missão impossível*.

Jumbo e eu fomos imediatamente para a casa de Andy, um sobrado de madeira detonado, com uma máquina de lavar roupa no saguão para uso comunitário. Pelo emburrado senhorio ficamos sabendo que a polícia tinha revistado o local horas depois de ter encontrado o corpo, e levava uma dúzia de supostos estrangeiros com vistos vencidos. Essa pequena conversa foi interrompida por dois

policiais que por acaso chegaram ao prédio e nos puseram para fora.

Enquanto isso, o caos tomava conta da delegacia. O pessoal da academia telefonou para lá minutos depois de minha saída, e um retratista fora enviado para fazer o retrato falado do “suspeito amigo de Andy”. Vários investigadores foram encarregados de encontrar esse amigo, um cúmplice potencial, e começaram a andar pelas ruas em busca de pistas, mostrando o retrato falado às pessoas do parque. Outros dois investigadores foram enviados para vigiar a academia, para o caso de o suspeito voltar.

Na manhã seguinte fiquei sabendo o que tinha acontecido. Por volta da meia-noite, o chefe da perícia, Yokozawa, estava examinando o retrato falado quando a luz se fez. “Seus idiotas!”, gritou para seus investigadores. “Este cara não é iraniano! É o repórter gaijin do *Yomiuri* se fazendo passar por iraniano!”

O cavalheiresco Yokozawa estava furibundo, e os investigadores se preparavam para me trancafiar. Yamamoto recebeu um telefonema raivoso e pediu mil desculpas, fazendo reverências invisíveis. Teve a elegância de não me esculhambar, apenas sugeriu, educadamente, que eu pedisse perdão de joelhos a Saeki e Yokozawa. Eu tinha feito o departamento de polícia perder um dia inteiro de trabalho, enviando diversos investigadores a uma missão infrutífera.

No dia seguinte, antes do resumo do caso para a imprensa, fui até Saeki e, sentindo-me um pouco nauseado, apresentei desculpas repetidas. Saeki não estava achando a menor graça. Por um momento, achei que ele fosse me bater. Fitou-me durante dois segundos e depois disse

pausadamente: “Sabe, Adelstein, estou tentado a mandá-lo para a cadeia por interferência numa investigação. Mas, como você é um jovem bárbaro imaturo e perdido, vou deixar passar desta vez. Não faça isso de novo”.

“Prometo que não”, disse eu, e sem nenhuma vergonha de aproveitar a ocasião, continuei: “Por falar nisso, parece que seus rapazes pegaram todos os iranianos da cidade, inclusive o namorado dela, não é?”.

Saeki ficou estupefato com meu atrevimento. Tirou os óculos, limpou as lentes com um lenço de papel e começou: “Bom, vejo que você teve algum êxito com seu iraniano de imitação. Eu não diria que está certo ou errado, mas não está muito longe”. Sorriu e pôs os óculos. “Caia fora. Seja um bom menino e fique longe do nosso caminho.” Voltou para a sala de entrevistas, que ficava nos andares de cima.

Encontrei Yokozawa comprando uma lata de suco de maçã na máquina do primeiro andar e apresentei minhas desculpas, inclinando-me tanto que minha testa arranhou o piso. Ele me deu uns tapinhas na cabeça enquanto eu me endireitava e disse: “Desculpas aceitas. Mas não faça essa gracinha de novo. De qualquer forma, não vou permitir que você esqueça”. Até hoje, mais de dez anos depois, não há uma só vez em que me aproxime sem que ele faça alguma referência a minha ascendência iraniana.

Continuei trabalhando no caso, mas no final nos passaram a perna. Certa manhã, o *Mainichi* e o *Sankei* nos furaram com matérias em que sugeriam que Abdul, o namorado iraniano, era o assassino e já estava sob custódia. Foi um dia ruim para quem estava na cobertura policial. Como tínhamos preferido uma abordagem cautelosa, a concorrência deitou e rolou, atropelando-nos.

Nunca vou saber se a relutância da polícia em nos informar sobre os fatos se deveu em parte ao teatrinho que fiz na academia de ginástica. Talvez seja melhor não saber.

7 Um *snack bar* é uma espécie de bar de acompanhantes de baixa categoria. Em geral oferece uma máquina de caraoquê, garçonetes que servem bebidas e alguns pratos leves. A gerente quase sempre é uma ex-acompanhante um tanto envelhecida, mas essa não é uma regra rígida.

8 A ordem de nascimento é da maior importância no Japão. Fui repreendido várias vezes por não averiguar se uma pessoa citada numa matéria era o filho mais velho, o segundo ou o caçula. Mesmo que haja um único filho, ele deve ser citado como primogênito. O filho mais velho de uma família é merecedor de deferência, respeito e autoridade, e muitas vezes é chamado assim mesmo, de filha mais velha (*one-san*) ou filho mais velho (*oni-san*). Tentei explicar isso a minhas irmãs mais novas no Missouri; elas responderam: “Aqui neste país você pode ser o filho mais velho, mas mesmo assim é um maluco”.

# Enterrem-me numa cova qualquer: *a visita dos yakuza*

A história dos *yakuza* é obscura. Há dois tipos principais de *yakuza*: os *tekiya*, que são essencialmente camelôs e pequenos vigaristas, e os *bakuto*, que começaram com o jogo e atualmente praticam agiotagem, cobrança de taxas de proteção, cafetinagem e especulação financeira. Quase metade dos *yakuza* são nipo-coreanos, muitos deles filhos de coreanos levados ao Japão para executar trabalhos forçados na época do Japão colonial. Outra grande facção é integrada pelos *dowa*, a antiga casta dos intocáveis, que esquartejavam animais, produziam objetos de couro e executavam outros serviços “impuros”. Embora o sistema de castas já não exista, a discriminação contra os *dowa* permanece.

Existem no Japão 22 grupos de *yakuza* oficialmente reconhecidos. Os três maiores são o Sumiyoshi-kai, com 12 mil membros; o Inagawa-kai, com 10 mil; e, acima de todos, o Yamaguchi-gumi. Este congrega mais de 40 mil membros, em mais de cem subgrupos. Cada grupo é obrigado a pagar taxas mensais que são canalizadas para o topo da organização. Basicamente, a cada mês, os quartéis-generais do Yamaguchi-gumi recolhem (numa estimativa conservadora) mais de 50 milhões de dólares em títulos privados. O Yamaguchi-gumi nasceu como um sindicato

informal de trabalhadores da estiva em Kobe. Começou a se ramificar para a indústria no caos que se seguiu à Segunda Guerra Mundial. A Agência Nacional de Polícia do Japão calcula que existam nos sindicatos do crime do país 86 mil gângsteres, incluindo os do Yamaguchi-gumi, que constituem um contingente várias vezes superior ao da máfia americana em seu auge de violência.

Os *yakuzas* estão organizados como uma família. Os novatos juram lealdade à figura paterna conhecida como *oyabun*. Os laços são consolidados com o ritual do saquê, criando irmandades, e os que exercem atividades empresariais podem se tornar *kigyoshatei*, ou irmãos corporativos. Normalmente as organizações obedecem a uma estrutura piramidal.

Os *yakuzas* de hoje em dia são empreendedores criativos. Estão muito além de uma quadrilha de bandidos tatuados de nove dedos, vestidos de branco e brandindo espadas de samurai. Uma metáfora mais apropriada para eles seria “Goldman Sachs com armas”. Um comunicado de 2007 da Agência Nacional de Polícia avisava que os *yakuzas* tinham passado a atuar no mercado de títulos e contaminado centenas de empresas japonesas listadas em bolsa, um “mal que vai abalar os fundamentos da economia”. Segundo “Um panorama da polícia japonesa”, documento em inglês distribuído pela Agência Nacional de Polícia às polícias de outros países em agosto de 2008, os grupos “*Boryokudan (yakuzas)* representam uma enorme ameaça aos negócios civis e às transações entre empresas. Também estão cometendo diversos crimes com o propósito de levantar dinheiro, invadindo a comunidade empresarial legítima e simulando comprometimento com negócios legais. Fazem isso por meio de empresas em cuja

administração estão envolvidos, ou em colaboração com outras empresas”.

Há muito tempo os *yakuzas* vêm desfrutando de uma posição ambígua na sociedade japonesa. Como seus primos italianos, eles mantêm profundos e obscuros laços com o partido governante, caso, no Japão, do Partido Liberal Democrático (pld). Robert Whiting, autor de *Tokyo underworld* (O submundo de Tóquio), e outros especialistas dizem que o pld na verdade foi fundado com dinheiro dos *yakuzas*. É um “segredo” tão escancarado que se podem comprar gibis na loja de conveniência 7-Eleven que contam como isso aconteceu. O avô do primeiro-ministro Koizumi Junichiro era membro da organização criminosa Inagawa-kai e todo tatuado. Integrou o gabinete e era conhecido entre seus constituintes como Irezumidaijin — “o ministro tatuado”. No passado, a reputação dos *yakuzas*, que, segundo se dizia, restringiam as disputas a si mesmos e não incomodavam a família de bandidos de outros grupos, ou “não combatentes”, os protegia da ira popular e da atenção da polícia. Eram considerados um “mal necessário” e uma “segunda força policial”, que mantinha as ruas do Japão livres de assaltantes e ladrões comuns. Ainda assim eles eram considerados fora da lei.

Esperava-se que essa ambiguidade tivesse fim em 1992, quando o governo implantou a mais rígida legislação contra o crime organizado em uma geração, como punição pelos excessos dos *yakuzas* durante o boom da década de 1980, período em que eles se transferiram em massa para o ramo imobiliário e para outros negócios legais. Mas o Estado ainda não tinha posto na ilegalidade a filiação a uma organização criminosa, nem dera à polícia os instrumentos de combate ao crime considerados indispensáveis em

outros países: grampo telefônico, proteção a testemunhas e acordos entre promotoria e réus para admissão da culpa e redução da pena.

É pouco provável que instrumentos tão radicais para desarticular os *yakuzas* sejam forças policiais do Japão num futuro próximo. De muitas formas, os *yakuzas* estão mais fortes do que nunca, apesar dos quase dezessete anos de vigência das leis promulgadas contra eles.

O Yamaguchi-gumi ocupa um grupo de prédios de sua propriedade, cercado por muros altos, numa das áreas mais nobres de Kobe. Também possui terras, sendo impossível expulsá-lo. É claro que isso acontece porque os grupos dos *yakuzas* são reconhecidos como entidades legais. Têm os mesmos direitos que qualquer pessoa jurídica, e seus membros têm os mesmos direitos do cidadão comum. São organizações civis — como o Rotary Club. Mesmo nos casos em que não são proprietários do terreno onde instalaram seus escritórios e sim locatários, é quase impossível tirá-los de lá. A Associação de Advogados de Nagoia aconselha a empresários e donos de imóveis que incluam em seus contratos uma “cláusula de exclusão do crime organizado”, de modo a facilitar a dissolução de compromissos assumidos com inquilinos *yakuzas* quando chegar o momento. Nagoia é a terra da principal facção do Yamaguchi-gumi, o Kodo-kai, que tem aproximadamente 4 mil membros.

Os problemas com o crime organizado em Nagoia são tão graves que em 2001 a associação de advogados lançou um manual de conduta intitulado *Empresas de fachada do crime organizado: Como são e como tratá-las*. Há advogados especializados no trato com os *yakuzas*. Em 2006, a Polícia Metropolitana de Tóquio elaborou uma lista

de mais ou menos mil empresas de fachada dos *yakuzas* instaladas na Grande Tóquio;<sup>9</sup> cerca de um quinto delas era do ramo imobiliário. A lista mais recente mostra incursões posteriores em títulos, auditoria, consultoria e outras áreas geralmente ligadas ao mundo das finanças.

Em 1998, um estudo sobre as empresas de fachada das três maiores organizações criminosas do Japão feito pela Agência Nacional de Polícia relacionou a construção civil, o setor imobiliário, o setor financeiro, bares e restaurantes e consultoria administrativa como os cinco principais tipos de empresas de fachada dos *yakuzas*.

Alguns policiais de Tóquio usam a palavra “corretor” como sinônimo de *yakuza*, tão fortes são as relações entre o crime organizado e o mercado imobiliário. Em março de 2008, revelou-se que a empresa Suruga (que figurava na lista da segunda seção da Bolsa de Valores de Tóquio) tinha pagado mais de 14 bilhões de ienes (146 milhões de dólares) a membros do Yamaguchi-gumi e do Goto-gumi, ao longo de muitos anos, para que os *yakuzas* retirassem os ocupantes de propriedades que a empresa queria comprar. O escândalo que se seguiu resultou na exclusão da empresa da bolsa e mais uma vez deixou claras as estreitas relações entre os *yakuzas* e o setor imobiliário.

Também é significativo o fato de existir no conselho diretor da Suruga um antigo promotor de justiça e um antigo funcionário do Birô de Controle do Crime Organizado, da Agência Nacional de Polícia. Isso leva a crer que os encarregados de reprimir os *yakuzas* são facilmente ludibriados por eles ou talvez trabalhem por opção em conluio com eles. Existem com certeza casos e mais casos que indicam que as autoridades não conseguem conter os *yakuzas*, e/ou têm medo até mesmo de tentar.

Tudo isso mostra que os *yakuzas* estão bem cientes de que a lei protege seus direitos de viver e operar onde bem quiserem e que de lá não serão tirados com facilidade.

Os principais chefes do crime são celebridades. Os chefes do Sumiyoshi-kai e do Inagawa-kai dão entrevistas para publicações e para a televisão. Políticos são vistos jantando com eles. Os *yakuzas* têm suas próprias agências de talentos, que o público em geral sabe que são empresas de fachada — como a Burning Productions —, mas isso não impede os principais meios de comunicação do Japão de trabalhar com elas. Há revistas de celebridades, gibis e filmes que exaltam os *yakuzas*, homens que penetraram na sociedade e operam à luz do dia de uma maneira impensável para observadores americanos e europeus.

Como os *yakuzas* continuam a se expandir e a se envolver em atividades criminosas cada vez mais sofisticadas, a polícia tem passado maus bocados com eles. Os chamados policiais *marubo* (investigadores da repressão ao crime organizado) são usados para casos simples de extorsão ou intimidação, não para a especulação em massa com ações ou complexos esquemas fraudulentos.

O Yamaguchi-gumi deixou ostensivamente de colaborar com as autoridades desde que Shinobu Tsukasa assumiu o comando da organização, em 2005. Em geral, a polícia conseguia lançar umas organizações contra outras para obter informação — o Yamaguchi-gumi delatava o Sumiyoshi-kai, que delatava o Yamaguchi-gumi, e assim por diante. Mas, agora que cada vez mais o Yamaguchi-gumi se firma como o único a agir na cidade, desapareceram os motivos que tinha para colaborar. Na verdade, a polícia de Aichi, quando revistou um escritório do Kodo-kai em 2007, ficou horrorizada ao descobrir que havia retratos, fotos de

família e endereços dos investigadores encarregados do crime organizado colados nas paredes dos quartéis-generais dos *yakuzas*. Os nomes de todos os investigadores do crime organizado pertencentes a outra grande organização policial do Japão vazaram para a internet em 2008. Os *yakuzas*, principalmente os do Yamaguchi-gumi, não só não têm medo algum da polícia como, no fundo, dizem: “Sabemos quem são vocês, sabemos onde moram, portanto tenham cuidado”.

Um investigador do Departamento de Polícia da Província de Osaka concorda.

Desde que as leis contra o crime organizado entraram em vigor, em 1992, o número de *yakuzas* mudou muito pouco — flutua ao redor de 80 mil nos últimos dezesseis anos. Eles têm mais dinheiro e mais poder do que nunca, e a consolidação do Yamaguchi-gumi o transformou numa enorme força difícil de ser avaliada. De muitas formas, o Yamaguchi-gumi é o pld do crime organizado, funcionando segundo o princípio de que “o poder está nos números”. Tem capital, recursos humanos, uma rede de informações que rivaliza com a da polícia, e está se expandindo para todos os ramos em que há dinheiro a ganhar.

Nos velhos tempos, os *yakuzas* deixavam em paz a população em geral. Mas isso foi há muito tempo. Agora ninguém está a salvo, nem mesmo os jornalistas — ou seus filhos.

Como muitos repórteres, cobri os *yakuzas* durante um bom tempo sem nunca ter tratado diretamente com eles.

Isso mudou da água para o vinho quando recebi uma ligação de Naoya Kaneko, também conhecido como Gato, o número dois do Sumiyoshi-kai em toda Saitama, que deixou

um recado com O Rosto. Queria falar comigo. Isso deixou O Rosto nervoso, e quando me transmitiu o recado perguntou, nervoso: “Você não está metido em encrencas, está? Por que o Sumiyoshi-kai quer falar com você?”.

Respondi que achava que não estava encrencado e não tinha ideia da razão de ele querer falar comigo. Lembrei-me de perguntar a Yamamoto como devia me conduzir, mas pensei melhor: provavelmente ele me diria que ignorasse o telefonema, ou mandaria um repórter veterano me acompanhar. Sendo assim, disse ao Rosto que ia me virar.

Nessa fase de minha vida eu não saía do Maid Station, em tese para ensinar inglês a algumas das funcionárias. O Maid Station era classificado como entretenimento para adultos do tipo “saudável”. As garotas se vestiam como criadas, chamavam os clientes de “patrão” e lhes davam banho, os massageavam e chupavam. Cinco das garotas estavam planejando uma viagem à Austrália, e o solícito gerente, que eu conhecera quando ele era chofer de táxi em Saitama, providenciou aulas particulares de inglês para elas. Eu era o professor.

A boate estava situada em Minami Ginza, no coração do território do Sumiyoshi-kai, e fiquei cismando sobre as razões que Kaneko poderia ter para me chamar. Será que eu estava invadindo a praia dele? Será que ele ia me chantagear? Mas por quê? Eu era solteiro, e na Saitama dos anos 90 receber uma “massagem sexual” era algo tão tipicamente japonês quanto o sushi.

Eu de fato não sabia o que fazer, mas minha fonte policial garantiu que Kaneko não era perigoso e que poderia ser bom para mim, como repórter, conhecê-lo. Liguei para o escritório dele de um telefone público. O sujeito que atendeu era grosseiro e mal-humorado. Identifiquei-me, e

seguiu-se uma longa pausa enquanto ele devia estar pensando em como se dirigir a mim. Precisei repetir meu nome várias vezes. Depois ele falou com Kaneko. Disse algo do tipo: “Ei, é aquele porra do gaijin no telefone, diz que é repórter. Você conhece esse imbecil?”.

Kaneko rosnou para ele: “Cubra o bocal do telefone, e trate o homem com respeito. Estava esperando essa ligação”.

Eu esperava que Kaneko fosse um brutamontes ríspido, ameaçador e desarticulado, mas quando pegou o telefone ouvi uma voz surpreendentemente suave. Ele falava como Ernst Blofeld em *007: Os diamantes são eternos*. Tinha uma voz que os japoneses chamam de “voz de gato acariciado”, como se ronronasse. “Então você é o Jake”, disse.

“Desculpe-me por ligar para o trabalho, eu não tinha outra maneira de encontrá-lo. E por favor, não dê importância a meus assistentes. São grosseiros, indelicados e mal-educados. Por favor não se ofenda.”

“Humm, não me ofendi. Em que posso servi-lo?”

“Estou com um problema pouco comum. É um assunto bem delicado e espero que possa me ajudar a resolvê-lo.”

“Bom, eu realmente não tenho o hábito de resolver problemas para os *yakuzas*.”

“Claro que não. Entendo que o estou deixando numa situação constrangedora. Mesmo assim, gostaria muito de conversar com você sobre esse assunto pessoal. Posso fazer com que valha a pena...”

“Teria prazer em falar com o senhor. Só não posso aceitar nada em troca.”

“Tudo bem. Quando você vai estar livre?”

“O que acha de amanhã, depois do almoço?”

“Está bem. Obrigado. Pode encontrar-me em... Se você se perder, é só perguntar. Todos sabem onde estou.”

Como não tenho nenhuma noção de direção, me perdi e precisei perguntar ao aliciador de clientes de um “salão rosado”<sup>10</sup> qual era o caminho para o escritório de Kaneko. Gentilmente, ele desenhou um mapa. Depois disse que eu estava convidado a entrar e experimentar os prazeres do salão. Não se admitiam estrangeiros, em geral, mas um amigo de Kaneko era amigo do estabelecimento. Além disso, acrescentou, com um toque de ironia, à tarde o movimento era fraco.

Recusei. Tinha um trabalho a fazer.

Situado depois de uma sequência de boates de sexo, um restaurante vietnamita e um taxidermista, o quartel-general do Gato mais parecia a sucursal de uma pequena firma de construção. O nome de uma empresa aparecia na porta de vidro, que se abriu assim que a toquei. Na recepção, havia um sujeito assustador sentado num sofá, folheando uma revista pornográfica. Ele levantou os olhos, pôs-se de pé e, sem dizer uma só palavra, bateu na porta de um escritório. Naoya “Gato” Kaneko apareceu. Media cerca de 1,70 metro de altura e teria cinquenta e tantos anos. Tinha os olhos apertados, era um tanto calvo e usava cavanhaque. Terno preto, camisa branca, mocassins pretos. Dois anéis de ouro na mão direita. Mais parecia um político do que o segundo homem do comando da organização criminosa Sumiyoshi-kai. Depois do aperto de mãos, Kaneko fez sinal para que me sentasse num dos três sofás de couro marrom. Sentou-se na minha frente. O sujeito assustador

saiu da sala e voltou com duas xícaras de chá verde sobre pires laqueados (o que expressa respeito).

Kaneko bebeu seu chá, mas o meu ficou.

“Não quer o chá?”

“Não sou muito chegado em chá verde”, respondi, com um aceno de mão.

“Talvez um café?”

“Parece bom.”

“Certo.” Voltou-se para o sujeito assustador e gritou: “Traga café para ele”.

Mostrou-se aliviado quando o café chegou e levei a xícara aos lábios.

Começamos a nos apresentar formalmente. Kaneko me entregou seu *meishi* (cartão de visita), que peguei com ambas as mãos, e me inclinei. Entreguei-lhe o meu cartão, que ele por sua vez recebeu com ambas as mãos, e também se inclinou (mas não tanto quanto eu).

Os rituais da troca de *meishi* são bem conhecidos. O que me ensinaram foi isto: você entrega seu cartão com uma das mãos para mostrar que é uma pessoa sem importância, um zé-ninguém, enfim, humilde. Pega o cartão do outro com ambas as mãos, para mostrar que ele é mais substancial e tem mais peso que você. Você ergue um pouco o cartão recebido, até o nível dos olhos, lê o que diz e avalia a posição social de cada um dos dois em relação ao outro, de modo a determinar o tratamento adequado. Se os dois estiverem de pé, você toma o cartão do outro e o guarda em seu porta-cartões. Jamais dobra, espeta ou rasura o cartão de outra pessoa, o que seria um grave insulto. Dei uma olhada no título dele e na letra floreada do cartão, que guardei com cuidado em meu porta-cartões. Ele, da mesma

forma, leu o que dizia o meu cartão e guardou-o em seu porta-cartões, que aparentava ser da mais pura platina.

Conversamos um pouco. Ele perguntou como foi que um estrangeiro tinha conseguido ser contratado pelo *Yomiuri Shimbun*, e resumi para ele minha vida no Japão até aquele momento, inclusive o fato de ter estudado na Universidade Sofia. Ele ouvia, conversávamos, tudo corria com uma normalidade desconcertante. “Gostaria de ter frequentado a faculdade”, disse ele. “Talvez tivesse uma outra vida. Poderia ter ido. Por sorte, você teve essa oportunidade.”

Concordei, dei um pigarro e fui direto ao assunto: por que ele tinha me chamado?

“Ouvi dizer que você é confiável e que é bom no que faz.”

“Quem lhe disse isso?”

“Isso não posso dizer. Direi apenas que ouvi coisas boas sobre você. Preciso saber de uma coisa, e acho que você tem como descobri-la. Acho também que vai guardar isso para si. Dizem que você é como um japonês, um homem honrado.”

“Isso para mim é novidade. Tem certeza de que sou o gaijin certo?”

“Tenho certeza.”

Não é todo dia que um *yakuza* faz um elogio. Provavelmente era pouco sincero, mas não me importei.

Então devolvi a gentileza. “Bom, e eu soube que para um *yakuza* o senhor não é um vilão absoluto. Soube que o senhor é um cavalheiro e está mais para o crime de colarinho-branco do que para o banditismo. Nessa linha de negócios, imagino que o senhor seja algo assim como madre Teresa.”

Ao ouvir isso, ele deu um risinho e perguntou quem eu conhecia que o conhecesse. Disse que isso eu não podia dizer. O contragolpe o fez sorrir.

Ofereceu-me um cigarro. Aceitei, ele o acendeu, e tentei não tragar. Já ele acendeu o seu e tragou tão profundamente que a brasa soltou fagulhas, e então indicou minha xícara de chá, intacta.

“Não me pergunta por que não gosto de chá verde?”, perguntei.

Kaneko riu. “Não, mas o assunto na verdade é sobre chá. Você sabe, alguns investigadores da polícia de Saitama aparecem por aqui uma ou duas vezes por semana. Normalmente, ofereço-lhes uma xícara de chá, às vezes alguns salgadinhos. Conversamos e eles vão embora. Essa é a conduta habitual. Mas ultimamente, quando eu lhes sirvo o chá, eles não o tocam. Não tocam em nada. Fazem questão de recusar.”

“Isso é um problema?”

“Deixe-me terminar. Perguntei-lhes por que rejeitavam meu gesto de hospitalidade, e eles disseram que era voz corrente na polícia que eu estava subornando um policial, que tinha um dos investigadores comendo na minha mão. Os rapazes disseram: ‘Se aceitarmos qualquer coisa que nos oferecer — chá, doces, até mesmo um calendário —, a corregedoria vai cair em cima da gente’. É por isso que eles recusam.”

“E qual é o problema para o senhor?”

“Todo mundo, na minha organização, pensa que a polícia está blefando. Acham que me tornei um informante da polícia, que virei a casaca.”

“Só porque não bebem seu chá?”

“Exatamente. Acho que os policiais acreditam mesmo que estou subornando algum deles, mas as pessoas com quem trabalho não acreditam neles. Acham que é um subterfúgio da polícia para fazer crer que não sou informante. Se isso continuar assim, terei graves problemas.”

“O que significa um grave problema em seu tipo de trabalho?”

“Significa que minha própria gente e as pessoas que criei como filhos vão me arrastar até as montanhas de Chichibu no meio da noite, dar um tiro na minha cabeça e me enterrar numa cova rasa.”

“Uau! E poderia ser ainda pior?”

“Oh, sim. Eles podem me obrigar a cavar minha própria tumba, me moer de pancada e me enterrar vivo. Mas não acredito que isso vá acontecer. Estou na praça há muito tempo. Acho que conquistei respeito a ponto de só ser enterrado depois de bem morto.”

Eu estava a ponto de rir e esperava algum sinal de que ele estivesse brincando. Mas não vi nada disso. O Gato devia estar bem desesperado para ter me chamado.

“Bom, e que carta o senhor tem na manga?”, tive de perguntar.

“Nenhuma. Não suborno policiais. E não sou um alcaguete. Não é assim que trabalho. Os policiais e eu sempre tivemos uma boa relação de trabalho, por isso não tenho ideia de onde saiu essa merda.” Ele agora estava dobrado por cima da mesa, quase sussurrando. Nossos narizes poderiam ter se tocado. Eu poderia ter trocado meu primeiro beijo de esquimó com um *yakuza*.

“Então...”

“Gostaria de saber por que a polícia de Saitama está tão convencida de que suborno alguém. Gostaria de saber o nome do policial que eu estaria subornando. Se soubesse, poderia lidar com a situação.”

Eu precisava pensar um pouco no assunto. Levei o tempo de fumar outro cigarro para avaliar o que dizer.

“Bom, Kaneko-san, sou um repórter, não sou informante dos *yakuzas*. E para dizer a verdade, não gosto de fazer favores para os *yakuzas*. Mas conheço uma pessoa com quem posso falar. Se eu julgar que há uma informação que posso lhe passar, farei isso. Não quero fazer promessa alguma.”

“É tudo o que peço.”

“Já que estou aqui, posso fazer uma pergunta? Não se trata de um favor, só uma pergunta.”

“Vá em frente. É o mínimo que posso fazer.”

“Como ganha dinheiro para a organização? Segundo os números divulgados pela polícia, setenta por cento de seu dinheiro provém da venda de anfetaminas. Para mim isso é balela. Talvez haja milhares de viciados em Saitama, mas tenho certeza absoluta de que não tenho visto muitos deles por aí.”

“Você tem razão. Não vou entrar em detalhes, mas direi como esta empresa funciona, se você estiver mesmo interessado.”

“Estou.”

Kaneko começou então a descrever seu tipo de crime organizado. Em seus tempos áureos, o Sumiyoshi-kai tinha trabalhado ativamente para inflar o preço dos terrenos e receber propina de corretores ou bancos. Também cobrava para remover ocupantes de apartamentos ou casas, que passariam a valer mais ao serem vendidos, prática

conhecida pelo nome de “agiotagem imobiliária”. Como as leis do inquilinato no Japão são muito favoráveis ao inquilino, esses serviços são bastante procurados. O Sumiyoshi-kai costumava também impedir deliberadamente o leilão de propriedades confiscadas, ocupando prédios ou apartamentos com contraventores. Às vezes agia dessa forma em favor do antigo proprietário, que assim podia recomprar a propriedade a baixo preço. Às vezes a própria organização comprava a propriedade para vendê-la a uma empresa de fachada. O descarte de lixo — descarte ilegal de lixo — era uma boa fonte de renda, e havia também o dinheiro recebido em troca de proteção para a indústria do sexo em Omiya.

Mas a galinha dos ovos de ouro era a extorsão. Kaneko explicou assim: “Você e eu estamos no mesmo negócio. Você colhe informação para vender, eu faço a mesma coisa. Você é pago para publicar informação escandalosa no jornal; nós somos pagos para manter essa informação longe do jornal. Ambos estamos na indústria da informação”.

O que Kaneko quis dizer é que o Sumiyoshi-kai extorquia dinheiro de empresas e empresários que tivessem segredos constrangedores. Às vezes, ao saber que uma empresa estava em dificuldades financeiras, a organização se aproximava dela oferecendo ajuda. Despojava a empresa de todos os bens e propriedades que lhe restavam e, depois de usá-la para outros empreendimentos fraudulentos, encerrava suas atividades.

Entenda-se bem, a companhia em dificuldades muitas vezes participava conscientemente desses procedimentos. O Sumiyoshi-kai podia usar as propriedades imobiliárias da empresa para dar como garantia de empréstimos, obtidos junto a bancos de médio porte, que jamais seriam pagos. A

empresa abria falência, mas ganhava sua parte, assim como seus executivos. Finalmente, quando a propriedade era confiscada e levada a leilão, os *yakuzas* entravam no processo, compravam terrenos e edifícios a baixo preço para depois revendê-los, ou deixavam que um terceiro comprasse a propriedade e exigiam dele uma porcentagem sobre a transação a título de “comissão”.

O Sumiyoshi-kai também administrava diversas empresas de fachada: agências de empregos temporários, empresas de agiotagem e até mesmo uma companhia de seguros. Esta era usada para gerar falsas solicitações de pagamento e lesar companhias de seguros legítimas. Tinha uma agência de cobrança que resgatava empréstimos podres para empresas legítimas de empréstimo ao consumidor. Fazia câmbio negro de ingressos e possuía financeiras que traficavam artigos roubados. E tinha, é claro, uma agência de modelos que oferecia mulheres jovens a produtores de pornografia. As mulheres eram bem pagas. Não havia coação.

Tinha lojas varejistas de artigos para adultos e calcinhas usadas de adolescentes, pelas quais os japoneses são obcecados. Trabalhava com transporte terrestre e marítimo de passageiros e cargas, e com segurança de grandes eventos. Assinava contratos como se fosse uma construtora e terceirizava todo o serviço, tendo apenas o trabalho de embolsar a diferença entre o que recebera e o que pagaria aos subempreiteiros.

A falsa organização política que fundou não só permitia dedução de impostos como era um bom canal para extorquir dinheiro de empresas. Forçava empresas a assinar o boletim de notícias do grupo a um preço exorbitante, conseguindo dinheiro de modo dissimulado.

A exegese feita por Kaneko a respeito da economia dos *yakuzas* foi brilhante, concisa, incisiva. Em uma hora ele me expôs todo o sistema como ninguém tinha feito antes. Quando acabou, cumprindo sua parte do trato, prometi ver o que poderia arrumar. Quando fiz menção de sair, ele ofereceu seu motorista para me levar até meu próximo destino, mas preferi não aceitar.

\* \* \*

À noite, liguei para minha fonte e repeti tudo quanto Kaneko tinha me contado.

“Muito interessante”, disse ele. “Vou tratar disso pessoalmente. Aposto que alguém da própria organização está querendo puxar o tapete do Gato. Dez contra um que é uma luta pelo poder.”

“O que ele quer dizer quando afirma manter uma boa relação com os policiais?”

“Ah, sim. Vou explicar. Ser um policial de *yakuza* significa em parte estar lotado na Divisão 1 de Combate ao Crime Organizado, que reúne informações sobre os *yakuzas*: quantos escritórios eles têm? Quantos membros? Quem está na organização e quem não está? Para um policial de *yakuza*, o meio mais rápido de obter respostas é ir até um *yakuza* e perguntar. O Gato é uma raposa velha, não vai abrir o jogo e falar tudo. Ele apenas deixa o material largado pelo escritório e nós lemos por acaso, enquanto ele está ao telefone. Às vezes ele deixa alguma coisa na lata de lixo, de onde podemos ‘roubá-la’. Ele nunca nos entrega nada.”

“Por que ele faz isso?”

“Porque é assim que as coisas funcionam. Os policiais ficam felizes, e assim não temos desculpa para revistar o

escritório e procurar a informação que queremos. Funciona bem.”

“Por que vocês não grampeiam os telefones dele?”

“Isto aqui não é os Estados Unidos, e nós não somos o fbi. Não conseguiríamos autorização para instalar um grampo. Isso simplesmente não dá certo.”

“Você não acha que ele está subornando alguém?”

“Se fez isso, não ia ser estúpido a ponto de se deixar surpreender. É o *yakuza* mais esperto da organização. Vou descobrir o que está rolando e ligo para você.”

\* \* \*

Dois dias depois, ele me ligou com as novas. O boato estava sendo espalhado por um tal de Yoshinori Saito, o número quatro na hierarquia do Sumiyoshi-kai. Saito tinha dito a um dos investigadores da Divisão 1 que Kaneko estava subornando um policial. Não deu o nome do policial, deixando a polícia em polvorosa enquanto tentava encontrar o agente duplo. Isso do lado da polícia. Do lado dos *yakuzas*, Kaneko e Saito andavam às turras havia muito tempo. Uma vez Saito quis vender bolinhas para os caminhoneiros do comboio que passava por Saitama, mas Kaneko não aceitou participar disso. Dizia-se que o chefe de Kaneko, Nakamura, tinha sido viciado em anfetaminas na juventude, e Kaneko não queria vê-lo envolvido num negócio que poderia provocar-lhe um retorno aos maus hábitos. Saito espalhou o boato de caso pensado, sabendo, segundo certa lógica tortuosa, que o resultado disso seria fazer a organização pensar que o Gato era um alcaguete. Saito não teve coragem de desafiar diretamente o Gato, e queria que a organização tomasse conta disso.

“Então o que você acha que devo fazer com essa informação?”

“Passe para Kaneko. O mais rápido possível.”

Com relutância, concordei em comunicar a Kaneko o que ouvira. Liguei para o escritório dele e marquei um encontro para aquela noite.

Fazia um frio de congelar, o que não tinha importância porque eu já estava mesmo tremendo. Além disso, os escritórios dos *yakuzas* são de arrepiar até à luz do dia. Antes mesmo de eu bater, Kaneko abriu a porta e fez sinal para que eu entrasse. Estava de jeans e suéter verde-escuro. Parecia um instrutor de iatismo.

Sentei-me no sofá e dessa vez tomei o chá. Contei ao Gato tudo o que ficara sabendo.

Ele aquiescia enquanto eu falava, fechando os olhos, com as mãos espalmadas sobre a mesa. “Obrigado. Agora estou entendendo. Devo-lhe essa”, disse ele.

“Talvez não seja de minha conta”, atrevi-me, insanamente, a dizer, “mas em vez de ter de lidar com esse merda, por que o senhor não abandona a organização?”

O Gato abriu os olhos e deu um suspiro. “Olhe para mim. Vestido como estou, pareço qualquer outro homem de negócios no trem em seu dia de folga. Mas se arregaçar as mangas” — e começou a arregaçá-las — “é o fim da bela cena.” A partir dos punhos, subindo pelos braços até onde pude ver, havia tatuagens coloridas e floreadas. Não se via vestígio de pele ao natural.

“Há muito passei dos quarenta, e estou marcado para toda a vida. Não estudei, não tenho diploma. Não tenho

previdência social nem plano de saúde. Tenho dinheiro no banco, e tenho esta organização. Para onde poderia ir? Se fugisse, o Sumiyoshi-kai me daria caça e me mataria porque ia pensar que virei joguete dos policiais. Se ficar, tenho uma chance de sobreviver. Minha vida não é grande coisa, mas não estou pronto para jogá-la fora. Então vou lidar com esse problema.”

Agradei pelo chá e me dispus a sair. Ele pôs a mão no meu ombro e me olhou nos olhos.

“Você salvou minha vida. Não esqueço essas coisas. Se precisar de alguma coisa — informação, mulheres, dinheiro —, venha falar comigo. Há dívidas que são impagáveis. Sereiseu devedor até a morte.”

“Na verdade não fiz muita coisa.”

“Não é o quanto você fez que conta, é o que resultou disso.”

“Bom, então o que eu quero é informação. Mas só se não houver condições. Nunca quis dever favor a um *yakuza*.”

“Isso não é problema. Mas agora vou lhe dizer uma coisa: vou passar a você toda informação que tiver sobre o que fazem os outros grupos de *yakuzas*, mas não o nosso. Nosso negócio continua sendo nosso negócio. Pode fazer perguntas, não vou mentir, mas se estivermos envolvidos vou lhe dizer que não quero falar no assunto. Entendido?”

“Entendido.”

“Está certo de que não precisa de uma gata?”

“Não, estou bem.”

“É porque gosta de rapazes?”

“Não que eu saiba.”

“Bem, então está certo.” Ele me acompanhou até a porta e apertou-me a mão.

Duas semanas depois a polícia de Saitama estava de novo bebendo chá verde no escritório do Gato. Nunca perguntei o que tinha acontecido com Saito. Kaneko e eu nunca mais falamos no assunto.

A partir de então, mantivemos uma relação como que de negócios. Eu passava por lá para tomar chá de tempos em tempos e sempre telefonava antes. Ele me dava assunto para algumas matérias, conversávamos sobre a vida predatória dos *yakuzas* e a dos repórteres, e cada qual seguia seu caminho. Ele sempre tentava despertar meu interesse por alguma japonesa excitante, e eu sempre recusava.

Ter o Gato do meu lado era uma grande vantagem como repórter. Claro que eu fazia restrições ao fato de receber informações dele. Tinha certeza de que mais cedo ou mais tarde ele ia me pressionar para que lhe fizesse um favor, mas isso nunca aconteceu. Eu também tinha dúvidas sobre a justiça moral de receber informações de um homem que era, confessadamente, um infrator da lei antissocial. Suponho que tudo isso se ensina no curso básico de informação jornalística, mas eu ainda tinha escrúpulos. Por fim acabei aprendendo a lição que tinham me ensinado desde o começo: informação não é boa nem má, informação é apenas informação. As pessoas que dão informações têm suas razões e motivos, muitos deles ilegítimos. O que importa é a legitimidade da informação, não a pessoa.

Graças ao Gato, cheguei ao ponto de ficar sabendo antes da polícia quando se declarava uma guerra de facções entre os *yakuzas*. Isso me ajudou a ficar por dentro das coisas. Ele era a melhor fonte que um repórter criminal podia pedir, já que é sempre melhor ter uma boa fonte do que cem fontes ruins.

9 Em março de 2009, o Banco de Dados do Crime Antissocial Organizado do Japão (caoj) relacionou mais de 2400 na área de Kanto.

10 Também conhecido como salão de sexo oral, que oferece ainda masturbação. Normalmente cobra 3 mil ienes (trinta dólares) por trinta minutos. O cliente ganha uma xícara de café, além do prazer. Já não restam muitos desses salões na Grande Tóquio. Segundo uma revista dirigida a mulheres que querem trabalhar na indústria do sexo, existe o risco profissional de adquirir síndrome do túnel do carpo.

# A sequência de desaparecimentos de amigos de cachorros em Saitama, parte i:

*Quer dizer que está me pedindo para confiar em você?*

Meu foco agora estava no crime organizado, roubo e segurança pública. Em outras palavras, nos *yakuzas*, 24 horas por dia, sete dias por semana.

Yamamoto tinha sido promovido e agora dava as cartas, o que transformou Nakajima em número dois da redação. Nakajima e eu não nos dávamos nada bem, e todos começaram a nos chamar de a Naja e o Mangusto. Fiquei com o apelido de Mangusto porque, primeiro, tinha mais cabelo, e, segundo, era mais agitado, corria freneticamente de um lado para outro o tempo todo. Nakajima, por sua vez, tinha o que os japoneses chamam de “língua peçonhenta” (*dokuzetsu*), o que quer dizer que era crítico, sarcástico e gostava de humilhar as pessoas. Também tinha menos cabelo e seus movimentos eram exatos. Ordeiro, preciso e organizado, tudo o que eu não era. Eu entendia por que ele se chateava mortalmente comigo.

Os *yomawari*, visitas que os repórteres fazem à noite aos policiais em suas casas, tinham se tornado parte de

minha vida diária. Se tivesse sorte, depois de dar boa-noite ao policial, ia direto para casa. O relatório podia esperar até de manhã. Mas a maior parte das vezes eu tinha de retornar à redação de Urawa, ou para a sala de imprensa, e digitar resultados de esportes e outras bobagens antes de voltar para casa e dormir um pouco.

Foi numa dessas noites, em janeiro, quando Yamamoto e eu estávamos ali no escritório comendo um resto de pizza, que entrou o Naja. Estava contido, como de costume, mas revelava uma agitação subjacente. Ia nos contar o que estava havendo, mas não sem antes anunciar: “Adelstein, este é um troço ultrassecreto, portanto mantenha o bico fechado”.

Segundo a fonte do Naja na polícia, um criador de cães das proximidades de Kumagaya, conhecido pelo nome de Gen Sekine, era suspeito de assassinatos em série. Sekine era um *yakuza*, ou um *ex-yakuza*, ou estava ligado aos *yakuzas*. Nos dez últimos anos, diversas pessoas próximas a ele tinham simplesmente desaparecido. Quando as três primeiras pessoas sumiram, a polícia de Saitama fez uma investigação, mas as pistas não levaram a parte alguma, e nada aconteceu. Na verdade, todo mundo já tinha esquecido o caso original.

Tudo mudou no dia em que Akio Kawasaki, presidente de uma empresa de manejo de lixo, não voltou para casa. Depois de vários dias, a mulher dele foi à polícia, que se mostrou pouco interessada e fez perguntas rotineiras: seu marido vinha apresentando comportamentos estranhos? Tinha problemas em casa? Já se ausentou por alguns dias sem dar notícias? Tem inimigos?

As respostas da sra. Kawasaki foram negativas, mas durante o interrogatório ela mencionou que o marido tivera

um desentendimento com um criador de cães. De repente o policial responsável ficou sério, até solene. “Se seu marido estava envolvido com Sekine”, disse ele, “prepare-se para o pior.”

A sra. Kawasaki voltou para casa chocada. A polícia tinha desencavado um caso não resolvido e muito antigo.

Dois meses depois Kawasaki ainda estava desaparecido, e a divisão de homicídios da polícia de Saitama instituiu oficialmente uma força-tarefa especial para investigar o sumiço. Na ocasião em que a fonte de Nakajima o introduziu no circuito, havia dez investigadores trabalhando no caso. O mais importante é que a fonte garantiu a Nakajima que não havia pressa em publicar a matéria. Se o *Yomiuri* tivesse paciência, ganharíamos a exclusividade. Nem o mandachuva da polícia de Saitama conhecia ainda os detalhes do caso, portanto havia poucas chances de que vazasse para outros jornais.

A história toda era eletrizante. Criadores de cães, *yakuzas*, pessoas desaparecidas. Parecia saída de um telefilme japonês ruim. Assim, confiando em nossos instintos de detetives de tevê, entendemos por que a investigação estava centrada não em gente sumida, ou em suspeita de assassinato, ou algo assim, mas numa acusação menor de fraude. As dificuldades para conseguir uma ordem de prisão por crime não violento eram bem menores do que por assassinato, e uma vez que o suspeito estivesse sob custódia, poderia ser interrogado sobre qualquer coisa, inclusive assassinato. Esse era o procedimento-padrão dos policiais da divisão de homicídios.

A tarefa que me deram foi checar os arquivos do jornal em busca de qualquer coisa referente ao criador e a sua loja, que tinha o nome sugestivo de African Kennel. Nessa

época, o *Yomiuri* ainda não contava com um arquivo eletrônico de suas edições anteriores, o que exigia uma pesquisa enfadonha no arquivo de recortes, à moda antiga. Por fim, depois de dois dias com os olhos ardendo, encontrei uma matéria de 14 de julho de 1992 intitulada “Adeus, animal perigoso: filhotinho de leão é enviado ao zoológico da província de Gunma. Criador de mascotes de Kumagaya é preso por manter um leão na varanda”.

Tudo indicava que Sekine estava criando um leãozinho na varanda quando vizinhos apavorados chamaram o serviço de controle de animais. A criação de animais selvagens em casa violava diversas instruções municipais, de modo que o filhote foi despachado para um zoológico e Sekine pagou uma multa ínfima.

A localização dessa matéria foi um achado porque, entre outras coisas, confirmou os caracteres ideográficos chineses do nome de Sekine. Em japonês, a simples pronúncia do nome não ajuda muito. Uma vez tive de procurar uma japonesa cujo nome tinha sido obtido na Universidade de Nova York, onde ela estudara; sabíamos como se escrevia seu nome romanizado e qual era sua idade, mas havia diversas variantes em kanji para o sobrenome e pelo menos vinte combinações para o prenome. Se uma transliteração errônea de seu nome tivesse sido impingida a ela por um americano, ou se tivesse sido escrito de alguma maneira complexa, é fácil concluir que um banco de dados sobre ela não teria utilidade alguma. É preciso conhecer os kanji para saber quem é quem. Agora podíamos localizar Sekine nos bancos de dados existentes usando os ideogramas.

Sekine, viemos a descobrir, era um sujeito bem famoso — na verdade, um dos mais bem-sucedidos criadores de cães do país. Apresentado em revistas e programas de

televisão, tinha transformado sozinho o malamute-do-alasca numa das raças de exibição de maior prestígio no Japão. Nas entrevistas, ele dizia que tinha vivido na África, caçando animais na savana e enfrentando tigres ameaçadores. Sekine vinha perdendo cabelo, e o pouco que lhe restava já embranquecia. Seus olhinhos brilhantes estavam sempre meio apertados, e os sulcos da testa lhe davam um ar profundamente contemplativo. Sua voz áspera levava a crer que desde o nascimento ele tinha fumado Golden Bats (os piores, às vezes os melhores, cigarros do Japão). Ele tinha três lojas e anunciara planos de fundar um pequeno parque de safáris. Num recente noticiário da tevê, tinha contado a um espantado entrevistador histórias de saltos de helicóptero e lutas com leões. Esse é um cara, pensei, que poderia matar sem pestanejar. No fim de janeiro, devido principalmente ao trabalho e à liderança de Nakajima, tínhamos conhecimento de quatro casos de pessoas desaparecidas que acreditávamos terem sido mortas por Gen Sekine: Kawasaki, uma dona de casa, um chefe *yakuza* e seu motorista. Mas não podíamos atinar com os motivos.

Nossa equipe do *Yomiuri* fazia a pesquisa em absoluto segredo. O plano era segurar a publicação do que quer que fosse até a prisão do criador de cães. Mas esse plano gorou em 17 de fevereiro.

Eu estava na sala de imprensa da polícia de Saitama digitando umas notas quando Yamamoto voltou do almoço e deu uma baforada no meu rosto que recendia a *kimchi*. “Acabo de comer um delicioso churrasco coreano”, ele

disse. “Adelstein, você acha que preciso de uma bala de hortelã?”, perguntou.

“Sim, acho que uma bala de hortelã seria recomendável, Yamamoto-san.”

“Está bem, vá comprá-las para mim”, ele disse, entregando-me duzentos ienes. Peguei o elevador até a loja de conveniência do subsolo, que vendia coisas essenciais para emergências como aquela. Comprei um pacote de Black-Black, um chiclete preto de supermenta que tingia a língua e os dentes de preto (nunca imaginei que alguém comprasse aquilo), e quando estava voltando para cima meu bipe tocou. Corri de volta à sala de imprensa e Yamamoto, pegando o Black-Black de minha mão, sacudi um exemplar do jornal de esportes *Asuka* na minha cara.

“Dê uma olhada”, disse ele, furioso. “O tatu saiu da toca.”

E como saiu! Uma manchete dizia em letras garrafais: “Quatro pessoas de Saitama desaparecidas; misterioso criador de cães envolvido”. Havia até um quadro de vítimas — totalmente incorreto, mas havia. Tínhamos sido furados pela mídia mais rasteira possível: um jornal esportivo.<sup>11</sup>

“Ligue para todo mundo e diga a eles para irem já à redação de Urawa. Faremos uma reunião de emergência em trinta minutos.”

Quando chegamos à redação, Hara, o chefe da sucursal, estava colado ao editor-chefe, examinando a edição vespertina do *Asuka*. Assim que todos chegaram, Hara, com sua enorme figura de Buda, sugou todo o ar existente na sala, voltou-se para Yamamoto e disse bem alto: “Pensei que tínhamos isso a sete chaves”.

Yamamoto engoliu em seco, depois começou: “Bom, o artigo não foi bem pesquisado. E o *Asuka* é primário...”

ninguém o lê. Só quer chamar a atenção. Devemos ignorá-lo e continuar trabalhando em nossa matéria”.

“O que acha disso?”, perguntou Hara ao Naja.

O Naja concordou com Yamamoto.

Mas Hara não pensava assim. “E o que vai acontecer se amanhã todos os jornais do país menos nós derem a suíte dessa matéria? Vai parecer que ficamos para trás. Como podemos saber se a concorrência verdadeira não está à nossa frente nesse assunto?”

“Não acho que seja o caso”, retrucou o Naja timidamente.

“Você *acha* que não é o caso? Ou *sabe* que não é o caso? Está disposto a assumir a responsabilidade por deixar cair uma matéria?”

O Naja ficou em silêncio por algum tempo e quase senti pena dele. Ele então disse: “Acho que publicar isso agora seria prematuro”.

“Bom, a matéria já está aí fora. É claríssimo que temos de pegar esse bonde. Talvez as coisas estejam indo mais rápido do que gostaríamos, mas não temos escolha. É hora de parar de discutir e começar a escrever. O chefe das sucursais desta região não vai largar do meu pé um segundo agora.”

Ouvi tudo isso e, num raro rompante de valentia para um repórter novato, levantei a mão, ignorando os gestos desesperados de Yamamoto indicando que eu devia ficar de boca fechada. “Posso dizer algo?”, perguntei.

“Quem *lhe* perguntou?” O editor fez com a mão o gesto típico de foda-se em japonês.

Hara interveio. “Jake, diga o que está pensando.”

“Bom”, comecei, com a voz entrecortada, “temos uma espécie de acerto com a polícia de Saitama. Eles têm nos

dado tudo em troca de adiarmos a matéria. Quando chegar a hora da prisão, eles nos darão exclusividade. Esse foi o trato. Se rompermos o acordo, perderemos a confiança deles e quebraremos nossa promessa.”

“Bem lembrado, Jake”, disse Hara, concordando. “Mas a situação mudou. O assunto já transpirou.”

“Num jornal que ninguém lê, sem nenhuma credibilidade, e pelo caminho errado. Há uma grande diferença entre nós dizermos isso e eles dizerem isso”, eu falei, repetindo uma opinião já mencionada. “Se publicarmos essa matéria agora, podemos ganhar a batalha, mas perderemos a guerra.”

Hara refletiu sobre essas palavras por um momento. Ninguém quis falar. Hara olhou o artigo, balançou o corpo para trás e para a frente. Depois suspirou. “Acho que não podemos ignorar isso. Eu conheço a polícia. Vão ficar um pouco aborrecidos, mas vão superar. Vamos trabalhar. Precisamos disso para a edição matutina.”

Com isso a reunião foi encerrada. O Naja me encurralou no corredor e achei que ia ser esculhambado de novo. “Obrigado por ter dito aquilo. Você entende mais de jornalismo policial do que eu pensava. Continua sendo um desleixado, seu texto é horrível e você é indisciplinado, mas tem uns bons palpites. Talvez não seja um caso perdido.”

“Obrigado”, respondi, fazendo força para não mostrar sarcasmo.

“Ei, sem problemas.”

Yamamoto estava nos fundos da redação. “Adelstein, você está certo”, disse ele à meia voz, enquanto mexia nuns papéis. “Continuar com isso é uma péssima ideia. Mas às vezes é assim que as coisas são. De agora em diante, essa matéria será a mais importante em que estamos

trabalhando, portanto vou atribuir uma vítima a cada um. Seu trabalho será descobrir tudo o que existe sobre a vítima: como ela conheceu Sekine, quando foi vista com vida pela última vez, que tipo de pessoa era, por que deve ter sido morta e qualquer outra coisa que possa ser útil no futuro. Isso significa que precisamos de fotos, comentários, depoimentos, tudo o que você conseguir. Você é o cara que cobre o Birô de Controle do Crime Organizado de Saitama. Ou seja, é a pessoa indicada para investigar o *yakuza* Endo e seu motorista, Wakui. Ambos desapareceram. A partir de amanhã, sua vida será a vida de Endo.”

Foi assim que começou o meu Ano do Cão.

Nosso primeiro artigo sobre “A sequência de desaparecimentos de amigos de cachorros” foi publicado em 19 de fevereiro debaixo de um título de quatro colunas: “Diversos amigos de cachorros desaparecem em Saitama entre abril e agosto. Problemas com a venda”. O artigo saiu pela manhã, e depois disso todos os outros jornais correram para não ficar atrás. Agora todo mundo sabia que o *Yomiuri* tinha a dianteira no caso.

Infelizmente, com a publicação da matéria, a polícia se distanciou por completo de nós, pois o fato deve ter alertado Sekine de que estava sendo investigado. Isso deve tê-lo tornado menos disposto a aparecer e lhe deu fortes motivos para destruir provas.

A verdade é que tínhamos quebrado nossa promessa, e a polícia não nos perdoaria. O investigador-chefe deixou isso bem claro ao Naja, em termos inequívocos, e Yokozawa, o cavalheiresco chefe da perícia, pôs o *Yomiuri* em sua lista

negra. Não deram importância aos outros jornais, que não fizeram mais do que publicar a suíte da matéria. O importante era que tínhamos sido o primeiro jornal respeitado a noticiar o caso antes da hora. No entender deles, seríamos os culpados se alguma coisa desse errado.

Apesar de tudo, naquele mesmo dia fiz minha primeira viagem à cidade de Konan e comecei a procurar informação sobre Endo. Konan era uma viagem no tempo aos anos 60. Tinha uma gigantesca fábrica Zexel, um campo de golfe, prefeitura, uma escola primária, uma ginásial e uma de ensino médio. Tinha um armazém e um restaurante familiar. Além disso, havia uma porção de terrenos vazios, algumas plantações e quase nada para fazer. Havia também um templo dedicado ao Buda da Sabedoria (Monju), que era meio famoso. Se havia um centro, não consegui encontrá-lo.

Comecei indagando no corpo de bombeiros, já que sempre achei os bombeiros mais comunicativos que os policiais, e o que soube foi o seguinte: até desaparecer, Endo era o número dois de uma facção do crime organizado chamada Takada-gumi (comandada por um homem chamado Takada). Era um grupo de terceira categoria da família Inagawa. Eu imaginava que as pessoas, se resolvessem falar de Endo, se referissem a ele com uma mistura de temor e respeito; mas, não, todo mundo falava bem dele. Na verdade, pareciam preocupados com seu bem-estar.

Um dos bombeiros me disse: “Endo é um bom sujeito. Ele não era só *yakuza*. Também dirigia um caminhão. Votei nele na eleição para prefeito em 1984. De qualquer forma, os políticos são todos corruptos. É melhor um que você saiba desde o início que é corrupto. Talvez ele nos surpreenda e faça alguma coisa honesta”.

Eu tomava nota o mais rápido que podia. Que cidade maluca era aquela em que o *yakuza* local se candidatava a prefeito? Ao que tudo indica, não tão maluca quanto supus de início. Endo conseguiu apenas 120 votos, perdeu de lavada. Na prefeitura, arrumei uma cópia da foto que Endo apresentou quando foi candidato. Parecia agressivo. Tinha os olhos de peixe morto típicos de um *yakuza* potencialmente explosivo e o cabelo de permanente encaracolado que os *yakuzas* da roça adoravam. O nariz parecia ter sido quebrado várias vezes. Era preciso ser bem forte para matar um cara desses.

Peguei um táxi para onde Endo morava. A vizinhança era tranquila, e a casa era uma bela chácara um tanto tradicional. Como o portão estava aberto, entrei para olhar mais de perto a correspondência que entupia a caixa de correio. Estava dando uma olhada quando alguém se aproximou de mim por trás. Era um velhinho completamente calvo e tão magro que a pele parecia transparente. Usava jeans e camiseta, embora ainda fizesse bastante frio. Na camiseta, havia obscenidades em inglês escritas em letras verde-claras.

“O que está fazendo aqui?”, perguntou, com frieza.

“Procuro Yasunobu Endo. Esta é a casa dele, não é?”

“Sim, esta é a casa dele, mas ele não voltará.”

“Por quê?”

“Porque morreu”, disse ele, sem rodeios. “Kennel o cortou em fatias, transformou-o em carne moída e deu para os cachorros. Todos na cidade sabem disso.”

“Isso é verdade? Por acaso o senhor viu o que aconteceu?”

“Não. Eu não vi nada, mas sei de umas coisinhas. Conheço esta cidade, conheço Endo e conheço Kennel.”

“O senhor quer dizer Gen Sekine?”

“Esqueci o nome de Kennel. Posso fazer uma pergunta?”

“É claro.”

“Por que está procurando Endo?”

Saí para a rua para continuar a conversa. “Sou repórter de um jornal. Quando uma pessoa está desaparecida, mesmo sendo um *yakuza*, isso é notícia. Quero descobrir por que ele desapareceu.”

“Ele não está desaparecido, virou carne moída e agora é cocô de cachorro.”

“O senhor insiste nisso. Se todo mundo sabe que Kennel o matou, por que a polícia não o prendeu?”

“Porque eles precisam de provas, seu bobo. Saber de uma coisa e prová-la são coisas diferentes. Se você é repórter como diz, deveria saber disso.”

“Sou um repórter principiante”, respondi. “Ainda estou aprendendo.” Apresentei-lhe meu *meishi*; ele deu uma olhada e enfiou-o no bolso de trás.

Mantive minha linha de questionamento agressivo. “Por que Kennel ia querer matar Endo? Qual foi o motivo?”

“Ah, porque”, disse o homem, tirando da meia um maço de Golden Bats e acendendo um cigarro. Deu uma tragada tão profunda que metade do cigarro virou cinza em segundos; reteve a fumaça e depois a soltou.

“Endo é um *yakuza*. Os *yakuzas* gostam de coisas assustadoras, e gostam de assustar as pessoas. Então Kennel vendia animais assustadores para os *yakuzas*. Tigres, leões, coisas que assustariam mortalmente as pessoas normais. Kennel começou vendendo animais aos *yakuzas*.”

“E por que teria matado Endo?”

“Não sei. Talvez Kennel tenha nascido cruel, como um cão danado. Ele faz isso. Mata gente. Endo deve ter se metido no caminho dele.”

“E como ele poderia matar um sujeito grandão como Endo?”

“Talvez tenha dado uma injeção de veneno no pescoço de Endo. Tchan! Eu o vi matar um cachorro assim uma vez. Era um cachorro grande. Tempos atrás eu às vezes trabalhava para Kennel. Mas não trabalho mais. É um homem mau. Faz coisas ruins. Endo era um *yakuza*, mas não era mau para um *yakuza*.”

Eram duas da tarde. Não havia mais ninguém na rua, não havia viva alma, a não ser eu e o velho. A casa de Endo estava silenciosa e escura. Ninguém em casa. Na verdade, o local parecia abandonado.

O velho morava na terceira casa a contar da de Endo, e parecia ansioso para falar, mas não de uma maneira muito espontânea.

“O senhor se lembra da última vez que o viu com vida?”

“Não saberia dizer.”

“Tem ideia de quando ele desapareceu?”

“Isso eu sei dizer.”

“Sabe?”

“Sei, isso mesmo.”

“Então, o que pode me dizer?”

“Lembro a última vez que não o vi com vida.”

“O senhor o viu morto?”

“Você não está me ouvindo, garoto repórter. Eu disse que lembro a última vez que não o vi com vida.”

“Está bem, quando foi isso?”

“Na manhã de 22 de julho, ano passado.”

“O senhor se lembra do dia... Por quê?”

“Porque foi o dia em que Endo tinha prometido me levar de carro ao hospital para eu tomar meu remédio para o coração, e ele não chegava nunca. Endo, ou aquele motorista dele, Wakui, bom menino, às vezes me dava uma carona até o hospital. Eu tinha anotado no calendário. Como ele não aparecia, fiquei irritado. Preciso do meu remédio. Eu estava pronto para lhe passar uma carraspana da próxima vez que o visse. Sempre digo: não faça promessas que não pode cumprir. Se um homem faz uma promessa, tem a obrigação de cumpri-la.”

“Então o senhor nunca mais o viu depois disso?”

“Não, mas outro sujeito do Takada-gumi me contou que Endo e Kennel estavam brigando por algum motivo. Foi quando eu achei que Endo tinha sido morto. Provavelmente, o menino também. Uma vergonha desgramada. Eu disse à polícia que Kennel provavelmente tinha acabado com eles.”

Isso era quente, pensei. Com isso poderíamos definir claramente em que período Endo desaparecera. Estava tomando notas quando o velho de repente jogou fora o cigarro, pisoteou-o e reabriu o portão de Endo, foi até a caixa de correio, tirou tudo o que ela continha com suas mãos ossudas e voltou para onde eu estava.

“Você queria isto, não é?”, perguntou.

Claro que eu queria. “Não posso levar isso”, eu disse. “É roubo.”

“Bom, você não roubou nada. Esta correspondência não tem dono. Gente morta não lê a correspondência, e o correio não encaminha nada para o inferno. Então leve isto. Talvez consiga encontrar algo.” E enfiou aquilo em minhas mãos.

“Bom”, respondi, guardando a correspondência na mochila, “tenho de ir andando. Obrigado por tudo.”

O velho se pôs no meio da estrada e acendeu outro cigarro. Comecei a voltar para o táxi que estava à espera, mas me detive e perguntei a ele: “O senhor conhece mais alguém que possa saber alguma coisa sobre Endo, ou quando ele desapareceu?”.

“Pergunte à namorada dele. Não lembro se ela ainda vai à escola secundária. Se ainda for, você poderá encontrá-la ali. O nome dela é Yumi-chan.”

“Yumi-chan?”

“Ela é bem gostosa”, disse ele.

“Precisa ir ao hospital hoje?”, perguntei.

“Sim.”

“Está bem.” Dei-lhe uma carona. Achei que tinha a obrigação.

A divisão de homicídios andava a passo de cágado, a de crimes de colarinho-branco não estava nada satisfeita por não poder prender Sekine por fraude e só no fim de maio fui mordido de novo pelo caso dos cachorros.

Foi num *yomawari* regado a álcool com um contato da Divisão de Crime Organizado. O policial estava resmungando alguma coisa sobre injustiça. “Esses idiotas pegam o melhor policial de nossa divisão para a porra do caso do criador de cachorros. Tiveram a preocupação de me perguntar antes? Claro que não, bem na hora em que precisávamos dele...”

Liguei as antenas. “Quem é o policial? Um tenente ou algo assim?”

“Não, é só um investigador. Um rapaz bem estranho. Não gosta de aplicar os testes. Mas é capaz de dobrar um

suspeito melhor do que qualquer um na força policial. Ah, talvez seja porque ele parece um *yakuza* — e não um *chimpira* [jovem *yakuza*] qualquer; parece um chefe! Mora em Konan. Pode até ter sido colega de escola de Takada!”

“Seria bom conhecê-lo.”

“Por que não lhe faz uma visita? Ele não morde. Seja educado. Mas não diga que fui eu quem o mandou.”

“O que devo dizer?”

“Diga que alguém da divisão de homicídios mencionou o nome dele em conversa com seu chefe. Ele detesta trabalhar com aqueles caras de homicídios, então você não precisa dar nomes porque pode pôr a culpa em seu chefe. Diga que o pessoal de homicídios deu o nome dele para seu chefe.”

“E qual é o nome dele?”

“Sekiguchi.”

Yamamoto ficou felicíssimo ao saber que eu tinha encontrado uma nova fonte. Ainda estávamos na lista negra da polícia, então qualquer coisinha ajudava. “Fez muito bem, Adelstein. Mas se quer fazer esse policial falar, precisa de uma estratégia. Ele tem filhos?”

“Não sei, acho que sim. Acho que me falaram de umas filhas.”

“Ótimo. Leve sorvete.”

“O tempo está esquentando. O sorvete vai derreter todo.”

“Compre um pouco de gelo-seco, idiota.”

“Por que sorvete? Só porque se supõe que as crianças gostem?”

“Não, não, não. É um cavalo de Troia, Adelstein. Leva você para dentro. Se o policial não estiver em casa, você pode dizer à mulher dele: ‘Olhe, eu trouxe este sorvete para ele. Poderia colocar no freezer para não derreter?’. Se ele estiver em casa, vai pegar o sorvete e oferecer a você. Se as crianças virem o sorvete, vão querer. Elas podem gostar de você. Se gostarem, você agarra a mulher dele.”

“Quer que eu faça sexo com a mulher dele?”

“Não, quero que estabeleça boas relações com ela. Use seu japonês, Jake. acredite. Se vai levar alguma coisa para ele, sorvete é o melhor. Lembre-se, você tem de impressionar esses policiais. Afinal, eles não têm obrigação de nos contar nada. Então reconheça isto: um bom repórter policial não aparece de mãos vazias, nem da primeira nem da última vez.”

“Humm, posso pedir reembolso?”

“Isso sai de seu bolso. Cada um paga suas próprias fontes.”

A maldição da editoria policial: o *Yomiuri* aumenta seu salário, que nunca corresponde exatamente às horas que você trabalha. Você tem uma verba para despesas muito limitada, e quanto melhor você se dá no trabalho, mais gasta com vinhos, jantares e presentes para os policiais. Até mesmo os ingressos para os jogos dos Yomiuri Jaiantsu, que todos acham que conseguimos de graça, são pagos de nosso bolso. Quanto mais fontes, mais despesas. Assim são as coisas.

Mas segui o conselho de Yamamoto ao pé da letra. Fui ao supermercado e comprei o maior pote de Häagen-Dazs de chocolate que encontrei e cheguei à casa do investigador às sete da noite. Ficava nos fundos de um terreno baldio e mais parecia uma cabana com um pequeno alpendre. A

noite estava muito escura. Depois de meses morando na cidade, era um choque ver o céu noturno e ouvir o farfalhar das folhas. Havia no ar um cheiro de mato e folhas úmidas, como incenso verde.

Deixei o motorista esperando fora do alcance da vista. Ao me aproximar da casa me sentia nervoso, como sempre acontecia num primeiro *yomawari*, que era pior quando eu não conhecia o sujeito com quem ia me meter. Para mim era como se fosse um encontro com uma desconhecida lutadora de kickboxing.

Quando toquei a campainha, ouvi risos de crianças. Perfeito. A sra. Sekiguchi veio até porta e acendeu a luz do alpendre. Duas meninhas se materializaram, uma de cada lado dela, espichando o pescoço para fora, cheias de curiosidade em relação à aparição que estava diante delas.

“Desculpe-me por vir tão tarde. Meu nome é Jake Adelstein, do *Yomiuri Shimbun*”, disse eu, num japonês perfeitamente cortês, e estendi meu cartão.

Ela parecia confusa. “Ah, nós já assinamos o *Yomiuri*.”

“Obrigado”, disse eu, curvando-me como devia fazer um funcionário-modelo. “Na verdade, sou repórter. Esperava ter a oportunidade de falar com seu marido.”

“Sim? Vou ver se ele pode falar com o senhor.”

Sumiu dentro da casa, enquanto as meninhas saíam para o alpendre. “*O que é você?*”, perguntou a menor.

“Você quer saber *quem* sou eu?”, corrigi.

Ela ficou firme. “Não, quero saber *o que* você é. Claro que você não é humano.”

“Ele pode ser humano”, disse a irmã.

Eu não estava sabendo como conduzir aquela conversa. “Por que você acha que não sou humano?”

A Irmã Menor respondeu na mesma hora: “Você tem orelhas pontudas e um nariz tão grande que não pode ser humano”.

“Está bem”, concordei, “então eu sou o quê?”

A Irmã Menor chegou mais perto e fitou meu rosto. “Você tem um nariz grande e comprido, orelhas pontudas e olhos redondos e grandes. Você está fingindo falar japonês como um ser humano. Você deve ser um *tengu* (duende japonês).”

A Irmã Maior fez que não com a cabeça. “Chi-chan, ele tem só uma orelha pontuda. E a pele dele não é bem vermelha, é só rosada. Mas ele tem mesmo o nariz de um *tengu*.”

Chi-chan pediu que eu me abaixasse para tocar meu nariz. Fiz o que ela queria. Sem um momento de hesitação, ela enfiou um dedo em cada uma de minhas narinas e puxou com tanta força que quase caí. Ela limpou os dedos no jeans e coçou a cabeça. Depois bateu palmas: “Já sei! Você é metade *tengu* e metade humano. O que você acha, Yuki-chan?”.

Antes que Yuki-chan pudesse dar sua opinião abalizada sobre a condição de meu ser, a sra. Sekiguchi voltou. “Meu marido não quer falar com repórteres. Sinto muito”, disse, desculpando-se.

“Compreendo”, respondi. “Normalmente cubro o crime organizado para o jornal, e sei que muitos policiais não se sentem à vontade para falar com a imprensa. Às vezes, acredite ou não, até posso ser útil para eles.”

A sra. Sekiguchi riu. “Bom, quem sabe uma próxima vez.”

Entreguei a ela a sacola com o sorvete. “Isto não resistiria à viagem de volta a Urawa, por favor, fique com

ele. Já está começando a derreter. Tenho certeza de que Chichan e Yuki-chan vão gostar.”

Disse adeus às crianças, mexendo minhas orelhas de homem-*tengu*, e me dirigi devagar para onde o carro estava estacionado. Já ia pela metade do terreno quando ouvi uma voz forte chamando “Yomi-san (como se fosse “senhor Yomiuri”), espere!”. Dei meia-volta e vi no alpendre um vulto alto e imponente, vestindo jeans e camiseta. Era Sekiguchi. Encaminhei-me de volta para onde ele estava.

“Obrigado pelo sorvete”, disse ele, apertando minha mão com firmeza. “É muito para quatro pessoas. Deveria entrar e tomar um pouquinho.”

Sekiguchi tinha olhos fundos com íris muito negras, pômulos salientes e um nariz pronunciado, que visivelmente já tinha sido quebrado. O cabelo era curto, um pouco mais comprido na parte de cima, o que lhe dava o aspecto de um ciclista dos anos 50. Ele me conduziu para dentro.

As crianças e a sra. Sekiguchi estavam sentadas no chão da sala, com os pés sob a manta que cobria uma mesa baixa. Diante de si a sra. Sekiguchi tinha meu *meishi*, e as duas meninas, o que parecia dever de casa espalhado sobre a mesa. Sekiguchi trouxe cinco tigelas de sorvete e colocou-as na mesa. Dei a ele a cerveja que tinha trazido de reserva.

“Oh, obrigado!”, disse ele, levando-a para a cozinha. Sentou-se e então, como se acabasse de se lembrar, perguntou: “Desculpe, quer uma cerveja?”.

“Não, obrigado. Mas o senhor não toma cerveja?”, perguntei.

“Não, em casa não. É um mau exemplo para as crianças.”

Acendeu um cigarro e me ofereceu outro. Aceitei alegremente, já que precisava fazer alguma coisa com as

mãos.

“Penso que o americano típico já não fuma, não?”, disse.

“Não sou um americano típico.”

“Percebi.”

“Como sabe que sou americano?”

Ele deu uma tragada. “Lembro-me de você. Estava tirando fotos quando prendemos a Sumiyoshi-kai, uma falsa organização política.”

“Sim, eu estava lá. Mas não me lembro de tê-lo visto.” E então me atrevi a dizer o que saiu de minha boca a seguir: “Talvez eu tenha pensado que o senhor era outro *yakuza*”.

Para minha sorte, ele riu. “Sim, pareço bastante com eles. Nesta cidade, eu poderia ter ido por outro caminho.”

Daí em diante Sekiguchi controlou a conversa, fazendo perguntas sobre mim, minha formação e minha vida antes de entrar para o *Yomiuri*. Era um bom ouvinte. Estava genuinamente interessado, ou era bom em fingir interesse. Depois que acabamos o sorvete, ele agradeceu de novo.

“Estava delicioso. Sua técnica é boa e sua abordagem, adequada. Você imaginou que isso lhe permitiria entrar, e estava certo. A pergunta que resta é: posso confiar em você, e devo confiar em você?”

“Sim, essa é a questão, não é?”

“Como conseguiu meu nome?”

Tive de pensar na resposta que daria. Não queria parecer falso, mas também não queria oferecer tudo de bandeja. “O senhor sabe que cubro o crime organizado. Essa é minha área dentro da editoria policial.”

“Mas está aqui porque estou trabalhando no caso do criador de cães.”

Aquiesci. “Está certo. Cubro o crime organizado, e o senhor está no caso do *yakuza* desaparecido, foi o que

ouvi.”

Ele concordou e depois disse: “Mas você não respondeu minha pergunta inicial. Como conseguiu meu nome e endereço?”.

“Se eu lhe disser, como vai poder confiar em mim? Como sabe que depois não vou mencionar seu nome para a pessoa errada? E, por outro lado, se eu lhe disser, como saberia que o senhor não vai revelar quem é minha fonte e deixá-la em maus lençóis por vazamento de informação?”

Sekiguchi riu. “Boa resposta. Você está bem treinado. Tudo bem. Não vou perguntar nomes. Mas dê-me uma pista. Prometo que não vou voltá-la contra você e que não vou procurar saber quem lhe falou sobre mim. É só curiosidade.”

“Então está me pedindo para confiar no senhor?”

“É uma coisa recíproca.”

“Tudo bem. Não devo nada mesmo à divisão de homicídios. Eles não fazem parte de minha área. Alguém que está no caso deu seu nome a meu chefe. Ele não vai me dizer quem foi, e eu nunca vou perguntar.”

Sekiguchi franziu os lábios e apagou o cigarro com um risinho.

“Esses caras passam oitenta por cento do tempo tentando bolar um jeito de despistar a imprensa e impedi-la de prejudicar a investigação. Mas é claro que estão soltando informação a torto e a direito para seus repórteres prediletos, principalmente se forem moças bonitas. Então, o que quer saber?”

Eu não esperava por isso. Na verdade, eu nunca fora questionado dessa forma por um policial. Era um território novo para mim.

“O que pode me dizer a respeito de Endo?”, comecei. “E sobre Gen Sekine?”

“O que você sabe sobre Endo?”

Contei-lhe tudo o que sabia. Sekiguchi me ofereceu outro cigarro, e recomeçamos a fumar.

“Como devo chamá-lo? É claro que não vou poder chamá-lo de Aderusutain a cada momento.”

“Jake serve.”

“Jake-san? Jake-kun?”

“Só Jake está bem.”

“Tudo bem. Bom, está ficando tarde. Então vou lhe dizer o que quer saber, com uma advertência.”

“Diga.”

“Grande parte dessa informação vem do nível mais baixo. Se você deixar que ela chegue aos caras lá de cima, como eles ainda não a receberam, vão ficar intrigados com o fato de você tê-la recebido e vão descer pela cadeia alimentar procurando o ponto em que ela vazou. Se você ainda não sabia disso, deveria saber. Precisa esperar que a informação faça todo o seu percurso até lá em cima antes de checá-la. Senão, vai queimar suas fontes. Entende isso?”

“Sim, entendo.”

“Ótimo. Vou lhe dizer o que sei, mas a maneira como você vai tratar essa informação será uma prova de fogo para sua confiabilidade. Sacou?”

“Saquei.”

“Não há dúvida de que Sekine matou Endo, e é nossa hipótese mais provável. Acho que deveríamos prendê-lo por assassinato logo de uma vez, nada de ficar enrolando. Ele ia cantar rapidinho. Eu sei. Mas é claro que, como não pertencço à elite dos caçadores de assassinos, ninguém me dá bola, mas vão acabar dando.

“Quanto ao que se investigou até agora, posso dizer que Sekine matou oito pessoas. O assassinato de Endo é o que

apresenta os mais fortes indícios circunstanciais e testemunhais. Temos testemunhas que podem afirmar, embora de forma não conclusiva, que Endo esteve com Sekine pouco antes do desaparecimento e que naquele dia Sekine ‘o machucou’. Vou explicar melhor.” Sekiguchi estava cheio de autoconfiança.

Perguntei como foi que um criador de cães como Sekine tinha se tornado tão ligado aos *yakuzas*.

“Antes de vir para Konan, Sekine teve graves problemas com o Yamaguchi-gumi por causa de dinheiro. Ele estava com outro grupo *yakuza*, o Kyokuto-kai. Quando chegou aqui, um cliente o apresentou ao Takada-gumi, que o tomou sob sua proteção. Em agradecimento, ele deu de presente a Takada, o chefe, um cachorro caríssimo. Esse foi o começo de suas relações com o grupo criminoso Inagawa-kai. Ele continuou a fornecer animais exóticos aos *yakuzas*, vendendo cachorros ferozes e animais selvagens a qualquer um deles que pudesse pagar. Eles adoram essas bostas. Reafirmam a imagem de caras durões. Sekine vendeu um leão — uma porra de leão! — a um grupo. Ele ainda existe. Mas esse Kennel, que é como todo mundo o chama, não *gosta* de animais. Ele os admira, de alguma forma, e tira proveito deles.

“Vou dar um exemplo. Há alguns meses, Kennel e um cliente estavam discutindo o preço de um cachorro. As negociações não avançavam. Imagine a cena: os dois estão sentados na loja de Kennel. Aos pés deles, com a língua de fora, um malamute-do-alamasca autêntico. O cliente não queria ceder. Dizia que não ia pagar o milhão e meio de ienes que o criador queria e mais uma vez pediu que baixasse o preço para um milhão.

“O senhor quer um desconto de meio milhão?”, resmungou Sekine, sorrindo e batendo no cachorro. Então pegou uma tesoura em sua mesa, cortou de um só golpe a orelha esquerda do cachorro e atirou-a aos pés do cliente. ‘Está bem’, disse, ‘o senhor venceu. Aí está o desconto.’ O sujeito pagou o que ele pedia, pegou o cachorro e foi embora. Tenho certeza de que passou pela cabeça dele que a próxima orelha que teria a seus pés podia não ser do cachorro.

“Isso é coisa de gente normal? Kennel é assim com os animais porque acha que eles não têm consciência e agem puramente por instinto. Ele quer ser um animal assim.”

Depois das assombrosas revelações da noite, Sekiguchi me acompanhou até a porta. Enquanto eu me preparava para sair, ele pôs uma mão firme em meu ombro e me deteve. Dei meia-volta. Será que eu tinha cometido uma gafe horrível?

Ele me olhou nos olhos e apontou para meus pés. “Suas meias não são do mesmo par; você sabia disso?”

Cheguei de volta a Saitama em torno da meia-noite. Yamamoto me esperava.

“Como foi?”, perguntou.

“Foi tudo bem. Ele é mesmo muito fechado, só disse que estava trabalhando no caso. Mas consegui entrar na casa dele.”

“Excelente”, disse Yamamoto.

Não contei a verdade a Yamamoto porque, embora confiasse nele, não confiava no Naja. Levei a sério o aviso de Sekiguchi: eu não queria minhas informações subindo

pela cadeia alimentar cedo demais e que Sekiguchi pagasse por isso. Foi a primeira vez que percebi que, para proteger as fontes, às vezes é preciso ocultar coisas das pessoas com quem se trabalha. Mais tarde eu aprenderia que é preciso também ocultar coisas das pessoas que você ama.

11 No Japão, os jornais esportivos, oferecidos em todas as bancas de estações de trem, são pouco mais do que tabloides de supermercado. Como seu tema principal são os esportes, mostram traços de veracidade, mas sua cobertura de notícias é voltada principalmente para histórias sanguinolentas, repugnantes ou simples fofocas. Os jornais esportivos se destacam também por suas "páginas rosadas" — fotos e desenhos lascivos de extrema ousadia, ficção erótica, informação sobre estabelecimentos de sexo e salões de massagens e anúncios dessas casas. Vez por outra, é claro, também noticiam crimes.

# A sequência de desaparecimentos de amigos de cachorros em Saitama, parte ii:

*Fora da cama, os yakuzas são uns sanguessugas que não valem nada*

Depois de alguns meses no caso, comecei a lembrar meus tempos de calouro, quando o instrutor nos dizia que uma matéria pode levar um ano para ser armada. Na época achei que isso poderia ser excelente; agora, precisava desesperadamente de um descanso e estava num beco sem saída.

Contei a Sekiguchi que ia tirar uma semana de folga.

“Isso não vai acontecer”, disse ele, rindo.

Tinha toda a razão. Em quatro dias eu estava de volta. Um membro do Takada-gumi, um *chimpira* chamado Shimizu, havia encurralado e esfaqueado Sekine na African Kennel, e Sekiguchi fora encarregado de interrogar o suspeito.

Eu estava tomando Häagen-Dazs com as meninas quando o grande interrogador chegou em casa, tirou os sapatos e sentou-se à mesa conosco. Era estranho; parecia a coisa mais natural do mundo estar sentado ali.

Sekiguchi pediu café à mulher.

“Shimizu acha que Sekine matou Endo?”, despachei sem vacilar. As crianças estavam ali, mas não prestavam atenção.

“Acha. Acha. Ele admite ter dado uma navalhada no rosto de Sekine e nada mais. Então, depois que escrevemos a confissão e ele a assinou, levei-o para um canto e disse: ‘Já acabei seu interrogatório e não vou refazer suas declarações, mas diga-me claramente: você fez isso por ordem de Takada?’. Shimizu disse que não. Negou por completo.”

Sekiguchi continuou: “Eu queria ouvir isso do homem em pessoa, então fiz uma visita a Takada, como é meu costume, mais para manter as coisas sob controle. Perguntei-lhe sem rodeios se tinha mandado aquele idiota fazer aquilo. Takada nem piscou. ‘Se eu tivesse dito ao garoto que o matasse e ele voltasse sem ter machucado gravemente o sujeito’, disse ele, ‘eu o teria enforcado.’ Shimizu é um completo idiota. Ele não é *yakuza*. Se ia fazer isso, devia ter enfiado a faca na goela do homem dos cachorros.”

Nessa altura, Sekiguchi resolveu me dar alguns antecedentes. “Muitos dos *yakuzas* não gostam de ser chamados de *yakuzas*. Muito menos pelo nome oficial, *boryokudan* (literalmente, “grupos violentos”). Eles chamam a si mesmo de *gokudo*. Você sabe disso, não?” Escreveu os caracteres chineses num guardanapo. “*Goku* significa ‘derradeiro, o fim de tudo, o extremo’ e *do* significa ‘caminho’. Um *gokudo* vai sempre em frente, não volta atrás, termina o serviço. Mas esses caras jovens de hoje não merecem o nome de *gokudo*. São apenas *chimpiras*, uns arremedos de homens.

“Meu trabalho é convencê-los de que estamos fazendo tudo para manter Sekine com vida, levando os rapazes de Takada a acreditar que, se alguma coisa acontecer a Sekine, todo o peso da lei cairá sobre eles. Parece loucura, mas faço tudo isso para evitar que Takada, para não parecer fraco, decida acabar pessoalmente com Sekine.”

Sekiguchi estava se equilibrando numa corda bamba. Ainda assim, em muitos sentidos conseguia levar adiante a investigação. Quando Endo desapareceu, todo mundo comentou que tinha sido obra de Kennel, mas Takada negou-se a ouvir. Não podia aceitar que um civil, por mais fora de controle que estivesse, pudesse acabar com um *yakuza*. Era um fato sem precedentes. No entanto, desde que Sekiguchi assumira o caso, Takada, ao que parecia, estava aos poucos mudando de posição. Não sabia bem por quê. Tudo o que sabia era que não estava contente com o rumo que as coisas estavam tomando.

Takada chamou Sekiguchi à parte e lhe disse simplesmente: “Acho que vou abrir uns buracos no Kennel. Esse caso é um desperdício de seu talento. Vou pôr um fim nisso para você. Em breve você vai estar trabalhando em casos melhores”. Sekiguchi então lhe pediu com toda a educação que se abstinésse de matar o principal suspeito. Por um momento aquilo pareceu uma espécie de esquete cômico.

Ninguém sabia como ou onde Endo tinha sido eliminado. Mas Sekiguchi conseguiu reconstituir sua última noite antes do desaparecimento. Às nove da noite, depois de se divertir um pouco com jogos ilegais, Endo ligara para Yumi-chan. A ligação foi breve e direta: “Vou chegar um pouco atrasado”.

Sekiguchi marcou mais um ponto quando obteve outra informação fundamental: um veterinário do lugar tinha

vendido a Sekine uma grande quantidade de nitrato de estricnina, usado para fazer dormir animais doentes.

Eu tinha feito minha própria pesquisa sobre as últimas horas de vida de Endo, e bem antes de começar a ir à casa de Sekiguchi dia sim, dia não, tinha checado a informação que desencavara. Isso provavelmente ia além dos limites da cortesia profissional, mas, por estranho que pareça, Sekiguchi parecia não se importar. Nesse meio-tempo a sra. Sekiguchi já me pedia que olhasse as meninas enquanto ela fazia alguma coisa fora; acabei ajudando-as com o dever de casa de inglês.

Sekiguchi finalmente localizou Yumi-chan. Não estava na escola secundária e sim trabalhando num bar como acompanhante, de modo que Yoshihara e eu fomos lá na noite seguinte. Fomos recebidos pela *mama-san*, que, depois que Yoshihara solicitou a companhia de Yumi-chan, nos levou a uma mesa. O lugar era um típico bar de acompanhantes: uma luminária de teto, alguns sofás para um papo mais íntimo, um equipamento de caraoquê, um rapagão atrás do balcão. Os estofados eram de veludo cor de vinho, a luz tão fraca que as velas das mesas pareciam holofotes, e o rapaz do balcão, que me olhou de cima a baixo, não tinha pescoço, trazia o cabelo curto e um terno vagabundo muito apertado — alerta *yakuza*.

Yumi, por sua vez, era linda. Tinha o rosto alongado, a boca pequena e fresca, e parecia um pouco mais baixa que eu, mas não muito. Imaginei ter visto um pedaço de renda por baixo de sua minissaia, mas não tinha certeza. Ela se

sentou ao lado de Yoshihara, e sua colega, apresentada como Kimiko, espremeu-se junto a mim.

Enquanto bebericava o uísque com água que Yumi tinha servido para ele, Yoshihara explicou em voz baixa quem éramos e por que estávamos ali. No começo ela ficou assustada, e por um momento tive medo de que pedisse ao barman que nos pusesse para fora com um chute em nosso traseiro infeliz. Mas depois do nervosismo inicial, ela aparentou estar reagindo bem à abordagem direta de Yoshihara.

Suspirando, ela disse: “Vou lhe dizer o que puder, mas não de graça. Isto é um bar e eu trabalho aqui. Se você é um cliente, pode perguntar o que quiser. Mas espero que se comporte como um bom cliente. Como os que compram uma garrafa de champanhe para a garota”.

Yoshihara e eu nos entreolhamos. Poderíamos bancar isso? Além de não podermos pedir reembolso da despesa, estávamos proibidos de comprar informação. E isso já esbarrava no limite.

O impulso interveio. “Acho que está bem”, respondi. “Mas uma coisa que vocês têm de saber é que sou judeu, e temos uma tradição de dois mil anos de pão-durismo. Eu não quero de jeito nenhum desonrar essa tradição. O que acham de uma garrafa de champanhe barato?”

Yumi riu, bem-humorada, mas não perdoou. “Agora você está no Japão. É hora de aprender a tradição japonesa.”

Pedimos uma garrafa de um bom champanhe. O líquido borbulhava, as informações também. Endo tinha sido cliente habitual do bar e um verdadeiro cavalheiro. Era mais velho, mas pagava vinho e jantares para ela, comprava-lhe presentes generosos e tinha certo magnetismo animal. Ela

começou a dormir com ele sem nenhuma expectativa, mas depois descobriu que ele era bom de cama.

A última notícia que teve dele foi aquele último telefonema. Não imaginava com quem ele ia se encontrar. Na verdade, raramente falavam de trabalho. Agora que ele tinha sumido, sentia falta dele, mas nunca estivera apaixonada. Uma coisa ruim que ele tinha eram as tatuagens que lhe cobriam a pele, e que por isso era fria. “Às vezes eu achava que estava dormindo com uma cobra. No verão era bom; no inverno, não.”

Minha atenção estava começando a se dispersar. Kimiko não era tão atraente quanto Yumi, mas tinha olhos encantadores — *penetrantes*, essa seria a palavra. Sorria muito e tinha quadris largos e bem-feitos. Encheu minha taça de champanhe e perguntou se eu queria um cigarro. Eu disse que sim, e ela tirou um cigarro fino de seu maço, colocou-o entre os lábios, acendeu-o, deu uma tragada e delicadamente o inseriu entre meus lábios — com os olhos pregados em mim o tempo todo. Eu não tirava os olhos das unhas dela, que estavam pintadas de preto. Uau!

“Você quer me perguntar alguma coisa?”, disse ela.  
“Seu amigo parece que está fazendo todas as perguntas.”

“Você conheceu Endo?”, disse eu, concordando e caindo na real.

“Eu conheci Endo, sim. Não tão bem quanto Yumi, claro. Gosto dos *yakuzas*. Eles sabem agradar uma mulher na cama. Fora da cama, são uns sanguessugas que não valem nada.”

“Você teve casos com muitos *yakuzas*?”

“Fui amante de um *yakuza* antes de vir para cá.”

“E por que não é mais amante dele?”

Ela acendeu um cigarro para si. “Ele morreu.”

“Causas naturais?”

“Causas absolutamente naturais”, disse, e riu histericamente. “Estávamos trepando quando ele bateu as botas.” Não era brincadeira. Eles estavam transando com a maior animação e no meio do ato ele teve um ataque cardíaco. Ainda respirava quando ela conseguiu empurrá-lo para o lado, mas morreu antes da chegada da ambulância. Morreu aos 45 anos. Era grosseiro e possessivo, e chegou a convencê-la a tatuar um dragão nas costas. Ele também tinha um. Seria como marcá-la, mas ela não se importava. Tinha dezoito anos e achava que o amava. Ele era casado, claro. Antes da chegada da ambulância, ela teve a presença de espírito de tirar-lhe o cartão do banco da carteira. Na manhã seguinte, zerou a conta dele.

Quando, aos 22 anos, ela se mudou para Saitama, tinha um bom pé-de-meia.

Não conversamos muito mais do que isso até que Yoshihara fez sinais de que era hora de ir embora. Agradei a Kimiko pela companhia. Yumi e Kimiko acenaram para nós da porta depois que acertamos a conta — 30 mil ienes (cerca de trezentos dólares).

Na calçada, dei boa-noite a Yoshihara dizendo-lhe que ia sozinho para casa. Yoshihara fez sinal para um táxi, e assim que o carro sumiu de vista dei meia-volta e entrei correndo no bar para continuar a conversa com Kimiko. Eu nunca tinha conhecido uma mulher *yakuza*, e não podia deixar passar a oportunidade.

Não fiz o caminho de volta à redação naquela noite.

Suponho que minha imagem máscula seria favorecida se eu dissesse que a convenci a passarmos a noite juntos, mas foi ela quem tomou a iniciativa o tempo todo. E na cama era selvagem, agressiva, claramente mais experiente

que eu. Além da tatuagem do dragão nas costas, tinha a da Kanon Bosatsu (o Buda feminino da compaixão), que parecia saltar da pele dela quando fazíamos sexo.

E assim começou aquilo que só posso chamar de *ménage à trois*, que durou meses a fio. Não se trata do que você está pensando: Kimiko me dava informação sobre o mundo *gokudo*, e eu as passava para Sekiguchi, que estava vigiando o Takada-gumi, sobre o qual me transmitia algumas migalhas.

Num fim de tarde, Kimiko e eu estávamos no apartamento dela fazendo sexo de pé quando ela carinhosamente passou as unhas em minhas costas e perguntou se eu queria saber um segredo.

“Claro”, eu disse, “conte-me um segredo.”

“Sabe onde Sekine está agora?”

“Trabalhando duro em seu canil, suponho.”

“Acho que não.”

“Está bem, me dê a dica.”

“Primeiro você vai ter de ganhá-la.”

Assim fiz. E com minha parte do negócio cumprida, ela cumpriu a sua:

“Takada está com ele. Deve estar sendo interrogado neste momento.”

“E por quê, caralho?”

“Eles querem arrancar dele a verdade.”

“E como você sabe disso?”

“Um dos rapazes de Takada estava no bar ontem à noite se gabando disso. Disse que iam pegar Sekine, cortá-lo em

pedacinhos e dá-lo para seus próprios cães. Para ele provar de seu próprio remédio.”

“Preciso do telefone.”

“Para quem você vai ligar?”

“Me dê o telefone.”

Liguei para Sekiguchi, que ouviu, agradeceu, não fez perguntas e desligou imediatamente.

Só voltei a falar com ele quatro dias depois. Enquanto isso, graças a Kimiko, consegui localizar um dos amigos de Endo, um não *yakuza*, e obter mais informações sobre ele. Aparentemente, ele estivera chantageando Sekine e planejava tomar-lhe todos os bens — terreno, casa, canil, tudo.

Sekiguchi ficou contente ao me ver.

“Jake, obrigado pela ligação do outro dia. Sua informação foi muito boa.”

“O que aconteceu?”

“Dez minutos depois que você ligou, Takada me ligou também, fingindo que não havia nada de importante, querendo me surpreender. Não lhe dei chance. Perguntei que diabos estava fazendo com Sekine... Tínhamos combinado que Sekine era intocável. Takada ficou muito impressionado pelo fato de eu já saber. Ele me disse: ‘É, peguei o filho da puta. Vou fazer-lhe algumas perguntas e você está convidado a ouvir nos bastidores’. A oferta era tentadora, mas recusei. Disse a ele que era melhor não matar o sujeito e que ele devia me contar tudo o que ficasse sabendo.”

“Você não correu para resgatar o homem?”

“Não. Takada me deu sua palavra.”

“E você acreditou?”

“Às vezes é preciso confiar nas pessoas, Jake. Às vezes é preciso confiar em pessoas que não são confiáveis.

Confiando nelas, você as torna dignas de confiança. Confiei que Takada honraria sua palavra quando a deu. Se ele não tivesse me dado sua palavra, eu teria chamado os policiais de Gyoda para resgatar Sekine. Mas do jeito que aconteceu, preferi deixá-lo com Takada algum tempo.”

“E quais foram os resultados?”

“De acordo com Takada, o pobre infeliz chorou como um bebê e reafirmou que nunca tinha encostado um dedo em Endo. Eles lhe deram uma prensa durante três horas, mas ele não admitiu porcaria nenhuma. Finalmente Takada o agarrou pela goela e disse: ‘Talvez você tenha liquidado Endo, talvez não. Seja como for, ele não está mais neste mundo. Eu sinto isso. Você pelo menos deve a esse homem uma oração por sua alma’. Takada arrastou Sekine até um pequeno santuário budista no escritório. As mãos de Sekine tremiam tanto que ele quebrou três palitos de incenso até conseguir pegar o isqueiro para acender um deles e espetá-lo nas cinzas. Takada riu, disse que foi um espetáculo.”

“Se ele não deu com a língua nos dentes com Takada, não vai confessar à polícia”, disparei.

“Sobre isso”, disse Sekiguchi, “você está errado. Mas, antes de mais nada, diga-me: como foi que você soube que Takada tinha agarrado Sekine?”

“Um passarinho me contou.”

“Um passarinho?” Sekiguchi ficou muito sério por um instante. Depois pigarreou. “Olhe, Jake, não faz muito tempo que nos conhecemos. Sei que como repórter você não revela suas fontes. Respeito isso. Mas agora preciso saber

como foi que você soube... Não de repórter para policial, mas de homem para homem. É importante. Não vou contar a ninguém, você precisa confiar em mim, mas preciso saber.”

Hesitei. Isso seria um teste para saber se eu protegia minhas fontes apesar de qualquer coisa, ou ele falava sinceramente?

“Por que você precisa saber?”

“Preciso ter certeza de que o que você diz não está voltando para Takada. Não acho que isso possa acontecer, mas talvez você não saiba quem fala com quem. Por isso me diga.”

“Tudo bem. Soube disso por Kimiko.”

“Kimiko? Do bar onde Yumi trabalha?”

“Sim.”

“E que merda você estava fazendo com Kimiko numa sexta ao anoitecer?”

“Que tal um encontro?”

O queixo de Sekiguchi caiu. “Você está comendo Kimiko? Jake, você é mesmo uma puta velha quando se trata de conseguir informações.”

“Isso é ruim?”

“Não, não, não. Você é solteiro, tudo bem. Mas não esqueça que ela é uma *yakuza*. E tem um hábito *shabu*.”

“*Shabu*?”

“Drogas. Metanfetamina. É uma viciada. Portanto, é melhor você usar camisinha. Pode pegar hepatite C ou coisa pior.”

“Eu não sabia.”

“Bom, tenha cuidado.”

“Devo deixar de vê-la?”

“Não, continue saindo com ela. Continue dando corda para conseguir informação. Diabos, dê corda a ela para qualquer coisa que você quiser. É só me dizer o que vai descobrindo.” Ele balançou a cabeça e me ofereceu um cigarro, que aceitei alegremente.

Eu estava aprendendo muito com Sekiguchi, e a lição mais importante era que o tempo dedicado a coisas aparentemente sem importância é o mais importante de todos. Toda vez que ele punha um *yakuza* na cadeia, Sekiguchi fazia uma visita à família do preso. Ia de tempos em tempos ver como estava, às vezes levava até mantimentos ou ajudava a mulher dele a fazer reparos domésticos. Depois contatava o *yakuza* na “pocilga” (eufemismo para cadeia) e lhe contava como as coisas estavam indo em sua casa. Ele nunca confundia crime e criminoso com assunto pessoal. Estava fazendo seu trabalho, e eles faziam o deles. A recompensa desse esforço extra vinha quando os *yakuzas* retomavam a vida fora da prisão e se mostravam dispostos a dar-lhe informações. Voltassem ou não ao crime organizado, eles sempre teriam laços com os *yakuzas* e coisas para transmitir a Sekiguchi. Dessa forma, ele construiu uma pequena rede de informantes *yakuzas*. Resolvi imitá-lo, empenhando nisso toda a minha capacidade.

Em julho, Sekiguchi me convidou para uma maravilhosa tradição que é o churrasco em família. Como estávamos no Japão, não havia salsichas nem carne, e sim peixe — um peixinho fresco de água doce, chamado *ayu*, feito no espeto, temperado com sal, grelhado na brasa e

mergulhado num curioso molho verde. Uma delícia! Sentados no alpendre bebendo coca-cola e comendo peixe inteiro no espetinho, ele me deu mais alguns conselhos. “Você deve semear para a safra de primavera quando o solo ainda está meio congelado. Plante as sementes na primavera.”

Não era comum que ele falasse por metáforas, por isso pedi que explicasse melhor. “Bem, o caso do criador de cães agora está quente, eu sei. Mas você não deve empregar todo o seu tempo nele. Você deveria procurar também outros policiais. Por quê? Porque agora eles não têm nenhum caso bom. E como estão sem nada para fazer, têm tempo de sobra e provavelmente não vão se aborrecer com sua presença. Se você levar alguma coisa com que eles possam trabalhar, vão adorar.

“Visite suas fontes ou seus informantes quando nada está acontecendo. Assim eles verão você como amigo ou camarada, e não como oportunista sequioso. A familiaridade gera confiança. Você chegou a esse caso bem cedo, antes que meu nome aparecesse, e por isso deixei você entrar.”

Com o espeto, ele tirou o olho de um peixe e ofereceu-o a mim. Estalou em minha boca. Não era ruim. As duas meninas observavam e me aplaudiram de pé, batendo palmas freneticamente. A sra. Sekiguchi me ofereceu o olho do peixe dela, que recusei com cortesia. Já tinha tido minha cota do dia.

“O que vai acontecer nesse caso?”, perguntou ele.

Eu não fazia ideia.

“O caso de fraude não vai dar em nada. Há duas pessoas que provavelmente sabem como foi que Sekine matou Endo e Kawasaki, o presidente da empresa de manejo de lixo. Um deles se chama Ryoji Arai, que se diz

sócio de Kawasaki. O outro é Shima, o motorista de Arai. É muito simples. Encontramos algum motivo para prender esses dois... Deus sabe que já fizeram muita merda na vida. Fazemos uma acareação até que desovem a informação que queremos, e aí prendemos Sekine. Se eu estivesse incumbido do caso, faria isso. Infelizmente, não estou.”

“Aliás, quem é Arai? Qual é a ligação dele com Sekine?”

“Você vai ter de descobrir isso sozinho, Jake. Eu poderia lhe contar tudo, mas seria fácil demais. Saia perguntando. Você vai descobrir.”

Enquanto eu transava com Kimiko e conversava com Sekiguchi, os outros repórteres do *Yomiuri* faziam um brilhante trabalho rastreando a história nada brilhante de Sekine. Ao que parece, ele estivera sempre na órbita dos *yakuzas*; mesmo quando bem jovem já circulava pelo escritório da gangue local e prestava serviços, embora nunca tivesse conseguido se tornar membro pleno.

Sua vida não teve nada de notável até 1972, quando ele começou a negociar com animais exóticos. O negócio explodiu. Houve altos e baixos, ele se casou com outra “amiga de animais” em 1983 e se estabeleceu em Kumagaya, na região norte da província de Saitama. Cortou gastos produzindo sua própria ração para os animais, abatendo pessoalmente porcos e bois e moendo-lhes as vísceras para alimentar os cachorros. O sangue que vazava da loja e corria pelas ruas incomodava os vizinhos, como ocorria com as carcaças, descartadas junto com o lixo comum. Mas Sekine aperfeiçoou sua técnica e os vizinhos aprenderam a conviver com isso.

De volta à redação, confrontei meus dados com os de meus colegas. Descobri que a história de Ryoji Arai e Sekine remontava a dez anos antes. Até recentemente Arai tinha sido relações-públicas da African Kennel, mas depois ele e Sekine tiveram um desentendimento — mas não antes do desaparecimento da mulher de Arai. O mais provável é que Arai a tenha matado, e Sekine o ajudou a se livrar do corpo.

Por um contato na polícia, fiquei sabendo que Arai era um homem procurado, muito procurado. Tinha conseguido se indispor com membros das duas maiores organizações criminosas do Japão — o Inagawa-kai e o Sumiyoshi-kai —, maltratando o cachorro de um integrante do primeiro grupo e fazendo desaparecer uma grande importância em dinheiro do outro.

Soube por outra fonte que tinha sido divulgado um *zetsuenjo* com referência a Arai. Quando alguém abandona um grupo do crime organizado, os *yakuzas* mandam aos demais membros do grupo uma carta que pode ser de duas espécies. O *hamonjo* (“portão quebrado”) avisa que a pessoa não faz mais parte da organização e aconselha o destinatário a não lhe dar abrigo nem fazer negócios com ele. O *zetsuenjo*, como o que se referia a Arai, diz que o indivíduo traiu a organização, já não tem condições de fazer parte dela e está sendo caçado. Às vezes solicita informações sobre o paradeiro de tal pessoa. É como se fosse um cartaz de “Procura-se vivo ou morto” que circula entre os grupos do crime organizado. Essa fonte permitiu que eu tirasse uma cópia do *zetsuenjo*.

Armado de minha cópia desse documento singular, voltei para a casa de Sekiguchi. Eram seis horas de uma tarde quente e úmida. Vestindo meu terno de verão, com

gravata de seda e sapatos sociais, eu estava na maior elegância. Até minhas meias eram do mesmo par.

Enquanto eu caminhava em direção à porta, esta se abriu. Por ela saíram os quatro membros da família Sekiguchi, todos usando joggings cinza.

“Jake, você chegou na hora. Venha correr conosco.”

“Estou de terno.”

“E daí? Mesmo assim você consegue correr. Vamos.”

As crianças me puxavam pelo braço. “Vamos, Jake. Se você quer conversar com nosso pai, tem de correr. Tente nos alcançar!”

E com isso dispararam à frente dos pais. Na verdade, não tive escolha; comecei a correr, ridiculamente, de terno, tentando manter o ritmo de Sekiguchi. Em dez minutos a trilha tinha nos levado às montanhas. Meu único par de sapatos sociais estava a ponto de virar uma vítima do dever.

“E então”, perguntou Sekiguchi, “encontrou alguma coisa sobre Arai?”

“Sim”, respondi, ofegante. “Tenho comigo o *zetsuenjo* dele.”

“Mostre-me isso.”

Tirei-o do bolso e o entreguei a Sekiguchi, que continuou correndo enquanto lia.

“Ótimo trabalho, Jake. É bom ver você fazendo alguma coisa por si. Não vou estar aqui para sempre para lhe dar comida na boca.”

“Eu não estava contando... com... isso.” Estava difícil me manter no compasso do cara. Como era possível que ele fumasse dois maços por dia e ainda me desse de dez a zero?

Nem as crianças me davam trégua. “Vamos lá, Jake. Não seja tão lerdo.”

“Está bem, vamos acelerar”, disse eu, tentando salvar alguma dignidade, e corri na frente. Sekiguchi me alcançou com três passadas.

“Fora de forma, Jake? Olha que vou viver mais que você.”

“Acho que vai.”

“Então quer voltar?”

“Não me importaria.”

“Está bem, nos encontramos em casa.”

“De jeito nenhum. Não vou desistir se vocês continuarem.”

“Tem certeza?”

“Claro que tenho certeza”, disse eu, numa bravata ofegante.

“Está bem, então terei misericórdia”, disse Sekiguchi. Chamou seus soldados e anunciou: “Estamos voltando para casa. E em consideração a Jake-kun, caminharemos: *um, dois, três, quatro*”.

Assim que me alinhei com ele, Sekiguchi me pôs por dentro das coisas.

Arai e Sekine eram sócios. Mas Arai era um safado ambicioso. Vendeu um cachorro caro ao chefe de um dos grupos do Sumiyoshi-kai e devia tomar conta dele enquanto o sujeito estava viajando. Em vez disso, abandonou o cachorro e fugiu da cidade com o dinheiro que pegara emprestado com o grupo para abrir um negócio de importação de animais domésticos. Segundo se dizia, tinha levado alguns milhões que Takada lhe emprestara.

Quando o chefe do Sumiyoshi voltou e encontrou o cachorro quase morto, ficou furioso. Jurou que ia caçar Arai

como a um cão. Arai ficou assustado, enfiou-se no mato, mudou de nome, tornou-se religioso e começou a pintar arte budista. Pouco tempo antes tinha ressurgido das cinzas e, ao que parece, voltara a trabalhar para Sekine. Talvez depois de anos vivendo como um monge ele tenha sido vencido pelo cheiro do sucesso de Sekine. Então, subitamente, Arai sumiu para nunca mais ser encontrado. Ele devia saber alguma coisa sobre as pessoas próximas de Sekine que tinham sumido.

“Então foi isso.” Sekiguchi virou-se para mim e começou a ficar sério. “Nem uma palavra disso para ninguém, entendeu? Isso fica entre nós dois. Porque eu quase meti os pés pelas mãos nessa história.”

“Certo.”

“Tudo bem. Arai devia a Takada alguns milhões de ienes quando se mandou. Todo mundo achou que Arai tinha sido mandado desta para melhor quando desapareceu, mas a gente sabia que não tinha acontecido nada disso. Quando Arai volta à cena e desaparece de novo, procuro Takada e pergunto se ele sabe alguma coisa sobre Arai.

“Takada responde: ‘Esse filho da puta? É melhor que esteja morto’.

“Eu digo a ele: ‘Pois não está. Parece que está vivo e passa bem’. Eu estava jogando verde porque não fazia a menor ideia de onde Arai estava, e sabia que, se Takada acreditasse que ele estava vivo, o encontraria. O engraçado é que nós encontramos Arai primeiro. Está completamente falido, não tem como pagar a Takada o que lhe deve. Quando Takada o encontrar, será um homem morto.

“Como precisava de Arai por outros motivos, tive de voltar a ver Takada e fazer que ele se acalmasse, dizer a ele que não encostasse um dedo no infeliz.

“Isso então chega ao conhecimento do grupo do Sumiyoshi-kai que estava irritado com Arai. Aí eles decidiram que iam acabar com o salafrário filho da puta e torturador de cães antes que Takada o fizesse. Por isso precisei acalmar esses caras. Em mais ou menos uma semana, tive de salvar a vida desse saco de merda duas vezes.

“Homem, tentar manter esses animais sob controle não tem graça nenhuma. Estou ficando de saco cheio. Se essa investigação sobre Sekine não der em nada, acho que não haverá muita coisa que eu possa fazer. Não posso ficar de olho nos *yakuzas* para sempre, tentando ser razoável com eles.”

Fiquei um pouco confuso. “Você não acha que seria mais fácil para todo mundo tirar umas longas férias de verão e deixar Takada e o Sumiyoshi-kai saberem disso? Não poderia ser uma solução?”

“Sim, droga, penso nisso o tempo inteiro. É possível que fosse feita justiça. O problema é que devemos isso às famílias das vítimas de Sekine. O caso nunca vai terminar para elas se deixarmos Arai e Sekine morrerem assim. Eles precisam saber a verdade.”

Em 2 de setembro, eu estava num motel de Omiya com Kimiko. Ela massageava minhas costas e eu reclamava da lentidão do caso do criador de cães.

“Bom”, disse ela, apertando o cotovelo contra meus ombros, “por que eles não pegam as fitas que estão com Arai?”

“Que fitas?”

Kimiko explicou: Arai tinha se vangloriado das fitas diante de um camarada, um *yakuza*, que era cliente habitual do bar e apareceu uma noite disposto a conversar. Arai tinha dito que estava em segurança, que não podiam tocar nele, que não ia acabar como Endo porque tinha provas contra Sekine, que praticamente confessara os assassinatos numas fitas. Pelo jeito Shima, o motorista de Sekine, tinha ajudado a dar sumiço no corpo.

Eu não sabia que valor teriam essas fitas como prova, mas pareciam bem importantes. “Tenho de contar isso a Sekiguchi”, disse eu, pulando da cama.

“Tem de ser agora? Você tem de contar isso a ele já?”

“Sim, esse negócio é importante.”

“Você é quem sabe.”

Sekiguchi atendeu o telefone, e eu estava começando a relatar a história das fitas quando Kimiko, um pouco porque estava irritada e um pouco porque tinha um estranho senso de humor, arrancou-me as calças e se pôs a me chupar. Ficou difícil sustentar uma conversa com um mínimo de concentração, e comecei a falar o mais rápido que pude: “... assassinatos... corpo... Kimiko... eu... você”.

“Se isso é verdade, temos de pegar Arai imediatamente. Bom trabalho, Jake. Mais alguma coisa?”

“Não, acho que não.”

“Você está bem? Está falando rápido à beça.”

“Estou ótimo. Só um pouco cansado.”

“Está bem, descanse então”, disse ele, e desligou.

Mas não pude, porque o tratamento que me fora dispensado por Kimiko tinha me deixado excitado. Três segundos depois eu já tinha superado a excitação. Desmaiei na cama com o fone ainda na mão, querendo dormir, mas Kimiko não ia tolerar isso.

Cavalheiro que sou, sabia que lhe devia muito. Então desliguei meu bipe pela primeira vez em meses.

Num primeiro momento, Sekiguchi não soube o que fazer com a novidade da existência das fitas. Se contasse a Takada, ele localizaria Arai, tomaria as fitas e mataria Arai e Sekine. Uma coisa era suspeitar que Sekine matara Endo, e outra era Sekine admitir que tinha feito isso.

Sekiguchi decidiu passar a informação ao segundo homem no comando da organização de Takada, que vou chamar apenas de Consigliere. Ele ouviu o que Sekiguchi tinha a dizer e prometeu cuidar daquilo discretamente.

A partir desse ponto, as coisas começaram a andar depressa.

Num abrir e fechar de olhos o Consigliere encontrou Arai, que por algum motivo se tornou loquaz. O Consigliere não mencionou as fitas — não precisou fazê-lo — a seu chefe, Takada.

As revelações de Arai mudaram todo o curso da investigação. Arai não tinha participado do desaparecimento das quatro últimas vítimas, mas seu motorista, Shima, sim. Por intermédio de Shima, Arai soube que Sekine matara Endo e seu motorista, Wakui, com veneno, e que Shima ajudara a sepultá-los. Assim, o que Shima sabia era o quanto bastava para enterrar Sekine.

Os policiais cansaram de esperar e prenderam Arai por uma acusação de fraude. Achavam que ele não seria de muito proveito, pois ainda que confessasse ter matado a mulher, provar um crime ocorrido dez anos antes seria difícil sem que houvesse um corpo. O que lhes interessava era o

que Arai poderia dizer a respeito de Shima. Se conseguissem dobrar Shima, Sekine estaria no papo.

O que ninguém, muito menos Sekiguchi, esperava era que no dia da prisão de Arai o Consigliere falasse a Takada sobre a existência das fitas. Isso levou Takada a chamar Shima imediatamente e dizer-lhe que ele devia revelar onde estava o corpo de Endo, ou seria o corpo dele mesmo, Shima, que precisaria de sepultamento.

Shima ficou devidamente abalado, mas viu-se numa verdadeira sinuca. Gostaria de dizer a Takada onde estava o corpo de Endo, mas não havia corpo — nada que se pudesse chamar de corpo. Como poderia dizer a um chefe *yakuza* que ele, Shima, ajudara a retalhar e queimar o corpo do número dois da organização?

Takada, por sua vez, se dispunha a apressar a justiça, ou ameaçava fazê-lo, porque as coisas estavam andando devagar demais. Queria honrar Endo, ainda que postumamente, e gostaria que Sekiguchi tivesse argumentos irrefutáveis para ferrar o assassino.

Em conversa com Sekiguchi, Takada prometeu não matar Shima. Ele tinha um peixe maior para fisgar, já que Sekine estava vivo e livre. Mas se pudesse ficar a sós com Shima, ficaria sabendo onde estava o corpo. Os policiais estavam vigiando a casa de Shima. Será que Sekiguchi conseguiria afastá-los?

Sekiguchi não podia fazer isso, naturalmente. “Temos gente de plantão vigiando a casa dele quase o tempo todo. *Quase o tempo todo*”, repetiu.

Takada entendeu a dica. Quando o policial terminou sua guarda, Takada e alguns leões de chácara apareceram. Shima, olhando pela janela e vendo o que estava por vir, correu para os fundos e disparou para a delegacia. Em

lágrimas, ajoelhado e com as mãos no chão, implorou: “Se vocês vão vigiar minha casa, pelo amor de Deus vigiem vinte e quatro horas por dia”.

Quando soube que a polícia não poderia prometer isso, Shima foi embora. Ninguém soube para onde. Nem Takada, nem Sekiguchi, nem a polícia de Saitama. A polícia estava com Arai, mas as coisas voltavam de novo à estaca zero.

Mas mais uma vez a singular rede de informação *yakuza* de Sekiguchi veio em seu socorro quando o Consigliere lhe entregou diversas fitas de áudio. A qualidade do som era péssima, mas dava para perceber que se tratava de Arai conversando com Sekine e Shima. Uma porção de coisas foi dita numa espécie de código, mas no caso de outras o significado era bastante claro.

Shima — numa provável referência ao desaparecimento de Endo — garante a Arai que isso não era problema. “O corpo está invisível”, diz ele. E acrescenta: “O corpo está em Gunma”. Shima se refere a outros cadáveres. Fala sobre ter dirigido o carro de Kawasaki até a estação de Tóquio para deixá-lo abandonado num estacionamento. Deixa implícito que ajudou a transportar o corpo de Kawasaki.

Não transpirava das fitas nenhuma incriminação incontestável, mas havia nelas bastante material para trabalhar na sala de interrogatório. Shima era de importância crucial, sem Shima não haveria interrogatório, não haveria processo. Assim, começou outro período de espera. Em novembro, Sekiguchi deixou a equipe e voltou à Divisão Anticrime Organizado. O pressuposto tácito era de que Shima tinha sido morto e que, depois disso, o caso nunca seria solucionado.

Eu estava errado.

Foi o chefe *yakuza* Takada quem continuou obstinado em sua busca pessoal de justiça. No fim de novembro, ele conseguiu localizar Shima, que tinha mudado também de nome e se casara; Takada informou a Sekiguchi, que por sua vez informou à polícia de Saitama. Shima foi preso em dezembro, e, confrontado com as fitas, falou.

A informação que deu se confirmou. Procurando o lugar indicado por ele na província de Gunma, a polícia encontrou dentes de Kawasaki que bastariam para sustentar um processo. Mandaram uma equipe diminuta. Ninguém sabia disso, nem o *Yomiuri*, nem ninguém.

Em 5 de janeiro, logo depois dos feriados de Ano-Novo, a polícia de Saitama soltou Shima sob fiança e anunciou a prisão de Gen Sekine e de sua mulher, Hiroko, pelo esquartejamento de Akio Kawasaki. Poucas horas após a prisão, Sekine admitiu quase tudo. Depois de um ano angustiante e, dependendo do ponto de vista, de mais de uma década, o caso da Sequência de Desaparecimentos de Amigos de Cães de Saitama estava encerrado.

Conseguí o furo? O *Yomiuri* conseguiu o furo?

Neca!

Eu me senti traído, fiquei zangado e fugi do hospício que era a redação a fim de ligar para Sekiguchi.

“Jake, por que você não ligou?”

“Por que não liguei?”

“Você nunca me deu o telefone de casa, por isso liguei para a redação de Urawa três vezes desde o Ano-Novo e não consegui te contatar. Pensei que estivesse nos States.”

“Deixou recado?”

“Sim, é claro.”

Fiquei abismado. Será que ele estava mentindo? Eu me sentia como uma namorada traída.

Perguntei na redação se alguém tinha ligado para mim.

“Ah, sim, você recebeu algumas ligações”, disse um dos novatos. “Pensei que fosse um corretor de seguros ou algo assim. Os números estão por aqui em algum lugar.”

Remexeu a pilha de retratos de bebês, notas de esportes e recortes que havia em sua mesa até encontrar o papel em que havia um número rabiscado. Era o telefone da casa de Sekiguchi.

Reprimi a ânsia de esganar o garoto. Tinha um grito preso na garganta: “Foi você! Você fodeu com um ano de trabalho meu porque teve preguiça de ligar para mim!”. Mas o grito ficou na garganta.

*Eu* tinha estragado tudo. Se tivesse ido à casa de Sekiguchi nos feriados, tudo teria sido diferente. Eu tinha cometido o erro fatal sobre o qual Sekiguchi me prevenira, não aparecendo na casa dele quando achei que nada estava acontecendo, não observando atentamente as investigações em andamento. Nunca lhe dera o telefone de minha casa. O fato de ter ligado para a redação tinha sido arriscadíssimo para ele.

Esse foi o fim decepcionante da história. Eu tinha a primazia incontestada do caso. Conhecia o plano de jogo. Até aquela última jogada, sabia tudo o que estava acontecendo com a investigação, e poderia ter ficado sabendo que os restos de Kawasaki haviam sido encontrados. Poderia ter dado o furo do ano. Mas não dei.

No fim das contas, Sekine e sua mulher foram condenados pelo assassinato de apenas quatro pessoas. Quantas eles realmente mataram continua sendo um mistério.

parte ii

日常

a jornada

# Bem-vindo a Kabukicho!

Depois de um período breve e meio entediante cobrindo a política local de Saitama, não tardou muito para que a reportagem policial me chamasse outra vez, dessa vez na própria Tóquio. Finalmente os bons tempos chegavam para mim. E na hora em que nós, novatos no *shakaibu* de Tóquio, fomos designados para nossas respectivas áreas, me mandaram para o Inferno. A divisão de costumes.

Nessa época eu já tinha me casado, e a sra. Sunao Adelstein não gostou nem um pouco de minha designação para a rua da tentação. Estávamos casados havia mais ou menos três anos. Foi um romance-relâmpago. Eu a conheci num evento que ela cobria como repórter das Publicações Nikkei, e convidei-a para sair. Sunao tinha 29 anos e queria se casar antes dos trinta. Depois de vários encontros, ela pôs as cartas na mesa: sairíamos durante três meses, mas se ao fim deles eu não estivesse disposto ao casamento... *sayonara*. Ela era divertida, bilíngue e atraente — continua sendo —, e o acordo me pareceu excelente. Pus minhas cartas na mesa: casamento, tudo bem. Mas exigia três anos de carência para a produção de prole. Ela concordou, e noivamos em tempo recorde. Na verdade, nos casamos na véspera do trigésimo aniversário dela, durante minha hora do almoço, na prefeitura de Urawa. Por pouco o casamento não foi anulado no mesmo dia porque escrevi o ano de meu

nascimento segundo o calendário imperial japonês tradicional, Showa 44, e não segundo o calendário ocidental, 1969. Entretanto, bastaram uns gritos e bate-bocas para pôr as coisas no lugar.

Ela estava animada com a mudança para Tóquio, e eu também. Por fim iríamos embora de Nova Jersey. Eu voltava à reportagem policial na cidade grande.

Tecnicamente, tratava-se do Quarto Distrito da Polícia Metropolitana, mas na verdade era como ser destacado para uma zona de combate. O Quarto Distrito incluía a polícia de Shinjuku, quase todo o distrito de Shinjuku e a mal-afamada área de Kabukicho. Esse lugar nada tinha a ver com o *kabuki* — o teatro tradicional japonês, em que os intérpretes são todos homens, mesmo nos papéis femininos —, mas tudo a ver com a tradicional indústria do sexo.

Kabukicho já foi a maior, a mais explosiva e a mais rendosa zona de prostituição de Tóquio. Durante o governo de Shintaro Ishihara, o dpmt fez um esforço concentrado para pôr ordem na casa, transformando o lugar numa sombra do que fora no passado. O detonador provavelmente foi o horroroso incêndio do edifício Meisei 56, em setembro de 2001, em que morreram 44 pessoas. O prédio pertencia a Shigeo Segawa, traficante de mulheres protegido pelos *yakuzas*, conhecido também como Rei das Soaplands, diversas vezes intimado por descumprimento de medidas de segurança em seus edifícios.<sup>12</sup>

O incêndio chamou a atenção para o fato de Kabukicho ter se tornado uma terra sem lei.<sup>13</sup> Era preciso fazer alguma coisa. Talvez não uma desocupação total; a obrigatoriedade de cumprir com as normas de segurança podia ser suficiente. Talvez. Não sou nova-iorquino, mas creio que a transformação de Kabukicho pode ser comparada à da

velha Times Square na nova Times Square da era pós-Giuliani.

Em matéria de áreas de entretenimento, em 1999 nenhuma ganhava de Kabukicho em sordidez. Drogas, prostituição, escravidão sexual, bares de preços extorsivos, casas de garotas de programa, salões de massagem, salões sadomasoquistas, lojas de pornografia e produtores de material pornográfico, bares caros de acompanhantes, salões baratos de boquete, mais de cem facções de *yakuzas*, máfia chinesa, bares de prostituição gay, boates de sexo, lojas de calcinhas e uniformes usados de colegiais e uma população de trabalhadores etnicamente mais diversificada do que em qualquer outro lugar do Japão. Era como um país estrangeiro no meio de Tóquio. É claro que eu não tinha ideia da péssima reputação do lugar naquela época. Tudo o que eu sabia era que tinha sido escolhido para fazer a cobertura.

Havia anos que eu não ia lá. Fiquei imaginando se a misteriosa máquina de tarô que com tanto acerto previra meu futuro em 1992 ainda estaria no mesmo lugar. Talvez fosse hora de uma atualização. Eu poderia pedir algum conselho. O Quarto Distrito era um fardo bem pesado.

Mas não me deixaram sozinho. Inoue designou Okimura para a mesma área. Okimura tinha entrado em 1993, como eu, e era bem mais esperto para coisas como aquelas. Trabalhara em Yokohama, outro foco de atividade criminal, e fora testado e treinado no campo da reportagem policial. Casou-se com uma acompanhante, uma das mais bonitas de Yokohama, passando para trás pelo menos um editor

veterano da sucursal de Yokohama que paquerava a moça na mesma época. Okimura tinha sido lutador de kickboxing na faculdade e ainda estava esbelto e em boa forma. Tinha o olhar perdido que se pode observar em alguns veteranos das Forças Especiais.

Os repórteres de polícia do distrito eram comandados pelos repórteres do dpmt que estavam designados para a chefatura de polícia. Eles mandavam, nós obedecíamos. Também estávamos à disposição dos repórteres *yu-gun* (corpo de reserva), que podiam nos requisitar à editoria policial sempre que quisessem gente. Inoue tinha determinado que naquele ano, nós, os novatos, fôssemos autorizados a cobrir de fato nossa área e não sermos apenas moleques de recados dos repórteres veteranos na redação do *Yomiuri* no turno do dia. Seria uma experiência interessante.

A delegacia de polícia de Shinjuku ficava a dez minutos a pé de Kabukicho, perto da estação de Nishi Shinjuku e de uma ilha de edifícios de escritórios. Era um edifício bem novo e o mais alto da área. Contava pelo menos sete andares. Um policial, armado com um cassetete comprido, sempre montava guarda diante da delegacia. Eu tinha de passar por ele para entrar no prédio. No primeiro dia, disse-lhe que era repórter do *Yomiuri*. Ele nem piscou. Olhou para minha credencial e fez sinal para que eu entrasse. Refleti que em Tóquio, ou pelo menos na delegacia de Shinjuku, estavam mais habituados a lidar com estrangeiros.

\* \* \*

Quase todos os distritos de Tóquio tinham uma delegacia de polícia com uma sala de imprensa. A delegacia

de Shinjuku alojava a sala de imprensa do Quarto Distrito. Peguei o elevador para um dos andares de cima. A sala de imprensa era enorme para os padrões habituais. Era um vasto salão quadrado, com uma mesa para o repórter de cada jornal e de cada canal de televisão, todas encostadas na parede, formando um L ao longo de toda a sala. Perto da porta havia uma sala separada coberta de tatame, cheia de futons e completamente escura, a menos que você entrasse e acendesse a luz. Um lugar para dormir. Pressenti que ia gostar bastante daquele trabalho.

A sala de tatame sem dúvida veio a calhar. Sunao e eu estávamos tentando ter filhos, e não importava o que acontecesse, chovesse ou fizesse sol, de dia ou de noite, não perdíamos o dia de ovulação dela. Numa emergência, essa sala resolvia.

O então usuário da mesa que eu deveria ocupar roncava quando cheguei, recostado o mais possível na cadeira de espaldar baixo, meio caindo, com os braços pendurados, o nariz para cima, o cabelo espetado em desordem. Emitia uns gargarejos. A camisa estava coberta de flocos de biscoito de arroz, e havia um pacote aberto desses biscoitos atirado aos pés dele. Passei a chamá-lo de Esfarelado.

A jovem repórter do *Asahi* que se sentava a duas mesas de distância — sempre pensei nela como sra. Varapau — tinha os lábios apertados de repulsa por causa dele quando entrei. Lançou-me um olhar curioso, fez contato visual, mas não disse nada. Deixei cair a mochila, cheia de livros, minha câmera e meu computador, em cima da mesa do Esfarelado, como que por descuido. Ouviu-se um ruído surdo quando ela se chocou contra o tampo, assustando o Esfarelado, que escorregou da cadeira e aterrissou a meus pés.

“Desculpe.” Não me ocorreu nada melhor a dizer.

O Esfarelado se pôs de pé, catando o resto dos biscoitos de arroz ao se levantar.

“Não tem problema. Estava cochilando um pouco. É isso.”

“Isso.”

“Então você vai assumir, não é?”

“Vou.”

“Bom, não tenho muita informação ou experiência para passar. Nem parece que estive tanto tempo no Quarto Distrito, e francamente os repórteres do distrito ficam tão ocupados fazendo mil coisas que mal permanecem aqui.”

“Inoue-san me disse a mesma coisa. Disse que este ano ele vai incentivar os repórteres do distrito a fazer reportagens de fato. Seria uma boa preparação para ser um repórter policial nos centros de comando.”

Ele tirou um caderno vermelho de uma pilha que estava sobre a mesa e disse: “Sim, bem, eu gostaria que tivesse sido assim comigo. Aqui está a lista de policiais que eu tenho. Não é muito”.

Não era mesmo. A lista estava sem atualização havia mais de um ano. Se isso era tudo o que ele tinha, eu precisaria começar do zero, fazendo minha própria lista de policiais e seus endereços para fazer a ronda noturna. Ele me entregou uma coleção de anúncios e recortes de jornal da delegacia policial do Quarto Distrito, um guia de Kabukicho, um saco plástico cheio de *meishis*. Notei que havia uma pilha de cupons de desconto para sex shops na cesta do lixo e uma caixa vazia de camisinhas, mas não sabia se eram dele nem quis perguntar.

Perguntei ao Esfarelado o que eu devia fazer para cobrir a área com eficiência. Ele partiu ao meio um biscoito de

arroz e me ofereceu metade. Aceitei. Quando começou a mastigar, voaram migalhas para todo lado. Algumas foram colhidas pela corrente de ar do ventilador, flutuaram e pousaram sobre a sra. Varapau, que as esmagou como se fossem moscas. O Esfarelado me passou sua ideia do que significa ser um repórter de distrito policial.

“Basicamente, Adelstein, você é bucha de canhão. Os repórteres do distrito policial são moleques de recados dos repórteres do dpmt e dos rapazes da redação central. Todos os grandes casos ficam sob o comando do centro de operações do dpmt, e seja o que for que a polícia local fizer por si mesma, provavelmente não será notícia. Dê-se por satisfeito se essas coisas saírem na edição local, porque na edição nacional nem pensar. Ninguém espera de você um grande furo nesse posto, e ninguém vai ficar muito aborrecido se você fizer corpo mole. Trate de conhecer alguns policiais, escreva algumas matérias de apelo emotivo e dê alguma informação aos verdadeiros repórteres de polícia, assim estará tudo bem.”

“Pensei que Kabukicho fosse um foco de atividade criminosa.”

“E é. Mas isso não faz com que seja notícia. Pessoas são feridas ou mortas ali o tempo todo. Mas se um chinês, uma prostituta ou um pistoleiro *yakuza* foi eliminado, quem se interessa? Nem os policiais nem o público. Em noventa por cento dos casos, por mais que um caso pareça ser um assassinato, a polícia de Shinjuku sempre vai dizer que foi uma briga que acabou em morte... ou seja, homicídio culposo. Por quê? Porque assim eles não precisam fazer uma investigação completa. Podem encontrar um chinês falsificador de cartões de crédito com trinta e seis facadas

nas costas nas ruas de Kabukicho, e vão dizer que foi morte acidental. É provável que nem sequer a noticiem.”

“Então, o que é notícia aqui?”

“Qualquer coisa que envolva uma pessoa famosa, ou um civil, ou um adolescente. É por aí. Se os *yakuzas* começarem a se matar entre si e isso parecer uma guerra de facções, talvez seja notícia.”

“Pensei que teria de conhecer os nomes, endereços e telefones de todos os principais investigadores da delegacia.”

“Ah, eles te dizem isso, mas não se pode fazer assim. Não é como nos velhos tempos, em que você ia até o subdelegado da divisão de costumes e ele lhe dava uma lista de nomes e endereços dos chefes de cada divisão de investigação e os nomes dos chefes de brigada também. Eles já não fazem isso. Principalmente o Toupeira.”

“Toupeira?”

“É o subdelegado da divisão de costumes. Está sempre apertando os olhos como se não tolerasse a luz. Passou a carreira toda em cargos administrativos. Acha que o trabalho dele é impedir que se consiga qualquer informação, inclusive comunicados de imprensa. Ele vai fazer o possível para interferir em toda matéria em que você queira trabalhar. É de uma inutilidade total e odeia repórteres. Boa sorte.”

A sra. Varapau deu uma risadinha. Dirigi-me a ela.

“Isso é verdade?”

“Verdade absoluta. Talvez ele seja diferente com um estrangeiro. Quem sabe?”

Não era. Perguntei ao Toupeira quando poderia ver o delegado da divisão de costumes e apresentar-lhe minhas saudações formais. Recusou. Perguntei quando poderia falar

com os investigadores de cada uma das seções, e ele disse: “Nunca”. As respostas do Toupeira eram as mesmas para o que quer que fosse.

“Eu cuido das relações públicas. Qualquer coisa que quiser saber, pergunte a mim. Além disso, a chefatura do dpmt cuida de todos os assuntos importantes. Não incomode os investigadores.”

Para minha sorte, o delegado da divisão de costumes tinha ouvido falar de mim por Misawa, o mais antigo e venerado repórter policial do *Yomiuri*, e enquanto o Toupeira se ocupava de me afastar, ele apareceu à porta de seu escritório e me convidou para entrar. Acabei lhe perguntando se havia problema em um breve cumprimento ao chefe de cada seção, e ele ordenou ao Toupeira que tratasse disso. Notei que o Toupeira se encolheu todo ao receber a ordem, mas fez o que lhe mandaram.

Não foi só minha personalidade encantadora que pôs o delegado da divisão do meu lado. Eu tinha vindo preparado, é claro. Sabia que o delegado era um fumante inveterado e gostava de Lucky Strikes, e eu tinha um amigo no duty-free que me abastecia. Vinham em caixinhas e não no maço comum, o que era raro naquela época, segundo me disseram. Um pacote de cigarros podia comprar muita boa vontade no Japão.

Depois de trocar cartões de visita com dez policiais graduados, sob o olhar vigilante do Toupeira, voltei à sala de imprensa.

Varapau estava à espera. Apresentou-me aos repórteres da Jiji, da Kyodo, da nhk, do *Mainichi* e da Nikkei. Fofocamos

um pouco. Respondi às vinte perguntas habituais. Sim, eu era um boa-praça. Expliquei como tinha entrado para o *Yomiuri*. Sim, eu comia sushi. Sim, gostava dos policiais. Sim, lia e escrevia japonês.

Queixei-me do Toupeira. Ele desagradava a todos nós. Nesse sentido, ele fez muito pela unificação da sala. Não havia nada interessante nas notícias e nenhum pronunciamento programado para aquele dia, de modo que a primeira coisa que fiz depois do almoço foi puxar um futon, apagar as luzes da sala do tatame e dormir. O Quarto Distrito era o Inferno? Quá-quá-quá. Era o sétimo céu, o paraíso — ou era isso o que eu pensava ao adormecer.

O paraíso não durou muito. Às duas da tarde, o Toupeira ligou para nos avisar que a polícia de Shinjuku ia anunciar uma prisão por infração da Lei de Prevenção da Prostituição. O chefe da divisão de costumes, Shimosawa-san, fazia uma exposição para nós no escritório do delegado. Liguei para a sala de imprensa do dpmt e dei o aviso. Descemos correndo para a sala, e lá estavam o delegado atrás de sua mesa e o investigador-chefe encarregado do caso de pé diante da mesa, com folhetos. Outro investigador estava sentado num canto, tomando notas. O comunicado não continha muita coisa. Era sempre assim com o dpmt. Os comunicados de imprensa da polícia de Saitama pareciam romances em comparação com os exíguos materiais que o dpmt distribuía.

Dois dias antes, a polícia de Shinjuku detivera o dono e gerente de um bar de Kabukicho, chamado Palácio de Festas das Coroas Fogosas e Casadas, por agenciamento de

prostitutas. Ele dirigia o estabelecimento havia mais de um ano e ganhara cerca de 400 mil dólares. Shimoszawa nos mostrou um anúncio da casa que saíra no *Tokyo Sports*, um jornal popular vendido nas estações de trem da cidade:

Mulheres maduras e fogosas, sedentas de amor, querem satisfazer suas necessidades. Não há nada melhor do que se divertir com a mulher de outro, principalmente quando ela está em seu melhor momento. Ligue agora.

O anúncio mostrava diversas mulheres de trinta e tantos anos, a maior parte delas com tarjas pretas ocultando parcialmente o rosto. Akimoto também tinha anunciado na internet e em sites de companhias de telefonia móvel. Era uma novidade na época: pessoas usando a internet para atividades ilegais!

Outra coisa nesse site que estava à frente de seu tempo era que, se você imprimisse a página inicial e a apresentasse no estabelecimento, teria um desconto de milhares de ienes. O site era muito bem-feito. Tinha um menu completo de serviços e opções, que eu não conseguia imaginar o que significavam. *Wakamesake? Shakuhachi?*

Por que ofereciam saquê com algas? E *shakuhachi*? Estariam usando instrumentos de sopro como vibradores? Será que eu não estava entendendo alguma coisa?

Shimoszawa nos mostrou tudo aquilo, mas não explicou o menu.

“Ao contrário de muitas boates de sexo de Kabukicho, esse lugar oferecia *honban* sem rodeios. Tinham uma equipe de mais de trinta mulheres com hora marcada e dez delas disponíveis a qualquer momento. Suspeitamos da presença do crime organizado por trás disso. Alguma pergunta?”

Ninguém levantou a mão. Eu levantei. “O que é *honban?*”, perguntei.

Shimozawa pareceu surpreso.

“Você não sabe o que é *honban?*”

“Não.”

Varapau deu uma risadinha.

“É o próprio ato sexual. Inserção do pênis na vagina”, ele respondeu.

“Não é o que se faz em todas as boates de sexo?”

“Não exatamente.”

“Bom, se os clientes não inserem o pênis na vagina, o que fazem com ele, então?”

Shimozawa riu. “Você nunca cobriu a Prevenção ao Crime?”

“Na verdade, não.”

“Então você não sabe como funciona?”

“Como funciona o quê?”

“Toda a indústria do sexo.”

“Na verdade, não.”

“Bom, seria melhor você ler algo sobre o assunto.”

Nagoya-kun, da agência Kyodo, perguntou se havia algum famoso lá quando eles fizeram as prisões e revistaram a boate. Não havia.

Eu quis fazer outra pergunta: “Quantas prostitutas foram presas?”.

“Nenhuma.”

“E clientes?”

“Nenhum.”

“Só o responsável?”

“Só o responsável.”

As pessoas olhavam para mim como se eu fosse um completo idiota. Mas aquilo não fazia sentido para mim. Por

que os policiais prenderam apenas o responsável pela boate se existia uma lei formal contra a prostituição? Entendi que estava num território totalmente novo. Gostaria de fazer mais perguntas, mas senti que estava abusando da paciência dos policiais, então calei a boca, mas tudo tem um limite. Um de meus provérbios japoneses prediletos diz mais ou menos o seguinte: “Não saber e perguntar é um momento de constrangimento; não saber e não perguntar é uma vida de vergonha”. Sempre achei que era melhor parecer um idiota e fazer muitas perguntas sobre assuntos novos do que fingir saber.

Fiz outra pergunta: “Essa boate anunciava que tinha como atendentes mulheres casadas, mas quantas eram realmente casadas?”.

Shimozawa nem precisou olhar para seus apontamentos. “Boa pergunta. Cerca de um terço delas eram realmente casadas. A maioria era divorciada ou solteira.”

Depois da exposição, quando eu estava guardando meu computador, o investigador que estava sentado no canto se aproximou de mim e apresentou-se. Mais tarde me disseram que as pessoas o chamavam de Policial E.T. Tinha um aspecto impressionante. Quase 1,90 metro — alto para um japonês —, magricela, cabeça raspada, olhos muito pretos, quase nada de branco, e só pupilas. Vestia um terno cinza-escuro, gravata azul-marinho e mocassins pretos.

“Você não está entendendo nada disso, não é? Já fez reportagem policial antes?”

“Cobria o Birô de Controle do Crime Organizado em Saitama.”

“O negócio do co, não é? Isto aqui é outro papo.”

“Estou vendo. Vou ter de estudar.”

“O submundo de Tóquio é uma coisa complicada. Os livros não vão te ensinar como funciona. Claro que você pode estudar as leis, mas o que está nos livros e o que acontece são coisas diferentes.”

Ele me deu o cartão de um bar em Kabukicho.

“Saio daqui às nove. Nos encontramos nesse bar. Vou caminhar com você por Kabukicho, explicar as coisas para você.”

Fiquei grato. Não é todo dia que um policial decide tomar você sob sua proteção. Concordei alegremente em encontrar-me com ele.

Antes disso, eu precisava terminar um artigo em que estava trabalhando sobre uma boate de “esposas fogosas”. Digitei-o em cerca de uma hora e mandei-o a meu editor. Caminhei quinze minutos até a livraria Kinokuniya, peguei um exemplar do Código Penal japonês e leis complementares e comecei a folhear as páginas das leis sobre entretenimento para adultos. Não era fácil de entender. O Policial E.T. sabia do que estava falando.

O bar onde eu devia encontrar o Policial E.T. era uma espelunca. Minúsculo. Mais parecia um closet. Havia um balcão com tampo de obsidiana que atravessava todo o ambiente. Não tinha janelas nem mesas. Era tão escuro que quando acendi um cigarro foi como se estivesse soltando fogos de artifício. O dono vestia um smoking e tinha a cabeça completamente raspada. Tentei pedir um drinque, mas ele disse “o senhor vai tomar um uísque”, e me serviu.

Regra número um para beber com policiais: você só pode pedir (1) saquê, (2) *shochu*, (3) cerveja ou (4) uísque.

Coquetéis tropicais não são permitidos. Um martíni seco pode ser aceitável, já que o 007 bebia isso. Mas, se pedir um Blue Hawaii, vai ter de juntar suas tralhas e começar a cobrir casos de família.

O Policial E.T. chegou sem pressa trinta minutos depois. Como usava jeans, tênis vermelhos e uma camiseta da banda ac/dc, senti-me vestido com excessiva formalidade. Ele acenou para o dono, o dono acenou em resposta, serviu uma dose de Jameson e lançou o copo pelo balcão com a precisão da seleção escocesa de *curling* nas Olimpíadas de inverno. Num único movimento, o E.T. segurou o copo deslizando entre os dedos, levou-o à boca e bateu-o no balcão.

“Como devo chamá-lo? Adelstein-san? Jake-san?”

“Só Jake estaria bem.”

“Está bem, Jake-san. Então esse negócio é confuso para você, não?”

“Bom, é sim. Se a prostituição é ilegal, tudo o que existe nessa área não deveria ser interditado?”

“Depende do que você entenda por prostituição. Vamos dar uma caminhada. Estou de folga e isto não é para ser publicado.”

E assim saímos para a noite.

Começamos a caminhar por Kabukicho perto do Tokyo Topless, lendária boate de striptease. O E.T. me mostrava vários tipos de estabelecimentos à medida que passávamos por eles, e começou a explicar como era a vida de um policial de costumes.

Em 1999, Kabukicho à noite parecia o Desfile Festival de Luzes da Disneylândia, com a diferença de que os indicadores de neon anunciavam boquetes em vez de férias em família. Diante dos edifícios e no meio das ruas, aliciadores de clientes vestidos de maneira formal, com terno preto e camisa branca, faziam abordagens agressivas, agarrando pelas mangas os trabalhadores que passavam e enfiando panfletos em suas mãos. Em alguns prédios se ouviam alto-falantes que despejavam vozes roucas de mulher anunciando prazeres sexuais além da imaginação: duzentos dólares por quarenta minutos. Algumas lojas exibiam na entrada cartazes iluminados com fotos das mulheres seminuas que trabalhavam lá. Parecia que todos os prédios estavam entupidos de boates e bares e cobertos de letreiros anunciando seus serviços.

“Não entendi por que as prostitutas não foram presas nesse último caso. Será que elas fizeram um trato, ou algo assim?”

“Você precisa entender que a Lei de Prevenção da Prostituição serve na verdade para proteger as prostitutas. Poderia chamar-se Lei de Proteção da Prostituta.”

“E como funciona?”

Quando passávamos pelo Bareo, ele me mostrou uma prostituta tailandesa meio escondida num beco, tentando conseguir clientes.

“Eu poderia prendê-la se ela praticasse um assédio aberto. Isso é ilegal. Mas se os caras vão até ela, não há problema. De qualquer modo, a coisa é assim. Depois da guerra, havia um monte de gente vendendo as próprias filhas no mercado de sexo. Como se fossem escravas.”

Assenti.

“Bom, em 1958, a prostituição naqueles moldes foi proibida. Passou a ser uma atividade autorizada. A ideia era garantir que as mulheres não pudessem ser obrigadas à submissão sexual. Assim, as pessoas punidas pela lei são basicamente cafetões, donos de bordéis e caras que abordam clientes para prostitutas. Na época, a ideia era que muitas das mulheres da indústria do sexo estavam sendo coagidas, e, se fossem punidas, a punição estaria atingindo as vítimas. Além disso, ninguém recorreria à polícia. Para a puta e seu cliente, não há punição. Se a mulher tiver menos de vinte anos, podemos mandá-la para um albergue.”

“Por que a lei não pune os clientes? Isso não desestimularia o comércio?”

“Certamente, mas quem você acha que fez as leis? Homens. Porra, na década de 1950, era provável que metade da Dieta frequentasse a *soapland*.<sup>14</sup> Havia um enorme problema social, com garotas vendidas como gado, e alguma coisa precisava ser feita, mas isso não quer dizer que os caras fossem usar os próprios paus como munição de bodoque. Então ficou assim.”

“Então não há punição pelo fato de ser uma prostituta ou dormir com uma delas. E sobre tudo o mais que acontece aqui? Deve ser ilegal, não é?”

“Nada disso. A regra geral diz que, desde que não haja intercursos propriamente dito, um estabelecimento pode oferecer qualquer tipo de serviço sexual que você quiser. Desde que não haja penetração de uma vagina por um pênis. Claro que existem restrições em cada área e coisas assim.”

“É por isso que eles podem anunciar, certo?”

“Livramento. Em jornais, letreiros, embalagens de lenços de papel. Dê uma olhada nesta fachada.”

Estávamos diante de uma casa cujo nome era algo como Enfermeira do Pau.

O cartaz mostrava japonesas sem calcinha com uniformes brancos de enfermeira complementados por chapeuzinhos brancos, agachadas sobre um japonês anônimo, com as mãos entre as pernas dele. O anúncio não tinha nada de sutil:

Trinta minutos, 6 mil ienes. Nossas enfermeiras vão devolver a saúde a suas partes baixas. Estas enfermeiras treinadas vão examinar e explorar todas as partes de seu corpo e tomar sua temperatura, oral ou anal, como você preferir. Diferentes opções.

“E isso é legal, certo?”

“Sim. Desde que as garotas não fodam com os clientes — não há problema. Veja, você pode constatar que nós permitimos que elas trabalhem dentro das leis de entretenimento adulto.”

E indicou um selo na porta.

Eu estava lendo o menu de opções, mas havia uma porção de termos que eu não entendia.

“O que significa isto?”

“*Anaru name*? É anilíngua. Ela lambe seu cu se você pagar um extra. Você pode também pedir uma massagem prostática. É quando a garota enfia um dedo no seu cu enquanto vai te chupando. Coisa habitual.”

Continuamos caminhando. O E.T. classificou para mim todas as lojas e estabelecimentos por tipos e serviços.

Havia salões de massagem sexual e lojas de cuidados corporais. Estas normalmente ofereciam masturbação, felação, massagem anal ou anilíngua. Algumas ofereciam sexo anal. As chamadas boates de imagem eram como parques temáticos sexuais. O cliente podia escolher entre

vários temas: noivas virgens, colegiais, enfermeiras, freiras e personagens de animação. A maior parte das garotas desses lugares se vestia a caráter e representava um teatrinho, como as garotas da Maid Station.

Ele me levou à Shinjuku Joshi Gakuen (Escola de Shinjuku para Meninas). Era o lugar mais famoso de Kabukicho, atendido por mulheres vestidas de colegiais. Muitas das escolas japonesas exigiam que seus alunos, meninos ou meninas, usassem uniforme e isso parecia criar algum tipo de associação pavloviana entre o uso de uniforme e as primeiras sensações de luxúria. Às dez da noite, havia uma fila diante do lugar.

“Você já esteve lá dentro?”, perguntei ao E.T.

“Não, nem a trabalho nem por divertimento. Mas é um lugar muito popular. Eles têm uma grande seleção de uniformes, uma cópia de cada uniforme de cada escola secundária de Tóquio. Isso é muito excitante para alguns caras.”

Como não podia deixar de ser, em cada um desses lugares, assim que viam a minha cara, diziam imediatamente ao E.T. que “não se admitem estrangeiros”.

Foi uma das razões pelas quais acho que nunca me dediquei a explorar Kabukicho como faziam meus colegas de trabalho, e para sorte minha.

O E.T. deu um jeito de fazer que eu entrasse em alguns bares de lingerie, um cabaré e em alguns outros lugares escabrosos aos quais normalmente eu não teria acesso. Paguei a conta, é claro. Alguns bares ofereciam felação a seus clientes. Havia ainda um ou dois “salões rosados” onde, por 3 mil ienes (cerca de trinta dólares), o cliente podia entrar e pedir uma xícara de café, e, enquanto o tomava, uma mulher desabotoaria suas calças, lavaria seu

pênis com uma toalha aquecida e depois o chuparia. Tive de acreditar nele, já que os estrangeiros estavam proibidos de entrar.

Havia boates de striptease em que se permitia a participação do público. O E.T. me levou a uma das menores delas, que devia se chamar Chuveiro Artístico, não me lembro bem. A boate era como uma gigantesca sala de estar com uma grande plataforma redonda no meio, cercada de mesas com toalhas amarelas e cadeiras que pareciam forradas de veludo. A stripper dançava ao som de música pop japonesa. Tirou a roupa toda e depois se masturbou no palco, emitindo gritos agudíssimos enquanto abria as pernas na posição da borboleta. Esperava-se dela que fosse versada nas artes do “trem das flores”. Ou seja, devia ser capaz de segurar uma caneta com a vagina e escrever, ou disparar dardos com ela. Não tivemos sorte aquela noite, porque não havia essa apresentação espetacular.

A boate tinha cheiro de xixi, amônia, suor, cigarros, almíscar e fluidos corporais. O cheiro de mulher era forte e penetrante. No fim da apresentação, alguns dos clientes foram convidados a masturbar a dançarina no palco com um vibrador como encerramento (*irepon*). Não ficávamos muito tempo nas boates. O E.T. não parecia particularmente interessado em nenhuma delas. Estava muito mais para guia de turismo. Repassou comigo todo o jargão oculto das boates de striptease, detalhando as diferenças entre “*pachinko*” e “aberto”. Algumas dessas boates tinham dependências reservadas, onde o cliente podia ficar com uma dançarina, e ela, em troca de uma tarifa extra, fazia o que fosse preciso para que ele ejaculasse. Dizia-se que as

boates de striptease que empregavam estrangeiras ofereciam o ato sexual como parte do pacote.

Depois passamos pelas boates de acompanhantes. Ele me mostrou o gigantesco edifício Furinkaikan, que servia de centro de lazer e de negócios, onde os *yakuzas* da área se reuniam dia e noite. Havia uma enorme cafeteria aberta no térreo. Mais de cem grupos diferentes de *yakuzas* atuavam em Kabukicho, e o Furinkaikan era sua Grand Central Station e seu salão de convenções.

Passamos pelos motéis e pelas prostitutas tailandesas que faziam ponto nas proximidades do parque que ficava junto à estação de Okubo. Rapazes iranianos pegavam gays japoneses no banheiro de outro parque da área. Havia diversos bares atendidos por transexuais e alguns exibiam shows de drag queens.

Numa rua estreita que levava ao estádio Koma, chamou-me a atenção um edifício fino como um lápis que ostentava um letreiro anunciando a clínica de assédio sexual. O E.T. disse que era outra variante da boate de imagem, tendo enfermeiras como tema. Este, no entanto, tinha uma mesa autêntica para exame ginecológico, com apoios de pé e tudo, o que tornava a coisa mais “verdadeira”.

A mais memorável das boates de sexo da noitada foi a Bareo. Em seu interior havia um vagão de metrô de verdade, e, quando o cliente pagava o ingresso e entrava no trem, uma das garotas, simulando ser outra passageira, subia também e começava a assediá-lo, falando baixinho em sua orelha, metendo as mãos por dentro de suas calças e fazendo outros atos obscenos. Por uma tarifa extra, o cliente podia marcar encontro com uma das garotas para que ela o assediasse num trem verdadeiro. Essa era a boate mais quente da época. Já havia uma ou duas boates onde os

homens pagavam pelo privilégio de fingir assediar uma mulher no metrô, mas a inversão de papéis era o que fazia o sucesso da Bareo.

A Amaenbo, perto do edifício da municipalidade, era tida como popular entre burocratas de médio escalão. Tinha um banheiro de vidro pelo qual o cliente podia ver sua acompanhante fazendo necessidades fisiológicas. Podia também colar a cabeça no fundo e ser mijado, se gostasse disso.

Não achei nada disso tão nojento quanto pensava que seria. No entanto, abri mão de ver o banheiro mágico em ação.

Demos uma passada numa boate sadomasoquista. O E.T. conhecia o dono, um sujeito baixinho e careca com um rabo de cavalo, vestido com um sarongue, e conversou com ele. O dono me deixou espiar o show por trás da cortina. No centro de um grande aposento com oito ou nove mesas, havia uma pequena plataforma e nela estava uma *dominatrix* toda vestida de couro. Os seios dela se projetavam para fora da blusa de couro e tinham algo semelhante a alfinetes de segurança espetados nos mamilos. O cabelo estava puxado para trás num coque. A única coisa nela que não era de couro era um grande pênis artificial branco com o qual sodomizava um homem de meia-idade vestido com um terno azul-marinho.

Para mim, era o suficiente. Voltamos para a rua.

À uma da manhã havia várias prostitutas chinesas caminhando abertamente pela rua. Parecia que não se importavam com o fato de eu ser ou não japonês. Tinha de afastar uma delas a cada cinco minutos.

Por volta das duas da manhã, o E.T. me levou a um restaurante de *shabu-shabu*, onde jovens sem calcinha

preparavam pratos de carne na mesa do cliente e flertavam com ele enquanto comia. Paguei essa conta também.

“Bom, já tenho uma ideia. Afinal, o que é ilegal além do ato sexual normal?”

“Quase nada. Pornografia pesada. Coisas sem censura.”

“Você quer dizer que é ilegal vender pornografia mostrando alguém sendo chupado, ou algo assim, mas não é ilegal a felação propriamente dita?”

“Sim, resumindo, é isso. Você entendeu rápido. Você pode fazer, mas não pode olhar. Pelo menos não em seu videocassete.”

“Então, o que há para reprimir?”

“Hummm.”

Era difícil entender o que o E.T. dizia porque a garota de 24 anos que lhe servia o jantar brincava de enfiar os mamilos na boca dele. Ele os lambia enquanto falava. Os gemidos dela, falsos ou verdadeiros, dificultavam o curso da conversa.

“Bom, de tempos em tempos é preciso fechar os lugares que oferecem flagrantemente o ato sexual. Você tem de impor um limite.”

“Por que não legalizam o ato sexual normal? Quer dizer, já que quase todo o resto é permitido.”

“Na verdade, a proibição do coito normal faz que seja mais interessante, acho. Obriga as pessoas a procurar novos caminhos para o prazer erótico. Há uma porção de maneiras de ejacular além da trepada convencional.” Ele tirou o mamilo da moça da boca e tomou um gole.

Depois do jantar, eu estava pronto para tomar um táxi e ir para casa, mas o E.T. quis me levar a mais um lugar. Era uma sauna coreana com massagens. O E.T. garantiu que era um lugar legal. “Ei, não vou arranjar problema para nós.

Venho a este lugar de vez em quando. Koh-san vai cuidar de você. Estou convidando.”

O ambiente me lembrou um lugar em Omiya. Fui conduzido a um quarto pequeno e sem janelas. Havia uma mesa de massagem no centro e, na parede, uma estante cheia de loções, um cesto de roupas, alguns vibradores, um frasco de álcool, lençóis de algodão e toalhas.

Koh-san usava um traje bege de enfermeira e óculos de aros metálicos. Trazia luvas compridas de látex branco. Falava japonês muito bem, me despiu e me deitou. Deu-me uma massagem de vinte minutos, usando um óleo de massagem bem viscoso. Foi como ser esfregado com cola quente. Eu estava de bruços, e então ela quis que me virasse. Eu não queria me virar, mas ela riu e em um segundo eu estava de costas. Ela comentou minha anatomia. Deu uma risadinha. Pediu-me que esperasse um pouco e chamou duas amigas para ver. Ela e as amigas conversaram entre si em coreano ou chinês e deram mais algumas risadinhas. Depois, foram embora. Consegui ouvir a palavra *katsurei*, que significa “circuncidado”.

O resto da massagem não foi relaxante, mas tampouco desagradável. Sua duração era de quarenta minutos, e como já se haviam passado trinta, fiz menção de me levantar, mas ela não quis nem saber. “A massagem não acabou. Por favor, espere. Relaxe.” E com isso segurou meu pau com uma das mãos e com a outra penetrou meu ânus.

Será que o Policial E.T. estava pondo à prova meu senso de humor? Minha curiosidade? Imaginei que recusar o serviço poderia ser insultante para sua hospitalidade. Não tive de matutar muito tempo. Quando terminou, Koh me pôs debaixo do chuveiro. Vesti-me e saí para o saguão, onde me encontrei com o E.T.

Ele irradiava satisfação. Tinha nos lábios algo parecido com um sorriso. Agradei por ter me proporcionado uma massagista tão boa. O que mais eu teria de fazer? “Não há problema. Agora você sabe o que é Kabukicho. Desejo sexual. Vendê-lo e satisfazê-lo. Enquanto não saírem muito da linha, os estabelecimentos podem fazer o que quiserem. Nossa tarefa, como polícia de costumes, não é fechar esses lugares, e sim mantê-los na linha.”

Fiz que sim com a cabeça. O E.T. tinha uma pergunta.

“Você gosta de mulheres japonesas?”

“Não tenho um fetiche asiático, mas gosto de japonesas. Casei-me com uma.”

“Sou como você.”

“Gosta de japonesas?”

“Não, gosto de estrangeiras. Louras e ruivas. Será que podia me apresentar alguma? Não conheço muitas estrangeiras — bom, você sabe, pelo menos não do tipo com quem a gente possa sair, algo assim.”

Então era isso. Eu disse que ia ver o que podia fazer. E fiz. Foi o começo de uma espécie de longa parceria. O Policial E.T. foi o cara que me deu o primeiro e talvez único furo de verdade no Quarto Distrito.

Quando eu estava entrando no táxi, meu telefone celular tocou. Era o editor.

“Adelstein!”

“Sim?”

Enquanto perambulava com o Policial E.T., não tinha checado o celular nem o bipe uma só vez. Já havia passado da hora em que se pudesse fazer algum acréscimo ou correção numa matéria. Achei que estava ferrado.

“O que aconteceu com o artigo que você mandou sobre a boate das esposas quentes?”

“Qual é o problema?”

“Na última linha, você escreveu: ‘Na verdade, apenas um terço das mulheres são realmente casadas’. Merda, por que disse isso?”

“Me pareceu importante. Propaganda enganosa. Quero dizer que os clientes acham que vão comer a mulher de alguém, mas não é o caso. Pareceu-me um detalhe importante para mostrar como essa operação é obscura.”

“Você ficou maluco? Isto é o *Yomiuri*, não o *Tokyo Sports*. Não estamos aqui para proteger os direitos de consumidor de uns pervertidos de merda. A porra da linha ficou até o último clichê. Pense antes de escrever, idiota.”

E desligou.

Bom, pelo menos o artigo tinha saído. Fiquei contente com isso. Cheguei em casa às cinco da manhã, e Sunao me esperava. Já tinha levantado e estava de roupão, digitando uma matéria sobre as últimas tendências das meias japonesas. Havia um banho esperando por mim e arroz frito na mesa, pronto para esquentar.

Ela me perguntou como tinha sido meu dia, e eu lhe contei. Não omiti nada. Sofro da culpa puritana judaica, uma necessidade de confessar. Achei que ela ia me repreender severamente, mas não ficou chocada nem zangada. Ouviu com algum interesse o que lhe expliquei sobre o que tinha aprendido e todos os acontecimentos da noite. Inclusive a casa de massagens. Mas ela quis fazer algumas perguntas. Enquanto me interrogava, ia massageando meus ombros, às vezes apertando forte com os polegares.

“Então ela só te deu uma massagem manual? Não chupou você, ou algo assim?”

“Não. Só uma massagem manual.”

“Bom, se esse policial convidou você, suponho que tinha de ir. Só não faça disso um hábito. E se fizer, não me conte.”

“Entendido.”

“E se for fazer alguma coisa, use uma camisinha, querido. Não quero saber de doenças.”

“Claro.”

“Sobrou algum?”

“Algum o quê?”

“Algum esperma. Hoje é dia. Verifique sua agenda, Jakey.”

Abri minha agenda do *Yomiuri* e, como era de esperar, havia naquela data um grande O traçado em vermelho com a letra de Sunao. O grande O. Dia da Ovulação. Achei que me arrastar para a cama não seria uma solução. Fiz uma careta. Sunao sorriu.

“Não se preocupe, Jake. Não vou cobrar nada hoje. É por conta da casa.”

Foi um longo dia.

Bom, pelo menos eu sabia que essa “esposa fogosa” era realmente casada. Sem dúvida, eu não estava sendo enganado. Pensei com meus botões como era bom ter minha própria esposa fogosa e não ter de pagar pela mulher de outro cara. Talvez isso me livrasse de problemas.

nota: curiosidade sobre as soaplands

As *soaplands* do Japão eram chamadas de *toruko*, uma abreviatura de “banho turco”. Um turco que residia no Japão sentiu-se ofendido e lançou uma campanha para mudar esse nome. O caso saiu no *Yomiuri* no fim dos anos 60 ou 70. Recordo que um editor especialmente antipático do Birô

de Relações Exteriores me mostrou um artigo seu a respeito. Finalmente o Japão cedeu à pressão internacional e resolveu o problema dando a esse tipo de estabelecimento um nome digno. Soa bem, claro e gracioso: Soapland.

A propósito, o termo japonês para boneca inflável é “esposa holandesa”. A embaixada da Holanda deveria apresentar um protesto formal ou fazer contestações do tipo “as holandesas não são frígidas, e consideramos uma afronta o emprego do termo ‘esposa holandesa’ para designar bonecas infláveis”, mas quando isso ocorrer, o furo será meu.

12 Tipo de prostíbulo japonês que oficialmente funciona como termas. (N. T.)

13 Esse foi um incidente de cobertura difícil porque as vítimas estavam em bares de sexo e cassinos clandestinos quando morreram. Por esse motivo os nomes não voltaram a ser publicados depois da edição extra vespertina.

14 As *soaplands* eram um ponto cego na lei japonesa de entretenimento para adultos. Nesses lugares, o cliente era banhado e chupado pela garota, e depois, se ambos estivessem de acordo, podiam ir para um quarto ao lado e praticar o ato sexual em si. O coito não estava incluído no preço do ingresso e não era garantido, de modo que tecnicamente não se tratava de prostituição. Para mim isso não fazia muito sentido, mas foi isso que o E.T. me explicou. Não era sexo, era "amor livre".

# Minha noite como acompanhante

Pode-se encarar Kabukicho como um exemplo da sociopatologia da vida japonesa ou como um microcosmo dos relacionamentos em geral. As boates de acompanhantes, tanto para homens quanto para mulheres, são provavelmente o aspecto mais incompreendido da indústria japonesa do entretenimento para adultos. Não têm a ver com sexo, e sim com a ilusão de intimidade e com a instigante possibilidade de sexo.

No Japão, a intimidade é uma mercadoria, e raramente dada de graça. Nos Estados Unidos é a mesma coisa. Só que pagamos a pessoas diferentes.

Nos Estados Unidos, pagamos a psiquiatras, terapeutas, orientadores e conselheiros pessoais para ouvir nossos problemas, elevar nossa autoestima, fingir que gostam de nós e nos dar bons conselhos. Os amigos faziam essas coisas de graça, mas é sabido que recuam quando as águas se tornam mais profundas. Os japoneses em geral acham que ir a um analista é sinal de fraqueza e admissão de doença mental, de modo que tendem a evitar esse tipo de amizade remunerada.

Quando passei a cobrir a área de Kabukicho, aprendi que quando um japonês quer levantar seu ego — em oposição a seu pênis —, quando quer que lhe deem atenção ou que alguém ouça seus problemas, ele não vai para casa

procurar sua mulher, vai a uma boate de acompanhantes. Uma boate de acompanhantes não é uma boate de sexo. Não é um bar de paquera, um *fuzokuten*, nem um bar de solteiros. Normalmente é um pequeno bar, com diversas mulheres atraentes que recebem o cliente com carinho, sentam-se com ele num sofá, conversam, cantam caraoquê com ele, agem como se fossem suas amantes ou flertam com ele como se fosse de verdade.

Em geral, a mulher que dirige um bar de acompanhantes, a *mama-san*, é uma antiga acompanhante de voz rouca e áspera de tanto aspirar fumaça dos outros, beber uísque batizado e ficar de pé até tarde. Se você quiser saber há quantos anos uma mulher trabalha no ramo, basta ouvir o timbre de sua voz. Se for parecido com o da voz de Scatman Crothers, ela é uma veterana.

Não é impossível que uma acompanhante saia com um cliente, mas é raro. O problema de transformar um cliente em namorado, para a acompanhante, é a perda de renda, sem falar num possível distanciamento de outros clientes habituais. Ela deve manter a ilusão de disponibilidade para estimular uma pseudopaquera que algum dia pode acabar em sexo. No caminho que leva a esse objetivo esquivo, que poucos clientes habituais atingem, um homem deve torrar 10 mil dólares por ano cortejando a acompanhante, pagando a bebida dela, dando-lhe presentes de aniversário e, de vez em quando, levando-a para jantar.

Num dia gelado de outubro de 1999, eu perambulava pelo *koban* de Kabukicho jogando conversa fora com um policial. Ele disse qualquer coisa sobre uma batida da

divisão de costumes que teria lugar naquela noite, numa “boate de garotos”. De início, não entendi. Boate de garotos?

“Você quer dizer uma boate de garotas?”

“Não. É uma boate de acompanhantes, mas quem recebe são rapazes.”

“Você quer dizer que é uma espelunca gay?”

“Não, as mulheres vão a essas boates e são servidas pelos acompanhantes da mesma forma que os homens são servidos por garotas. Sabe como é, elogiam as mulheres, servem drinques, paqueram, fazem que elas falem... Fazem que gastem dinheiro. Dê uma olhada. O que você acha que esses garotos afrescalhados de ternos caros e cabelo vermelho estão fazendo em Kabukicho às três da manhã?”

Eu sempre tinha achado que eles estavam tentando pegar garotas, não tangê-las para um bar que as atendesse. Bom, como observador compulsivo dos fenômenos sociais que sou, queria participar daquilo.

No dpmt, no fim do dia, abordei Nojima, um dos veteranos da divisão de costumes, e chamei-o para tomar uma cerveja. Não precisei fazer muita força para convencê-lo. Mas quando, em meio à primeira rodada de bebida, mencionei a batida policial daquela noite, ele ficou putó. Não queria a matéria na rua antes da hora. “Temos dois outros lugares para investigar. Se você deixar a matéria dormindo mais um dia, eu lhe dou exclusividade.”

“Tudo bem”, respondi, sempre conciliador, “mas quero os detalhes agora.”

A princípio ele não queria abrir o jogo, mas daí a pouco acabou me contando a seguinte história:

A polícia de Shinjuku e o Departamento de Proteção Juvenil do dpmt concluíram que as boates de

acompanhantes do sexo masculino eram um criadouro de delinquência juvenil. Já tinham dado batidas em quatro boates por violação das leis de entretenimento adulto e da indústria do sexo: funcionar sem licença e permitir a entrada de menores.

“Antigamente, as únicas mulheres que frequentavam bares de acompanhantes masculinos eram elas próprias acompanhantes, mas os tempos mudaram. O que estamos vendo são universitárias, às vezes até mesmo colegiais com dinheiro, que começam a ir a esses bares. Elas adoram o atendimento personalizado e podem ficar loucas pelos acompanhantes, que extraem delas tudo o que podem. As garotas contraem dívidas e, em certo momento, a direção da casa as leva para trabalhar na indústria do sexo para saldar suas dívidas. Às vezes os caras que administram os bares de acompanhantes masculinos são os mesmos das boates de sexo. Algumas garotas começam a praticar furtos em lojas para revender a mercadoria e assim pagar suas contas nos bares de acompanhantes. Vimos casos suficientes para saber que não são incidentes isolados.”

Em julho daquele ano, a polícia de Shinjuku tinha recebido uma ligação dos pais de uma garota que abandonara os estudos secundários. A filha recebera uma conta de uma boate de acompanhantes de Kabukicho no valor de 4 milhões de ienes (cerca de 38 mil dólares na época). Os pais entraram em pânico.

A polícia investigou a boate e constatou que estava funcionando sem licença; em agosto, prenderam o jovem proprietário. Em setembro, depois de uma investigação mais ampla, descobriram com surpresa que havia 71 boates de acompanhantes masculinos em funcionamento. Três anos antes, eram apenas vinte. Qual a razão desse

aumento? Segundo Nojima, nessa idade as garotas só queriam se divertir, os acompanhantes só queriam ganhar dinheiro e, com a liberação sexual e a independência econômica, as mulheres não viam problema em comprar afeto, da mesma forma que os homens.

Era um pouco estranho ouvir teoria sociológica da boca de um policial, porém, repito, Nojima não era um policial qualquer. Era formado pela Sofia, especializado em psicologia com registro em aconselhamento psicológico. Ele descobriu sem demora a motivação econômica do fenômeno: uma boa boate de acompanhantes masculinos lucrava o equivalente a 300 mil dólares por ano. Nojima, outra vez no papel de sociólogo, sugeriu que eu escrevesse um artigo sobre boates de acompanhantes masculinos, pouco conhecidos pelas pessoas. Deu o nome de três estabelecimentos, e visitei os três. Depois da habitual confusão inicial sobre o fato de eu ser um gaijin que escrevia para o *Yomiuri*, fiquei agradavelmente surpreso ao descobrir que os proprietários gostavam de conversar comigo. Um deles chegou a me convidar para passar uma noite como acompanhante. Aceitei o convite, é claro.

Mas antes disso, juntei minhas anotações e falei com meu editor sobre a batida policial, uma matéria quente. Kasama, uma das poucas mulheres do *shakaibu*, ajudou-me a dar forma ao artigo e convenceu o editor a publicá-lo na edição nacional. Hamaya, outra jornalista, me disse algumas palavras de discreto louvor por minhas iniciativas e deu algumas sugestões. Era um bom pressentimento.

O artigo saiu na edição matutina do *Yomiuri* de 6 de outubro, antes do anúncio oficial daquela tarde. Foi um furo pequeno mas bom.

Algumas noites depois disso, vesti meu melhor terno, aparei os pelos do nariz e das orelhas e me borrifei com perfume. Estava com a camisa bem passada, a gravata certa, as unhas cortadas, e não se via nenhum pedaço de alga entre meus dentes, portanto tinha motivos para me sentir elegante. Eu não tinha a aparência de um detetive particular mal-encarado, nem de um atarefado professor de inglês — nem, a propósito, de um repórter abelhudo de jornal. Eu parecia um acompanhante.

O Ai estava situado nas vielas dos fundos de Kabukicho, perto de um boteco e do edifício Furinkaikan.

A fachada era espalhafatosa, com tubos de neon, focos luminosos sobre as fotos dos acompanhantes mais requisitados e, na porta de entrada, um letreiro dourado que dizia boate para damas. Duas estátuas de homens musculosos, de uma imitação de bronze, ladeavam a porta dianteira, na qual se via o ideograma de *ai*, que significa “amor”, em vermelho. Era uma mistura de art déco dispendiosa com um restaurante kitsch dos anos 50.

Depois de descer os degraus, entra-se na boate, iluminada por luminárias de cristal mas ainda assim bem escura. Luzes faiscavam sobre a pista de dança, que parecia ondular como se fosse um lago. Luxuosos sofás redondos estavam distribuídos pelo salão. O efeito era o de um planetário, já que as luzes eram refletidas pelas estátuas de bronze, por espelhos de prata e pela decoração brilhante,

como estrelas numa noite de verão. Talvez esta seja uma descrição demasiado poética do lugar, mas dá uma ideia de seu aspecto.

Quando cheguei para o trabalho, às seis horas, cedíssimo para uma boate de acompanhantes, Takeshi Aida, proprietário e presidente da cadeia de boates Ai, esperava por mim. Usava uma permanente — cachinhos apertados em torno de toda a cabeça —, bigode fininho de mexicano e óculos de lentes fotocromáticas ovais. Trajava um terno fino, com um belo brilho, e uma gravata de seda estampada com o nó tão apertado que se poderia pensar que não lhe chegava oxigênio suficiente ao rosto redondo de bebê. Aos 59 anos, ele tinha um inegável charme, ainda que difícil de definir. Era hábil em fazer alguém se sentir à vontade.

Nascido na província de Niigata, Aida era o sexto de nove irmãos. Aos vinte anos, trocou Niigata pela cidade grande. Foi trabalhar numa empresa de camas, onde se tornou grande vendedor. Depois abriu uma empresa de dispositivos de segurança, que faliu; então abriu uma loja de perucas, que o aproximou da economia direcionada para mulheres.

Isso o levou a trabalhar como acompanhante. Um ano depois, recebeu uma proposta de outra boate de acompanhantes e logo da maior boate de acompanhantes da cidade. Obviamente, as coisas estavam indo bem para Aida. Reconhecendo sua vocação, ele fundou a Ai, que logo se firmou como a boate de acompanhantes de mais alto padrão. Nos anos seguintes, Aida criou um pequeno império de boates e bares de acompanhantes. A Ai era tão representativa da vida noturna de Kabukicho que já fora até incluída num passeio turístico de ônibus para senhoras de meia-idade vindas do campo. Na época em que Aida me

contratou por uma noite, tinha cerca de trezentos homens empregados em cinco boates. Ele também escrevera um livro sobre gestão de negócios (e a mulher dele escrevera um livro sobre as alegrias e os riscos de ser casada com um acompanhante profissional).

Aida estava mais do que disposto a falar sobre o negócio dos acompanhantes.

“As boates de acompanhantes masculinos eram lugares aonde as mulheres iam para dançar com homens jovens e atraentes. Agora muitas mulheres vão porque estão sozinhas. Não conseguem encontrar um sujeito legal no trabalho. Querem alguém com quem conversar, que as ouça. Querem um ombro em que chorar, alguém que tenha simpatia por elas. Querem um toque humano. Algumas até pedem conselhos sobre como lidar com namorados grosseiros. Mas outras só querem um rapaz com quem possam dançar — elas gostam de dança de salão. As mulheres gostam de acompanhantes que as façam rir, que saibam dizer coisas interessantes sobre os últimos acontecimentos ou comentar programas da televisão. Os acompanhantes mais requisitados nem sempre são os mais bonitões. Um bom acompanhante é um bom ouvinte que sabe como entreter e aconselhar, e quando servir um drinque a uma mulher.”

O fato de nessas boates os homens servirem bebidas às mulheres é digno de nota. Na sociedade japonesa, quando se bebe socialmente, um homem nunca serve a própria bebida. Espera-se que subalternos ou pessoas mais jovens sirvam seus superiores e os mais velhos. A regra tácita diz que, havendo mulheres presentes, elas sempre devem servir os homens. Assim, para uma japonesa, ter homens

servindo suas bebidas e atendendo a suas necessidades é emocionante.

“Faz parte do trabalho de um bom acompanhante saber quanto sua cliente pode gastar. Ele não pode levar a cliente à falência. Não pode levá-la a ter dificuldades financeiras. Isso criaria muitos problemas... para todos. As novas boates de acompanhantes lançam mão de rapazes jovens e bonitos para atrair clientes. Os preços do bar são baixos, prometem drinques de 5 mil ienes (cerca de cinquenta dólares). Deixam todo mundo entrar, mesmo mulheres bêbadas. Alvos fáceis. As mulheres acabam endividadas. Aí entram os agiotas. As piores boates não passam de fachada para o crime organizado.

“A Ai está no ramo há muito tempo. Mantemos uma contabilidade exata, pagamos impostos e temos alvará na polícia, de modo que os *yakuzas* não conseguem arrancar nada de nós. As novas boates de acompanhantes, mesmo quando não começam com intenção de fraude, são mais vulneráveis porque não têm licença. São facilmente vitimadas por chantagem e em pouco tempo se transformam em fonte de lucro para os *yakuzas*. As boates de acompanhantes dirigidas pelos *yakuzas* não são boates de acompanhantes de verdade. São boates de cafetinagem. Seu objetivo é transformar clientes em putas ou escravas de dívidas.

“Por que as boates de acompanhantes são tão populares? Por causa dos homens — bonitos, atraentes, que sabem o que as mulheres querem. Eles são o motivo. Algumas mulheres fantasiam que são como ricos playboys — playgirls, suponho. Elas querem dormir com o acompanhante, e pagam para manter essa fantasia. Não diferem em nada dos homens que vão a boates de

acompanhantes e gastam um dinheirão. Elas sonham fazer sexo com o objeto de desejo de todos.

“Mas para a maior parte das mulheres, nós oferecemos a companhia perfeita. Elas podem passar a noite sendo mimadas por um rapaz bonito sem nenhuma das perturbações de um relacionamento. O acompanhante está disponível sempre que elas quiserem. Elas nunca vão levar um fora. É um romance simulado, que algumas mulheres apreciam. Uma espécie de amor virtual.”

Uma mulher elegantíssima, de quarenta e tantos anos, vestida de preto, veio sentar-se junto de Aida enquanto conversávamos. Em silêncio, ela tirou um cigarro da bolsa, e nem bem o cigarro lhe chegou aos lábios Aida já o acendia com um isqueiro Zippo vermelho-vivo. Ele me apresentou a ela, que me ofereceu a mão, e eu, sem saber o que fazer, a beijei. Aida me deu um amplo sorriso de aprovação.

Conversamos um pouco, enquanto Aida ia ao bar buscar bebidas para nós. Fiquei surpreso por ele não ter chamado algum dos acompanhantes desocupados para fazer isso, talvez ele estivesse querendo me inculcar a importância de ser um bom acompanhante.

Vou ser honesto. Eu tinha me imaginado circulando pela boate com lindas mulheres apinhadas a meu redor, enquanto acendia seus cigarros e fazia que se sentissem desejadas. Imaginei que elas ficariam encantadas com meu charme gaijin e com minha destreza nas nuances da língua japonesa. Eu as entreteria com casos sobre minha carreira,

e elas ouviriam, fascinadas, implorando meu cartão e secretamente desejando meu corpo. Na verdade, fui mais ou menos ignorado. Sem dúvida as mulheres que vão a um clube de acompanhantes estão à procura de um japonês atraente, não de um patético judeu americano vestido com um terno caro.

Servi bebidas para uma acompanhante filipina, ouvi uma dona de casa reclamar do marido enquanto ia acendendo os cigarros que ela fumava sem parar e tive uma boa acolhida. Mas acabei passando a maior parte do tempo conversando com outros acompanhantes nos intervalos.

Kazu, de 29 anos, trabalhara antes num laboratório farmacêutico. “De certa forma”, disse ele, “você apela para o instinto maternal delas. Você as trata como rainhas, e, se gostarem de você, te escolhem como favorito, o acompanhante número um.

“Adoro este trabalho. Estou faturando 600 mil ienes por mês (cerca de 6 mil dólares), fora os presentes que ganho. Uma das mulheres comprou para mim este Rolex folheado a ouro que estou usando. Acho que a mulher de um banqueiro, que está totalmente na minha, vai me dar um carro no meu aniversário. Você precisa fazer que elas saibam a data do seu aniversário antecipadamente, porque é como o bônus que as empresas pagam. Prefiro dinheiro, mas em geral elas nos dão presentes caros de grife. Eu ponho alguns desses troços no prego, mas coisas como roupas e relógios, bom, elas esperam que a gente use.

“Uma mulher, Mariko, é presidente de uma empresa que produz roupa íntima masculina. Se você pensar bem, isso é engraçado, porque a maior parte dos clientes dela são gays, e ela me paga para servir-lhe bebida. Ela me deu um Patek Philippe em meu aniversário. Caro como o diabo, mas um

troço vulgar cravejado de diamantes. Ela não sabe nada de relógios, só o preço. Comprei um pirateado em Hong Kong e empenhei o original. Quando ela aparece, ponho o relógio falso.

“Mas não acho que esteja explorando essa mulher — ou qualquer outra. Estou satisfazendo as fantasias delas. É como se tivessem um caso comigo, embora não estejamos dormindo juntos. Elas ficam felizes se eu estiver feliz. Se todo mundo fica feliz, ninguém está sendo explorado. Não há fingimento. Elas entendem que sou amigo delas até que o dinheiro acabe.”

Hikaru, 25 anos, nascido em Kobe, era acompanhante desde os dezoito. Com 1,90 metro, era bastante alto para um japonês. Era uma figuraça: tinha a cor de uma pessoa que acabava de sair do salão de bronzeamento, as unhas feitas, dentes perfeitos e brancos, e usava um terno que provavelmente tinha custado meu salário de um mês.

Talvez estivesse ficando enjoado do trabalho, porque queria saber tudo sobre minha vida de repórter. Chegou até a perguntar se uma pessoa podia ser jornalista sem ter curso superior. Mas era óbvio que ele não estava sofrendo por sua condição de acompanhante, em que a aparência é importante, e a dele era boa. “Às vezes”, disse, “o melhor é encontrar um ator que se pareça com você e imitá-lo. Você faz a cliente sentir que está com uma celebridade.

“Mas quase sempre digo que sou estudante de direito na Universidade de Tóquio e trabalho como acompanhante para pagar meus estudos. Isso faz a cliente sentir que está dando uma contribuição para a sociedade, e não só para a

minha carteira. Talvez ela sonhe com o dia em que poderá falar aos amigos sobre um famoso advogado que já foi acompanhante, de quem ela era a cliente predileta.

“Você deve elogiar as mulheres com muita habilidade. Não se pode jogar as coisas genericamente, sem cuidado. Você não vai querer dizer coisas que façam a mulher se sentir velha. Você pode dizer que ela tem uma pele perfeita. Que sua nuca é sensual. Que você adora as covinhas que aparecem no rosto quando ela sorri. Se tiver sardas, pergunte se tem ascendência europeia. Algumas mulheres gostam que pensem que elas têm um aspecto internacional. Se você fizer os elogios certos, os olhos delas se iluminam. Acho que toda mulher tem seus encantos, a gente só precisa olhar para ela e descobri-los.

“Prefiro mulheres na casa dos trinta. Você pode conversar com elas. Se você recebe uma pessoa muito engraçada que conta um monte de piadas, é bom conversar sobre alguma coisa séria, e vice-versa. Isso demonstra que você admira o lado oculto delas.

“Você precisa falar com elas sobre quase tudo, até mesmo sobre a escola em que devem matricular os filhos. É por isso que eu assino quatro revistas femininas, para ter certeza de que sei que tipo de preocupações elas têm. Elas gostam também de falar sobre programas de televisão, mas como não tenho tempo de ver tevê, me ponho a par lendo a programação.

“Mas nesse trabalho o principal é a aparência. Eu sei que tenho de parecer desejável. Vou à academia quatro vezes por semana. Faço musculação e exercícios aeróbicos, além de nadar para manter a forma. As mulheres não gostam de homens muito musculosos. Elas gostam do físico de um jogador de tênis. Uso cremes e uma toalha quente

antes de me barbear para ter certeza de que minha pele vai parecer macia. Alguns homens ficam bem com barba de três dias, mas eu não. As mulheres elogiam minha pele e minha aparência o tempo todo.

“Ganho mais ou menos 1 milhão de ienes (cerca de 10 mil dólares) por mês. É bastante, mas tenho muitos gastos. Você precisa morar num apartamento bacana, tem de se vestir sempre bem, precisa comprar presentes para as clientes. Sai tudo de seu bolso, e você não pode ser sovina quanto aos presentes. Às vezes me parece que quanto mais clientes se tem, menos se ganha. Com tudo isso, consigo poupar cerca de 400 mil ienes (4 mil dólares) por mês, mais do que muita gente ganha, e por isso não me queixo.

“O pior de tudo é que meus pais odeiam o que faço, embora eu não pretenda estar nessa para sempre. Você não tem vida particular. Todo dia é como um feriado de verão, só que você não está realmente livre. Você perde a maior parte do tempo livre esperando pelas clientes, de uma ou de outra forma. Às vezes vai fazer compras com uma cliente, às vezes vai a um resort com ela.

“É difícil ter uma namorada. As garotas não gostam de sair com um rapaz que trabalha como acompanhante. Eu entendo isso. Como ela vai saber se o que digo é de verdade ou é encenação? Às vezes nem eu sei a diferença. Mesmo que esteja com uma garota que me agrada, às vezes me pego tentando manipulá-la.”

A conversa foi interrompida quando uma cliente de Hikaru entrou na boate. Ele se levantou para recebê-la, com um sorriso radiante e sincero. Michiko usava um vestido verde e tinha o cabelo penteado para trás, preso com uma fita preta de veludo. Estava elegante e discreta.

Hikaru me apresentou a ela, e depois de trocarmos os cumprimentos habituais e ela certificar-se de que eu tinha algum domínio do japonês, pediu-me um cigarro. Ofereci-lhe o que tinha e em seguida, um pouco trêmulo, o acendi para ela. Ela tragou e fechou os olhos, recostando-se no sofá. Ficou em silêncio cerca de dez segundos. Hikaru piscou para mim.

Quando abriu os olhos, Michiko exclamou: “O gosto é tão doce! E tem cheiro de incenso. De onde são?”.

“Da Indonésia”, respondi. “São cigarros indonésios de cravo.”

“Gostei muito. Você é indonésio?”

“Americano. Tenho um rosto difícil de situar.”

“É um belo rosto.”

“Nem de longe tão belo quanto o seu.”

Com esse elogio rasgado, Michiko deu uma risadinha e Hikaru ergueu uma sobrancelha e sorriu para mim.

Michiko levou o cigarro aos lábios outra vez e eu fui em frente. “Você tem lindas mãos. Os dedos são longos e ágeis. Parecem delicados, mas fortes. Você toca piano?”

Ao ouvir isso, Michiko desatou a rir e bateu nos joelhos de Hikaru. “Seu amigo é muito perspicaz. Você lhe contou?”, perguntou. Hikaru fez que não com a cabeça e negou com gestos cômicos. Com o gelo quebrado, Michiko, Hikaru e eu conversamos um pouco (Hikaru era muito bom em seu ofício) e depois ela foi embora. Eram quase quatro da manhã e o lugar estava ficando cheio.

A nova leva parecia constituída principalmente de acompanhantes que acabavam de deixar o trabalho. Estavam todas muito alinhadas, muitas um tanto embriagadas, algumas falando alto. Eu nunca teria pensado que aquele fosse um lugar aonde uma acompanhante

quisesse ir depois do trabalho, porém mais uma vez, pensando bem, isso até que faz sentido.

Eu deveria ter ficado para a turma de depois das cinco, mas tinha um trabalho diurno. Quando estava pegando minhas coisas, Hikaru perguntou se eu podia lhe deixar os cigarros que me restavam. “Claro”, eu disse, e depois perguntei: “Como me saí?”.

Ele respondeu: “Você tem certo charme, mas na verdade é um comediante. Quer falar mais sobre si mesmo do que ouvir os outros, mas conta histórias interessantes, de modo que não estou certo se isso é uma desvantagem. Você também é uma pessoa marcante e um pouco engraçado, e isso é uma vantagem. Os cigarros de cravo dão um toque legal. Têm cheiro bom e são diferentes, e essa é mais uma coisa que faz a gente se lembrar de você. Vou começar a fumar esses cigarros também”.

Ele acrescentou que, se um dia eu me cansasse do jornalismo, poderia me virar como acompanhante. Ri, agradei e procurei em volta por Aida para dizer-lhe *sayonara*.

Aida me deu alguns cupons e me intimou a voltar a qualquer hora com colegas do sexo feminino. Não voltei, mas minhas colegas pelo visto se divertiram.

Quase dez anos depois, Kabukicho já não é o mesmo, mas continua sendo um lugar bem escuso. A promessa de encontros, perigo, aventura e satisfação sexual estará a seu dispor se você souber em que porta de que andar de que edifício deve bater. Debaixo de tudo isso, no entanto, é o cúmulo da solidão.

Tóquio é uma das cidades mais densamente povoadas do mundo, no entanto — ou quem sabe por causa disso — muitos dos que lá vivem não têm com quem se abrir, em quem confiar ou com quem dividir seus segredos, preocupações ou desencantos.

Existe, reconhecidamente, o jogo subjacente que é o atrativo (mas onde não existe?): esta noite de simpatia e champanhe levará ao ato sexual? Seja como for, as boates, na verdade, se alimentam de desamor, tédio e solidão.

Os preços não são exorbitantes, mas o custo humano é altíssimo.

# Que fim levou Lucie Blackman?

Eu tinha de telefonar para Tim Blackman, na Grã-Bretanha. Prometera fazer isso.

Ele queria saber o que havia acontecido com sua filha Lucie assim que eu tivesse notícias dela. O sr. Blackman tinha amolado de tal forma a Polícia Metropolitana de Tóquio à procura da filha que seria a última pessoa com quem os policiais falariam sobre o que quer que fosse. Eles sabiam que tudo o que lhe dissessem seria relatado à imprensa, e não queriam que isso acontecesse. O sr. Blackman compreendeu que não o manteriam informado. Queria receber notícias por alguém que ele conhecesse, em vez de ler no jornal. Prometi que quando houvesse notícias definidas eu ligaria para ele, dia ou noite, a qualquer hora. Essa era a hora.

Lucie Blackman, sua filha mais velha, tinha desaparecido em 1º de julho de 2000. Na época eu não sabia, mas esse caso levaria a um momento crucial de minha carreira. Havia todo um mundo de exploração sexual sob a superfície despreocupada e escancarada da indústria do sexo japonesa, sobre o qual eu nada sabia. A expressão “tráfico de pessoas” não existia em meu vocabulário nem no domínio de minha consciência. Só anos depois desse caso foi que consegui encontrar sentido no que vi quando procurava Lucie.

Lucie, de nacionalidade britânica, chegou ao Japão em 4 de maio de 2000. Vinha trabalhando esporadicamente como comissária de bordo da British Airways, mas sua melhor amiga, Louise Phillips, a convenceu de que havia bons momentos para viver e dinheiro a ganhar se fosse para o Japão a fim de trabalhar como acompanhante. Lucie tinha dívidas na Grã-Bretanha, e o bico como comissária a deixava permanentemente cansada porque ela não se dava bem com o jet lag. Umas “férias remuneradas” ou um “emprego de férias” viriam a calhar.

A irmã de Louise tinha passado alguns anos no Japão trabalhando como acompanhante. Conhecia os macetes do negócio e as possibilidades de ganhos. Lucie e Louise chegaram juntas ao Japão com visto de turista e rapidamente acharam alojamento numa residência gaijin barata — um edifício de apartamentos em que a maior parte dos inquilinos era de estrangeiros, os depósitos baixos e o senhorio dispensava o pagamento de luvas. Praticamente ninguém examinava os vistos.

Do ponto de vista legal, não se pode trabalhar no Japão com visto de turista. Mas na realidade, na época, as autoridades faziam vista grossa. Muitas das estrangeiras que trabalhavam como acompanhantes no Japão eram notificadas, depois de algumas semanas, de que estavam trabalhando ilegalmente, já que assim os patrões podiam usar isso a seu favor nas negociações salariais e em qualquer outra situação.

Alta e loura, Lucie era uma mulher charmosíssima. Ela e Louise se dirigiram a Roppongi. O lugar, cujo nome significa literalmente “Seis Árvores”, era de longa data o lugar em que os estrangeiros residentes no Japão e japoneses que queriam conviver com eles se conheciam, se reuniam e

formavam casais. Na bolha do fim dos anos 80, era um bairro caro cheio de discotecas que cobravam trinta dólares só para entrar e exigiam traje adequado. No entanto, quando a bolha estourou, abriram-se as portas que mantinham o populacho a distância, e aos poucos a área foi ocupada por pubs baratos de acompanhantes, inferninhos, salões de massagem sexual, bares de prostitutas, bares de happy hour onde se compravam drogas livremente e grandes boates que atendiam à escória da população estrangeira com bebida barata e ingresso grátis. As boates de classe se mudaram para Nishi-Azabu, abandonando o velho Roppongi a sua própria sorte.

Algum japonês anônimo e neófito em inglês apelidou Roppongi de “High-Touch Town”. O lema está gravado no muro de um elevador de concreto construído sobre a encruzilhada de Roppongi. O lugar se parece bastante com Kabukicho, embora mais decadente e cheio de gaijin: daí ser chamado de “Kabukicho Gaijin”. A polícia de Azabu perdeu o interesse pela área porque, se ali se cometiam crimes, as vítimas eram principalmente estrangeiras. Quando Lucie chegou, a área já deixava de ser apenas decadente para tornar-se perigosa.

Lucie e Louise acabaram trabalhando no Casablanca, uma boate de acompanhantes em diagonal com o Seventh Heaven, a primeira casa de striptease de Roppongi com estrangeiras. Outras nove garotas trabalhavam na boate naquela época, todas louras, menos Louise. Ganhavam 5 mil ienes (cerca de cinquenta dólares) por hora. O

pagamento era complementado com a comissão sobre as bebidas<sup>15</sup> e por solicitações especiais.

Três semanas depois, em 1º de julho, Lucie ligou para Louise, de Shibuya, dizendo: “Estou com um cliente da boate, e ele vai comprar um telefone celular para mim. Estou muito animada”. À noite, ligou outra vez dizendo a Louise que estava a caminho de casa, mas nunca chegou. Em 3 de julho, Louise recebeu uma estranha ligação em seu celular. Era de um japonês que se apresentou como Akira Takagi e disse a Louise: “Lucie ingressou numa seita na província de Chiba. Ela não pode ir para casa. Não se preocupe com ela”.

Louise ficou preocupadíssima. Foi à embaixada britânica para pedir orientação e depois à delegacia de Azabu para apresentar queixa por desaparecimento. No início, a polícia da Azabu não queria assumir o caso, mas a embaixada fora notificada e seria impossível ignorar o misterioso telefonema. Não fosse aquela ligação, possivelmente não teria havido investigação alguma. No fim das contas, a Divisão de Investigações do dpmt (homicídio, roubos e outros crimes violentos) decidiu oficialmente assumir o caso, que saiu da alçada dos policiais locais e passou a ser um problema da chefatura de polícia.

Mais ou menos a essa altura dos acontecimentos, recebi a ligação de um repórter policial veterano, Nishijima, também conhecido como Pablo, que me pediu que o ajudasse a colher informações sobre o caso, que ainda não era propriamente um caso. O dpmt não fizera o anúncio oficial, e o *Yomiuri* estava apenas começando o trabalho preparatório. Os detalhes sobre o desaparecimento de Lucie ainda eram muito vagos. Pablo me recomendou que por enquanto mantivesse a boca fechada sobre o assunto.

Gostei muito de Pablo. Era um bom repórter e, além disso, um cavalheiro. Yamamoto e Pablo estavam no dpmt para a cobertura de crimes violentos e crimes internacionais (Divisão de Investigação 1 e Divisão de Crimes Internacionais). Pablo era o braço direito de Yamamoto. Nem parecia japonês. Tinha um ancestral americano em algum ponto de sua árvore genealógica, o que lhe dava um aspecto quase latino. Um de nossos colegas dizia, de brincadeira, que na verdade havia três estrangeiros no Departamento de Notícias Nacionais: um mongol (Yamamoto), um judeu (eu) e um mexicano (Pablo).

Pelo telefone, Pablo foi breve e franco: “Bom, Jake, parece que desta vez, para variar, você vai ser realmente útil. A vítima é estrangeira e todos os seus amigos também. Precisamos de alguém que possa misturar-se com eles e que fale com as pessoas que conheciam a vítima e sua família. Poderia ser você. Está interessado?”.

Claro que sim, assegurei.

Para ser sincero, na época achei que tudo aquilo estava sendo superdimensionado. Supunha que Lucie não passava de mais uma acompanhante gaijin que fora embora para a Tailândia ou para Bali com o namorado ou seu protetor, e simplesmente se esquecera de avisar alguém.

Não obstante, pedi licença para deixar minhas obrigações normais para ajudar o dpmt durante algumas semanas. Em 9 de julho, quando as investigações foram oficialmente abertas, fui à chefatura do dpmt, me fizeram sinal para entrar e subi até o nono andar. Pablo e Yamamoto esperavam por mim. Misawa, o chefe e responsável pela sala de imprensa do dpmt, estava desmaiado no sofá. O escritório tinha o mesmo aspecto de 1993, embora o

exemplar de *Sex*, de Madonna, tivesse desaparecido da estante havia muito.

Yamamoto estava de bom humor e me recebeu efusivamente. “Jake, há quanto tempo. Ainda usa heroína?”

“Não, Yamamoto. Agora estou vendendo para crianças do primário. Não uso mais.”

“Verdade? Não é de estranhar que esteja engordando.”

Era verdade. Não que eu tivesse parado com a heroína (ou que algum dia tivesse usado heroína), mas que estava ficando bem gordinho.

Yamamoto, por outro lado, tinha perdido bastante peso — talvez até demais. De todas as tarefas que se podem assumir na editoria policial, a mais ingrata é cobrir a divisão de homicídios e crimes violentos, que cobrara seu preço a Yamamoto. A divisão de costumes não é nada mole, mas raramente te chamam no meio da noite para uma batida. Descobri isso ao cobrir o Quarto Distrito. O impacto social de uma batida policial numa boate de sexo, ou da apreensão de DVDs de pornografia era no máximo formal, nada a ver com o tipo de notícia que exigia uma cobertura imediata e detalhada. Na maior parte do tempo, o que a divisão de costumes faz, quando chega a ser anunciado, nunca chega aos jornais. Ah, sim, você tem de escrever as matérias, mas sabe que o mais provável é que esteja trabalhando em vão. Homicídio e crimes violentos são outra coisa. Num país onde assassinatos são raros, estes quase sempre dão grandes matérias. Acontecem nos momentos mais improváveis e inconvenientes, e quando acabam de ocorrer têm uma urgência real. Você precisa chegar rapidamente ao local, e a concorrência por um furo nesse tipo de caso sensacional é feroz. Eu não tinha a menor inveja de Yamamoto.

Pablo, por sua vez, talvez pelo fato de ser muito mais “o cara do térreo” do que o gerente intermediário, parecia totalmente à vontade. Sem perda de tempo ele me pôs a par do caso, recorrendo a suas anotações. Os policiais tinham a seguinte informação naquele momento: no dia em que desapareceu, Lucie tinha sido vista usando um vestido preto, sapatos pretos e bolsa preta. Tinha uma carteira marrom de couro de jacaré, dobrável, com pouco dinheiro. Usava um colar com um diamante em forma de coração e um relógio Armani quadrado. Tinha trabalhado cerca de um ano e meio na British Airways como comissária de bordo. Seu pai não a proibira de ir ao Japão; Lucie tinha dinheiro e ele lhe enviaria dinheiro também. Ela disse aos pais que possivelmente faria passeios turísticos no Japão e ganharia algum dinheiro fazendo bicos. Não pretendia ficar muito tempo.

O dpmt não acreditou na história da seita, principalmente no contexto dos acontecimentos prévios. Os policiais de homicídios já estavam convencidos de que o mais provável era que ela tivesse sido sequestrada e morta por algum cliente da boate. Duvidavam até mesmo da existência de Akira Takagi. Era mais provável que fosse uma identidade falsa criada pelo responsável por seu desaparecimento.

Puseram uns camaradas da divisão de homicídios para trabalhar no caso, entre eles alguns investigadores que falavam inglês (ou que na verdade não falavam, mas achavam que falavam) e tinham experiência em crimes sexuais. Pablo me deu os nomes dos investigadores designados para o caso. Eu já conhecia um deles.

Yamamoto se juntou a nós enquanto Pablo continuava sua exposição.

“Bom, o que querem que eu faça?”

Yamamoto tomou a frente. “Queremos que vá conversar com as pessoas na casa de gaijins onde ela estava e procure, em Roppongi, gente que a conhecia, qualquer um que possa ter sido cliente. Você deve ter amigos lá, não?”

Na verdade, eu fugia de Roppongi como o diabo da cruz. A maior parte de meus amigos eram japoneses. Eu me sentia mais à vontade circulando em Kabukicho, Shibuya, Ebisu e até mesmo no bairro coreano. Tinha Sunao, de modo que não precisava nem queria pegar uma garota fácil de Roppongi para sexo sem compromisso. Não usava drogas nem era louco por strippers estrangeiras peitudas, discotecas ou restaurantes caros. Não tinha a menor vontade de confraternizar com outros gaijins. Roppongi era tão desconhecido para mim quanto para Pablo ou Yamamoto.

Disse isso a Yamamoto.

Ele só balançou a cabeça. “Você é americano, não vai a Roppongi e não conhece as regras do beisebol. Você não deve ser um americano de verdade. Você é um espião norte-coreano, diga a verdade! Confesse!”

Pablo embarcou na dele. “Até eu vou a Roppongi de vez em quando, e sou japonês.”

“Pablo-san, você parece mais estrangeiro do que eu. Por isso é chamado de Pablo. Seu lugar é Roppongi. Tenho certeza de que as garotas filipinas te adoram.”

“É mesmo, Adelstein? Bem, pelo menos não pareço um iraniano.”

Enquanto Pablo e eu trocávamos insultos pesados sobre nossa aparência étnica, Yamamoto tirou do bolso um bolo de dinheiro e me entregou.

“Para que é isso?”

“Não vou muito a Roppongi”, explicou Yamamoto, “mas sei de uma coisa. É um divertimento caro. Traga as notas fiscais, se puder.”

Eu não sabia mesmo por onde começar a procurar, mas imaginei que a boate onde Lucie tinha trabalhado seria o melhor lugar. Infelizmente, quando cheguei, havia um aviso na porta: fechado para reforma. Não foi um começo muito auspicioso.

Em 12 de julho, o dpmt anunciou oficialmente que estava investigando o desaparecimento de Lucie Blackman. A cobertura dos jornais japoneses foi fraca, mas em poucos dias o caso se tornou manchete na Inglaterra.

Eu passava todas as noites em Roppongi vasculhando as ruas em busca de alguém que conhecesse Lucie. Devia parecer tão cretino e desajeitado que ninguém queria falar comigo. Passara tanto tempo imerso em ambientes plenamente japoneses que tinha problemas para falar inglês. Gaguejava. Talvez parecesse um japonês tentando falar inglês. Eu devia emitir vibrações de policial.

Então, lá pelo dia 20 de julho de 2000, foi entregue à polícia de Azabu uma estranha carta supostamente escrita por Lucie Blackman em pessoa.

A carta tinha sido carimbada na província de Chiba, onde Lucie estaria em treinamento espiritual. Dizia à polícia e a sua família que parassem de procurá-la. Os policiais de Azabu acharam que era um trote, ou uma tentativa do agressor de desviar o rumo da investigação. Um dos policiais da divisão, que eu conhecia do Quarto Distrito, me mostrou a carta e pediu minha opinião. O sujeito tinha um

nome estranho para um japonês, tão estranho que ele tinha de escrever a pronúncia em seu cartão para que as pessoas pudessem entender. Acho que ele tinha também alguma doença da tireoide, porque os olhos chegavam a saltar das órbitas. Seus colegas, como bons policiais que são, lhe puseram, por causa disso, o apelido de Bola Fora.

Para mim estava claro que a carta tinha sido escrita por um japonês que pretendia se passar por anglófono. A confusão entre os artigos definido e indefinido, a rigidez da prosa e a propensão para a dupla negativa indicavam que tinha sido escrita por um japonês. Não era uma má ideia, mas não convencia. Se aprendi alguma coisa ensinando conversação em inglês no Japão foram as peculiaridades do inglês dos japoneses, também conhecido como *japlish*. Expliquei isso ao Bola Fora, que pareceu convencido.

No dia seguinte, Tim Blackman arrumou uma linha direta para receber informações sobre Lucie.

A primeira semana de agosto chegou e passou. Lucie tinha entrado no Japão com um visto de turista de noventa dias. Se ainda estivesse no país, estaria ilegal. Tim Blackman viajou ao Japão, e a mídia armou um circo. Numa entrevista coletiva na embaixada britânica, ele anunciou uma recompensa de 1,5 milhão de ienes (cerca de 15 mil dólares) por informações que levassem ao resgate ou à descoberta de Lucie. Enquanto isso, a polícia aos poucos ia desvendando a verdadeira identidade do misterioso Akira Takagi, mas ainda não tinha informações sobre o paradeiro de Lucie.

O aniversário de Lucie era em 1º de setembro. Ela faria 22 anos.

Eu ainda não tinha nada de consistente sobre ela. A única coisa que parecia promissora eram algumas

informações sobre um homem que atendia pelo nome de Yuji. Tinha cabelos longos tingidos de cinza. Era cliente habitual das boates de acompanhantes estrangeiras de Roppongi, Akasaka e Ginza. Vestia-se bem e gastava uma fábula em todas as boates que visitava. Gostava de louras. Não era visto desde junho. Ninguém tinha o cartão dele, nem uma foto.

Colher informações sobre Lucie exigiria enturmar-se na noite de Roppongi. Isso não poderia ser feito se eu me apresentasse como repórter. Muitos estrangeiros trabalhavam ali ilegalmente. Não confiavam em policiais ou jornalistas. Então, inventei uma identidade falsa.

Eu nunca poderia passar por um gaijin alternativo, descolado e despreocupado, dj ou professor de inglês, procurando alguma coisa em Roppongi. Não faço o tipo. O máximo que poderia pretender era ser tomado por mais um homem de negócios estrangeiro, vulgar e bem pago. O fenótipo era abundante, de modo que não seria difícil aprender a imitá-lo. Arrumei um terno melhor, tirei a gravata, bati papo com garotas nos bares e parei de fazer perguntas demais. Pensei na possibilidade de usar um brinco, mas isso já seria além da conta.

Arrumei um nome falso e um trabalho análogo ao que de fato estava fazendo: analista de seguros. Mande fazer um cartão de visita falso, arranjei um segundo celular e comecei a passar todos os fins de semana nas biroskas de Roppongi procurando alguém que conhecesse Lucie ou o cliente que a levara para a praia. Consegui as informações sobre Yuji e passei-as para meu chefe, como também para o

Bola Fora. Pensei em revelar minha fonte para Pablo, mas achei melhor não fazê-lo. Fontes são coisas que a gente guarda para si mesmo e não divide.

Outra boa informação que consegui era que Yuji costumava frequentar um lugar chamado Club Codex. Fui conhecer o lugar. Era dirigido por um japonês conhecido como Pilantra.

Assim que entrei no Club Codex, percebi que alguma coisa errada estava acontecendo. Parecia uma boate de acompanhantes como qualquer outra. Pouca luz, plantas artificiais, sofás de veludo, garrafas de cristal com uísque e água sobre as mesas. No entanto, a clientela parecia um pouco mais decadente do que na maior parte das casas, e as mulheres do Leste Europeu não pareciam estar se divertindo. Seu sorriso era forçado, e elas pareciam assustadas. Naquela época, eu não fazia ideia do que realmente acontecia na boate. Mais tarde ficaria sabendo. Mencionei Yuji como que por acaso a uma das moças, e quase que de imediato me disseram que fosse embora. Tomei isso como confirmação de que Yuji tinha estado lá e eles sabiam que ele estava sendo investigado, ou estaria sendo em breve. Não consegui nenhuma outra informação nessa incursão. A estoniana com quem estive batendo papo disse: “Yuji? Parece que você está falando de Georgie”.

Georgie? Yuji? O mesmo sujeito com dois codinomes? Eu não fazia ideia.

Não tenho certeza de que a polícia tenha feito contato com o Pilantra depois que passei minha informação para eles, ou se o Pilantra fez contato com a polícia por sua conta. Em todo caso, o Pilantra começou a contar tudo para o dpmt.

Anos antes, uma das garotas do Pilantra tinha sido estuprada por “Yuji”, um cliente habitual do bar. Yuji a convidara para uma viagem à praia, depois a levou à marina Izu, em Yokohama. Finalmente, levou-a para seu apartamento de Zushi, encheu-a de vinho com drogas e a estuprou. Ela ficou furiosa e quis ir à polícia. Ao que parece, o Pilantra a convenceu a não fazer isso. Ele não proibiu a entrada de Yuji na boate depois do incidente, mas avisou as garotas que tivessem cuidado com ele. Informou o nome da marina para onde a funcionária fora levada e tudo o mais que sabia. Isso resultou numa interrupção na investigação.

O outro nome que sempre vinha à baila nas conversas com o pessoal do lugar era o de Joji Obara. Era um rico construtor e incorporador de 48 anos que frequentava regularmente a boate de acompanhantes estrangeiras de Roppongi. O nome era muito parecido com Yuji. Transmitem aos policiais o que ficara sabendo. Eles já tinham ouvido falar dele.

Em 1º de outubro, Obara se transformara sem dúvida num suspeito. Em 12 de outubro, foi preso por agressão sexual em outro caso.

O comunicado de imprensa foi bem sucinto:

Durante a investigação preliminar, numerosas agressões contra estrangeiras vieram à luz. Nesses casos, o agressor se aproximava das mulheres e dizia “Vamos contemplar o mar” e habilmente as atraía para um passeio de carro. Dava-lhes bebidas alcoólicas com drogas e, depois que ficavam inconscientes, as estuprava. Conseguimos identificar o responsável e prendê-lo no dia 12 do corrente mês.

O uso de narcóticos para tornar sobretudo estrangeiras incapazes de reagir e assim estuprá-las repetidamente é um crime de extrema hediondez. O *modus operandi* nesses casos guarda forte semelhança com as circunstâncias do desaparecimento de Lucie Blackman.

O impacto desse crime no Japão e no exterior é enorme. Assim, estamos ampliando a unidade especial de investigação original, de modo a transformá-la num Comando Especial de Investigação completo, destacando para ele mais de cem funcionários para chegar ao fundo desses casos.

O homem tido como responsável é Joji Obara, 48 anos, executivo de uma empresa. Foi preso por agressão sexual contra uma pessoa incapaz de opor resistência. É acusado de agredir sexualmente uma estrangeira (com 23 anos na época) em março de 1996. Ele conhecia as mulheres numa boate de acompanhantes da Quinta Seção de Roppongi. Sugeriu que fossem ver o mar, convidava-as para um passeio de carro e as levava para seu apartamento na província de Kanagawa. Depois de convencê-las a entrar no apartamento, preparava-lhes uma bebida, fazendo-as perder a consciência por várias horas, durante as quais abusava sexualmente delas.

Depois da emissão desse comunicado, houve uma brevíssima entrevista coletiva. Eis o que foi dito:

investigador-chefe: A relação entre Lucie e as agressões praticadas por Obara ainda não foi estabelecida. No entanto, o método de abordagem é similar, ou seja, o convite para ver o mar. Essa é a razão pela qual é necessário um destacamento de cerca de cem investigadores. É uma operação de grande porte porque há muitas fontes de indícios.

pergunta: Quantas outras queixas foram apresentadas?

resposta: Várias. Algumas mulheres entraram em contato. Se ampliarmos a investigação, alguém mais pode apresentar queixa à polícia.

P: É certo que todas as vítimas eram estrangeiras?

R: Há algumas japonesas também, que estão sendo consideradas. Elas estão pensando se vão fazer declarações ou não.

P: Todas são acompanhantes?

R: Eram, na época dos acontecimentos.

P: Quantos objetos foram apreendidos?

R: Muitos. Alguns milhares. Mais ou menos um caminhão de uma tonelada. Eu não saberia dizer exatamente.

P: A maior parte deles é o quê?

R: Alguns livros que podem tê-lo atraído. Documentos e vídeos. Não estamos falando de uma única agressão sexual, mas de agressões em série. Tenham isso em mente.

P: Que drogas ele usou?

R: Foi confirmado o uso de soníferos.

P: Halcion?

R: Esse e outros.

P: Onde foram encontrados?

R: Em lugares ligados a ele.

P: De que porte é a investigação?

R: De cerca de cem investigadores.

P: Quem são os principais investigadores?

R: (Nomes dos quatro principais investigadores.)

P: Quem são os chefes de seção?

R: (Nomes de quatro chefes de seção.) Isso mostra o quanto a Primeira Divisão está investindo no caso.

P: O Comando Especial de Investigação está baseado na delegacia de Azabu?

R: Sim. Os objetos apreendidos estão na chefatura do dpmt. Azabu faz a coleta de informações.

Acho que foi o Bola Fora quem resumiu Obara com mais precisão: “É um doente de merda”.

Mais tarde, a promotoria chegaria à conclusão de que

desde 1973 Obara costumava atrair mulheres para seu apartamento em Zushi e dar-lhes bebidas misturadas com drogas que induziam o sono ou provocavam incapacidade de reação, e quando perdiam a consciência ele as envolvia em atos ilícitos de sexo (ou as agredia sexualmente) e gravava os atos em videoteipe ou outro veículo. Ele chamava isso de “jogo da submissão”.

O caso de uma das primeiras vítimas a aparecer serve como modelo dos crimes de Obara. É seco e frio, mas esse é o padrão.

Das alegações preliminares do promotor num dos processos contra Obara:

#### *Relação entre o réu e a vítima*

A vítima neste caso (doravante citada como “vítima”) chegou ao Japão em 20 de fevereiro de 1998 e residia na zona de Shibuya, em Tóquio. Vez por outra trabalhava à noite como acompanhante em Roppongi, zona de Minato.

O réu conheceu a vítima no começo de março do mesmo ano, quando foi à boate onde ela trabalhava e foi atendido por ela.

#### *Circunstâncias do crime*

O réu disse à vítima: “Tenho um apartamento na praia, bem perto de Tóquio, e quero levá-la até lá. Vou cozinhar para você, vamos lá no fim de semana”, e em 31 de março, por volta do meio-dia, encontrou-se com a vítima em frente ao Hotel Akasaka Tokyu e a levou a seu endereço em Zushi, onde gravou imagens dela com o mar ao fundo em videoteipe.

Mais tarde, o réu e a vítima foram ao apartamento dele no edifício número 4 da marina de Izu, quarto número 4314. Depois de fazerem uma refeição de frutos do mar na sala, o réu disse à vítima: “Tenho um vinho de ervas filipinas”, e serviu-lhe uma bebida com sonífero. A vítima tomou um gole e aos poucos perdeu a consciência.

O réu levou a vítima inconsciente para o quarto e deitou-a de costas na cama. Depois de tirar-lhe a roupa de baixo, pôs um lenço molhado com uma droga inebriante em sua boca para prolongar o estado de inconsciência. Nessas condições, estuprou-a e gravou tudo em videoteipe.

#### *Circunstâncias após o crime*

Na noite seguinte, 1º de abril, a vítima recuperou a consciência e se encontrou sobre a cama, vestindo um roupão. Tinha uma forte dor de cabeça, estava tonta e enjoada. Além disso, estava completamente sem forças e se arrastou até o banheiro para vomitar na privada.

Para dissimular a agressão, o réu disse à vítima: “Você é uma garota engraçada. Bebeu uma garrafa de vodca e vomitou na roupa toda. Foi por

isso que tirei sua roupa e pus você no banho”, e pôs para ela ouvir uma fita gravada com alguém tomando banho e ela gemendo.

Depois disso, o réu levou a vítima para casa, tendo ela vomitado duas vezes durante a viagem. O réu lhe disse: “Você não vai conseguir trabalhar na boate uns dois ou três dias nesse estado. Quero pagar pelo trabalho que você vai perder”, e lhe deu 60 mil ienes, por três dias de trabalho.

A tontura e a náusea continuaram e ela faltou ao trabalho na boate de 1º a 4 de abril, num total de quatro dias.

### *Fases da acusação*

A vítima não tinha o nome nem o endereço do réu, e nem sequer sabia que fora estuprada, já que estava inconsciente. No começo de julho de 2000, encontrou-se com um conhecido que dirige um restaurante de Tóquio. Essa pessoa lhe falou a respeito de uma britânica que dissera que ia sair com um de seus clientes, que a convidara para ver o mar, e estava desaparecida desde então. Com isso, a vítima disse ao conhecido: “Há algum tempo um sujeito chamado Kazu me convidou para ir até a praia e aceitei. Ele me deu uma droga e perdi a consciência”. Depois que ela explicou os acontecimentos posteriores, o conhecido a aconselhou a procurar a polícia.

Em 9 de agosto de 2000, a vítima foi à delegacia de polícia de Azabu e relatou as circunstâncias do crime. Em 13 de agosto, identificou uma foto do réu, e em 29 do mesmo mês, embora as circunstâncias do crime ainda fossem incertas, o réu foi acusado de agressão contra pessoa indefesa.

Em 12 de outubro de 2000, foi ordenada uma busca e apreensão na casa do réu, e entre suas muitas fitas de vídeo estavam gravadas as circunstâncias do crime. No dia 23, a vítima foi informada dos detalhes do crime por um conselho da promotoria no Escritório da Promotoria Pública do Distrito de Tóquio, e pela primeira vez reconheceu as circunstâncias do crime como agressão sexual contra pessoa indefesa. No mesmo dia, o conselho de promotoria do Escritório da Promotoria Pública do Distrito de Tóquio acusou o réu de agressão sexual contra pessoa indefesa.

Isso foi o que ele fez — supostamente mais de cem vezes.<sup>16</sup>

A partir de 16 de outubro, a cada dia surgiam mais e mais indícios de que Obara era um maníaco estuprador e estava ligado ao desaparecimento de Lucie. Depois que ela sumiu, Obara esteve num apartamento em Miura que não usava havia anos. Foi flagrado com as mãos sujas de cimento. Negou-se a permitir a entrada do zelador em seu quarto. Foi surpreendido tentando mudar a fechadura do apartamento do zelador; ele o tinha confundido com o seu. Foi visto numa praia próxima com uma pá.

O zelador estranhou e relatou o ocorrido à polícia. Quando os policiais vieram, Obara não os deixou entrar. Havia sinais de cimento no apartamento.

É claro que muita gente perguntou por que a polícia não revistou o apartamento nesse dia. Não houve respostas convincentes.

Em outubro, antes de ser preso, Obara comprou uma lancha caríssima sem sequer se dar ao trabalho de vê-la. O dpmt acredita que ele planejava usar a lancha para destruir indícios que o ligavam ao crime.

\* \* \*

A polícia analisou as drogas encontradas nas casas de Obara e achou diversos tipos de pílulas para dormir, que provavelmente eram usadas para praticar agressão sexual contra mulheres, não só estrangeiras mas japonesas. Depois que se soube que havia japonesas entre as vítimas, aumentou o frenesi da mídia.

O indício mais incriminador eram os vídeos. A polícia confirmou a existência de mais de cem vídeos que mostravam Obara abusando sexualmente de mulheres, principalmente brancas. As fitas estavam gravadas em

vídeo e em oito milímetros. A polícia apreendeu as fitas na antiga casa de Obara na zona de Setagaya, e também em sua segunda residência, um apart-hotel na área de Zushi, na província de Kanagawa. Ao que parece, todas as mulheres estavam inconscientes e incapazes de resistir à agressão praticada por ele.

Lucie não aparecia em nenhuma das fitas. Elas estavam em ordem mais ou menos cronológica, mas não havia fitas gravadas no período em que Lucie desapareceu. No fim de outubro, a Promotoria Pública de Tóquio indiciou Obara pela primeira de muitas acusações. Infelizmente Obara ainda não tinha confessado. Ninguém deveria se surpreender. O homem era formado pelo departamento de direito da Universidade Keio. Conhecia as leis, e sabia como a polícia trabalhava.

Os policiais tentaram o estratagema tradicional: “Se você não disser onde Lucie foi sepultada, seu espírito não terá descanso”.

Não funcionou. De início, Obara não só negou ter conhecido Lucie como afirmou que todas as vítimas eram prostitutas que tinham sido pagas para fazer sexo com ele, de livre e espontânea vontade.

\* \* \*

A grande indagação era: alguém tinha visto Obara e Lucie juntos? Cabia a mim descobrir. Se conseguíssemos uma testemunha, não só ganharíamos um furo como teríamos algo para negociar com os policiais, informação que eles queriam. Seria o equivalente a dois furos.

Yamamoto tinha muita esperança de que eu encontrasse alguma coisa.

“Adelstein”, disse ele, dando-me um tapinha nas costas quando estávamos no balcão do Propaganda, em Roppongi, “você conhece o ditado ‘*ja no michi wa hebi*’?”

“Conheço. Acho que se pode traduzir como ‘a cobra conhece a manha da serpente’.”

“Exato. Você é gaijin, a vítima é gaijin, a família da vítima é gaijin, as testemunhas provavelmente são gaijins. O próprio Obara provavelmente é nipo-coreano, e portanto também um gaijin, de modo que você é o repórter indicado para acompanhar o caso do lado não policial. Traga-me alguma coisa boa.”

“Vou fazer o possível.”

“Não faça o possível. Use a cabeça. Consiga resultados. O esforço não vale merda nenhuma. Reconheço o esforço, mas o que conta são os resultados.”

“Tudo bem, vou fazer um trabalho de merda mas trarei alguma coisa interessante.”

“Exato.”

Ele me pagou outra bebida e saiu para tentar pegar um investigador em casa.

Já fazia semanas que eu frequentava bares de acompanhantes e de striptease em Roppongi. No começo achei até estimulante e divertido. Uma boa dose de álcool e feromônios acabam fazendo você esquecer que está pesquisando uma coisa trágica e sinistra. Nudez, danças eróticas, paquera, álcool, cheiro de suor e perfume, ser mimado por mulheres obviamente acima de minhas posses, conviver com elas, e o *Yomiuri* pagando tudo... Nada mau.

Mas depois de uma semana, o atrativo acaba. Você começa a notar as linhas debaixo dos olhos das mulheres, conhecer o passado delas, ver os hematomas em seus braços. Ouve os gerentes japoneses falando das mulheres

como se fossem gado. Se você for acessível, e eu sou, as garotas começam a contar como é que o sistema funciona na verdade. Elas não se divertem nem um pouco, e muitas das garotas que trabalham lá veem a gente como um inimigo que deve ser esmagado, um otário para ser depenado. Já não tem graça.

Minha filha, Beni, nasceu em setembro daquele ano, e eu preferia ficar em casa, andando de lá para cá com Sunao e interagindo com o bebezinho, mas em vez disso passava todas as noites em bares decadentes e escuros. Sunao sabia onde eu estava e compreendia meu trabalho, de modo que não se importava muito. Ela mesma tinha sido jornalista e sabia que, quando eu me tornei um repórter do *shakaibu*, se tivéssemos filhos, ela seria essencialmente uma mãe solteira.

Lembro-me de uma noite no Private Eyes, com uma indiana de peitos gigantescos no meu colo. Enquanto ela esfregava os mamilos em meu rosto, eu só conseguia pensar numa coisa: será que Beni está mamando neste momento?

Fiz várias visitas ao Outline.<sup>17</sup> Obara fora frequentador habitual do lugar e o dono tinha uma foto dele com menos de vinte anos. Não fiz segredo de minha condição de repórter desde a primeira visita. Eu sabia que ele haveria de perceber. Mas ele me deixou conversar com as mulheres desde que eu pagasse pela companhia delas. Havia mulheres que conheciam Obara e algumas que conheceram Lucie também. Lucie, por ser alta e simpática, ganhou fama numa pequena área de Roppongi. Era querida. Encontrei

uma garota que conhecia Obara e Lucie, mas ninguém que os tivesse visto juntos. O que meu chefe tinha dito ficou martelando em minha cabeça: encontre alguma coisa que possa relacionar os dois, e teremos um furo.

Segundo a gerente do Outline, quando Obara vinha à boate trazia sempre um guarda-costas, um sujeito com pinta de valentão que também lhe servia de motorista. Era baixinho e parrudo. A *mama-san* disse que os dois eram bem parecidos, só que Obara tinha o cabelo mais comprido e pintado de cinza.

Disse ainda que Obara tinha cara de coreano.

“Como é cara de coreano?”, perguntei à *mama-san*.

“Uma pessoa com a cara do guarda-costas de Obara.”

O rosto de Obara era mais quadrado que redondo, acrescentou ela. O homem não falava muito e parecia meio taciturno. Essa informação não ajudava muito.

Fui ao Seventh Heaven, achando que Lucie podia ter feito amizade com as garotas de lá. A comunidade de estrangeiros que trabalhavam em Roppongi na época era muito pequena.

O aspecto geral da boate era típico de muitas boates de striptease da área. Um estradinho redondo de madeira com um mastro, levemente elevado, com uma cortina por trás. O ambiente era bem escuro. Havia alto-falantes embutidos no teto. Grupos de poltronas e sofás se distribuía em torno do estrado. Na ponta da esquerda ficava a pista de dança privativa, fechada por uma espessa cortina. Havia três cabines na pista de dança privativa, com cadeiras sem braços em cada uma delas.

Durante uma dança privativa, o cliente permanecia sentado e a garota rebojava sobre ele, esfregando-se nele, pelo tempo que durava uma música — por 7 mil ienes.

Podia enfiar a língua na orelha dele, ou pegar no pau dele, mas não mais que isso. Apertar peitos era permitido, mas chupá-los, só se fosse um cliente habitual ou pagasse pelo menos três danças privativas. Essa era uma regra tácita.

Havia uma garota, Mindy, que sempre falava comigo. Mindy Gananciosa. Era a única ruiva do pedaço, baixinha, peituda (peitos naturais, suponho) e bastante atraente com seu tipo de irlandesa. Era capaz de extrair dinheiro de um cliente da forma como uma leiteira ordenha uma boa vaca. Paguei-lhe alguns drinques, e, sentada no meu colo, ela sussurrava em meu ouvido o que estava acontecendo. Contou que naquela noite, pouco antes da abertura da boate, dois investigadores do dpmt tinham estado lá e mostraram ao gerente uma foto em preto e branco. Havia dois homens na foto, um com o braço nos ombros do outro; via-se claramente o homem que estava no meio da foto, mas o rosto do outro fora recortado.

A polícia perguntou ao gerente se ele conhecia o homem, e ele disse que sim. Mindy não ouvira o resto da conversa. O homem era Obara.

O *Yomiuri* queria mais informação. Não era fácil conseguir. As mulheres não gostavam de repórteres. Uma atraente fonte potencial me chamou de pentelho na minha cara. Ufa!

Passei a noite de 14 de outubro ensaiando uma nova tática. Como cliente, eu não estava indo muito longe, e resolvi que precisava de um substituto, alguém de quem as meninas desconfiassem menos. Procurei Kristin, uma loura alta e curvilínea de Montana, e pedi ajuda. Ela estava

casada com meu melhor amigo da faculdade. Ficou entusiasmada com a ideia de brincar de detetive e foi se encontrar comigo naquela mesma noite, depois de sair do trabalho de professora de inglês.

Eis a história que contaríamos e o plano que inventamos: Kristin estaria à procura de emprego como acompanhante/stripiper, e eu seria o namorado dela. A editoria de cidade estava ficando sem dinheiro e, se visitássemos as boates para “entrevistas de emprego”, poderíamos entrar de graça e talvez conseguir alguma informação valiosa.

Mindy estava numa das mesas quando entramos no Seventh Heaven. O gerente nos deixou esperando enquanto chamava seu chefe para a entrevista improvisada. Eles estavam sempre à procura de novas louras peitudas para exibir, e Kristin fazia o tipo.

Assim que Kristin e eu nos sentamos, Mindy sentou-se entre nós dois. Virou-se para mim e perguntou: “E então, quem é sua adorável amiga? Eu sou Mindy”.

“Meu nome é Kristin”, respondeu minha amiga. “Estou pensando em trabalhar aqui. Como é o trabalho?”

“Bom”, disse Mindy, que já tinha os joelhos junto aos de Kristin, “se você gosta de homens, é um bom trabalho. É bem pago. Mas é homem, homem, homem o tempo todo. Fica um pouco monótono. Os homens são tão duros, tão frios...”

Enquanto reclamava da frieza dos homens, suas mãos procuraram os joelhos de Kristin e dali subiram para os seios. Acariciando-os, ela se inclinou para a frente e aproximou os lábios do pescoço de Kristin — e foi então que puxei e larguei a parte de trás do sutiã de Mindy, com força,

e ela se retesou. Kristin parecia incomodada. Tomou um gole do suco de laranja que o barman trouxera para ela.

“Por que fez isso?” Mindy olhou para mim e esticou o lábio inferior, fazendo biquinho. “Já sei!”, disse ela, parecendo subitamente alegre. “Você está com ciúme. Você não quer me dividir com sua namorada. Vou te dar uma longa dança privativa para você saber que ainda tem um lugar especial em meu coração.”

“Esta noite não estou aqui para dança privativa.”

Mindy não se intimidou. Passou o braço nos ombros de Kristin, brincou com o cabelo dela e completou: “Adoraria dar uma dança privativa para uma mulher também”. Kristin ficou olhando para Mindy durante um segundo e rompeu numa gargalhada que por pouco não alvejou o nariz da outra com suco de laranja. Eu disse a Mindy que se ela me conseguisse a foto de Obara, eu lhe pagaria quatro danças privativas e ela podia simplesmente ficar parada pintando as unhas. Os olhos dela brilharam.

Kristin notou que Mindy usava um Rolex cravejado de diamantes. Mindy explicou que era presente de um cliente. “Você não acreditaria no pentelho que me deu esse relógio. Ele acha que porque me deu um relojinho todo enfeitado é dono deste lindo traseiro. Não podia estar mais equivocado.”

Mindy já tinha bebido por algum tempo antes de nossa chegada, e percebi que a parte de seu cérebro que censurava a boca estava desativada havia muito. Talvez pela presença de Kristin, ou por qualquer outro motivo, ela embarcou num monólogo sobre acompanhantes/strippers e como elas viam os clientes. Isso não era nada bom.

Depois do Seventh Heaven, Kristin e eu fomos ao Sports Café. Black Jack, um guarda-costas nigeriano, estava na porta. Ele e Lucie tinham sido amigos, e toda vez que ele me via perguntava se havia novidades. Sabia que eu era repórter, mas não dizia nada. Black Jack me deu alguns cupons de desconto para a boate Private Eyes. Dorcy, amiga de Kristin, se juntou a nós. Entramos e tomamos uma bebida.

Dorcy deu umas voltas no banheiro feminino, que era uma espécie de Grand Central Station da boate — todo mundo passava por lá. Algumas garotas cheiravam cocaína na privada. Dorcy conversou com Jesse, uma australiana coberta de tatuagens que tinha visto duas fotos de Obara trazidas pela polícia. Ela conhecia um ex-namorado de Lucie, Nick, e lhe disse onde encontrá-lo.

Ele estava numa esquina, junto de uma livraria (fechada havia muito tempo) distribuindo panfletos de uma “boate” onde se vendia *ecstasy* às escondidas. Perguntei quando vira Lucie pela última vez.

Com um forte sotaque australiano, ele disse: “Você deve ser repórter. Se quer saber sobre Lucie, mostre algum dinheiro”.

Dei a ele 5 mil ienes. Mostrei-lhe o retrato falado de Obara. Não lhe evocou nada. Disse-lhe que pagaria por uma foto de Obara e fui embora.

Voltei ao Seventh Heaven. Layla, uma sueca que estudava japonês na Universidade Sofia, estava distribuindo panfletos da boate. Como eu já tinha esbarrado com ela numa reunião de ex-alunos da Sofia, ela sabia que eu era repórter. Com seu 1,80 metro de altura e longos cabelos platinados, ela chamava a atenção. Não trabalhava como stripper, mas como garçonete, e às vezes atraindo clientes.

Entregou-me uma lista de boates que a polícia tinha visitado naquele dia. Falava japonês e prestava atenção ao que as outras moças diziam, de modo que era uma boa fonte.

Agradei pela lista e ela fez sinal para que eu a seguisse até uma pequena cafeteria nas proximidades.

“Jake”, disse, “muita gente já desconfia que você seja repórter. Tenha cuidado. As pessoas conhecem seu rosto. Acho tão bacana o que você faz! Eu também quero ser repórter policial. Você acha que pode me fazer entrar para o *Yomiuri*?”

“Se você continuar estudando japonês como vem fazendo, talvez eu possa ajudar. Mas fazer você entrar? Sou arraia-miúda, um soldado raso. Não tenho a menor influência.”

“Ah, está bem. De qualquer modo, tudo isso é muito emocionante. A propósito, é verdade que há uma máfia chinesa no Japão? Acho que são os Cabeças-de-Cobra.”

“Você devia perguntar a meu chefe, Yamamoto. Ele conhece esse troço.”

“Então vamos sair os três para beber. Por falar nisso, você já esteve no Club Codex? Uma das vítimas trabalhava lá, segundo eu soube.”

Confirmei que, salvo melhor juízo, uma delas tinha mesmo trabalhado lá no passado. Ela me deu mais um nome, Melissa. Essa Melissa havia trabalhado na boate com Lucie. Layla conversara longamente com ela e contou-me o que ouvira. Segundo Layla, uma semana antes do desaparecimento, Melissa vira Lucie conversando com um japonês de cabelo comprido no Casablanca. O homem parecia muito rico. Pediu brandy e champanhe caro. Conversou com Lucie durante quase três horas, de uma forma muito amigável. Pagou em dinheiro.

Ele detestava que lhe falassem em japonês e fazia uma cara horrível quando isso acontecia. Preferia falar inglês.

Melissa fora interrogada pela polícia diversas vezes sobre o cliente e sua relação com Lucie. Ela já não trabalhava em Roppongi; não tinha o visto exigido e temia que agora, depois de ter sido entrevistada pela polícia, pudesse ser deportada se não tomasse cuidado.

Agradei efusivamente a Layla. Agora eu sabia o que os policiais sabiam. Lucie e Obara tinham se encontrado e havia testemunhas que provavam isso. Ele não poderia negar isso. Liguei para Yamamoto e lhe passei a informação. Ele agradeceu. Eu agradei por ter me agradecido e desliguei. O que eu lhe fornecera era o bastante para um bom furo sobre o assunto. Eu tinha conseguido: seria um furo nosso quando fosse publicado. Isso ajudaria a justificar todo o dinheiro que eu havia torrado em Roppongi. A matéria enfureceu o dpmt, que pretendia fazer uma surpresa a Obara. (Os outros jornais noticiaram o caso cerca de uma semana depois.)

Cheguei em casa às três da manhã. Beni chorava a plenos pulmões. Sunao estava completamente exausta, com Beni nos braços, andando de cá para lá na tentativa de acalmá-la. Peguei Beni e fiquei com a bichinha nos braços, caminhando devagar na esteira ergométrica. Pus os grandes sucessos do U2 no som, baixinho, e continuei em movimento até que Beni começou a bocejar e fechou os olhos. Ela ainda era completamente careca e tinha os olhos tão apertados que só se viam as pupilas pretas. Parecia um bebê alienígena de um episódio de *Arquivo X*, mas eu não me importava. Era sangue do meu sangue, mesmo sendo uma alienígena. Pensando bem, ela lembrava o Policial E.T.

Enquanto eu a segurava no colo no meio da noite, tive um tempinho para refletir. Pensei em Tim e Jane Blackman. Eles deviam ter recordações de Lucie como essa.

Pensei em Obara, e senti o estômago revirar. Percebi que o fato de ter minha própria filha estava me levando a um envolvimento pessoal no caso. Para um repórter, isso nem sempre é bom. Se os casos se tornam pessoais, começam a trazer angústia.

A última coisa que fiz depois de deitar Beni no futon ao lado de Sunao foi telefonar para Dai Davies, um detetive particular contratado pelos Blackman para procurar Lucie. Ele me contou que a polícia tinha pedido ao sr. Blackman uma amostra da letra de Lucie. Obviamente, eles agora queriam saber quem tinha escrito a carta falsa, na tentativa de despistá-los. Acho que eles precisavam se certificar de que não se tratava da letra de Lucie, embora Tim já tivesse dito isso.

A investigação parecia prosseguir sem tropeços. Obara fora preso diversas vezes, sob suspeitas diversas, inclusive por homicídio culposo no caso da australiana Carita Ridgway, em 1992, e por diversos casos de estupro. Com Carita, ele usou clorofórmio para dopá-la e filmou o estupro. Ela morreu de falência hepática. Disseram aos pais dela que tinha sido por intoxicação alimentar. Era pouco provável que tenham feito uma autópsia — eles raramente a fazem, mesmo no caso de japoneses mortos em circunstâncias suspeitas.

A polícia revistou o prédio de apartamentos para onde Obara levava as mulheres, mas não encontrou corpo algum. Pelo menos da primeira vez.

Obara tampouco confessou ter matado Lucie. A reação da polícia foi prendê-lo de novo por outras acusações de

abuso sexual. Imaginavam que seriam capazes de dobrá-lo. Não foram.

Por volta das seis da tarde de 10 de novembro, o advogado de Obara enviou uma declaração de seu cliente aos meios de comunicação. Nesse documento, Obara relacionava suas vítimas e caluniava-as enquanto repetia a mesma história que contara à polícia. Reconheceu que tinha conhecido Lucie, numa clara tentativa de garantir que a carta fosse levada a sério pela imprensa. Era obra de um sociopata desprovido de todo arrependimento, segundo um especialista com quem conversei. Começava assim:

No momento, estou sendo acusado de um crime, porque no passado paguei para ter relações sexuais com estrangeiras, em pubs e boates de estrangeiras, e me envolvi em encontros remunerados com japonesas que eram prostitutas profissionais ou em condições profissionais. Paguei bom dinheiro por esses jogos sexuais (que eu chamo de jogo da submissão).

Como paguei o preço que valiam os serviços prestados e contava com o consentimento dessas mulheres quando nos envolvemos em jogos sexuais, não acredito (que tenha cometido) estupro ou abuso sexual.

A partir daí começou a se referir a cada uma de suas acusadoras pelas iniciais, acusando-as de ser prostitutas, viciadas em heroína e mentirosas. A única observação interessante se referia ao nome tm: Obara afirmava que a protegera contra o assédio de Issei Sagawa e nunca lhe pagara por sexo. Em 1981, quando estudava no exterior, Issei Sagawa baleou e matou uma holandesa, cometeu necrofilia e comeu partes do corpo dela. Foi declarado louco pelos tribunais franceses, devolvido ao Japão, e não passou um só dia na cadeia. Não era surpresa vê-lo ligado a Obara.

Obara também tentou esclarecer algumas questões que intrigavam a todos. Uma delas dizia respeito ao cadáver de

seu cachorro de estimação, encontrado congelado num freezer de sua propriedade.

Acredito que quando a tecnologia da clonagem estiver bem avançada poderei fazer renascer meu cachorro, de quem gosto muito. Portanto, coloquei-o no freezer juntamente com rosas e com os alimentos de que ele mais gostava, e assim ele ficou. A polícia tem fotos. Os programas de televisão da manhã disseram que ele estava esquartejado, o que é uma mentira deslavada.

Continuou explicando a razão pela qual tinha grandes quantidades de hormônio de crescimento humano.

Insistiu em que usava comprimidos para dormir só para chegar ao estado inconsciente e desenvolver ao máximo suas potencialidades. Usava-os também para tratar de sua insônia, mas jamais os usara em jogos sexuais.

Tinha usado cimento para prender azulejos no apartamento.

Ponto por ponto, contestou o que se dizia dele. Negou ter conhecido Akira Takagi. Negou que tivesse usado roupas de mulher e sido preso por voyeurismo.

Ameaçou processar a imprensa pelas matérias falsas que publicava e acioná-la criminalmente por calúnia. Por fim, informou que a polícia estava planejando uma busca em grande escala nos lugares em que ele tinha morado, com uso de destacamentos policiais móveis e helicópteros, o que ocorreria dentro de sete dias.

O investigador-chefe do caso ficou furioso com a declaração. Quis estrangular o advogado de Obara. Naquele dia, na delegacia de Azabu, ele deixou bem claro o quanto estava irritado.

“Avisei mil vezes àquele advogado que se escrevesse sobre as vítimas, cometeria crime de calúnia, e mesmo assim ele escreveu. O que esse diabo de advogado está pensando? Não somos obrigados a interromper um interrogatório crucial para que ele tenha tempo de se encontrar com seu cliente para essa merda. Se isso se tornar público e as vítimas apresentarem queixa, eu adoraria prender esse advogado como cúmplice do crime de calúnia. E vou fazer isso. Com essa carta e toda a merda que está nos jornais, fica óbvio descobrir quem são as vítimas. É muito diferente das coisas erradas e deturpadas que saem na imprensa. É calúnia.

“Essa batida gigante na área, de que ele fala. Merda.

“Ele usa a frase ‘jogo de submissão’ no interrogatório? Não faço a mínima ideia.

“É verdade que algumas das vítimas receberam dinheiro, mas isso não tem nada a ver com o crime. Elas não haviam concordado de antemão. Quando as vítimas acordavam, depois de Obara as ter usado, ele lhes dava dinheiro para comprar seu silêncio. As vítimas tinham estado inconscientes, não se lembravam de nada.

“Elas acordavam e viam que alguma coisa estava estranha, errada, e Obara se saía com a cantilena habitual: ‘Ah, você passou tão mal’. Dava a elas o dinheiro do táxi para que voltassem para casa.

“Mesmo que ele lhes tenha dado dinheiro, os fatos não mudam em nada. Ele enganou essas mulheres, deu-lhes bebida misturada com drogas. Isso é tentativa de assassinato. Vou acusar esse filho da puta de tentativa de assassinato.

“Quem ler direito essa carta verá que não há informação alguma que não lhe seja favorável. Ele nem toca no assunto

dos vídeos. Nem uma linha.

“E a história dos azulejos? Papo furado. Qualquer pessoa sabe que para colocar um azulejo não é preciso usar cimento, uma boa cola resolve.”

Se o objetivo de Obara era censurar e enfurecer a polícia, com aquela carta ele havia conseguido muito mais do que poderia sonhar. Estava insultando a polícia e ridicularizando as vítimas. O homem não sabia o que era vergonha.

Em 9 de fevereiro, com base numa nova “dica”, o dpmt mandou cerca de cem policiais à praia de Miura, onde tinham procurado o corpo de Lucie uns quatro meses antes. A justificativa era de que, após analisar a distância registrada no hodômetro de um carro alugado por Obara pouco depois do desaparecimento de Lucie, eles tinham feito uma estimativa de onde o corpo poderia estar enterrado. Um repórter policial veterano do *Mainichi* disse que acreditava que a polícia tinha encontrado o corpo de Lucie na primeira tentativa e estava esperando a confirmação de Obara antes de anunciar oficialmente o achado, para garantir que a acusação fosse sólida e incontestável. É possível.

Fui acordado às cinco da manhã naquele dia e me disseram que fosse à editoria de cidade e ficasse à disposição para falar com os estrangeiros envolvidos no caso assim que o corpo fosse encontrado. Eu tinha esperança de que o dpmt já tivesse avisado Tim, mas sabia

que não. Os policiais não gostavam dele, porque Tim criticara seus métodos, o que tinha todo o direito de fazer.

Todo o destacamento estava nervoso, zangado e cansado. Acusações de incompetência e críticas, reais ou imaginárias, não eram bem recebidas. Os dois lados estavam claramente às turras. Tim era mantido afastado o máximo possível. Já Jane Blackman foi levada ao Japão pela polícia uma semana antes da busca. Esconderam-na num quarto de hotel, distante da imprensa, e nem sequer permitiram que falasse com outros familiares. Ela viajou acompanhada por policiais da Scotland Yard, integrantes do serviço de apoio a vítimas. A polícia japonesa a interrogou detalhadamente a respeito de Lucie: características físicas, doenças que já tivera, o que costumava comer, seus hábitos. A sra. Blackman percebeu que algo ia acontecer, mas a polícia não informava nada. Tim estava alheio a tudo.

Dessa vez, não levou muito tempo para a polícia achar o corpo, oculto numa parede improvisada no interior de uma caverna na praia. Ao que parece, o cheiro de carne em decomposição era tão forte que alguns policiais mais jovens passaram mal. Encontraram a cabeça de Lucie coberta de cimento. Não foi possível fazer a identificação naquele dia, mas todos sabiam de quem se tratava. Bola Fora me chamou lá e me contou o que estava acontecendo. Ele sabia que eu conversava com Tim. Acho que queria que Tim soubesse.

Afinal de contas, nem foi tão difícil lhe dar as notícias. Bom, não tão difícil quanto eu pensava. Quando Tim Blackman atendeu o telefone, já sabia por que eu estava ligando e o que eu tinha a dizer.

“Tim, é Jake, do *Yomiuri*.”

“Sim, Jake.”

“Não conheço nenhuma forma delicada de lhe contar isso, então não vou nem tentar. Aconteceu o que você temia. A polícia encontrou o corpo dela hoje de manhã.”

Fez-se um longo silêncio.

“Enterrado?”

“O corpo estava parcialmente desmembrado. Parece que ela foi morta há meses, dado o estado de decomposição. A identificação ainda não é oficial, mas tudo indica que se trata dela. Lamento muito pela sua perda. Há algo mais que queira saber?”

“Não, Jake. Muito obrigado por ter me ligado. É bom saber o que de fato aconteceu.” Mal se notava um tremor em suas palavras bem escolhidas, um sussurro por trás delas. Eu estava prestes a desligar quando ele falou outra vez.

“Sim, tenho uma pergunta. Onde foi encontrado o corpo?”

“Perto da casa dele. Escondido numa caverna em frente à praia.”

Houve outro longo silêncio.

“Você está bem, Tim?”

“Oh, sim, isso tudo bate como um, bom, não digo como um choque, mas... é como se... não é o que eu esperava. Eles não tinham dado busca na praia antes?”

“Tinham, Tim. Não sei por que não a encontraram então, o fato é que não a encontraram. Você tem algo a declarar à imprensa, à polícia?”

“Fico satisfeito pela polícia ter encontrado Lucie. Teremos de ir ao Japão para trazer o corpo e lhe dar sepultamento digno depois que tudo se confirmar.”

“Certo. Tim, gostaria de poder dizer alguma coisa que tornasse tudo isso menos doloroso para você. Tudo o que

posso fazer é mantê-lo a par da investigação.”

“Siiiiim”, disse Tim, prolongando a palavra de maneira quase etérea. “Sim, por favor, faça isso. Você tem sido ótimo em nos permitir acompanhar todas as fases da investigação até agora, muito mais do que a polícia japonesa, na verdade. Obrigado.”

“Bom, falo com você mais tarde.”

“Sim, sim. Muito obrigado por ligar.”

“Você vai receber um monte de ligações de outros órgãos da imprensa sobre isso, e imagino que bem rápido.”

“Sim, obrigado pelo aviso. Vou deixar o telefone fora do gancho por algum tempo. Boa noite.”

“Boa noite, Tim.”

Horas depois, tive de ligar para Tim de novo. O *Yomiuri* queria um comentário oficial. Assim é a vida de um repórter. Eu não tinha a menor vontade de me intrometer em sua dor mais do que já havia feito, mas trabalho é trabalho.

A essa hora, Tim havia preparado uma declaração.

“No fundo de meu coração, eu gostaria de achar que Lucie ainda estivesse viva, mas tenho de encarar a realidade e admitir que isso talvez não vá acontecer. Se eu parar para pensar em todas as circunstâncias envolvidas, não posso negar a forte possibilidade de que o corpo em questão seja de fato o de minha filha Lucie. De certa forma, ainda que funesta, sinto uma espécie de alívio. Não saber se ela estava viva ou tinha sido assassinada... é o pior de tudo. Só espero que não haja mais corpos.”

Lucie foi identificada no dia 10. No começo de abril, Obara foi oficialmente indiciado por estuprá-la, causar sua

morte e depois mutilar e abandonar o corpo na caverna. No primeiro julgamento, foi declarado inocente quanto às acusações que diziam respeito a Lucie. Às vezes, os tribunais japoneses me deixam simplesmente perplexo. Por outro lado, foi sentenciado à prisão perpétua por oito estupros e outros crimes. O caso está em apelação, e assim deve ficar durante anos e anos.<sup>18</sup>

No Japão, muita gente gostaria de minimizar o caso Lucie Blackman, descrevendo-o como uma espécie de crime bizarro num dos países mais seguros do mundo. Embora tenha sido um crime fora do comum, suscita perguntas. Para mim, a principal é: como esse homem evitou a punição por estuprar mulheres e mais mulheres durante mais de uma década e por que a polícia não o prendeu antes?

Não que a polícia tenha uma atitude negligente em relação a crimes contra estrangeiras — essa atitude ocorre em relação a todas as mulheres. Eles parecem não ter percebido ainda que o assédio do tipo cometido por Obara pode levar a ferimentos graves e até à morte.

Acho — e, como não estou escrevendo para o jornal, posso expressar minha verdadeira opinião — que a agressão sexual contra mulheres nunca foi a prioridade da polícia. A pena por estupro é insignificante (geralmente dois anos, no máximo) e a possibilidade de suspensão da sentença para réus primários é tão grande que isso nem parece um crime grave.

As acompanhantes não são vistas como vítimas por grande parte da polícia, mas como prostitutas vitimizadoras, gananciosas e manipuladoras. Principalmente as

estrangeiras. Não sei como seria possível mudar essa mentalidade. Mesmo que a vítima seja uma prostituta, continua sendo vítima. As prostitutas conseguem dizer não. Mulheres drogadas contra a vontade não conseguem dizer coisa alguma.

Nos cinco últimos anos, o dpmt começou a encarregar policiais do sexo feminino das investigações por agressão sexual. É um bom começo. Os homens costumavam tratar as vítimas como criminosas, perguntando coisas como “Foi você que o provocou?” ou “Por que você não disse *não*?”. Conversei com três mulheres que tiveram experiências muito desagradáveis com a polícia depois de terem sido estupradas. Foram obrigadas a esperar entre três e oito horas antes de serem levadas a um hospital para exame. Durante esse período, todas foram autorizadas ou incentivadas a ir ao banheiro, o que, claro está, destrói os indícios físicos.

Em geral, as delegacias de polícia não têm o kit usado para a detecção de estupro, e pouquíssimos policiais sabem como usá-lo, embora eu tenha sido informado de que esses kits existem. Num país em que o estupro não é considerado crime grave, não é de estranhar que prosperem pessoas como Obara.

Uma fonte da embaixada britânica me disse que a polícia recebeu queixas contra Obara muitos anos antes do desaparecimento de Lucie. Não sei se isso é verdade. Não consegui encontrar ninguém no dpmt que confirmasse oficialmente essa afirmação. O que sei é que, se alguém tivesse levado a sério essas queixas, não só Obara teria ido para a cadeia há muito tempo como Lucie Blackman ainda estaria viva.

15 Uma parte do valor que o cliente paga pelas bebidas consumidas por ele e pela acompanhante vai para o bolso dela. É por isso que os clientes que pedem caríssimas garrafas de brandy, champanhe e outras bebidas são os queridinhos da comunidade de acompanhantes.

16 Em dezembro de 2008 Obara foi condenado por oito estupros e por um estupro seguido de morte.

17 A polícia de Azabu deu uma batida no Outline no outono de 2006. Uma das garotas que trabalhavam lá e conhecera Lucie foi presa, deportada para a Austrália e proibida de entrar no Japão por cinco anos.

18 Num julgamento em dezembro de 2008, Obara foi declarado culpado de desmembramento e abandono do corpo de Lucie, mas não por homicídio culposo ou estupro.

# Caixas eletrônicos e britadeiras: um dia na vida de um repórter do *shakaibu*

Acordei no dormitório do terceiro andar do edifício Yomiuri, cansado e suarento. Na noite anterior, precisei ficar até tão tarde na redação que acabei perdendo o último trem para casa.

Havia dois dormitórios no terceiro andar: um para as editorias de política e economia, outro para a de notícias nacionais e a distribuição. Nosso dormitório tinha colchões encaroçados, travesseiros de bolinhas de isopor e um sistema de aquecimento que mais parecia o de uma sauna. Outras características: um letreiro pisca-pisca indicando a saída que iluminava tudo e, perto da cama, um telefone que deveríamos atender a qualquer momento. É claro que a editoria de política tinha um dormitório escuro, temperatura amena, camas novas e nenhum telefone.

Fiz a barba, saltei para o carro do jornal e fui para Saitama, minha antiga sucursal. Estava trabalhando numa matéria sobre uma série de roubos espetaculares de caixas eletrônicos. No último ano, tinham sido 57. Os ladrões trabalhavam assim: procuravam uma obra ou uma empresa construtora próxima de algum caixa eletrônico deserto no subúrbio. Roubavam uma pá mecânica, e se possível, uma

empilhadeira (é mais fácil de roubar do que você pensa). Iam até o caixa eletrônico, arrancavam a máquina inteira do chão e levavam embora. Num local mais protegido, abriam a máquina a pancadas, tiravam o cofre, levavam-no para outro veículo e davam no pé. O roubo durava cerca de quatro minutos, e o tempo médio de resposta da polícia ao alarme era de cerca de seis minutos, portanto os ladrões precisavam ser rápidos. Em mais ou menos metade das vezes, não conseguiam pegar o cofre tão rápido e tinham de deixar a grana para trás.

Conversei com a Scotland Yard, que fora chamada para investigar uma série de fatos semelhantes no fim da década de 1990 (esse tipo de roubo era chamado na Grã-Bretanha de *ram raiding* [ataque com aríete]). A polícia britânica recomendou aos bancos que chumbassem os caixas eletrônicos no piso ou no chão, o que praticamente acabou com o problema. Isso não detém uma escavadeira, mas atrasa a demolição e facilita a captura dos ladrões. A outra solução seria inserir bolsas de tinta nas máquinas automáticas; quando a máquina fosse sacudida ou golpeada, a tinta se derramaria sobre as cédulas, marcando-as. No Japão, porém, todos os terminais automáticos estavam no seguro, de modo que os bancos não perdiam um único iene quando seus caixas eram roubados, e preferiam pagar o seguro a incorrer na despesa necessária para reforçar suas máquinas. Quanto à solução da bolsa de tinta, foi vetada pelo Banco do Japão, que não queria substituir as cédulas manchadas. Então, sobrou para os policiais.

Minha primeira parada foi na chefatura de polícia de Saitama para perguntar sobre os sete roubos de caixas eletrônicos ocorridos naquela área. As pessoas que eu

costumava importunar dez anos antes, inclusive algumas de minhas melhores fontes, tinham sido promovidas, o que facilitou a obtenção de respostas. Além disso, elas ainda tinham notícias minhas porque ao sair de lá não deixei de lhes mandar cartões de Ano-Novo. No Japão, é hábito enviar cartões de Ano-Novo todos os anos. É um ritual. Se não o cumprir, você será considerado um pária. Embora isso me deixasse maluco, eu mandava esses cartões pontualmente todo mês de dezembro, de modo que os caras sabiam onde eu estava, o que fazia e quantos anos tinha Beni.

Assim que desci no sétimo andar, topei com o antigo chefe da polícia ferroviária. “Jake, obrigado pelo cartão de Ano-Novo. Seu filho é uma gracinha.” Preferi não esclarecer que a gracinha era uma menina. As pessoas que passavam davam uma paradinha para dizer olá, há quanto tempo. Era como ter um pequeno fã-clube por alguns minutos. Depois disso subi para ver Chiba, que antes chefiava a Força-Tarefa do Crime Organizado e agora estava à frente do Birô de Costumes e Prevenção de Crimes. Isso queria dizer que ele agora tinha uma sala só para ele, com uma mesa grande, dois sofás e uma mesinha de mármore, com um cinzeiro e um isqueiro, ambos de cristal. Além disso ele podia fumar *dentro* do prédio. Era a melhor situação possível no Departamento de Polícia de Saitama.

Chiba me recebeu calorosamente. Disse que os roubos de caixas automáticos ficavam mais fáceis porque a maior parte das máquinas japonesas usadas na construção civil era projetada para operar com uma única chave. Isso permite que qualquer pessoa do canteiro de obras use a máquina sem ter de procurar a chave. Mesmo máquinas produzidas por fabricantes diferentes podem ser operadas com a mesma chave. Isso significa que qualquer pessoa que

tenha uma chave pode entrar num canteiro de obras e roubar uma máquina. Ninguém quer arcar com os custos de trocar as chaves. Além disso, raramente as máquinas são levadas pelos ladrões; eles as tomam emprestadas para depois abandoná-las.

Chiba e eu atravessamos o saguão para pegar Yoshimura, que agora era chefe da Divisão de Roubos e Apropriação Indébita. O segundo homem de sua divisão era Kohata, antigo chefe da polícia de costumes da delegacia de Omiya. Eu conhecia os três. Saímos para comer arroz com enguias e jogar conversa fora. Eles perguntaram sobre minha família, e quando mostrei fotos de minha mulher e minha filha, ficaram de queixo caído. Sunao é considerada muito bonita para os padrões japoneses contemporâneos, e eles não conseguiam entender o que ela tinha visto em mim. Depois houve a briga habitual sobre quem pagaria a conta. Eu queria pagar para sair na frente no jogo “você me deve, eu te devo”, importante no trato com os japoneses mais velhos que ainda têm noção de honra. Mas tive de ceder, porque Chiba já tinha dado dinheiro ao proprietário antes de começarmos a comer.

Kohata, que parece John Malkovich com mais cabelo, me pôs a par das últimas modas quanto ao roubo de caixas eletrônicos e assaltos a residências. Havia pouco o Japão tivera um grande surto de assaltos cometidos por chineses, alguns dos quais eram muito hábeis em arrombamento. As fechaduras japonesas são muito fáceis de abrir. Mas depois de uma onda de roubos desse tipo, muitos instalaram fechaduras mais seguras, de modo que agora os larápios carregavam furadeiras, saca-rolhas (muito úteis para abrir fechaduras) e adesivos bonitinhos, com caras alegres, como Hello Kitty e coisas assim. Por que adesivos? Para cobrir o

buraco aberto na fechadura, de modo que enquanto o ladrão depenava a casa, um transeunte não notaria nada de estranho.

Fui até Yoshikawa, no leste de Saitama, para examinar o local do último roubo de caixa automático, perto de uma loja de materiais de construção e jardinagem que lembrava uma loja da cadeia Home Depot nos Estados Unidos. Tentei encontrar uma testemunha, mas as pessoas simplesmente batiam a porta na minha cara dizendo que não precisavam de jornal. Isso já era bem conhecido. Uma moça reclamou que o *Yomiuri* não estava lhe dando ingressos para o cinema quando ela renovava a assinatura, e que se cansara de ganhar detergente. Não consegui uma só palavra. Algumas coisas nunca mudam.

Era fácil ver por que esse caixa automático tinha sido derrubado. Estava fincado como se fosse um pequeno galpão no canto de um estacionamento, perto de um ponto de ônibus, bem visível da estrada, sem nada que obstruísse a aproximação de uma escavadeira. Uma breve olhada nos restos mostrava que a máquina tinha sido arrombada em três pontos com finas lâminas de metal. Os bandidos se mandaram com 6 milhões de ienes (cerca de 60 mil dólares na época).

Finalmente, achei uma testemunha ocular do outro lado da estrada, a pequena sra. Ishikawa, que só abriu a porta depois que mostrei meu cartão, meu documento de identidade com foto e um artigo sobre mim na revistinha do *Yomiuri*. Ela contou o seguinte:

“Ouvi um barulho forte que parecia um *gon-gon-gon*, e pensei que devia ser um terremoto ou algo parecido. Senti o chão trepidando. Mas então lembrei que a estrada estava em obras e que hoje eles talvez estivessem começando

muito, muito cedo. Mas quando ouvi o barulho de *gan-gan*, meu marido e eu saímos à janela e vimos aqueles dois homens trabalhando com uma grande escavadeira, arrancando o caixa automático do chão e quebrando-o em pedaços. Meu marido chamou a polícia. É claro que quando a polícia chegou não restava mais que uma montanha de entulho, e os homens tinham levado o cofre numa perua branca e já não estavam à vista.

“Fiquei um pouco surpresa, mas meu marido, que lê o jornal todos os dias — apesar de não comprarmos o *Yomiuri*, desculpe —, tinha lido a respeito desses roubos de caixas automáticos. Na verdade, na semana passada ele me disse: ‘Acho que é uma questão de tempo pegarem o caixa do outro lado da rua’. E, como você vê, foi o que fizeram! Acho que os criminosos foram muito espertos ou tiveram sorte, porque toda a vizinhança pensou que se tratava de obra, e nós demoramos um pouco para chamar a polícia.”

Traços pitorescos, depoimento testemunhal, bom.

O chefe de polícia da cidade de Yoshikawa era um velho conhecido meu. Tinha sido o segundo homem no comando da Divisão de Homicídios de Saitama. Depois que nos cumprimentamos, ele expressou grande constrangimento pelo roubo ocorrido em sua área. Os policiais tinham listado quinze pontos como alvos potenciais de roubo, mas o único caixa roubado nem sequer estava na lista. Na verdade, eles estavam vigiando outro lugar quando o roubo ocorreu. O Departamento de Polícia de Yoshikawa é responsável por uma área de 80 km<sup>2</sup> que compreende três cidades, de modo que, com seus recursos humanos limitados, não surpreende que os bandidos tenham conseguido escapar, mas ele não se sentia nada bem com isso.

Com o dever cumprido, pensei que já que estava em Saitama não podia perder a oportunidade de visitar Sekiguchi-san e família. Liguei para avisá-lo de que estava chegando, dei instruções ao motorista e lá fomos nós para o extremo norte de Saitama. É um lugar tão remoto que às vezes as escolas locais se veem às voltas com javalis andando livremente pelo pátio. Já lá se iam dez anos desde que eu fora um jovem repórter em Saitama, mas Sekiguchi continuava sendo meu mentor, e sua família me tratava como se eu fosse um dos seus. Seria bom vê-los.

Chegamos à casa por volta das sete da noite, e tudo correu como nos velhos tempos. Todos me receberam com carinho. Sekiguchi-san e senhora estavam bem, mas as duas filhas tinham mudado muito. Já não eram menininhas da escola primária.

Apesar de um recente diagnóstico de câncer, Sekiguchi estava de bom ânimo, falando sem parar do prazer de voltar ao verdadeiro trabalho de investigador, enquanto a mulher dele trazia para comer as bobagens que ela sabia que eu gostava. Yuki-chan apareceu com uma gigantesca almofada da Hello Kitty que ela e a irmã queriam que eu levasse para Beni. Rimos, comemos petiscos e conversamos um pouco sobre trabalho. Sekiguchi relatou os detalhes de seu último caso, do qual os promotores o haviam afastado. A investigação fora suspensa por motivos políticos, que tinham a ver com o governador. Algumas coisas nunca mudam.

Sekiguchi e eu não fumamos naquela noite. Ele estava tentando parar.

Cheguei de volta a Tóquio às 10h30 e fui direto para o distrito de Edogawa, onde tinha encontro marcado com um nipo-norte-coreano que presidia uma empresa de manejo de lixo industrial. Os japoneses subjugarão a Coreia em seus tempos belicosos, e depois da guerra uma porção de coreanos que tinham sido trazidos como mão de obra escrava permaneceu no Japão. Mais tarde, eles se dividiram em dois grupos: os leais à Coreia do Sul e os leais à Coreia do Norte. Os nipo-norte-coreanos tinham seu próprio sistema de ensino e uma espécie de conselho de governo municipal. Esse cidadão participava do governo municipal.

Como se pode imaginar, depois que a Coreia do Norte admitiu que vinte anos antes tinha sequestrado cidadãos japoneses — um deles estava justamente caminhando na praia — que foram levados em segredo para a Coreia do Norte para ensinar japonês a espiões, e nunca mais puderam ir embora, os nipo-norte-coreanos passaram a viver tensos e sempre viverão assim. Esse rapaz concordou em se encontrar comigo para falar sobre a situação dos norte-coreanos no Japão e seu apoio ao governo da Coreia do Norte.

Num período em que muitos coreanos retornaram à Coreia do Norte para ajudar na reconstrução do país, a irmã mais velha dele tinha ido também. Quando ela e todos os demais entenderam que “o paraíso dos trabalhadores” era na verdade um inferno, não havia jeito de trazê-la de volta, e ele foi mais ou menos obrigado a pagar um “resgate” como apoio à Coreia do Norte. Isso não era raro, disse.

Enquanto ele continuava falando das atividades do governo da Coreia do Norte no Japão, nossa conversa foi interrompida por um jovem de aspecto truculento que começou a discutir acaloradamente e em voz alta com o

presidente da empresa, em coreano. Eu o reconheci: era um jovem executivo *yakuza* do grupo Yamaguchi-gumi de Yamaken. Eu tinha visto a foto dele numa revista *yakuza* de celebridades. Havia muitas dessas revistas na época, e um bom repórter policial que cobrisse o crime organizado tratava de lê-las regularmente. Claro que não entendi uma só palavra do que diziam, mas depois eles não se importaram em explicar que era sobre uma tentativa frustrada de assassinato na semana anterior.

Dois jovens irromperam num bar usando capacete de motociclista e dispararam contra um antigo chefe da facção criminosa Sumiyoshi-kai. Os rapazes eram péssimos atiradores. Mataram cinco pessoas, três delas circunstantes inocentes; o antigo chefe não sofreu um arranhão. O infeliz incidente levou a polícia a cair em cima do Sumiyoshi-kai. Os *yakuzas* não conseguiram dar à polícia algo que a apaziguasse. Entregaram um suposto culpado, mas ele não convenceu como assassino.

O jovem executivo me deu o nome do rapaz que era realmente responsável pelos crimes. Eu não estava ali para colher informações sobre esse caso, mas transmiti o que tinha ouvido a nossa redação local e a um policial que eu conhecia bem.

Por volta das onze, encontrei-me num bar com um membro, ou *kigyoshatei*, de uma facção do Kokusui-kai e lhe dei um aperto sobre a questão dos roubos de caixas automáticos. Paguei as bebidas e lhe dei ingressos para uma luta de boxe. Cheguei em casa depois da meia-noite. Sunao e Beni estavam dormindo. Lavei os pratos da pia, tomei uma ducha e fui dormir, finalmente, em meu próprio futon.

# Flores da noite

Os japoneses têm nomes para a tristeza tão sutis e complexos que as traduções não lhes fazem justiça.

*Setsunai* se traduz normalmente como “triste”, mas se refere a um sentimento tão forte de tristeza e solidão que provoca uma opressão no peito, como se impedisse a pessoa de respirar. É uma tristeza física e palpável. Há outra palavra — *yarusenai* — que se aplica a uma tristeza, ou solidão, tão profunda que é impossível livrar-se dela, não dá para afastá-la.

Há coisas que são assim. A gente fica mais velho e as esquece, mas a cada vez que se lembra delas experimenta esse *yarusenai*. Ele nunca vai embora; fica só oculto e esquecido por um tempo.

Existe uma linda canção infantil do artista Takehisa Yumeji chamada “Estrela-da-tarde”. A estrela-da-tarde é uma flor amarela, às vezes branca, que dura apenas uma noite. De manhã, ela se tingem de vermelho e murcha. É quase impossível traduzir a letra da canção porque ela expressa muito mais do que não diz do que o que diz. Qualquer tradução seria uma interpretação. Esta é a minha.

*Você vive e espera, espera, espera  
Mas o outro pode não chegar nunca  
É como esperar a estrela-da-tarde  
Essa sensação de tristeza sem fim*

*Hoje à noite, ao que parece,  
Nem mesmo a lua vai sair.*

De tempos em tempos encontramos pessoas que nos fazem crescer como seres humanos ou, no meu caso, como repórter. Acho que sempre dou a impressão de ser um cão abandonado que as pessoas têm necessidade de recolher e alimentar. Mami Hamaya me tomou sob sua proteção assim que cheguei ao *shakaibu*. Ela também tinha sido repórter policial. Quando comecei a cobrir o Quarto Distrito, ela foi a única que me passou alguns contatos úteis. Não sei por que nos demos tão bem, talvez porque ambos fôssemos minoria no departamento. A partir do começo de 2000, passamos muito tempo trabalhando juntos. Eu pensava nela como uma espécie de irmã mais velha.

Hamaya era muito parecida com Velma, a garota de óculos fundo de garrafa do velho desenho animado do *Scooby-Doo*. Tinha o cabelo cortado à moda dos Beatles e o nariz arrebitado. Normalmente deixava as saias de lado; para trabalhar, usava calças e uma camisa de colarinho, vestida quase como um rapaz. Era durona e trabalhava muito, como todas as mulheres do Departamento de Notícias Nacionais. Há uma atmosfera machista em todo o departamento, e as mulheres são em menor número. Em 2003, havia seis ou sete mulheres entre cem repórteres do departamento. Para sobreviver no *shakaibu* as mulheres tinham de suportar os mesmos horários incômodos que os homens, servir bebida para os colegas do sexo masculino em ocasiões sociais e nunca reclamar. Em muitos aspectos, tinham de trabalhar mais do que os homens.

Uma certa ligação telefônica selou nossa amizade.

Eu estava trabalhando no turno diurno, o que consistia basicamente em ficar rondando a redação atendendo o telefone e esperando o momento de despachar as pessoas e administrar o pânico quando e se alguma coisa acontecesse. Isso durante cerca de nove horas. Naquela época, eu fazia parte do *yu-gun* (corpo de reserva), uma unidade especial de elite do Departamento de Notícias Nacionais mobilizada para matérias de última hora, e tinha a liberdade de escrever sobre qualquer coisa interessante durante um período de notícias fracas. Eu também era responsável pela coluna “A falência da segurança”, uma série permanente sobre o aumento da criminalidade, seus motivos e seu significado para o país. Embora as estatísticas de crimes ainda fossem baixíssimas, o índice de solução de casos pela polícia (capacidade de solucionar um crime) em muitas categorias criminais estava mais baixo do que nunca. Era um tema quente.

O dia transcorria normal e tranquilo, sem nada de importância no horizonte. Foi então que o telefone tocou, com um irritado fã dos Yomiuri Jaiantsu do outro lado. Ele não gostava do treinador. Expliquei que ali era o departamento de notícias do jornal e nada tinha a ver com o departamento de esportes nem com os administradores dos Yomiuri Jaiantsu. Sugeri que ligasse para outro número.

Ele me disse seu nome e perguntou o meu. Pronunciei à moda japonesa: “Jei-ku A-de-ru-su-te-in”.

Meu interlocutor não gostou.

“Que brincadeira é essa? Quem é você?”

Perguntou meu nome diversas vezes.

“Sou repórter do *Yomiuri*. E também sou estrangeiro.”

“Você não é estrangeiro. Você é uma espécie de máquina que serve para engambelar as pessoas e fazê-las

desligar.”

“Posso lhe garantir que não sou uma máquina. Sou um ser humano; não sou japonês, mas sou um ser humano.”

“Estrangeiro, tá. Não admira que não entenda o que digo. Chame outra pessoa.”

A única pessoa que estava por perto era Hamaya. Ela assentiu e me pediu o fone.

“Olá, aqui fala Hamaya. Acho que Jake já respondeu a sua pergunta.”

O sujeito agora estava soltando fumaça pelas ventas.

“Primeiro um gaijin, depois uma mulher? Ponha um homem no telefone!”

“Desculpe”, disse Hamaya com voz melosa. “As únicas pessoas que estão trabalhando hoje são estrangeiros ou mulheres. Ou mulheres estrangeiras. Lamento não poder ajudá-lo.”

Desligou na cara dele.

Eu gostei de Hamaya.

Sempre que eu escrevia uma matéria de opinião que tinha feito sozinho, Hamaya fazia uma leitura e dava sugestões. Os modelos para matérias noticiosas e artigos de fundo eram bem diferentes, e eu cortava um dobrado tentando me entender com artigos que divergiam do formato convencional de pirâmide invertida.

Ela era dada ao humor negro e tinha uma maneira carinhosa de zombar de mim, sobretudo de meus péssimos modos à mesa. Não sendo nenhuma beldade, era uma dessas mulheres que misteriosamente se tornam mais atraentes à medida que você as conhece melhor.

Hamaya e eu fomos designados para a equipe incumbida de cobrir a tecnologia da informação. O Japão vivia uma bolha de informática, e “internet”, “hacker” e “vírus” eram as palavras da moda. Na equipe de informática havia uma miscelânea de gente do jornal: repórteres de ciência, economia, cultura e negócios. Fui escolhido para cobrir os subterrâneos da informática: vírus, hackers, ataques ao dos, fraude pela internet, comércio eletrônico ilegal, pornografia infantil, penetração dos *yakuzas* na área, uso ilegal de telefones pré-pagos e qualquer coisa remotamente desagradável que estivesse relacionada aos últimos avanços tecnológicos no Japão e no mundo.

Eu era um nerd autodidata da informática. Comecei com um Mac, mas migrei para o Windows e passei um breve período de minha vida obcecado por joguinhos de tiro. Aprendi como os computadores funcionam, de modo que podia tirar muito mais proveito de minha máquina para jogos como Blood e Thief em alta resolução. Meus motivos eram errados, mas meus resultados eram bons.

Hamaya foi designada para a equipe depois de mim. Ela mal sabia usar o e-mail, e de uma hora para outra me vi na posição de professor de minha professora. Hamaya era boa aluna, e nunca senti constrangimento pela inversão temporária de posições. Emprésteei-lhe livros, expliquei-lhe a terminologia, mostrei como se usam os vários navegadores e como se marcam os sites favoritos. Ela por sua vez lia meus artigos, dava sugestões e corrigia meus erros gramaticais. Eu também podia contar com ela para me dar cobertura quando precisasse.

Quando fui avisado de que Beni estava prestes a nascer, em 17 de setembro de 2000, Hamaya me expulsou da redação e assumiu meu artigo inconcluso sem que eu precisasse pedir.

Ganhei dois dias de folga pelo nascimento. Uma semana depois, um dos repórteres da equipe de informática precisou de uma foto de bebê para ilustrar uma matéria sobre clonagem. Hamaya imediatamente ofereceu minha filha.

“Jake, vai ser um começo muito auspicioso para o bebê. Além disso, quero ver a coisinha. Vamos todos.”

Foi assim que tomamos um táxi, com um fotógrafo do *Yomiuri*, e rumamos para a província de Saitama, onde estava Sunao, na casa da mãe. Hamaya mostrou muito jeito com a criança. Quando Sunao pôs Beni nos braços dela, percebi que ela sorria como eu nunca tinha visto. Estava radiante.

Hamaya tinha sacrificado muita coisa pelo trabalho, como a maior parte das mulheres em nosso departamento. Perdeu oportunidades de se casar e já tinha passado da idade de ter filhos com segurança — caso pudesse achar tempo para sair com alguém.

O fotógrafo bateu a foto quando Beni estava chorando, e no dia seguinte Beni, como parte de uma montagem, estava na primeira página do *Yomiuri* junto de uma manchete que dizia: “Clonagem: vamos criar uma raça de super-homens?”.

No dia seguinte, Hamaya pôs em minha mesa ao todo 28 exemplares do jornal, separados em quatro maços, firmemente amarrados com uma fita plástica. Foi um belo presente e uma boa lembrança.

Um dos problemas dos jornais japoneses, e possivelmente das empresas e do governo do país, é que nunca se pode desempenhar o mesmo trabalho por muito tempo. Há mudanças frequentes de pessoal, o que prejudica a continuidade do trabalho e dificulta muito a especialização de um repórter em uma ou outra área do conhecimento. O hábito de omitir o crédito na maior parte das matérias publicadas também prejudica o repórter que pretende ser reconhecido como especialista em determinado assunto.

Hamaya tinha se especializado em temas referentes a deficientes mentais, em particular no tratamento que lhes deve ser dispensado quando infringem a lei. Era também uma entusiasta defensora dos deficientes físicos, uma área em que o Japão ainda está décadas atrás dos Estados Unidos em termos de integração social.

A lei e como deve ser aplicada aos doentes mentais foram objeto de acaloradas discussões no fim da década de 1990. Algumas pessoas proclamavam que os representantes da lei deveriam ter mais autoridade para prender doentes mentais.

O que provocou o debate foi um fato ocorrido em 23 de julho de 1999. Um avião da Japan Airlines decolou de Haneda (Aeroporto Internacional de Tóquio) e foi sequestrado por um doente mental que esfaqueou o comandante. Depois da prisão do sequestrador, houve um amplo debate a respeito da divulgação ou não de seu nome. Como ele tinha histórico de doença mental e já estivera internado em hospital psiquiátrico, a maior parte dos jornais omitiu seu nome — como era hábito nesses casos. No entanto, no dia 27, o *Sankei Shimbun*, o mais conservador dos jornais diários, começou a referir-se a ele pelo nome.

Para indiciá-lo, a promotoria não o submeteu a uma avaliação oficial de saúde mental, ou seja, considerou-o mentalmente capaz de responder criminalmente por seus atos. Em 10 de agosto, até a emissora de televisão Nihon, canal de notícias irmão do *Yomiuri*, mencionava o verdadeiro nome do sequestrador.

Na época de seu indiciamento formal, quase todas as agências de notícias estavam usando seu nome verdadeiro. Aliás, seus problemas psíquicos e seu histórico médico foram revelados em detalhes por diversos canais de informação. Hamaya se opôs energicamente à publicação do nome do homem e manifestou sua insatisfação com a maneira como o assunto estava sendo tratado pela imprensa.

“Sabe de uma coisa? Todos nós adquirimos uma mentalidade policialesca. Tudo o que se publica deixa implícito que, se uma pessoa estiver sendo tratada de uma doença mental, está a um passo de cometer um crime horrendo.”

Ela me disse isso em agosto, na hora do almoço, e não concordei com ela, pelo menos não de imediato. Eu ainda tinha a cabeça de um repórter policial; estava pensando como um policial. Castigue os criminosos. Não os reabilite. Todas as doenças mentais são forjadas por brutamontes astutos para evitar a prisão.

No entanto, quando ela me pôs a par da história do homem e do tipo de telefonemas que estavam chovendo nas clínicas psiquiátricas, comecei a entender seu ponto de vista.

Todos nós da imprensa japonesa na época estávamos generalizando o caso de uma pessoa mentalmente doente que praticou um crime horrível, como se fosse possível ou

até mesmo provável que todos os pacientes cometessem crimes semelhantes. De muitas formas, a cobertura reforçava preconceitos correntes e estimulava a discriminação.

No entanto, esse não era o sentimento do público e certamente não era o tom do jornal, e Hamaya era muito íntegra para voltar atrás ou alterar suas matérias para se alinhar com a política implícita da empresa.

Isso lhe atraiu a fama de criadora de caso. Uma extremista. “Ela é tão louca quanto os malucos que defende.” Foi então que as coisas começaram a ficar difíceis para ela.

Em 8 de junho de 2001, um homem de 37 anos, Mamoru Takuma, irrompeu na Escola de Educação Elementar Ikeda, da Universidade de Osaka, e esfaqueou 23 crianças, das quais oito morreram. Supunha-se que Takuma fosse doente mental, mas no curso da investigação ficou claro que o crime fora premeditado e cometido por maldade, e que ele vinha simulando ser doente mental para não ser condenado. Mais uma vez, o incidente fez que as pessoas associassem doença mental a crimes violentos, e Hamaya continuou firme na opinião de que nossa cobertura não devia respaldar o preconceito e um incidente não devia servir de pretexto para generalizações, como se toda doença mental fosse simulada para evitar castigo. Era uma posição bem racional, mas suscitou reações irracionais no departamento.

O que Hamaya escreveu sobre o assunto não foi bem digerido por alguns dos editores veteranos. A integridade dela e sua paixão pelo tema foram interpretadas como provocação.

Em 12 de setembro, numa reunião, anunciou-se que ela seria praticamente chutada do Departamento de Notícias Nacionais para trabalhar em Recursos Humanos. O chefe do departamento, Kikuchi, tinha solicitado a transferência dela em 29 de agosto. Permitiram que fizesse sua saudação de despedida, e a voz dela estava tão entrecortada que mal se ouvia. Ela quase chorou, mas conseguiu se segurar.

Não sei o que tem o departamento que leva as pessoas a querer tanto ficar. Talvez seja o que ocorre num mau casamento: quanto mais tempo se investiu na maldita coisa, mais difícil é chegar ao divórcio. Você não quer sentir que perdeu seu tempo. Talvez seja a sensação de saber que você integra a elite dos repórteres. Talvez seja porque o emprego se torna sua identidade, sua vida, sua razão para sair da cama de manhã. Se isso é tirado de uma pessoa, ela sofre.

À noite, Hamaya e eu fomos jantar num restaurante italiano de Aoyama. Um mês antes o chefe do departamento lhe dissera que ela seria transferida para o *Yomiuri Semanal*, uma publicação do *Yomiuri*. Hamaya lhe dissera: “Quero ficar no Departamento de Notícias Nacionais. Se eu sair, não haverá ninguém para tratar de maneira adequada as pessoas com deficiência física ou mental”. Ela contou que o chefe não gostou dessa resposta; interpretou-a como insubordinação.

Alguns dias antes da reunião do departamento, ele a chamou à sua sala e lhe disse à queima-roupa: “Você está saindo do departamento para trabalhar em Recursos Humanos. É aceitar ou demitir-se, ou ser demitida. Nunca mais você vai trabalhar como repórter nesta empresa. Isso é tudo”.

E dispensou-a sem dizer mais nada.

Não lhe disseram os motivos, nem lhe deram uma explicação. Tudo o que sei é que ela ficou como se tivesse levado uma surra. Estávamos à mesa do restaurante e depois de repetir as palavras “você nunca mais vai trabalhar como repórter” ela desmoronou. Chorava tanto que pensei que fosse ter um ataque. Pôs a cabeça no meu ombro e deixei-a chorar até que não tivesse mais lágrimas.

Acho que ajudou.

“Olhe”, disse eu, com a voz mais consoladora que consegui encontrar, “o chefe do departamento é um grosso... e não vai ficar lá para sempre. É só esperar que aconteça. Você é uma boa repórter. Vai voltar a escrever. É só uma questão de tempo.”

Ela perguntou se eu realmente acreditava nisso. Não acreditava, mas menti. Voltei a afirmar que era só uma questão de tempo. Eu não sabia se as coisas poderiam mudar. Tinha sérias suspeitas de que não mudariam, mas a gente quer dar alguma esperança às pessoas. Talvez eu devesse dizer o que pensava de fato. Talvez devesse ter dito que mandasse o *Yomiuri* para o inferno e fosse trabalhar em outro jornal que a valorizasse. Não sei.

É difícil manter contato com as pessoas no *Yomiuri*. Você pode trabalhar na mesma empresa, mas se estiver na editoria policial, vai ser um estranho em seu próprio departamento. Você vive, come e dorme na chefatura do dpmt. A redação central se torna uma vaga lembrança. Era particularmente difícil ver Hamaya porque agora ela já não estava nem mesmo em meu departamento. Mas nos mantivemos em contato.

O editor-chefe da seção de Informática deu um lauto jantar em seu apartamento e convidou também antigos repórteres, e pudemos fofocar e jogar conversa fora durante algumas horas. Fiz algumas boas fotos de Hamaya fingindo fotografar outras pessoas. Combinamos sair para jantar e pôr a conversa em dia naquela semana, mas fiquei ocupado com uma matéria e tive de cancelar. Ela me pareceu um pouco desapontada. Prometi remarcar nosso encontro dali a alguns dias.

Telefonei para ela, mas não tive resposta.

Já não lembro exatamente que dia era. Eu tinha de copiar alguns materiais na biblioteca da empresa e fui interrompido pelo chefe da redação. O departamento estava estranhamente lúgubre quando entrei. Kikuchi, o chefe do departamento, estava em sua mesa conferenciando em voz baixa com altos executivos. Fui até o saguão para pegar um café e uma repórter se aproximou e me deu um tapinha no ombro. Voltei-me. Ela parecia agitada, como se tivesse um segredo saboroso para me contar. Estava sorrindo.

“O que está rolando?”, perguntei, tentando não queimar a língua com o café.

Ela se inclinou e sussurrou: “Não soube das notícias sobre Hamaya?”.

“Não. Boas notícias, espero. Ela vai voltar para o *shakaibu*?”

“Você não sabe mesmo?”

“Não falo com ela desde a semana passada. Não sei mesmo. Ela vai casar? Arranjou um namorado? Me informe.”

“Ela se matou”, disse, com uma espécie de risinho.

“Certo. O que foi, ela cometeu *seppuku* na cafeteria?”

“Não, ela se matou mesmo.”

“O quê? Como?”

“Dizem que ela se enforcou em seu apartamento. Os pais dela encontraram o corpo hoje. As revistas semanais já estão rondando e fazendo perguntas. Tenha cuidado.” Não consegui dizer uma só palavra. Era como se tivesse levado um soco no estômago.

“Você está bem?”

Ela deve ter perguntado a mesma coisa umas três vezes antes que eu conseguisse responder.

“Sim, estou bem. Obrigado por me contar.”

“Desculpe. Achei que você já soubesse.”

“Não sabia, mas obrigado.”

Retirei-me educadamente, fui ao banheiro e vomitei.

Desejei muito que uma revista semanal tivesse me procurado. Eu teria dito que Hamaya não tinha se suicidado, mas que fora levada ao suicídio por uma condenação cruel e insensível: “Você nunca mais vai trabalhar como repórter”. Para uma jornalista séria e dedicada, essas palavras são uma sentença de morte.

Fui ao enterro. Fazia um calor infernal. Cheguei tarde e fui embora cedo. Vi Kikuchi lá, e embora soubesse que a culpa não era dele, tive vontade de lhe dar um soco. Não conseguia encará-lo. Eu não queria nem pensar em que talvez tivesse fracassado como amigo. Eu havia estado tão envolvido com a busca de grandes furos que provavelmente só ouvi pela metade o que ela dissera dias antes. Quem sabe se eu tivesse prestado atenção ou telefonado antes as coisas poderiam ter sido diferentes.

No dia seguinte almocei na lanchonete da chefatura de polícia com minha parceira da reportagem policial e lhe falei

do enterro. Ela e Hamaya se davam bem.

Ela me disse: “Você sabe, Hamaya foi muito legal comigo quando comecei no Departamento de Notícias da Cidade. Ela me ensinou tudo, falou-me das regras não expressas. Foi a repórter mais entusiástica e dedicada que conheci”.

Eu lhe disse que comigo tinha sido a mesma coisa.

“Isso mesmo, e ela conhecia sua área. Problemas ambientais, questões de saúde mental e dos deficientes físicos. A Agência Ambiental chegou a enviar um telegrama de condolências que foi lido em voz alta no enterro. É o que mais lembro do enterro. Muita gente, todos influenciados por essa mulher, envolvidos e impressionados com ela. Foi uma boa repórter.”

“Bom”, disse ela, “a recompensa pelo trabalho árduo dela foi o confinamento no Departamento de Recursos Humanos. Deve ter sido duro.”

“Duro?”

“Bom, ali estava ela, uma boa repórter, uma grande repórter mesmo — e a empresa a destituiu de seu cargo e a afastou do trabalho de repórter. Agora que chegava a época das contratações, ela teria de lidar com todas essas jovens idealistas que acabavam de entrar para o departamento e lhes dizer que o *Yomiuri* é uma empresa ótima. Estive numa daquelas palestras que damos para os novatos antes que comecem a trabalhar, e algumas das garotas nem sabiam que Hamaya um dia tinha sido repórter. Para elas, era apenas a senhora de meia-idade do rh.”

No dia seguinte ao enterro, chequei minha conta de e-mails da empresa, coisa que faço raramente. Lá estava um e-mail de Hamaya.

Tinha sido enviado dois dias antes do suicídio. Nunca o abri. Não tive coragem. Não quero saber. Acho que tenho uma cópia em backup em algum disco rígido, em algum lugar. Não vou procurar.

O que é *yarusenai*?

É aquele e-mail que você nunca respondeu e que nunca vai abrir. É o conselho errado que você deu e o telefonema que devia ter dado e tudo o que poderia decorrer dele. É pensar nos amigos que você acha que teria conseguido salvar.

# O Imperador da Agiotagem

Depois de cobrir crimes relacionados à informática, eu estava ansioso para voltar às ruas, e na manhã de 1º de agosto de 2003 me apresentei no portão do Departamento da Polícia Metropolitana de Tóquio, às 9h55, vestido com meu terno novo da Suit Factory. O porteiro examinou desconfiado meu documento de identidade e fez sinal para que eu entrasse. A sala de imprensa não tinha mudado muito. A mesma bagunça, as mesmas almas dedicadas, trabalhadoras, cansadas. Só o elenco havia mudado um pouquinho.

Okubo-san — também chamado Harry Potter, devido a sua cara de bebê e aos óculos de aros redondos — estava espichado no sofá. Acenou para mim, sentou-se e pediu a um dos novatos que trouxesse café em lata da máquina automática para nós.

“Seja bem-vindo, Jake. Que bom ver que você chegou inteiro até aqui! O alarme antigaijin não tocou na portaria?”

Ri. “Não, mas por um momento fiquei na dúvida.”

“Estávamos preocupados também, mas imaginamos que nada impediria você de chegar até aqui”, disse ele, rindo também. “Tudo bem, você vai trabalhar com a Risadinha. Ela cobre o Setor de Segurança Comunitária e você vai ajudá-la, além de cobrir parte do Setor de Controle

do Crime Organizado. Quando ela chegar, vai pôr você a par do que está acontecendo.”

“Tudo bem, entendi. Qual é a minha mesa?”

Harry Potter fez uma espécie de careta. “Mil perdões, Jake, mas não temos uma mesa para você. Mas pode ficar com o beliche lá do fundo”, disse, indicando a cama encostada na parede. “O dpmt foi reformulado com a criação do Setor de Controle do Crime Organizado, de modo que precisamos realmente de mais um repórter. Só que não temos espaço. Por favor, aguarde firme.” Como um leal empregado japonês, eu não tinha escolha.

Fiquei feliz por trabalhar com a Risadinha Masami — seu verdadeiro nome era Murai.

Era ótima repórter e tinha senso de humor, duas coisas importantes. Tinha uma voz rouca, um leve ceceio e, quando ria, se fazia ouvir do outro lado de um campo de beisebol. Não havia nada de submisso nessa mulher.

Já tínhamos trabalhado juntos dois anos antes. Eu fora enviado à província de Ishikawa para escrever um especial “divertido” sobre a colheita de arroz em minúsculas lavouras na encosta de uma montanha. Risadinha estava na redação local, eu a desafiei a me acompanhar à encosta para cortar arroz e ela topou ir comigo em seu dia de folga. Era muito melhor do que eu naquilo. Como repórter, ela também me dava um banho.

Quando ela me cumprimentou, parecia contente por me ver, embora um pouco sem jeito. A sociedade japonesa é verticalizada, como sabe qualquer nipólogo de meia-tigela. Na hierarquia da empresa, eu seria tecnicamente superior a

ela por antiguidade, mas no pequeno mundo da sala de imprensa do dpmt, ela era a chefona. Essas diferenças eram sutis mas importantes, e se complementavam com o fato de ser ela a única mulher na reportagem policial.

Enquanto conversávamos, ela me chamava de “Jake-san”, o que denota respeito, mas às vezes passava para “Jake-kun”, que sugere igualdade, familiaridade ou mesmo desprezo. Era como se ela não conseguisse situar onde eu estava em relação a ela. Por meu lado, continuei a chamá-la de “Risadinha-chan”, tratamento honorífico afetuoso que outros poderiam interpretar como atrevido e insolente. Acabei dizendo: “Me chame de Jake. Todos me tratam assim”.

“Mas no meu caso seria desrespeitoso.”

“Não para mim.”

“Está bem, Jake-san.”

“Ótimo. Agora me apresente às pessoas.”

Em meu segundo dia de trabalho, fiquei com o turno da noite. Tentei tirar um cochilo lá pelas duas da manhã, mas claro está que isso era um sonho impossível. De manhã houve uma entrevista coletiva para anunciar uma ordem de prisão emitida contra o chefe de uma operação de agiotagem que tinha se estendido com sucesso pelo país.

Agora sim, isso era o tipo de crime que eu conhecia e adorava. Era também a matéria em que Risadinha trabalhava — ela vinha acompanhando o caso havia meses —, mas quando se ausentava da redação eu tentava colher para ela todas as informações que pudesse. Duas coisas me chamaram a atenção: a primeira, que esse agiota, um

figurão do Yamaguchi-gumi, estava na lista de procurados como suspeito de infringir a Lei de Investimentos, Depósitos e Controle das Taxas de Juros; e a segunda, que a Divisão Comunitária de Segurança Econômica era que cuidava do caso, e não o Setor de Controle do Crime Organizado.

Como já expliquei, o Yamaguchi-gumi é o maior dos três principais grupos de *yakuzas* no Japão. É também o mais violento e o mais ativo no que se refere à infiltração no mercado de ações e nas altas finanças. Exige lealdade absoluta, e qualquer pessoa surpreendida roubando o chefe pode ser obrigada a sacrificar uma parte do corpo ou morrer. Em termos de amplitude e métodos, é a Wal-Mart do crime organizado. Tem sua própria divisão financeira e mantém sólidos laços com políticos, inclusive antigos primeiros-ministros.

Susumu Kajiyama era o Imperador da Agiotagem. Um gênio do crime. A partir de 2000, Kajiyama, que era membro do Goryo-kai, uma subdivisão do Yamaguchi-gumi, montou uma rede de cerca de mil pontos de agiotagem pelo país. Comprou dados de pessoas altamente endividadas que já não conseguiam empréstimos nas empresas de crédito ao consumidor e pôs em prática uma estratégia agora muito comum para atrair consumidores: ligações telefônicas e e-mail. Montou empresas para atender os clientes, administrar os negócios e lavar dinheiro. Ao entrar numa dessas lojas, não se veria diferença entre ela e qualquer negócio legítimo de empréstimo ao consumidor. Mulheres bonitas na recepção punham os clientes à vontade. Lá se poderia conseguir um empréstimo que mais ninguém concederia — embora a uma elevada taxa de juros. Ou seja, de dez a 1250 vezes maior que a máxima permitida por lei.

Mas assim que o cliente começasse a atrasar os pagamentos, a agência de cobrança de Kajiyama viria atrás dele com a tática usual e sutil dos emprestadores de dinheiro: “Você quer morrer?”, “Seu idiota, o que acha de fazermos sua família pagar?” e “Será que tenho de ir até sua casa para lhe arrancar o dinheiro?”.

Na maior parte das vezes, os cobradores não cumpriam as ameaças. Nem precisavam, embora fossem tão insistentes — intimidando o devedor, assediando a mulher dele, telefonando para seu chefe — que mais de uma vez levaram pessoas ao suicídio. Para mim estava claro que Kajiyama era um *yakuza*, mas quando perguntei ao chefe de divisão do dpmt se era isso mesmo, ele enrolou e não deu uma resposta clara. Segundo ele, com a entrada em vigor das leis de combate ao crime organizado, a maior parte dos *yakuzas* deixou de imprimir sua filiação nos cartões de visita. Sei que isso pode parecer estranho, mas tornou mais difícil identificar uma pessoa como *yakuza*.

Fosse como fosse, Kajiyama estava se dando bem. Morava num apartamento alugado por 900 mil ienes mensais (cerca de 9 mil dólares). Embora ele já tivesse saído da cidade quando a polícia apertou o cerco, as contas estavam pagas mesmo com o apartamento vazio.

Enquanto a entrevista coletiva estava em andamento, o dpmt colhia provas nos diversos escritórios e lojas de Kajiyama em todo o país. No que se refere à investigação, foi um grande passo adiante.

Quando voltou à sala de imprensa, Risadinha me mandou a um escritório de Shinjuku onde a polícia estava dando uma batida. Ela queria fotos. Lá fui eu.

No local, fiz diversas fotos pouco nítidas de policiais mal-encarados vestidos à paisana — onze ao todo — saindo

do edifício com caixas de documentos.

Eu me encontrava numa situação muito cômoda. Como era assistente de Risadinha, ganharia pontos se conseguisse alguma coisa boa, mas não seria responsável se isso não ocorresse. Foi assim que antigos reflexos começaram a se manifestar. Kajiyama me interessava. Eu queria saber mais sobre aquele homem. Era um criminoso inteligente, que tinha construído um império. Era tema para uma série da televisão.

Liguei para Noya, policial aposentado a quem eu fizera um grande favor, e o convidei para sair à noite. Noya era um veterano do Birô de Controle do Crime Organizado e imaginei que, mesmo que ele não tivesse informação sobre Kajiyama de imediato, a perspectiva de ser bolinado por uma linda europeia o levaria a fazer a lição de casa.

E não estava enganado.

Depois de afastada a distração representada por Lily, a estoniana que bebericava champanhe no colo de Noya, ele começou a me enfronhar no assunto: “Susumu Kajiyama. *Yakuza* de carteirinha. Filiou-se nos anos 70. Há registro de doze prisões. A primeira na província de Shizuoka em março de 1974, por agressão e lesão corporal. Não cumpriu pena. Safou-se com uma multa de 50 mil ienes (apenas quinhentos dólares).

“Prisão seguinte dois anos depois. Extorsão: passou um ano preso. De 1979 a 1983, esteve preso por causa de metanfetaminas... uso ou tráfico, não lembro. Quando saiu, mudou-se para Tóquio. Suponho que trabalhava para o Goto-gumi.”

O Goto-gumi. Na verdade, essa foi a primeira vez que prestei atenção nesse nome. É claro que eu tinha uma vaga ideia do que era, mas não sabia que se tornaria assunto de grande interesse em meu futuro.

“Alguma ligação entre Kajiyama e Goto?”, perguntei.

Noya não sabia direito, mas tinha suas suspeitas. “O Goto-gumi liderou a invasão de Tóquio pelo Yamaguchi-gumi, lançou as bases, ergueu a infraestrutura. Se Kajiyama estivesse trabalhando em Tóquio em 1983, é bem possível que fosse um laçao de Goto.

“Bom, vamos voltar às prisões de Kajiyama. Em outubro de 1984, foi para o xadrez por tentativa de extorsão. Em 1985, posse e distribuição de maconha. Em 1989, agressão outra vez. Mas em 1990 foi investigado por infringir as leis de investimentos. Tomou uma multa de cerca de 4 milhões de ienes (40 mil dólares). Em 1992, agressão, mas só uma multa. Em 1994, nova prisão por infração das leis de investimentos, e mais uma vez levou apenas uma multa, de 5 milhões de ienes (50 mil dólares). Você pode ver que em algum momento seu garoto ficou esperto. Basta de drogas e extorsão, o retorno é muito baixo. Investimentos e finanças: é lá que está o dinheiro.”

“Ele diz à polícia que não é mais *yakuza*”, comentei.

“Quando escrevemos a respeito dele, temos de usar ‘*ex-yakuza*’.”

“Mas é tudo papo furado. Ele é o número dois do Goryokai no Yamaguchi-gumi. Está nessa desde 1984. Há um vídeo em que ele aparece numa cerimônia de irmanação pelo sangue em 1985. Foi preso doze vezes, condenado doze vezes. Além disso, está metido num monte de outras investigações. *Ex-yakuza*? Papo furado.”

“Sim, bom, é por isso que estou perguntando.”

“É assim que eles fazem as coisas. Nem bem um dos irmãos deles vai preso, eles o desligam, e enviam uma carta anunciando o fato. Com isso pretendem manter a polícia longe. Esta é a ideia: se o vagabundo agiu por conta própria, a organização não é responsável. ‘Ele era um menino mau, então nos livramos dele.’ Legalmente funciona, porque os tribunais disseram que os chefes *yakuzas* são responsáveis pelos danos causados por seus capangas. Nenhum chefe quer ser prejudicado.”

“Mas Kajiyama pertence ao Goryo-kai, certo?”

“Bom, formalmente não. De um ano para cá ele tem entrado e saído do Onai-gumi, antecessor de Goryo-kai. É a própria imagem do chefe; um garoto-propaganda. É charmoso, um pouco parecido com Robert Mitchum.”

“Algo mais?”

“Humm... gosta de viajar. Esteve nos Estados Unidos algumas vezes. Joga nos cassinos em que Goto tem conta. Essa é outra razão pela qual acredito que ele trabalhava para Goto.”

“Quais são?”

“O Caesars Palace e o Mirage. Talvez ambos.”

“É onde Kajiyama joga?”

“Não, é onde Goto joga. Kajiyama joga no Mirage. Lá ele é como um mandachuva. Imagino que Goto o tenha instalado lá.”

“Como é que ele entra nos Estados Unidos?”

“Ele é japonês. Você acha que alguém investiga? A Agência Nacional de Polícia não mostra sua lista de *yakuzas* aos americanos, então é difícil para o seu pessoal identificá-los.”

“E por que não mostram?”

“Pergunte a algum babaca da anp. Eu não sei por quê.”

Havia outra pessoa que poderia me dar informações sobre Kajiyama, mas eu só teria ocasião de lhe falar dentro de alguns meses, e, em retrospecto, foi preferível que não tivesse feito isso.

Relatei a Risadinha o que Noya me dissera, mas omiti a parte sobre as viagens de Kajiyama a Las Vegas, que, embora interessante, parecia não levar a parte alguma. Entretanto, mandei uma nota sobre Kajiyama e alguns artigos ao agente especial Jerry Kawai, adido da Agência de Imigração e Alfândega (ice) junto à embaixada americana.

(Nota: Kawai e Mike Cox, dois agentes especiais da ice, fizeram uma investigação sobre Kajiyama que resultou no confisco de mais de meio milhão de dólares nos Estados Unidos. Conseguiram também fazer o grosso do dinheiro confiscado ser devolvido às vítimas de Kajiyama no Japão. Qualquer coisinha ajudava.)

Em 11 de agosto, o dpmt deu uma batida no quartel-general do Goryo-kai na província de Shizuoka.

O *Yomiuri* tinha sido avisado com antecedência, e quando cheguei ao trabalho, às dez da manhã, Risadinha estava dando os toques finais no texto. O problema era que a polícia não contava com um engarrafamento de trânsito, e a batida começou com atraso. Por isso os editores ficavam ligando e exigindo aos gritos uma matéria que ainda não tinha acontecido. Não se pode planejar tudo.

A batida começou lá pelo meio-dia. Repórteres da sucursal de Shizuoka do *Yomiuri* estavam no local fazendo fotos e enviando relatórios a seus editores — tudo isso era centralizado na redação de Tóquio. As fotos eram as de

sempre: *yakuzas* de aspecto assustador e ternos escuros abrindo caminho para policiais com equipamento antimotim e à paisana que entravam e saíam do edifício, retirando caixas de papelão que supostamente continham documentos.

O engraçado nessas batidas da polícia era que todo mundo sabia delas antes que acontecessem. A imprensa sabia, e os *yakuzas* também! Se eles não soubessem, a polícia deveria notificar os *yakuzas* que uma batida ia ser realizada. Dessa forma, tudo corria com tranquilidade e ninguém saía ferido. Mas pode-se imaginar a probabilidade de uma batida dessas de recolher algo de útil.

Na mesma noite, acompanhado de seu advogado, Kajiyama apresentou-se ao departamento de polícia e se entregou. Ele teria dito algo como “não quero causar mais problemas a ninguém”. Bem, ótimo, um *yakuza* atrás das grades, mas a imprensa ainda não podia referir-se a Kajiyama como *yakuza*, porque a polícia não o identificara oficialmente como tal.

Tudo por causa dos advogados. O Yamaguchi-gumi tinha um monte de advogados. E estavam sempre prontos a processar os outros em nome de seus garotos. Esse é outro problema com o crime organizado no Japão — tão organizado, tão empresarial! Dizem (nunca teremos certeza) que alguns casos foram resolvidos em sigilo quando os *yakuzas* processaram firmas de classificação de crédito que tinham ousado rotular algumas de suas atividades de empresas de fachada.

E a dança de Kajiyama continuava. O Imperador era solto, a polícia o prendia de novo; o Imperador era solto, a polícia o prendia de novo por outras acusações. E ele nunca confessava nada.

O grande mistério — o problema real — era: para onde tinha ido todo o dinheiro? Um grande naco dos lucros do Imperador era entregue ao Yamaguchi-gumi, mas onde estava escondido o dinheiro? Não estava em nenhum banco japonês. Como era lavado? Levando em conta que mais de 60 mil vítimas tinham pagado juros exorbitantes e ilegais, a quantia devia ser astronômica. A polícia calculava a receita do grupo em bilhões de dólares. Se fosse possível rastrear o dinheiro, o caso estaria resolvido.

Risadinha me incumbiu de examinar as empresas de fachada do império.

Fui acordado às três da manhã do dia 20 pelo cara que era o número três da divisão de homicídios. O *Asahi* havia publicado uma reportagem sobre uma empresa de Kajiyama que tinha dois *yakuzas* na folha de pagamento, dizendo que isso era mais uma prova das ligações dele com os *yakuzas*. Bem, eu disse, isso não é novidade. Outros já escreveram sobre isso e nunca demos atenção ao fato. Informe a Risadinha, eu disse a ele. Respondeu que não conseguia encontrá-la.

Então fui bater à porta de alguns policiais, antes que saíssem para o trabalho, na tentativa de confirmar a história. Como sempre, me disseram olá, acenaram e nada mais.

Quando cheguei à redação, Harry Potter me contou que o *Mainichi* de domingo publicara um artigo sobre a líder de um grupo budista cujo nome tinha sido usado, à sua revelia, como avalista de uma hipoteca sobre uma propriedade de Kajiyama. Ela estava pensando em procurar a polícia.

Dei uma olhada em toda a documentação que tínhamos referente aos imóveis de Kajiyama, mas nada chegava perto do imóvel mencionado no artigo. Tentei obter uma cópia da

escritura do apartamento de 900 mil ienes mensais em Minato-ku, mas, como a propriedade era alugada, não consegui informação.

Escrevi um artigo sobre a presença do nome de Kajiyama na lista do Jinnai-gumi antes que seu chefe galgasse posições até tornar-se líder do Goryo-kai, uma organização secundária do Yamaguchi-gumi. Em outras palavras, até um ano antes Kajiyama era membro registrado do grupo criminoso Yamaguchi-gumi.

A que levava tudo isso? Eu queria, por minha conta, demonstrar que o Imperador era um *yakuza* e que todo o seu império era uma operação *yakuza*. Se conseguisse, o caso poderia avançar e eu teria um furo.

Harry me deu uma força, mas sua visão do caso era mais ou menos esta: “Isso se sustenta como matéria, mas não é uma grande matéria. Para mim, a verdadeira questão está em saber como centenas de não *yakuzas* não têm prurido algum de trabalhar no ramo da agiotagem. Esse é um lado da história sobre o qual ninguém está escrevendo. Presumimos que os *yakuzas* façam coisas horríveis, explorem e depenem pessoas. O estranho é que tantos não *yakuzas* se disponham a ajudá-los”.

Ele tinha razão. Kajiyama era sem dúvida um *yakuza*, mas tinha “civis” fazendo grande parte do trabalho para ele.

Existe crime organizado e crime organizado. O cara era praticamente um professor Moriarty da atualidade. O império de Kajiyama era um rol de roupa suja de empresas de fachada: uma imobiliária, uma construtora, participação numa marina... O sujeito não era apenas um agiota, era uma potência. Tinha um bordel. Lavava dinheiro obrigando seus empregados a frequentar o bordel, mas as garotas eram tão sem graça que os empregados simplesmente

pagavam e iam embora sem usar o serviço. Fundou uma igreja em Hokkaido e obrigava seus empregados a fazer doações. Eles recebiam instruções de diversos gerentes de agências para comparecer a reuniões realizadas num hotel de Tóquio. As “doações” deveriam ser feitas com os lucros obtidos em cada agência de agiotagem.

A maior parte de suas empresas de fachada tinha no nome as iniciais sk — de Susumu Kajiyama: Imobiliária sk, Financeira sk, e assim por diante. Vou explicar em detalhes para que o alcance dos negócios dele não deixe de ser compreendido: os empregados de cada agência de agiotagem eram obrigados a comprar o almoço na Shokuhin sk. Com a renda das agências, os gerentes eram obrigados a jantar numa churrascaria coreana que pertencia a um comparsa de Kajiyama; assim o dinheiro era lavado. Gerentes e empregados eram obrigados a passar os feriados em certas estações de águas ou balneários onde o transporte e o alojamento estavam acertados para lavar mais dinheiro. Essa era uma nova raça de *yakuzas*; ele era o futuro. Ali estava um cara que sabia passar a perna em todo mundo. Não era à toa que se chamava Imperador.

A Financeira sk em Shinjuku era muito parecida com uma filial da Promise, a empresa de crédito ao consumidor com ações negociadas na Bolsa de Valores de Tóquio. Lá estava: financeira sk em letras brancas impressas sobre fundo azul. A empresa era autorizada pelo governo de Tóquio para atuar na área de crédito ao consumidor, e seu alvará se encontrava exposto, como para demonstrar lisura. A Financeira sk recebera a classificação *to-ichi* (*to* de Tóquio;

*ichi* de número um), concedida a empresas desse ramo. Em outras palavras, a maior parte das empresas recebia autorização para funcionar sem nenhuma inspeção verdadeira.

A Financeira sk era também uma imobiliária, e o alvará era prova disso. Bom negócio para a quadrilha de Kajiyama. As propriedades eram tomadas como garantia de empréstimo, e, se o devedor ficasse inadimplente, eram confiscadas e vendidas, tudo isso sem a desagradável participação de intermediários que pudessem reclamar sua parcela nos lucros. Além disso, havia aluguéis e arrendamentos de praxe.

Eu queria uma foto de Kajiyama. Fui a uma agência da sk Imobiliária, também em Shinjuku, que me pareceu desativada. Fui a outra das agências de imóveis que ficavam perto da estação e, para minha surpresa, os funcionários foram bastante atenciosos. Nem mesmo estranharam o fato de eu ser estrangeiro. Em poucos minutos encontraram um apartamento espaçoso, em cima de um salão de *pachinko* bem localizado. Pensei seriamente no assunto. Mas meu objetivo era conseguir algum folheto da empresa em que estivesse estampada a fuça de Kajiyama, o que não havia.

Um empregado — de trinta e poucos anos, cabelo curto pintado de louro, vestido com um terno cinza barato e tênis — estava pondo ordem no lugar, fechando caixas, um tanto melancólico. Apresentei-me como repórter do *Yomiuri Shimbun* e perguntei se ele se disporia a responder a algumas perguntas. Ele me olhou incomodado, pegou uma caixa com material de escritório e empurrou-a para mim. “Se quer conversar, ajude-me a levar esta merda para baixo”, disse ele. Como eu poderia recusar?

Enquanto empilhávamos as caixas (ao que parecia, a polícia tinha levado tudo o que fosse significativo), perguntei: “Você sabe que está trabalhando para os *yakuzas*?”.

Ele deu de ombros. “Que eu saiba, é só uma imobiliária. Respondi a um anúncio nos classificados de uma revista. Por que eu deveria saber? Nunca vi alguém com dedos de menos ou coberto de tatuagens.”

“Você sempre trabalhou nesta loja?”

“Não, já trabalhei numa das agências de crédito sk. Tive a impressão de que estava tudo certo.”

“Você não achava os juros muito altos?”

“Eu só atendia clientes, não fazia nenhum negócio. Sim, talvez os juros fossem altos, mas nunca achei isso muito estranho. Já trabalhei para a Aiful, que supostamente é legal. Você acha que a Aiful pratica juros legais? Nós cobrávamos o mais que pudéssemos. É sempre um mau negócio para quem pega o empréstimo. Que eu saiba, este é o mesmo trabalho, só a empresa é diferente.”

“Então você não fazia ideia de que toda empresa sk é uma empresa de fachada dos *yakuzas*? Nem sabia que sua empresa de crédito ao consumidor era na verdade um escritório de agiotagem?”

“Você fala de ‘crédito ao consumidor’ e ‘agiotagem’ como se fossem coisas diferentes.”

“E não são?”

“Um cara chega atrás de um empréstimo, nós cobramos uma taxa de juros altíssima e ele passa os meses ou anos seguintes pagando pelo empréstimo. Quando termina de quitar a dívida, terá pagado cinco ou dez vezes o valor do principal. Não é um trabalho agradável, mas é um trabalho. E você devia olhar para o *Yomiuri*. Está cheio de anúncios da

Aiful, da Promise, da Takefuji e de quanta empresa de crédito ao consumidor exista sobre a face da Terra. Vocês apoiam a indústria da agiotagem.”

“Mas você nunca ficou sabendo?”

“Fiquei, depois de algum tempo. Todos ficam sabendo. Mas já era tarde. Você já está na coisa, a grana é boa. A única preocupação é que diabo pode acontecer se você for embora. Se eles deixarem você ir.”

“Mas o que você acha do fato de ser uma atividade ilegal? Nunca teve medo de ser preso?”

“Sim, mas eles nos disseram que isso só dá uma multa e que eles pagam. Pagam o advogado. Eles cuidam de nós. Eu acreditei neles. E o dinheiro era bom. Os chefes fazem umas coisas doidas que mantêm o moral alto. Em abril, eles alugaram o Tokyo Dome para um jogo de beisebol particular. Tivemos o Tokyo Dome inteirinho para nós. Foi ótimo.”

Foi exatamente o que o *Yomiuri* fez comigo em meu primeiro ano de repórter. Mas eu não falei nisso, é claro. O *Yomiuri* fez isso para dar aos repórteres de todo o país um sentimento de unidade, talvez estimulando lealdade à empresa. Kajiyama pensava da mesma forma. De bobo ele não tinha nada.

E o empregado estava certo. O *Yomiuri*, como qualquer outro jornal do Japão, devia grande parte de suas receitas de publicidade a empresas de crédito ao consumidor.

Nosso repórter financeiro, Mizoguchi, teve de lutar durante meses pela autorização para uma série de especiais sobre os prejuízos que a agiotagem inflige à sociedade japonesa. Era um tema próximo demais para ser tratado com tranquilidade. E quando ficou claro que muitas empresas de crédito ao consumidor também praticavam juros ilegais, deu um trabalhão convencer os responsáveis a

deixar sair a notícia. Entretanto, no final das contas, como é costume no *Yomiuri*, as notícias prevalecem sobre os interesses corporativos. O acontecimento decisivo foi um triplo suicídio ocorrido em Osaka em junho de 2003, quando um homem, sua mulher e um filho se atiraram diante de um trem. A mulher deixou um bilhete dizendo que um empréstimo tomado por ela tinha virado uma bola de neve, transformando-se numa dívida que eles nunca poderiam pagar. Contava ainda que os cobradores tinham ameaçado a ela e aos vizinhos, e destruído sua vida. A polícia foi incapaz de ajudar.

Quando três pessoas são levadas ao suicídio por credores, as pessoas prestam atenção. E eram criminosos como Kajiyama que estavam por trás dessas mortes. Às vezes, como repórter, a gente deixa a vítima de lado. Sente uma espécie de admiração pelo gênio criminoso e por sua eficiência impiedosa, esquecendo que um império do crime se ergue sobre a dor e o sofrimento de pessoas.

Kajiyama era um gênio do franqueamento, e a operação de agiotagem que ele montou era elaborada e abrangente. Sua decisão de procurar pessoas com histórico de dívidas deu resultado. Ele mesmo dizia: “As melhores pessoas para se emprestar dinheiro são as que já estão endividadas. Ficam tão desesperadas que pagam a taxa de juros que você pedir desde que consigam dinheiro rápido. Depois que pegam empréstimo conosco, nunca mais conseguirão pagar. Ficam em nossas mãos”. Ele contratou um técnico em informática que apelidou de Akiba-kun (de Akihabara, o bairro dos produtos eletrônicos em Tóquio) para criar uma base de dados de clientes. Dessa forma, havia registro da dívida, dos pagamentos, dos contatos com a polícia ou com advogados, bem como informações pessoais detalhadas de

todos os clientes, incluindo nome de supervisores, parentes e até amantes.

No momento em que se tornava claro que o cliente estava ficando desesperado, Kajiyama o abordava de novo com uma oferta de crédito — normalmente a juros ainda mais altos. Em outras palavras, ele atacava várias vezes o mesmo tomador, de formas diversas. Embora tivesse se cercado de todo cuidado para evitar chamar a atenção das autoridades, seu negócio se tornou grande demais para passar despercebido.

Quando a polícia começou a dar batidas em centros administrativos dos negócios de Kajiyama, em 2003, encontrou fileiras e mais fileiras de computadores em cada escritório. Kajiyama estava anos à frente da polícia em infraestrutura tecnológica.

Com as comissões que Kajiyama tinha repassado ao Goryo-kai em Shizuoka, foi construída uma sede de três andares. O nome estava gravado em baixo-relevo no granito e preenchido com ouro. Mais dinheiro foi usado para molhar as mãos de políticos japoneses. O Imperador contribuiu com mais de 4 milhões de ienes (cerca de 40 mil dólares) para um antigo mandachuva do pld, Kamei Shizuka, durante anos. E essa quantia era apenas a que constava dos livros.

Em 23 de outubro de 2004, o dpmt teve provas das ligações entre os negócios de Kajiyama e o Yamaguchi-gumi, e assim pôde justificar uma batida no escritório central do Yamaguchi-gumi em Kobe. Mais uma vez todo mundo — policiais, criminosos e jornalistas — soube com

antecedência em que data seria efetuada a batida. O Yamaguchi-gumi chegou a mandar à polícia um questionamento formal a respeito da data e hora da batida para que pudesse se preparar. No entanto, dada a reputação da polícia da província de Hyogo, é provável que tenha ocorrido o contrário. Eu mesmo tinha conversado com alguns *yakuzas* e *ex-yakuzas* antes do fato. Mas certa noite, durante uma reunião social, um repórter veterano do Serviço de Notícias Kyodo mencionou por acaso, diante de Risadinha, que eles estavam apostando alto e iam publicar a matéria sobre a batida *antes que a batida fosse feita*.

De repente, todos os jornalistas entraram em pânico. Risadinha reuniu todos os repórteres rivais para uma espécie de leilão jornalístico de cartas marcadas: todos concordariam em publicar a matéria de modo que ninguém ficasse com a barriga. Assim, na edição matutina do dia da batida, o próprio *Yomiuri* deu um grande espaço para anunciar a batida iminente.

A batida propriamente dita durou 25 minutos. Os policiais usavam jaquetas vermelhas que pareciam túnicas *happi*, o que emprestou aos procedimentos um ar festivo. Assim que irromperam no local, gritos e xingamentos típicos dos *yakuzas* podiam ser ouvidos a quilômetros da fortaleza de um quarteirão que era o Forte Kobe, sede do Yamaguchi-gumi.

“Vinte e cinco minutos? Isso não é uma batida, é um chá com bolinhos”, debochou Harry Potter. “Provavelmente passaram os primeiros cinco minutos trocando cartões de visita. Aposto que as provas estavam empacotadas e prontas para levar.”

“E devem ter posto uma arma de lembrança no pacote”, acrescentei, zombando.

“Neste momento, o chefe deve estar comunicando a um dos *chimpiras*: ‘Para livrar a cara da polícia, você vai passar alguns anos em cana’.”

Naquela noite, terminei minha obra-prima sobre outro negócio de agiotagem do Yamaguchi-gumi. Esse tinha locadoras de vídeo como fachada. O policial da Terceira Divisão de Investigação do Crime Organizado com quem falei descreveu a situação comparando a atividade do Yamaguchi-gumi à de um gigantesco hipermercado infiltrado numa área de lojinhas familiares.

Minha fonte na Força-Tarefa Anticrime Organizado acrescentou: “Até agora, a agiotagem dos *yakuzas* era um crime sem importância, que dificilmente se reprimia, com uma punição apenas formal para o criminoso. Tenho vergonha de reconhecer, mas não nos incomodávamos com isso”. Era provavelmente por esse motivo que o Birô de Segurança Comunitária estava partindo para o ataque.

Enviado o artigo, preparei-me para cair fora da redação. Disse a Risadinha, de brincadeira, que se não fôssemos embora imediatamente, era provável que nos mandassem sair correndo para o local de algum crime horrendo. E como não podia deixar de ser, uma hora e meia mais tarde, quando eu estava em casa descansando com minha mulher e minha filha, o chefe da sucursal ligou para contar que alguém tinha sido esfaqueado e morto diante da estação de Mitaka.

Entrei no modo ativo: ligações para os policiais da área, para os hospitais da área, para os negócios da área, para os fotógrafos da área. Nada disso era de muita valia, mas daríamos um jeito de costurar um texto.

Às duas da manhã saí para Roppongi.

Eu tinha formado uma pequena rede de informantes composta de strippers, prostitutas, acompanhantes, aliciadores de clientes e camelôs. Por isso sabia sempre quem estava vendendo e quem estava fornecendo, e contava com um sistema de alerta que me informava quando haveria uma grande batida policial em alguma boate. Prisões por drogas só eram notícia se alguém famoso fosse flagrado, mas era preciso saber alguma coisa sobre o preso para ter com que trabalhar.

Encontrei o chileno que era meu aliciador de clientes predileto no bar Propaganda. Ele me dissera que tinha informações para mim. Nami, uma stripper tailandesa que fora casada com um taxista japonês, nos ofereceu uma rodada de bebidas. Nenhum deles sabia — ninguém sabia — que eu era repórter. Pensavam que eu era investigador de uma companhia de seguros. Isso servia para justificar uma porção de atitudes e afastava suspeitas levantadas por perguntas exploratórias.

Depois de me embebedar no Propaganda com escassos resultados, fui para o Quest, uma boate dançante onde o cara que girava a roleta vendia drogas por baixo dos panos. (O japonês que era dono da boate seria morto a facadas poucos anos depois, e ninguém soube por quem.)

Na escada da entrada do Quest, acendi um cigarro enquanto me esquivava das propostas de prostitutas transexuais colombianas que tinham se reunido perto do banheiro público imitando aves. Uma loura, com vestido de noite, se aproximou, me pedindo informações. Disse a ela que estava indo para Shinjuku e lhe ofereci uma carona. No táxi, ela me contou sua história. Era de Israel e estava ganhando a vida em Tóquio como acompanhante e

detestava a coisa. Ah, se os clientes japoneses soubessem como essas mulheres os desprezavam.

Eram quatro da manhã quando cheguei ao pequeno bar de acompanhantes em Kabukicho, onde me encontraria com minha fonte. Eu queria saber mais sobre Kajiyama, e esse cara devia ter mais informações. Apelidei-o de Ciclope. (Acho que Sobrolhão teria sido mais apropriado. Ele tinha o rosto redondo e achatado, com bastas sobrancelhas que se fundiam no topo do nariz de gavião. Fosse qual fosse o apelido, ele tinha um aspecto bem assustador.)

Eu conhecia o Ciclope de Saitama. Era japonês, de ascendência coreana (original da Coreia do Norte, com parentes na do Sul). Pertencia ao Yamaguchi-gumi e tinha um conhecimento enciclopédico do submundo. Era uma fonte excelente, mas tinha uma coisa de ruim. Eu confiava na inteligência dele, mas nem um pouco em suas motivações. Além disso, era viciado e tinha a conduta instável, com as emoções à flor da pele e a paranoia típica dos usuários de metanfetamina. Ficava extremamente violento quando provocado.

Tive contato com o Ciclope por intermédio de seu pai, que investira pesado num banco/cooperativa de crédito administrado por coreanos que precisou ser socorrido pelo governo japonês. O motivo para o naufrágio do banco, segundo outra fonte *yakuza*, tinha sido prevaricação administrativa e empréstimos podres à facção criminosa Inagawa-kai. Junto com mais dois repórteres, trabalhei na matéria durante quase um ano antes de ter alguma coisa para publicar. Nossa reportagem investigativa teve o grato resultado de estimular a polícia de Saitama a prender os responsáveis pela quebra do banco.

Nenhum dos investidores conseguiu seu dinheiro de volta, mas a comunidade coreana ficou satisfeita por ter sido feita justiça. Durante o período em que trabalhei nessa matéria, aproximei-me de muitos coreanos. Sentia uma espécie de afinidade com aqueles caras. Era como encontrar outro judeu na Escola Primária Rockbridge. Foi nessa época que o pai do Ciclope me apresentou ao filho.

O Ciclope era persistente e ficava me cercando para saber quando a matéria ia sair. Não era fácil publicar algo sobre a quebra do banco no jornal. Primeiro, porque a repercussão de uma matéria sobre a falência de uma instituição financeira é grande; em segundo lugar, porque na verdade ninguém se importava com algo que era considerado (erroneamente) um problema de coreanos; e em terceiro, porque uma organização religiosa envolvida com os créditos podres estava pressionando para manter o caso na penumbra. E também, claro, porque um eminente político estava metido na coisa. Consegui fazer que a matéria fosse publicada depois de arrumar uma cópia da avaliação interna da situação do banco feita pelas autoridades da província de Saitama. Era impiedosa.

Eu prometera ao Ciclope e ao pai que não descansaria até que a matéria fosse publicada, e no que diz respeito ao Ciclope, mantive minha promessa. Eu não sabia muita coisa sobre o Yamaguchi-gumi na época; sua presença na parte leste do Japão era insignificante, de modo que não senti necessidade de saber mais sobre ele. No entanto, como os coreanos tinham o hábito de conversar entre si a despeito da facção criminosa a que pertencessem, o Ciclope sempre era útil para confirmar informações sobre o mundo dos *gokudos*. Ele falava livremente sobre os boatos referentes ao Sumiyoshi-kai e ao Inagawa-kai, e eu nunca fazia

perguntas sobre a organização dele. Imaginava que o dia ia chegar.

Era difícil fazer o Ciclope ir a Tóquio. Saitama era seu território, onde ele se sentia seguro. Mas como tínhamos combinado, lá estava ele esperando por mim, sentado num sofá de veludo de uma típica boate de acompanhantes de Kabukicho. Havia um bar, um equipamento de caraoquê, uma luminária vulgar e sofás alinhados contra a parede com mesas de mármore distribuídas diante deles. Em cada mesa havia uma garrafa de uísque, um balde de cristal com gelo, uma jarra de água e copos de cristal. Havia também amendoins, fatias de lulas secas e outros petiscos variados em tigelas de cristal. Uma das garotas, aplicada, preparava um uísque com água para ele.

O Ciclope fez sinal para que eu pusesse uma cadeira diante dele e disse à garota que preparasse uma bebida para mim (que aceitei educadamente), erguemos nossos copos e dissemos “saúde” em coreano. Era tudo o que eu sabia de coreano, além de perguntar onde ficava o banheiro.

“Jake-san, o que você gostaria de saber?”

“Você está sabendo que o dpmt deu uma batida na sede do Yamaguchi-gumi hoje.”

“Há duas semanas todos já sabiam disso.”

“Só fiquei sabendo há uma semana. O que quero saber é onde, diabos, está todo o dinheiro que Kajiyama ganhou.”

“Humm... Por que você quer saber?”

“Porque daria uma boa matéria.”

“E se você escrever a matéria, o que vai mudar?”

“Nada.”

“Então para que serve?”

“É meu trabalho. Busco informação que ninguém mais tem e atendo ao direito que o público tem de saber.”

“Eles têm o direito de saber onde Kajiyama escondeu seu dinheiro?”

“As vítimas têm.”

“Vítimas. Interessante a escolha da palavra. Alguém encostou um revólver na cabeça delas e mandou pegar dinheiro emprestado a juros que não conseguiriam pagar? Ou pegar empréstimo para coisas que não tinham condições de comprar? Alguém fez isso?”

“Não, mas havia pessoas que não sabiam em que estavam se metendo e foram enganadas quando assinaram o contrato. Isso não as torna vítimas?”

“Japoneses otários. A palavra não é *vítima*... É *otário*.”

“E as pessoas que investiram no Saitama Shogin eram otárias também? Eram gananciosas? Queriam um retorno alto demais? Teriam investido no mercado de ações? Vítimas? Ou otárias?”

Por um instante o Ciclope não disse nada. Estava pensando. E não ficou contente com a conclusão. Franziu as sobrancelhas. Apertou os lábios e depois relaxou, apalpando-se em busca dos cigarros.

“Você quer a matéria. Vou lhe dar a matéria. Aconteceu em Las Vegas.”

“Las Vegas?”

“Kajiyama esbanjou alguns milhões de dólares no mgm Grand em Las Vegas. Perdeu no jogo, mas talvez você possa chamar isso de lavagem de dinheiro. Ele passou um tempão nos Estados Unidos. Ele põe o dinheiro num cofre-forte aqui e o retira quando vai para lá. Tem também algumas contas bancárias no exterior.”

Acendeu um Lark com um isqueiro Dunhill folheado a ouro, tragou, soltou a fumaça. Obviamente esses isqueiros eram um acessório da moda indispensável para um *yakuza*.

“A polícia sabe disso?”, perguntei.

“Acho que sim. A essa altura eles provavelmente já confiscaram o dinheiro, ou vão fazer isso em breve. Kajiyama é um vip no Grand. É frequentador assíduo do Caesars Palace também.”

“Como é que um sujeito como Kajiyama termina como vip no mgm Grand ou no Caesars Palace?”

“Goto. Goto o apresentou. Goto adora esses lugares. Ele ia sempre lá.”

“Ia?”

“Desde o transplante de fígado, Goto não pode mais entrar nos Estados Unidos. O que me disseram é que ele usou a conta de um cassino para pagar as despesas de hospital.”

“Goto fez um transplante de fígado nos Estados Unidos? Como foi que isso aconteceu?”

“Pensei que você estivesse interessado em Kajiyama.”

“Sim, mas Goto, o Poderoso Chefão do crime organizado japonês, fazendo um transplante de fígado nos Estados Unidos! É fantástico! Onde foi?”

“Los Angeles. Num hospital universitário. ucla. Dumont.”

“Dumont. ucla... Entendi.”

“Sim, claro. Seja como for, continue acompanhando a pista de Las Vegas. Seria bom. Quem sabe você consegue uma viagem grátis a Las Vegas por conta disso...”

“Kajiyama sem dúvida está na organização, certo?”

“Você vê alguma carta de excomunhão por aí? Se você não é afastado da organização, você ainda está na organização. É assim que funciona. Então, agora ele é um

trambolho. Atrai a atenção da polícia para a organização. Todo mundo sabia que isso ia acontecer. É por isso que há dois anos começaram a tirar o nome dele das listas. Ninguém pretende produzir provas documentais.”

“Quanto Kajiyama tem no cassino?”

“Juntando os dois cassinos, uns 4 milhões de dólares. Provavelmente tem mais 1 milhão em contas bancárias nos Estados Unidos. Tinha 2 milhões de dólares em dinheiro depositado no escritório do mgm Grand aqui. Nada mau, hem?”

“Como alguém consegue 2 milhões de dólares no Japão?”

“Basta ter uma porção de laçaios com muito tempo sobrando. De qualquer forma, se você quer seguir a trilha do dinheiro, procure em seu próprio país, Jake-san.”

Senti um calafrio na espinha. Isso me cheirava a um furo dos grandes. E era. Com certeza, isso ia mudar minha vida.

Conversamos por mais uma hora. Perguntei-lhe sobre seus pais, perguntou-me sobre minha família. Mostrei algumas fotos a ele. Mas quando perguntei sobre o papel do Yamaguchi-gumi nos negócios de Kajiyama, ele não disse mais nada.

Cheguei em casa às cinco da manhã. Fiquei cerca de uma hora tentando dormir até que Beni acordou e veio engatinhando enfiar os dedos em meu nariz. Eu tinha o dia inteiro para passar com minha família. Era como um feriado.

Na terça-feira, eu ainda não falara a ninguém sobre o assunto. Liguei para um amigo meu do fbi em Washington, uma pessoa em quem eu podia confiar. Ele confirmou o que o Ciclope tinha dito. Afirmou que o dpmt tinha feito algumas visitas a Las Vegas e apreendera 2 milhões de dólares no escritório do mgm Grand em Tóquio. Os números

mencionados pelo Ciclope eram exatos. Ele não me contou mais nada, mas o que eu tinha ficado sabendo já era o bastante para eu apresentar a Risadinha e a Harry.

Risadinha ficou impressionada. “Está falando sério? Onde foi que descobriu isso?”

Achei melhor não mencionar meu contato com o Yamaguchi-gumi. Não seria bom para minha fonte nem para mim. Então eu disse a ela que tinha sido o fbi, o que até certo ponto era verdade. Ela queria escrever a matéria imediatamente, mas sugeri que antes falássemos com Harry Potter.

Ele estava espichado no sofá tentando abrir o encarte da revista semanal *Shukan Gendai* quando Risadinha e eu chegamos. Ao ouvir a história, foi ficando cada vez mais entusiasmado, supondo que poderia ser um pequeno furo bem significativo — sobretudo porque o dinheiro já fora apreendido. Foi então que fez uma coisa que raramente fazia: tirou os óculos, limpou as lentes e sorriu. Abriu um sorriso tão grande que chegou a mostrar os dentes. Era esquisito. Ele tinha os dois dentes da frente separados, o que lhe dava um ar de Alfred E. Neuman, da *Mad*.

“Jake, talvez você não seja tão inútil quanto pensávamos”, disse. Senti-me muito elogiado, e com certeza minha expressão mostrou isso, ou talvez tenha enrubescido. Ele chamou seu número dois e saímos os quatro para almoçar num restaurante chinês, que tinha uma sala privativa, e discutir nossa estratégia. Harry queria que eu extraísse o que pudesse do fbi. Ele e seu número dois tentariam obter confirmação nas altas esferas do dpmt. Risadinha recebeu instruções de ficar quieta por enquanto. Ela seria nosso trunfo e negociaria o furo com o chefe de divisão do dpmt. Para manter relações amistosas com o

chefe, ela precisava ter liberdade de alegar que alguém estava metendo o nariz onde não devia e pôr a culpa em mim.

“Diga a ele que Jake soube disso pela cia”, disse Harry. “Todo mundo pensa mesmo que ele é um agente. Diga a ele que Jake está fora de controle, que ele não entende a delicada relação entre a polícia e os repórteres policiais. Convença-o de que se não nos derem o furo, Jake vai escrever sem nossa supervisão e quem sabe que tipo de material ele pode revelar, em prejuízo da investigação. Isso vai chamar a atenção dele.

“Jake, desculpe por isso, tá?”, disse Harry, virando-se para mim. “O chefe vai ficar furioso, mas ele não é uma pessoa com quem você tenha de trabalhar. Talvez alguns caras ponham a culpa em você por terem de trabalhar rápido... Isso provavelmente vai acarretar uma enorme publicidade para o dpmt... Mas não deixe que isso te perturbe.”

“Não vou deixar.”

“Além disso, você é judeu. Tenho certeza de que está acostumado a levar a culpa por tudo.”

Alguns dias depois, tínhamos tudo de que precisávamos. Firmei acordo com um repórter de Las Vegas, que fez alguns trabalhos para mim em troca de informações. Primeiro eu escreveria a matéria no Japão, e depois ele teria o furo em Las Vegas. O fuso horário e o fato de que apenas um em 10 milhões de americanos lia jornais japoneses tornou possível esse acerto.

Kajiyama era uma “baleia” — termo usado em Las Vegas para os grandes gastadores vips. (O vip, como a baleia, é uma espécie rara que consome ostensivamente.) Frequentava Las Vegas havia mais de dez anos, tinha conta no cassino e também num banco da Califórnia, e vinha retirando divisas dos Estados Unidos. Depois de uma dica das autoridades americanas, o dpmt mandara funcionários seus, a partir do verão, para verificar as transações de Kajiyama em Las Vegas. O Departamento de Segurança Nacional, a Comissão de Jogo de Nevada e o fbi estavam investigando Kajiyama por suspeita de lavagem de dinheiro nos Estados Unidos. O mgm Grand fingia que estava cooperando com a investigação.

Risadinha fez um acordo com o chefe de polícia. Primeiro publicaríamos nosso furo sobre Kajiyama e Las Vegas. Depois disso, o dpmt anunciaria a apreensão de mais de 2 milhões de dólares de Kajiyama em Tóquio, supostamente provenientes de lucros ilegais de suas agências de agiotagem. Teríamos o furo disso. O dpmt então pretendia prender Kajiyama por infração da lei japonesa contra a lavagem de dinheiro, enquanto teríamos o furo sobre a investigação do fbi sobre lavagem de dinheiro de Kajiyama nos Estados Unidos.

Harry gostou muito da ideia de uma matéria intitulada “Uma baleia chamada Kajiyama”. Na verdade, como ficamos trabalhando no texto até as três da manhã, a ideia começou a parecer cada vez mais engraçada. A falta de sono faz essas coisas.

Em meados de novembro, chegou a hora: “Dois milhões de dólares apreendidos na caixa-forte do Imperador da Agiotagem”. Seguiram-se artigos sobre a investigação do fbi e sobre como Kajiyama gastava seu dinheiro em Las Vegas.

Três bombas, uma atrás da outra, a concorrência estava quicando. (Mesquinharia, eu sei, mas essas são as grandes alegrias da reportagem policial.) O dpmt tinha muito cuidado em manter sua unidade, era muito difícil quebrar a hierarquia.

Em conversa com um repórter de Las Vegas, fiquei sabendo que a Comissão de Jogo de Nevada tinha dado publicidade ao caso. Saber disso me trouxe grande alívio. No Japão, por mais que um repórter cheque os fatos, o risco que corre ao veicular um artigo sem a chancela oficial é alto. A recompensa por um furo não se equipara à penalidade imposta pela publicação de uma matéria errada. Então, quando a polícia prendeu um dos escudeiros de Kajiyama, que tinha sacado mais de 1 milhão de dólares da conta dele e viajado diversas vezes aos Estados Unidos levando pacotes de dinheiro, comecei a me sentir um pouco envaidecido.

Para comemorar, corri 2500 metros em menos de doze minutos. Isso para começar. Também fiz uma coisa pouco comum, que era chegar cedo em casa. Peguei minha filha na escolinha, e nós três, Beni, a sra. Adelstein e eu, jantamos juntos. Foi um raro acontecimento.

Roubaram-nos a cena em parte, poucas semanas depois, quando se revelou que Kajiyama tinha acumulado mais de 50 milhões de dólares numa conta do Credit Suisse, com a ajuda de um japonês que trabalhava no banco. Cinquenta milhões era bem mais que uns poucos milhões. Os suíços congelaram a conta dele.

Os *yakuzas* gostam de bancos estrangeiros; acham que são úteis. O Credit Suisse não foi a primeira instituição financeira usada para lavagem de dinheiro. O Citibank perdeu a autorização para funcionar no Japão em setembro

de 2004, e um dos motivos foi a acusação de ter sido usado pelos *yakuzas* para lavar dinheiro. Segundo um agente de segurança bem informado sobre essa investigação, um dos principais clientes do Citi no Japão era Saburo Takeshita, homem muito ligado ao próprio Tadamasa Goto. Outra fonte afirmou que outro figurão do Yamaguchi-gumi tinha conta no Citi em seu próprio nome. Sei de diversas empresas de investimento estrangeiras que ainda agora são como unha e carne com os *yakuzas*, mas não tenho dinheiro suficiente para mencionar-lhes os nomes. (Diga-se de passagem que o Citibank não aprendeu a lição. O governo japonês voltou a puni-lo em junho de 2009 por questões semelhantes.)

Seja como for, quando a cena do crime se deslocou para a Suíça, Risadinha e o número dois de Harry assumiram a matéria. Lavagem de dinheiro era demais para meu pequeno cérebro, e eu queria dar continuidade a outras matérias. Principalmente a que se referia a Tadamasa Goto e seu misterioso transplante de fígado.

Nem todo o dinheiro que Kajiyama depositara em representações de cassinos americanos em Tóquio tinha sido apreendido. Na época de sua prisão, um de seus escudeiros telefonou para um representante do Caesars Palace em Tóquio e pediu que lhe dessem 1 milhão de dólares em dinheiro. A bufunfa foi entregue num estacionamento no centro de Tóquio. Isso é que é bom atendimento!

Kajiyama nunca abriu o bico. No fim das contas, em 9 de fevereiro de 2005 foi condenado a sete anos de trabalhos forçados, mas num primeiro momento os tribunais de Tóquio preferiram não multá-lo em 5 bilhões de ienes (50 milhões de dólares, o mesmo que o total que ele roubara das pessoas). Ficamos desapontados. Quem disse que o crime

não compensa? Provavelmente o Imperador ainda tem dinheiro malocado sobre o qual ninguém sabe. Vai cumprir sua pena, e ao deixar a prisão será um homem muito rico.

No tribunal, ele não fez o papel de homem nos trinques, mas ainda se via algo de seu carisma. É bonitão e ao que tudo indica muito sedutor. Tinha várias amantes que confirmariam isso. Provavelmente estão esperando por ele. E por seu dinheiro.

Os escudeiros de Kajiyama se dispersaram depois que ele foi condenado, e o Goryo-kai já não existe com esse nome. Alguns de seus discípulos passaram a aplicar o golpe do “sou eu”, que às vezes é uma operação complexa em que os criminosos simulam ser o filho ou neto da vítima e a convencem a efetuar um pagamento imediato para livrá-lo de problemas. Ao que parece, esses caras tão trabalhadores não estavam ganhando muito com o novo empreendimento — mas pelo menos era um meio desonesto de ganhar a vida.

Depois da condenação de Kajiyama, as leis japonesas sobre empréstimos também foram revistas, e as penas por agiotagem se tornaram muito mais pesadas. Estabeleceu-se um teto transparente para as taxas de juros que podiam ser praticadas pelas empresas legalizadas de empréstimo ao consumidor. Só nos cabe esperar que os japoneses aprendam com os congêneres americanos as alegrias proporcionadas pelas dívidas com empresas de cartão de crédito. Quando isso acontecer, poderemos aguardar o surgimento de cartões Visa ou MasterCard Yamaguchi-gumi. É o próximo passo mais lógico.

parte iii

の 輝き

ocaso

# O império do tráfico de pessoas

As pessoas rendem preito aos mortos de diversas maneiras. Eu teria comprado flores para depositar em seu túmulo, mas o corpo ainda não tinha aparecido em parte alguma. Então, em vez disso, tirei da carteira uma nota de 10 mil ienes e dei-a a Fujiwara-san, do Projeto Polaris Japão. O Polaris mantém uma linha telefônica para atendimento de vítimas de tráfico de pessoas em Tóquio, e seu pessoal trabalha incansavelmente na tentativa de despertar a consciência do público para isso.

Fujiwara-san disse que o número de ligações telefônicas para o Polaris tinha aumentado um pouco no último ano, vindas principalmente de coreanas e mulheres do Leste Europeu. Agradeceu a doação e perguntou se eu conhecia alguém que falasse russo. Prometi procurar alguém.

Acho que o começo do ocaso de minha carreira de repórter remonta ao período em que comecei a cobrir esse lado abominável da indústria do sexo no Japão. E só percebi que aquilo estava me queimando quando já era tarde demais.

Depois de anos como repórter policial, a gente fica meio insensível. É natural. Se for se afligir por cada vítima ou partilhar a dor de cada família, fica doente da cabeça.

Assassinato, incêndio criminoso, assalto à mão armada, suicídio de famílias, tudo isso vira rotina. Há uma tendência a desumanizar as vítimas, a ponto de às vezes nos aborrecermos com elas por estragar nosso dia de folga ou as férias programadas. Parece horrível, e é. Mas é o que acontece.

Eu pensava que sabia bastante sobre o “lado negro” do Japão. Tinha coberto o caso Lucie Blackman, investigara um assassino serial, quase tocara num corpo eletrificado, tinha visto um homem morrer em chamas e muito mais. Achava que estava bem calejado... à minha maneira.

Fui me tornando bastante cético. Tinha ficado um tanto frio, e, quando um repórter começa a ficar indiferente, é muito difícil reverter a situação. Todos nós erigimos uma armadura psíquica a nosso redor para conviver com emoções, manter o controle e cumprir numerosos prazos. Temos de fazer isso.

Já tinha coberto Kabukicho e procurado dicas em Roppongi. As garotas do Maid Station foram muito claras a respeito do funcionamento do seu trabalho. Eu estava bastante familiarizado com as leis da indústria do sexo pago no Japão. Na verdade, achava que a ideia de escravidão sexual era um mito urbano criado por burocratas puritanos do Ocidente que não entendiam a cultura sexual japonesa. Mas estava prestes a levar uma boa lição.

Meu celular tocou. Era novembro de 2003. “*Moshi moshi*”, respondi, ao atender.

Era uma estrangeira, que eu não conhecia, e falava um japonês bem aceitável. Ouvi-a por um momento, mas o que

ela estava dizendo não fazia muito sentido. “Você fala inglês?”, perguntei.

“Bom, sim. Você também, é claro. Peço desculpas por meu lamentável japonês.”

“Não diga isso. É bastante bom. Mas como o *eigo* é nossa língua materna, talvez fosse melhor falar inglês, *ne?*”

“Uma amiga me deu seu telefone. É uma stripper do Kama Sutra; ela disse que você poderia ajudar.”

“Vamos tentar.”

“Bom, no lugar onde trabalho, há algumas garotas novas... da Polônia, da Rússia e da Estônia... que parecem estar sendo... coagidas.”

“Humm. O que quer dizer com isso?”

“Que estão sendo obrigadas a trabalhar e não estão sendo pagas. Como se fossem... escravas.”

“Como se fossem o quê?”

“Escravas. É assim que eu diria.”

“E que tipo de trabalho você faz?”

“Acho que você me chamaria de prostituta”, ela respondeu sem rodeios nem constrangimento. “Oficialmente sou professora de inglês, mas ganho a vida dormindo com homens.”

“E faz isso porque quer?”

“Claro. Mas com essas garotas novas que trouxeram para a boate... não é a mesma coisa. Elas não querem fazer isso. Elas foram enganadas, forçadas a fazer isso. Estão sempre chorando e não podem sair de lá durante o dia.”

“Entendo.” Era uma resposta patética, eu sabia, mas não havia outra coisa a dizer, e eu precisava de tempo para analisar a situação. Perguntei a minha interlocutora o que ela queria que eu fizesse.

“Você é repórter de jornal. Faça uma reportagem. Descubra o que está acontecendo e desmascare esses filhos da puta. E ajude a tirar aquelas garotas de lá.”

Uma pessoa que acabava de surgir do nada estava me encomendando uma tarefa hercúlea. Eu já começava a dizer que ia estudar o assunto quando alguma coisa na voz dela fez soar uma campainha na minha cabeça. “Você disse que sua amiga lhe deu meu telefone. Já nos conhecemos?”

Houve um silêncio.

“Já?”, perguntei de novo.

“Bom, quando você estava trabalhando no caso de Lucie Blackman, conversando com as garotas que trabalhavam na boate, eu meio que xinguei você na sua cara.”

Com o tempo, eu havia aprendido as regras para obter informações com strippers, dançarinas e outras mulheres do ramo do entretenimento noturno. Evidentemente, essa jovem tinha me conhecido antes que eu dominasse essas regras. Talvez eu tenha sido grosseiro, ou apenas pouco astucioso. De um jeito ou de outro, ela havia me chamado de babaca. Eu me lembrava muito bem disso.

Chamava-se Helena. Não era o nome verdadeiro, é claro, mas lhe caía bem. Nos encontramos no Starbucks de Roppongi, no segundo andar. Ela vestia saia preta, jaqueta justa de couro preto sobre blusa verde-limão e botas de couro preto até os joelhos. Devo dizer que tinha ótima aparência. O cabelo estava preso num rabo de cavalo, e como única pintura usava batom cor de romã. Tinha um sinal no lábio superior.

Apresentei-me como se nos encontrássemos pela primeira vez, dando-lhe meu *meishi*. Ela só me daria o dela mais tarde. Falamos sobre o tempo, tomamos nosso café e ela me contou sua história.

Helena tinha chegado ao Japão em 2001, vindo da Austrália. Começou ensinando inglês no Berlitz e, como bico, trabalhava como acompanhante. Numa noite, depois da aula, ela saiu para beber com um de seus alunos, um homem de negócios de cinquenta e poucos anos, e acabou indo com ele para um motel. Quando terminaram, ele deixou cinco notas de 10 mil ienes (cerca de quinhentos dólares) sobre a cama, dizendo que era para “despesas de transporte”.

Helena aos poucos passou a aceitar mais clientes e, finalmente, para garantir um ganho regular, começou a trabalhar numa “boate de senhores” privativa chamada Den of Delicious. Manteve seus clientes particulares, mas durante o dia prestava serviços nesse lugar.

“Sou prostituta por escolha. Gosto de sexo. O dinheiro é muito mais do que eu conseguiria ganhar ensinando inglês. Não tenho problema com o que faço. Tenho problema é com mulheres que não querem se prostituir serem forçadas a isso. Tenho problema com os idiotas que as obrigam a isso.

“Dois caras comandam o negócio em Roppongi e fornecem garotas para a boate de Shibuya, onde eu trabalho. Um deles é japonês... todo mundo o chama de Pilantra<sup>19</sup>... e o outro é um holandês-israelense chamado Viktor. Eles têm cinco ou seis boates. Recrutam as mulheres no estrangeiro, principalmente em países pobres, por meio de anúncios ou agentes, e as trazem para o Japão. Levam-nas para boates de sexo e passam a explorá-las. As mulheres ficam totalmente dependentes desses filhos da puta. Por isso acabam sendo escravas sexuais.

“O que me disseram é que de início lhes prometem muito mais dinheiro do que elas poderiam imaginar, mas quando chegam aqui a história é outra. Elas têm de foder

para comer, porque não têm opção. E então cobram delas despesas nunca antes mencionadas, que são deduzidas de seus ganhos. O Pilantra diz a elas que, como estão trabalhando ilegalmente, têm de trabalhar para ele. Porque ele é legal... acredita nisso? Se elas não quiserem trabalhar para ele, isso é com elas, mas não vão encontrar trabalho em nenhum outro lugar de Roppongi. Uma garota que eu conheci procurou a polícia e foi ameaçada de prisão. E ainda teve de dar para o puto do policial.

“Viktor diz a todo mundo que está aqui há seis anos. Começou com dançarinas e mudou para a prostituição; tem muito orgulho de si mesmo. Diz que conhece o tipo de mulher de que os japoneses gostam: louras de olhos azuis. É difícil resolver isso. O fato de elas estarem desesperadas ajuda, porque assim não têm opção senão fazer o que mandam.

“Viktor gosta de se fingir de bonzinho... até começar a falar de dinheiro. Aí vira um demônio em forma de gente. O Pilantra é casado e tem uma filha.”

A história de Helena tinha um tom de verdade. Não vi nenhum motivo para que estivesse mentindo. Mas no fundo eu não tinha certeza. Ela era uma observadora, não uma vítima; tinha ouvido falar naquilo; talvez tivesse algum interesse oculto. Disse a ela que teria de conversar pessoalmente com uma das garotas.

Isso a deixou um pouco perturbada. “Se essas garotas forem apanhadas falando com você, vão arrumar encrenca. Encrenca grossa. Você me entende, não?”

Concordei. Disse que teria cuidado. E então Helena prometeu que me apresentaria a uma das garotas. E cada um foi para o seu lado.

Fiz algumas pesquisas por minha conta.

Sekiguchi surgiu na minha cabeça, mas não era a jurisdição dele. Pensei no Policial E.T., que fizera um ótimo trabalho ao me levar para conhecer Kabukicho. O E.T. tinha sido transferido do Departamento de Polícia de Shinjuku para a sede do dpmt, onde poderia ter acesso a alguma informação quente. Ele seria uma boa fonte. Mas, para conseguir o que eu queria, teria de pagar. Uma noitada na cidade, com certeza. Um bar ou boate de striptease que empregasse estrangeiras. Não ia ser barato, mas naquela altura eu tinha alguns contatos.

Liguei para um advogado que eu conhecia e que trabalhava para uma empresa promotora de torneios de artes marciais mistas. Essas lutas, uma mistura de boxe, luta livre e caratê, eram muito populares. Convenci-o a me dar dois ingressos para a segunda fila, que entreguei ao gerente do Eighth Circle of Hell, uma boate de striptease, que concordou em não me cobrar a entrada naquela noite.

Mandei ao E.T. uma mensagem de texto e nos encontramos.

O E.T. ainda era um cara decente, direito. Contamos um ao outro o que andávamos fazendo, e, enquanto uma ruiva peituda chamada Jasmine esfregava o traseiro curvilíneo no pau dele e enfiava os dedos em seus cabelos cortados rente, contei-lhe a história de Helena. Jasmine estava feliz, bebericando o champanhe que o E.T. pedira. Quando acabei a história, o E.T. ficou sério. Tirou Jasmine do colo e lhe pediu, num inglês bastante bom: “Por favor, traga-me cigarros, meu anjo. Agora preciso falar com meu amigo. Volte em cinco minutos”. Jasmine pediu licença e saiu, obediente. “Você sabe”, disse o E.T., chupando um cigarro e voltando a falar japonês, “vou dar uma olhada nisso. O que

sua amiga está dizendo provavelmente é verdade. Vejo outras mulheres como essas agora, mas não há muito que eu possa fazer por elas. Isso me chateia.”

“Te chateia?”

“Gosto de mulheres desse tipo. Sei que é meu dinheiro o que compra a atenção delas, mas gosto delas mesmo assim. É um jogo. Mas quando uma mulher não quer estar nessa vida, se está sendo obrigada a isso, aí eu não quero estar com ela. Não tem graça. Assim não é um jogo. Sua amiga tem razão: se elas não estão sendo pagas, isso não está certo.”

Ele tirou um bloco do bolso e lhe transmiti o que tinha conseguido achar: a localização do escritório do Pilantra e a escritura da propriedade, que estava em nome de J Enterprise.

Jasmine estava demorando mais de cinco minutos para voltar. Enquanto isso, nossa conversa se tornou pessoal. “Jake, você já dormiu com alguma dessas mulheres das boates? Parece que elas gostam de você. Tenho percebido isso.”

“Gostam de mim porque não durmo com elas. Não quero dormir com elas. Isso me faz diferente dos clientes normais.”

“É porque você não gosta de brancas?”

“Não, porque não é uma boa ideia.”

“Por quê?”

“Porque às vezes elas me dão informações, e não se espera que você durma com suas fontes. Fiz isso antes de me casar, mas agora não. Eu poderia levar para casa alguma terrível dst e transmiti-la a minha mulher, que me odiaria e me expulsaria de casa.”

“Bom, mas e se uma garota sensual tivesse informações que você quisesse muito... mas só falaria se você dormisse com ela?”

“Sim, eu dormiria com uma mulher em troca de boa informação. Sou uma puta da informação. E você, E.T.? Você já dormiu com uma fonte?”

“É claro. É como se fosse salário indireto. Não sou casado, não tenho filhos.”

“Então você acha que eu seria um ser desprezível se fizesse o que você faz?”

“Não. Só acho que você é estranho. Não um gaijin estranho, mas uma pessoa estranha. Você tem princípios e se ajusta a eles. São princípios esquisitos, mas são princípios. Admiro isso. E você é um cara legal. Agora, não me interprete mal, mas vou te dizer uma coisa...”

“Diga.”

“Mais cedo ou mais tarde você vai infringir seus princípios. O submundo faz isso com você. Como diz o ditado, quem dorme com cachorro acorda com pulgas. Você vai pegar pulgas.”

“Eu usaria uma coleira antipulgas.”

“Ah! Não funciona. Você vai dormir com alguém não só por dinheiro ou informação, mas porque parece a coisa que deve ser feita. Como um aperto de mãos. É como descer uma ladeira. E você nem mesmo se sentirá culpado. Nem vai lhe passar pela cabeça que isso não está certo, ou que é uma coisa fora do normal. O trabalho empurra você para isso. Por que não pede para lhe darem outra função? Você tem sorte de já estar casado, afinal. Eu nunca pude me casar.”

“Por que não?”, perguntei, agora surpreso.

“Porque passei tempo demais com pessoas para quem o sexo não significa nada. Para mim também não significa nada. Eu não poderia ser fiel a uma mulher, e não acredito que ela pudesse ser fiel a mim. Monogamia é papo furado. O sexo é como a troca de cartões de Ano-Novo, um ritual. Entendo que para o resto do mundo seja diferente. Para eles, é uma grande coisa. Estou fora de sintonia com o mundo normal, e jamais voltarei a sintonizar com ele. Nunca vou me casar com uma garota normal, porque o abismo nos tralaria. Poderia me casar com uma prostituta, mas ela teria de prometer fazer sexo principalmente comigo. Senão não seria seguro, e eu poderia ter ciúme. Talvez eu pudesse me casar com outra policial que tenha trabalhado na delegacia de costumes. Mas não com uma acompanhante. Elas são sanguessugas.”

“É bem desanimador.”

“Espere e verá. Você vai entender. Mas deixe-me dizer uma coisa que aprendi sobre essa merda de traição e monogamia: nunca admita coisa alguma. Nunca confesse. Se você ama a mulher com quem mais quer ficar, a principal, minta. A confissão só é boa para quem confessa. Faz que você se sinta bem, mas acaba com a vida do outro. É uma coisa egoísta. Não confesse.”

“Não é o tipo de conselho que eu esperaria ouvir de um policial.”

“Só lhe digo isso porque acho que você é uma boa pessoa. Quando você me fala dessas garotas, percebo que se preocupa com elas. Você é como eu, entende essas mulheres. É por isso que lhe conto esse importante segredo de vida. Nunca confesse.”

Jasmine voltou, com os cigarros na mão. Sentou-se no colo do E.T., bebeu champanhe direto do gargalo, acendeu

um cigarro, chupou-o sugestivamente e colocou-o entre os lábios do E.T., segurando-lhe a nuca com a mão esquerda. Virou-se para mim, sorriu e depois olhou por cima de meu ombro. Uma morena magra e alta vestida com um *négligé* de seda preta estava vindo para nossa mesa. Sentou-se delicadamente no meu colo. Pedi uma bebida para ela, enquanto o E.T. se preparava para ir à sala dos fundos para uma dança privativa.

O Policial E.T. trouxe informações quentes. E no espaço de três dias, depois que bati em muitas portas e negociei favores em troca de informações por minha própria conta, tinha descoberto a história da atividade do Pilantra e de Viktor. Grande parte confirmava o que Helena me havia dito. Algumas informações preenchiavam lacunas.

A empresa de fachada do negócio era, como se esperava, a J Enterprise, uma sociedade de responsabilidade limitada, com sede em Roppongi, que não tinha registro nas autoridades japonesas. A empresa pertencia ao Pilantra Imai e era administrada por ele. Viktor era seu sócio. O negócio deles consistia em trazer estrangeiras para a região de Tóquio e instalá-las em boates de sexo e salões de massagem. O Pilantra controlava quatro boates — Club Angel, Den of Delights, Club Divine e Club Codex — na área de Roppongi; abastecia a Den of Delicious em Shibuya e cuidava de um serviço de acompanhantes anexo. Era o rei da carne estrangeira no pedaço, e embolsava o equivalente a 20 mil dólares por mês.

O Pilantra recrutava garotas principalmente em Israel e também na Hungria, na Polônia e em outros países do Leste

Europeu. Punha anúncios à procura de acompanhantes no site [www.jobsinjapan.com](http://www.jobsinjapan.com). Uma garota canadense de 22 anos que respondeu ao anúncio passou por uma agência de recrutamento na Alemanha antes de chegar ao Japão. Em 2003, a empresa se chamava Entertainment Valentina; pode ter mudado de nome. Normalmente prometiam às garotas a soma astronômica de 4 milhões de ienes (40 mil dólares) por mês para trabalhar como acompanhantes de alta classe, jantando com ricos homens de negócios. A empresa pagava a uma agência no país de origem da garota uma tarifa de 3 mil euros para despesas de passagem e alojamento em Tóquio.

Uma vez na cidade, a garota era levada ao apartamento da empresa, que dividiria com outras mulheres. Se até esse momento não tivesse percebido o que se esperava dela, seria prontamente informada. Havia pressão financeira, mentiras, ameaças dissimuladas (e nem tão dissimuladas) de atingir a família dela, além da pura e simples doutrinação.

As garotas trabalhavam em turnos de nove horas nos salões de sexo e ganhavam o equivalente a cem dólares por dia, dos quais eram descontados 75. Com isso, ficavam com 25 dólares por dia, bem distantes dos 40 mil mensais que lhes tinham prometido. Todas tinham visto de turista, que vale por três meses e não permite trabalhar. A vantagem — para o Pilantra e Viktor — era a alta rotatividade de garotas, além da retenção do valor das passagens, sempre supervalorizadas. Muitas garotas deixavam o país devendo dinheiro ao Pilantra.

De Viktor, alto e bonito, dizia-se que tinha se casado com uma japonesa, o que lhe teria dado um sólido respaldo para fazer seus negócios no Japão.

Uma fonte do Ministério da Justiça descobriu uma empresa registrada em nome do Pilantra: a R&D, de importação de automóveis, comércio de roupas, consultoria e agenciamento de seguros, fundada em 1993 e aparentemente inativa. O diretor da empresa, Ko Kobayashi, tivera, em 1989, um conflito com a Lei de Prevenção da Prostituição: foi preso em Shizuoka (território do Goto-gumi) por introduzir garotas de Taiwan no Japão e fazê-las trabalhar como prostitutas. Supostamente, o Pilantra estava no conselho diretor da empresa. Dessa forma, ficava claro que ele tinha atrás de si uma história de tráfico.

O Policial E.T. trouxe notícias bastante desanimadoras: o Pilantra era intocável. Eu já suspeitava disso porque informações dadas por ele tinham proporcionado uma das chaves para a solução do caso Lucie Blackman. Até que o dpmt mudasse seu chefe na jurisdição de Roppongi, o Pilantra estaria livre para fazer o que quisesse. Ele tinha feito uma única boa ação na vida; todo mundo pagava por isso desde então.

Viktor fazia a maior parte do recrutamento na Europa. Cuidava da logística e organizava turismo sexual nas Maldivas, que era o que realmente dava dinheiro.

No começo de dezembro, eu tinha material suficiente para uma reportagem. Mostrei um rascunho para meu supervisor da época, Yamakoshi, também chamado de Steve McQueen. Por que razão ele se considerava o equivalente japonês de Steve McQueen e não de Tom Cruise, por exemplo, para mim é um mistério. Mas ele se mostrou interessado.

No entanto, em vista do sensacionalismo da matéria, ele queria esclarecer umas vinte coisas antes. Encaminhou a matéria a mim e ao sr. Gravatinha, o mais assustador e exigente editor/repórter do Departamento de Notícias Nacionais. No café, Gravatinha me disse em termos claros o que queria. Primeiro, que eu falasse com os corretores/traficantes para ouvir a versão deles da história. Segundo, que eu encontrasse uma “vítima inocente”.

“O que você quer dizer com ‘vítima inocente’?”

“O que é que você acha, panaca? Uma vagabunda que vem ao Japão achando que vai ganhar milhares de dólares por noite e descobre que não vai ganhar tanto dificilmente pode ser vista como vítima de um crime. Quero uma garota que tenha sido ludibriada, uma inocente. Quero uma história triste. Uma piranha mal paga insatisfeita com o emprego não dá matéria.”

“Acho que você não entendeu.”

“Entendi, sim. Conheço esse assunto. Só estou dizendo a você como é. Você quer escrever a matéria, pois escreva uma matéria que faça as pessoas sentirem pena dessas moças inocentes e ódio pelos traficantes. Se não puder fazer isso, não terá uma matéria. Vai gastar seu tempo e o meu.”

Não gostei da atitude dele, mas estava determinado a fazer a reportagem. Na verdade, aquilo estava se tornando uma causa para mim. Então pressionei Helena em busca de ajuda. Ela me contou como eu poderia encontrar uma das mulheres que tinha fugido, Veronika, que tivera a sorte de surrupiar de volta seu passaporte antes de dar no pé.

Veronika era baixinha e magra, e tinha o cabelo louro preso num rabo de cavalo desarrumado. Não parecia estar bem. Uma grossa camada de maquiagem dissimulava mas

não escondia os círculos escuros das olheiras. Usava um casaco de couro branco com gola de pele. A orelha esquerda parecia ter sido esmagada. Tinha 26 anos e era de uma cidadezinha a cinquenta quilômetros de Varsóvia. “Vi um anúncio na internet: ‘Trabalhe como acompanhante no Japão! Qualquer pessoa pode ganhar muito dinheiro em pouco tempo! Estamos contratando moças louras’. Respondi ao anúncio.

“Fui a Varsóvia e conheci Mikel, o representante dessa empresa de talentos. Ele me mostrou fotos de uma boate... um lugar luxuosíssimo... e disse: ‘Você vai ficar aqui, dançando com japoneses, conversando com eles em inglês. Vai ganhar cem dólares americanos por hora. Eu tinha uma filha de seis anos, e pedi a minha mãe que ficasse com ela. Viajei de Varsóvia para Tóquio. Tinham me dado instruções para ir até o hotel ana, e lá conheci Viktor. Ele era da Holanda, muito bonito, e desempenhava o papel de perfeito cavalheiro. Fiquei aliviada.

“Viktor me levou para onde eu deveria ficar. Disse-me que provavelmente eu estava cansada do longo voo e que podia descansar. Estaria bem se eu começasse a trabalhar no dia seguinte. Levou-me ao apartamento que ficava no quarto andar de um prédio em Nishi-Azabu. Lembro-me muito bem do endereço. No apartamento havia uma colombiana e uma canadense. Três pessoas num quarto minúsculo. Comecei a me sentir inquieta. Viktor abriu uma gaveta e me disse que pusesse ali tudo o que eu tivesse de valor, inclusive meu passaporte, porque assim eu não seria roubada. Fiz o que ele mandou.

“No dia seguinte, por volta das cinco da tarde, Viktor e o Pilantra, um japonês, chegaram ao apartamento. Eles nos levaram à Den. Era completamente diferente da foto que

tinham me mostrado na Polônia. Com muita rudeza, Viktor nos disse que trabalharíamos ali. Fiquei maluca, pensei, que diabo é isto? Então, os dois sujeitos nos explicaram o trabalho: prestaríamos serviços sexuais. Faríamos massagens e masturbaríamos os homens. Por sexo oral, ganharíamos 4 mil ienes (quarenta dólares). Tivéssemos ou não clientes, nos descontariam 750 ienes (75 dólares) por dia. Se não pagássemos, acumularíamos uma dívida que um dia teríamos de pagar. A passagem foi a primeira coisa que nos cobraram; disseram que já devíamos 300 mil ienes (3 mil dólares). O apartamento custava 10 mil ienes (cem dólares) por dia. ‘Não sejam moles com isso’, disseram. ‘Se quiserem mais dinheiro, podem dormir com um cliente; podem ganhar 20 mil ienes (duzentos dólares). Vocês têm três meses para ficar no país, se trabalharem poderão pagar todos os empréstimos.’

“Fiquei apavorada. Estava absolutamente enojada, mas nada podia fazer. Saí do bar, mas não conhecia nada em Tóquio, nem mesmo o caminho de volta para o apartamento. Não sei como, me lembrava de alguns lugares, e depois de duas ou três horas consegui voltar ao apartamento. Pensava em pegar meu passaporte e minha passagem e correr de volta para casa. Mas quando cheguei, não havia nada na gaveta. Não podia fazer nada a não ser esperar.

“Quando vi Viktor, a expressão dele era orgulhosa e triunfante. Fiquei zangada. ‘O que é que você está fazendo? Devolva meu passaporte! Devolva minha passagem de volta! Você é um ladrão, e se não me devolver tudo vou chamar a polícia.’ Imperturbável, ele me disse: ‘Nós é que compramos a passagem... ela é nossa, e não sua. Não estou roubando coisa alguma, sua piranha ingrata. Vá à polícia.

Você tem passaporte? Vai ser presa por ser uma estrangeira ilegal. A polícia daqui é pior do que os cães do inferno. Por favor, vá à polícia, sem falta. Será deportada, mas sua dívida conosco não vai desaparecer. Muito pelo contrário. Vamos cobrar uma compensação. Sei onde sua família mora, e meus amigos também sabem’.

“Minha filha tinha ficado com minha mãe. O homem que me apresentou a tudo aquilo sabia onde elas moravam. Com a ameaça que fez Viktor, fiquei com muito medo. Pensei que poderiam agredir minha família. Achei que, se fugisse, minha filha seria morta... e minha mãe também. Se pudesse fazer o tempo voltar atrás, teria ido a minha embaixada. Mas temia que de alguma forma Viktor pudesse me impedir de fazer isso também. Achei que ele poderia ter amigos na embaixada. Deus, como fui burra!

“Eu não tinha onde dormir, não tinha dinheiro e nenhum lugar para ir. Só restava o ‘trabalho’. Era a primeira vez que eu fazia uma coisa dessas. Eles tinham explicado que uma massagem custava mil ienes (dez dólares). Eu odiava fazer isso, mas fiz. Tocar os homens era só o começo, os clientes sempre pediam sexo oral. Eu ganhava mais dinheiro com isso. Na primeira semana só fiz massagens, mas Viktor e o Pilantra estavam exigindo 10 mil ienes (cem dólares) por dia pelo apartamento. Então tentei fazer sexo oral, mas não conseguia fazer isso com alguém que eu não conhecia. Comecei a me sentir violentamente asfixiada. Comecei a me odiar. Um dia, me pus a chorar e fui implorar ao gerente do bar. Ele disse que não fazia ideia de que tinham tomado meu passaporte. Não sei o que ele disse a Viktor, mas trouxe meu passaporte de volta. O gerente disse que eu poderia procurar trabalho em outro lugar. Deixou-me usar o telefone, liguei para minha mãe e minha filha e lhes disse

que fossem para um lugar seguro. Elas falaram que Viktor tinha ligado para lá. Eu queria ir direto para casa, mas não podia. Não tinha dinheiro.

“Procurei trabalho em outra boate de acompanhantes, mas isso chegou quase imediatamente ao conhecimento de Viktor. Ele veio à boate e disse: ‘Você não pode trabalhar em Roppongi. Sou responsável por você. Ninguém vai dar trabalho a uma puta ingrata como você’. O Pilantra estava com ele.

“Não tinha vindo ao Japão para ser prostituta. O que me prometeram foi um trabalho como acompanhante. O gerente da boate tinha me dado minha passagem e meu passaporte, então no dia seguinte decidi que ia embora. Falei com algumas mulheres na mesma situação, e planejamos ir à polícia, mas todas estavam com tanto medo que acabamos não indo. Elas diziam coisas como ‘Eles vão nos prender’ ou ‘Podemos não pagar o empréstimo agora, mas se formos à polícia precisaremos de um advogado’ e ‘As prisões japonesas são horríveis’.

“Viktor não tem perdão. Nem o Pilantra. O inferno é bom demais para eles.

“Eles organizam também turismo sexual, você sabe, para homens de negócios. Têm um grande barco nas Maldivas, e as garotas são as acompanhantes. Os homens podem dormir com uma diferente toda noite, se quiserem... Uma outra polonesa me contou que tinha trabalhado num desses tours. Tinham prometido a ela 200 mil ienes (2 mil dólares) por cinco dias, mas Viktor continuou recolhendo o dinheiro do ‘aluguel’ e acabou lhe pagando a metade do que devia. ‘Foi como umas férias para você’, disse a ela. ‘Não acho que 100 mil ienes seja muito para pagar umas férias.’

“Não consigo entender isso. Por que a polícia japonesa permite? Sabe que isso acontece, mas acha que todas as mulheres que vêm ao Japão são prostitutas. Pensei ir à polícia quando voltar para casa, mas estou preocupada com minha família.

“Uma russa, Karina, foi a um desses tours em que eu estava, em novembro. Ela era geniosa, sempre brigava com clientes. Uma noite, desapareceu. Viktor nos disse que ela simulou uma dor de estômago, foi levada ao hospital da ilha e fugiu. Ninguém acreditou nele. Eu a tinha visto saindo, na ponta dos pés, do quarto onde estava passando a noite, e não parecia que estivesse fugindo. Como ela não voltava, procurei-a no quarto em que estava. Nem sinal dela, mas havia sangue na cama e tudo indicava que alguém tinha tentado limpá-lo. Dava para sentir o cheiro de detergente. Fiquei assustadíssima. Não podia perguntar nada a ninguém. Perguntar é perigoso. Nem podia dizer nada às outras mulheres. Havia um sujeito a bordo que era da máfia japonesa. No dia seguinte ao desaparecimento de Karina, ele tinha um corte profundo no rosto. Ela pode ter resistido, e ele a matou. É o que penso. Pode ter sido uma coincidência. É o que prefiro pensar.

“No final, deram-me um dinheiro extra. Acho que era um cala-boca. Provavelmente, depois que todos foram embora, eles só queriam esquecer a horrível experiência.

“De nada adianta reclamar com a polícia japonesa. Mesmo que eu conte tudo à polícia da Polônia, eles só vão me chamar de puta.

“Nunca mais quero ficar com um homem. Nem quero ficar com ninguém. É assim que me sinto. Sou... nojenta. Não sou sequer uma mulher. Não sou nada.”

Veronika falou durante muito tempo. Tomei notas enquanto isso. O que ela tinha a dizer não diferia muito do que eu já ouvira. Motivos diferentes para vir ao Japão, detalhes diversos, mas fundamentalmente a mesma história de horror.

Quis ir atrás de Viktor, mas precisava conseguir o telefone dele.

Para isso, passei uma noite na Dispario pagando bebidas para Kiki, a israelense mais doida que conheci na vida. Era tão bronzeada que parecia um biscoito de chocolate, e o penteado era um autêntico afro. Era ex-namorada de Viktor.

Tentei seduzi-la para que me desse o telefone de Viktor, mas ou tinha sido alertada sobre isso ou era naturalmente precavida. Talvez as duas coisas. Eu não chegaria a lugar nenhum e estava ficando sem dinheiro. Duas horas e 20 mil ienes (duzentos dólares) mais tarde, Kiki já estava no maior porre mas nada de falar. Ou melhor, falava, mas não o que eu queria ouvir. Mal podia se manter sentada. Segurei-a no assento e me pus a massagear seus ombros.

“Você é bom de massagem! Onde aprendeu isso?”

“Escola de Massagem Sueca. Turma de 85.”

Ela riu. “Mentiroso! Não pare.”

Massageei o pescoço dela, passei para as mãos durante mais alguns minutos e então tentei encerrar a coisa. “Kiki, tenho de ir para casa”, disse.

Ela pôs a cabeça no meu colo e olhou para mim. “Não vá.”

“Tenho de escrever uns relatórios. Se você me ligar depois do trabalho, virei te ver e te darei uma massagem de

corpo inteiro. Estou falando sério.”

Ela ergueu as sobrancelhas. “De corpo inteiro? Está bem, topo.”

Às três da manhã ela ligou, embriagadíssima, exigindo a massagem. Voltei ao Dispario e fomos caminhando para um motel. Assim que entramos no quarto, ela tirou a roupa, saltou para a cama, suspirou e disse: “Estou tão cansada! Faça uma massagem em mim!”.

Foi o que fiz. Durante uns vinte minutos, o suficiente para deixá-la relaxada, mas não a ponto de pegar no sono. Não se espera que uma boa massagem acabe em excitação sexual, mas eu não estava lhe dando uma boa massagem. Queria excitá-la. E funcionou. Ela se virou e agarrou os seios. “Você me faz tão bem, pode me comer.”

“Não posso. Estou com a cabeça cheia de coisas.”

“Como o quê?”

“O telefone de Viktor.”

“Você quer a porra do telefone? Para que quer a porra do telefone?”

“Ele me deve dinheiro.”

Ao que parece, isso fazia sentido para ela. Fez uma careta e cuspiu o número. Anotei-o sem demora

“Agora você pode me comer”, disse ela.

“Não estou lhe cobrando pela massagem, mas terei de cobrar pelo final feliz.”

Ela se sentou e me fitou. “O quê?”

“Eu disse que não vou te foder, mas posso te fazer gozar. Mas isso não está incluído na massagem normal. Terei de cobrar.”

Ao ouvir isso ela riu, depois alcançou o vestido jogado numa cadeira, tirou dele um maço de notas de 10 mil ienes e atirou-o em minha direção.

“Aí está seu dinheiro, garoto ganancioso. Agora me faça gozar. Quero gozar.”

Tenho dedos longos, uma dádiva da natureza. Usei-os para provocar-lhe um orgasmo. Depois disso ela apagou. Acomodei-a na cama, dobrei sua roupa e recolhi o dinheiro. Eu podia ter considerado a possibilidade de fazer sexo com ela em outras circunstâncias. Se não tivesse conseguido o telefone e achasse que isso me daria acesso a ele, teria feito. Pensei nisso por um segundo e fiquei um pouco surpreso. Eu provavelmente teria me sentido culpado, mas mesmo assim teria feito.

Seja como for, tinha conseguido o que queria e fiquei feliz. Decidi voltar para casa e ver Beni e Sunao antes de ir trabalhar. Talvez pudéssemos tomar juntos o café da manhã. Peguei um táxi e disse ao motorista que me levasse para casa. Bom, pensei ter dito a ele que me levasse para casa, mas na verdade eu tinha dado o endereço da sede do dpmt. Foi só quando saltei na frente do prédio que me toquei — lugar errado —, e nessa hora já não tive vontade de pegar o táxi de volta.

Aquilo parecia minha casa mais do que minha própria casa naqueles tempos. Pelo menos eu sabia que não ia acordar ninguém. Subi de elevador para a sala de imprensa, peguei roupas no armário, tomei uma ducha e desabei no quarto do tatame nos fundos da sala. Estava quase feliz por ter me enganado.

Eu tinha o telefone do Pilantra desde a reportagem sobre Lucie Blackman. Mas antes de vê-lo, queria que ele cavasse a própria sepultura. Pedi a uma das garotas do

Dispario que ligasse para ele. A transcrição da fita é a seguinte:

“Olá! É o Pilantra quem fala?”

“Pilantra falando.”

“Meu nome é Cindy Semenara. Estou procurando emprego como acompanhante, e uma amiga me disse que você era a pessoa certa para eu falar.”

“Se quer uma entrevista, venha. De onde você é?”

“Do Canadá.”

“O.k.”

“Onde posso marcar uma entrevista com você?”

“Onde você está?”

“Em Roppongi. Que tipo de emprego você tem a oferecer?”

“Eu também estou em Roppongi. Pode ser às sete ou às oito?”

“Não sei direito que tipo de emprego vocês têm.”

“Que tal uma boate, ou algo assim? Uma casa noturna.”

“Bom, eu estava pensando num emprego como acompanhante.”

“Claro, claro. Acompanhante, é claro. Talvez possa trabalhar no bar. Se quer uma entrevista, venha.”

“Gostaria de saber que tipo de boate é.”

“Boate para cavalheiros. Minha boate. Nenhum problema. Muito perto. Minha boate funciona há onze anos. É bem bacana. Como conseguiu meu telefone?”

“Minha amiga Anna já trabalhou em sua boate, ou pode ter sido outra boate. Ela me disse que ligasse também para Viktor. Mas não tenho visto de trabalho, só de turista. Serve?”

“Sem problema. Eu cuido de tudo. Problema nenhum.”

“Tenho experiência como acompanhante no Canadá.”

“Tenho esse emprego também.”

“É isso que estou procurando.”

“Onde você está agora?”

“Perto do hotel ana.”

“Conhece o Almond Café? Sabe ir até lá?”

“Ouvi algo também sobre trabalho num cruzeiro nas Maldivas. Não me desagradaria um trabalho assim.”

“Vamos nos encontrar e discutimos isso. Daqui a uma hora está bem?”

“De quanto é o salário? Quanto me pagarão?”

“Para qual trabalho?”

“Como acompanhante, por exemplo?”

“Se você for boa, acho que 1,5 milhão de ienes (15 mil dólares) por mês.”

“Tem também sexo manual, ou sexo oral, ou...”

“Tudo, qualquer coisa.”

“Vou receber o salário integral? Ou você cobra uma comissão?”

“Falaremos disso mais tarde.”

“Eu só queria ter uma ideia.”

“Se você for realmente excelente, pode ganhar de 2 a 3 milhões de ienes (20 mil a 30 mil dólares) por mês. Isso é possível.”

“Você oferece moradia?”

“Tenho um produto novo em lançamento. Um novo bar.”

“Pode me dar moradia? Estou morando num lugar muito pequeno.”

“Temos alojamento. Vamos lhe dar moradia.”

“Posso conseguir um visto de trabalho temporário?”

“Acho que não.”

“Até aqui parece bem bom. Posso mesmo trabalhar com visto de turista?”

“Sem problema, sem problema.”

“A prostituição é legal aqui?”

“[Risos] Não quero falar pelo telefone. Vamos nos encontrar e conversar. Quando você chegar ao Almond Café, me ligue que eu vou para lá. Daqui a uma hora.”

Até certo ponto, minha cara já era conhecida em Roppongi. O Pilantra dificilmente se lembraria de mim, mas por via das dúvidas dei a fita ao Parceirinho, um repórter novato, e lhe pedi que entrevistasse o Pilantra para a matéria. Achei que o Parceirinho não correria perigo. Não me importo de correr eu mesmo o risco, mas achei que essa era a melhor estratégia. Mas o Parceirinho não tinha pique. O que ele me trouxe era mais que insuficiente. Mandei a discução ao diabo e fui com o Parceirinho a outra entrevista com o Pilantra. Nos encontramos no Club Katy: interior em estilo art déco, mesas de granito preto, vista para a Torre de Tóquio. Desde a ocasião em que conversara com o

Parceirinho, o Pilantra tinha reconsiderado sua história, dando-lhe um polimento. Ele era bem sedutor, tinha um jeito afável. Eu esperava o demônio encarnado; em vez disso, encontrei Goebbels redivivo.

“Viktor só pega os passaportes delas para fazê-las cumprir suas promessas”, começou ele.

O inglês dele era meio capenga, mas dava para entender o quadro. Então, passando para o japonês, ele admitiu ter retido um passaporte por alguns dias, uma ou duas vezes, depois de tê-lo recebido de Viktor, pessoa que, segundo disse, conhecia havia oito anos. “Todas as garotas foram informadas desde o início que trabalhariam num salão de sexo quando chegassem ao Japão. No caso de Veronika,<sup>20</sup> foram essas as condições expostas a ela, mas ela se negou a trabalhar como tinha prometido. Ela nunca foi enganada.”

Sim, ele e seu grupo recrutavam garotas pela internet, por meio do site [www.jobsinjapan.com](http://www.jobsinjapan.com), e elas eram enviadas ao Japão por uma rede clandestina. “Tive um agente na Alemanha que me pediu que encontrasse trabalho para mulheres que quisessem trabalhar como prostitutas”, disse ele com naturalidade.

Ele não ficou na defensiva em momento algum. Falava comigo, mas não se dirigia a mim. Estava querendo convencer o Parceirinho, seu conterrâneo, de que era apenas um homem de negócios incompreendido, que toda a situação tinha sido mal interpretada. “A versão de Viktor para esses fatos é completamente diferente”, interpus, faltando um pouco à verdade. “Ele diz que você é o linhadura. Que é você quem mente para as garotas e toma o dinheiro delas. Ligue para ele, se não acredita... aqui está o

telefone dele.” Passei-lhe meu telefone celular, com o número de Viktor no visor.

Isso o tirou do sério. Praguejou baixinho. Puxou o rabo de cavalo e inflou as narinas. “Viktor é um mentiroso filho da puta”, disse afinal, num inglês com sotaque britânico, apertando os dentes.

Tinha decidido falar. Quando acabou, tínhamos material suficiente para o artigo. Conseguimos que admitisse roubo de passaportes, coação ocasional, proxenetismo com estrangeiras e transgressão das leis japonesas.

A matéria saiu na edição matutina de 8 de fevereiro de 2004. A repercussão interna no *Yomiuri* foi boa, e fiquei bem animado. Ingenuamente esperei que alguma coisa acontecesse — talvez até mesmo justiça.

Mas que diabos eu estava pensando? Será que acreditei mesmo que o dpmt se lançaria sobre o Pilantra e Viktor, fecharia os negócios deles e libertaria as mulheres?

O Magrão, investigador que já chegava à idade de se aposentar e era responsável pela recém-formada Divisão 1 de Combate ao Crime Organizado, que lidava principalmente com esquemas de casamentos e imigração ilegais, me telefonou. Tinha lido a matéria e queria falar comigo. Alvoroadíssimo, reuni meu material, meus dados, minhas anotações, meus números telefônicos, e cheguei ao escritório do Magrão às dez da manhã.

Ele foi muito cordial. “Bom trabalho, Jake. Uma reportagem muito interessante.”

“Obrigado”, respondi, satisfeito comigo mesmo. “E aí, vocês vão atrás desses canalhas?”

“Bem que eu gostaria. Acha que poderia fazer que uma das mulheres se apresentasse para falar comigo?”

“Acho que sim. Mas vocês vão protegê-la, não vão?”

“Não. Sinto muito, mas vamos ter de prendê-la, por trabalhar ilegalmente com visto de turista, e deportá-la. Mas com o depoimento dela podemos pôr os dois caras em cana por transgressão das leis de imigração e talvez por outras infrações. Assim poderemos acabar com o negócio deles.”

Eu não estava gostando nada daquilo. “Por que você vai ter de prender a mulher? Quem se apresentaria só para ir para a cadeia?”

“Bom, é a lei. Temos de cumprir a lei.”

Revirei meus papéis e encontrei uma norma de procedimento da Agência Nacional de Polícia. “Olhe”, disse eu, “aqui diz que toda a polícia do Japão se empenhará em combater o tráfico de pessoas e cuidará das vítimas dos criminosos.”

Ele bufou. “Jake, isso é puro blá-blá-blá da anp. Nada a ver com a realidade. Não há como passar por cima do fato de que alguém está aqui trabalhando ilegalmente e dar-lhe proteção, ainda que seja vítima. Não existe um protocolo para identificar vítimas de tráfico de pessoas. Por isso é impossível reunir provas contra os traficantes. As vítimas são enquadradas em trabalho ilegal e repatriadas à força. Não há testemunhos, portanto não se pode instaurar inquérito. Se deixarmos de prender uma das mulheres obrigadas a trabalhar para essa gente, estaríamos incorrendo em negligência.”

Eu poderia salvar um bando de mulheres da exploração, mas teria de delatar minhas fontes, inclusive Helena. Teria de sacrificá-las. Eu não poderia fazer isso. Zangado e triste,

dei-lhe os telefones de Viktor e do Pilantra e juntei minhas coisas, pronto para me mandar.

O Magrão inclinou-se para a frente e disse baixinho: “Compreendo que você ache essas coisas repulsivas. Eu também acho. É como escravidão. No entanto, como se trata de prostituição, não se enquadra em nossa jurisdição. Só posso tratar disso em termos de imigração ilegal ou violação das leis trabalhistas para estrangeiros, dependendo do tipo de visto que as mulheres tenham. O tráfico de pessoas cai numa zona limítrofe. Sugiro que você procure o chefe de costumes”.

Fui ver o chefe da divisão de costumes. Na mesa dele havia uma cópia de minha matéria. Era um sujeito baixinho, de cabelos crespos, óculos de lentes quadradas sem aros e um vozeirão tonitruante. Eu sempre pensava nele como Cachinhos.

“Adelstein, bom trabalho. Você devia ser policial.”

“Obrigado. Que pensa fazer? Vai pôr esses caras em cana?”

Ele aspirou entre os dentes, produzindo o chiado característico que os japoneses mais velhos fazem quando se deparam com uma pergunta embaraçosa que não querem responder. “Esse parece um problema mais para imigração. Falou com a Divisão 1 de Combate ao Crime Organizado?”

“Disseram que é prostituição, é com você.”

“É mesmo?”

“É.”

Cachinhos pegou meu artigo e deu uma olhada.

“Jake, na divisão de costumes nós cobrimos uma porção de áreas. Drogas, armas, *pachinko*, licenciamento de lojas de sexo autorizadas, repressão das não autorizadas, coisas assim. É claro que, com ou sem coação, temos aqui um negócio de prostituição. Algumas das garotas são adolescentes?”

“Não que eu saiba.”

“Muito bem, isso impede que a divisão de proteção a menores se incumba do caso. Perguntei só por perguntar.”

“O que você quer dizer?”

“Bom, me diga o que você sabe e podemos tentar tratar o caso como transgressão das leis de prostituição, mas isso leva tempo, e as penas previstas são ínfimas, no caso de conseguirmos uma condenação.”

“Está bem.”

“E há outra coisa... As prostitutas... São todas estrangeiras, certo?”

“Sim.”

“Bom, não temos muitos funcionários que dominem línguas estrangeiras. Isso significa que teremos de pedir apoio à Unidade de Crime Internacional da Divisão de Investigação Criminal. E, sinceramente, eles não estão loucos para ajudar a prender acusados de prostituição de pouca importância.”

“Então você quer dizer que não pode fazer nada.”

“Não, estou dizendo que vai levar muito tempo. Do ponto de vista logístico. Há questões orçamentárias. Questões de pessoal. Questões de língua.”

“Bom, vou lhe passar o que tenho.”

“Vou aceitar. É possível que não consiga fazer nada com isso.”

“Estão cometendo uma atividade criminosa clara.”

“Estão cometendo atividades criminosas claras em toda porra de lugar. Temos recursos humanos para efetuar algumas prisões e manter o pessoal na linha. Vamos fazer isso. Não é fácil para nós lidar com esse caso.”

E a coisa ficou por isso mesmo.

Pela primeira vez fiquei muito decepcionado com os policiais. Sei que eles só podem fazer cumprir as leis que existem, mas de qualquer modo eu queria que fizessem alguma coisa.

Viktor continuou trazendo mulheres. O Pilantra continuou ganhando dinheiro. Algumas boates suspenderam seus serviços depois da publicação da matéria. Algumas pessoas se afastaram das excursões às Maldivas, mas nada mudou de verdade. Helena não ficou nada satisfeita comigo. Eu não estava satisfeito comigo. Fiquei tão maluco e frustrado que juntei o material que tinha e entreguei tudo ao contato do Departamento de Estado na embaixada americana. Imaginei que pelo menos poderia servir de subsídio para o relatório anual sobre tráfico de pessoas.

Certifiquei-me de que o artigo fosse corretamente traduzido para o inglês e fiquei bem contente ao saber que se espalhou rapidamente pela internet. Ouvi dizer que Viktor começou a ter problemas para recrutar mulheres.

Adorei quando, em junho daquele ano, o Departamento de Estado dos Estados Unidos pôs o Japão numa lista de observação de países que davam pouca importância ao tratamento de problemas ligados ao tráfico de pessoas. Em termos de disposição para agir, o Japão foi classificado pouco acima da Coreia do Norte. Para os japoneses, isso foi como um sinal de alarme. Nunca subestime o poder da humilhação nacional para fazer que o governo japonês levante a bunda da cadeira e se ponha a trabalhar.

Senti-me recompensado também em outro sentido: quando a embaixada americana promoveu um simpósio sobre o tráfico de pessoas na Universidade das Nações Unidas naquele mesmo mês, fui convidado a participar do painel. Não como jornalista, mas como debatedor. Senti-me honrado.

Nessa conferência, o representante da Agência Nacional de Polícia fez um discurso em que destacava as surpreendentes ações do Japão no combate ao tráfico de pessoas. Sem poder resistir, ergui a mão na fase de perguntas e respostas e dei início a minha diatribe. Relatei minha experiência com o Departamento da Polícia Metropolitana de Tóquio e, usando como exemplo as mesmas barreiras que tinham lançado na minha cara, passei a explicar por que a norma de procedimento da anp era uma peça inútil de autoconveniência. As perguntas que vieram depois das minhas foram um pouquinho menos ferozes.

Na manhã seguinte, meu artigo sobre a conferência saiu com a manchete “Japão: um império do tráfico de pessoas? Americano quer que o Japão criminalize o tráfico de pessoas”. Normalmente, como se sabe, os repórteres não têm o direito de escolher o título de suas matérias, mas tomei todo o cuidado para que aquele saísse como eu queria. Só tive de comprar uma garrafa de saquê de 8 mil ienes para os rapazes da diagramação.

Naquele dia, quando cheguei à conferência, um trio de burocratas japoneses enfurecidos estava à minha espera. Um deles era da anp, outro do Ministério da Justiça e a terceira, do Ministério das Relações Exteriores. A representante das Relações Exteriores, uma mulher, obviamente tinha sido escolhida para fazer as honras do trio

porque falava inglês. Com os outros atrás dela, sacudiu o jornal no meu nariz. “Este título é indesculpável”, disse ela, confundindo-se e se dirigindo a mim em japonês.

Peguei o jornal das mãos dela e analisei o título. “Tem razão”, eu disse. “Este título deveria ser corrigido. O ponto de interrogação depois de ‘Japão: um império do tráfico de pessoas’ deveria ser uma exclamação. E a parte sobre o americano é irrelevante. O título completo deveria ser ‘Japão: um império do tráfico de pessoas! Tanto quanto a Coreia do Norte?’.”

Eu estava nas nuvens. Tinha encontrado uma causa, embora árdua, pela qual lutar. Há certa euforia e certo poder no fato de estar numa cruzada. A ira santa é capaz de mobilizar de verdade. Já fiz coisas das quais não me orgulho, mas comparado aos comerciantes de carne humana sobre os quais estava escrevendo, eu era o Dalai Lama, pelo menos na minha cabeça.

E eu estava com raiva. Estava com raiva porque, embora o tráfico de pessoas estivesse em alta no país naquela época, a polícia japonesa e o governo japonês não se importavam com isso, nem queriam lidar com a situação. Na verdade, não posso pôr a culpa toda na polícia. Leis são leis, e sem nenhuma regulamentação escrita sobre o tráfico de pessoas, o que eles poderiam fazer? O problema não começava com os policiais, e sim acima deles.

Passei a raciocinar como um bom policial, caçador de *yakuzas*, investigando um assassinato no submundo. Quem se importa com o pistoleiro? Ele está apenas cumprindo ordens. Se você quer ser conseqüente, prenda o mandante do crime. Decidi incomodar o governo japonês o quanto pudesse.

O crime nesse caso era de omissão e aprovação tácita da exploração de estrangeiras. Eu precisava de provas. Tinha algo em mente. A Organização Internacional do Trabalho (oit), das Nações Unidas, havia feito um estudo financiado pelo governo japonês sobre a situação do tráfico de pessoas no Japão. O relatório foi incisivo: o Japão não conseguira punir traficantes de pessoas e proteger as vítimas. O governo japonês ordenou à oit que mantivesse o relatório debaixo dos panos. Jamais deveria ser publicado.

Mas eu sabia que o relatório existia, e através de certos canais consegui uma cópia. Foi a matéria de primeira página do *Yomiuri* de 19 de fevereiro de 2004. Tive de lutar para conseguir um espaço decente, mas valeu a pena. No dia seguinte saiu uma suíte. Minha fonte me disse que o governo estava preparando o anúncio de um plano de ação contra o tráfico de pessoas e que meu artigo tinha desencadeado uma drástica revisão das medidas de proteção às vítimas. Senti-me como um repórter que finalmente houvesse contribuído com algo que fazia alguma diferença, por pequena que fosse.

Não desisti de derrubar Viktor e o Pilantra. Finalmente, os dois foram para a cadeia. A divisão de entorpecentes se interessou pelo Pilantra, revistou as boates dele e o pôs fora de combate. Alguém deu a funcionários da alfândega japonesa e da polícia holandesa informações sobre as atividades de Viktor suficientes para que ele acabasse atrás das grades. Pelo visto, também deram o nome dele a *yakuzas* locais, que lhe aplicaram uma surra por invadir terreno alheio.

Eu tinha feito algo de bom. Não, preciso reformular essa frase. Helena e eu tínhamos feito algo de bom. Ela tivera a coragem de me procurar, e trabalhou muito mais do que eu

mesmo na primeira matéria. Para lhe fazer justiça, seu nome deveria ter aparecido também.

No final, as excursões sexuais às Maldivas acabaram. As boates do Pilantra sofreram batidas e foram fechadas. Fez-se justiça, de certa forma.

Alguma coisa aconteceu comigo enquanto trabalhava nas reportagens sobre tráfico de pessoas. Eu não saberia dizer como ou quando aconteceu. Eu não conseguia falar com as vítimas e ao mesmo tempo manter um distanciamento. As histórias delas mexeram com a minha cabeça. Algumas imagens martelavam meu cérebro. O filho de seis anos, franzino e desdentado, de uma trabalhadora sexual tailandesa. Ela não fora autorizada a proporcionar tratamento dentário para o menino porque os traficantes não queriam que as autoridades descobrissem que ambos estavam ilegalmente no Japão.

A coreana brutalmente espancada por um cliente, que apagou cigarros nos seios dela. O homem que fez isso, provavelmente um *yakuza* de baixa estirpe, também lhe transmitiu aids e a engravidou. Ela se achava amaldiçoada por Deus. Achei difícil discordar.

Houve a estoniana que foi sodomizada com uma garrafa de saquê por ter cuspidado num cliente, e de modo tão brutal que precisou ser operada. E havia mais.

Em quase todos os casos, as mulheres nunca ficaram sabendo quem eram seus algozes, onde aquilo tinha acontecido, nem os nomes de japoneses envolvidos. Tinham lembrança de seus sofrimentos, mas raramente algo de utilidade que pudesse resultar na descoberta dos

responsáveis. Era como combater *yurei* (fantasmas e assombrações). Na maior parte das vezes, as mulheres eram deportadas por violação do visto de turista assim que os donos da boate de sexo eram presos, o que não deixava provas para a investigação de outros crimes. Tentei convencer os policiais a prender os traficantes por sequestro, estupro, agressão e outros crimes, mas eles me diziam: “Para fazer isso precisamos de provas, e essas mulheres não são boas testemunhas, porque não entendem japonês e não podem dar um depoimento consistente. Além disso, estiveram trabalhando ilegalmente no Japão, o que é crime, e têm de ser deportadas. Depois que são deportadas, é difícil instaurar um inquérito”.

Era como um mantra zen-budista. Continuei tendo a mesma conversa com as autoridades. Sabia que, se as leis mudassem, as coisas mudariam, mas não havia sinal de que isso pudesse acontecer.

Cultivei várias fontes para poder conversar com as vítimas, mas infelizmente nunca pude descobrir muita coisa sobre os algozes. Eu não tinha recursos ou dinheiro para isso. Comecei a gastar dinheiro de meu salário para ajudar mulheres que eu conhecia. Às vezes, isso significava levá-las a algum lugar onde pudessem fazer um aborto ilegal.

Eu não tinha opinião formada a respeito de aborto, mas estava convicto de que nenhuma mulher deve ser obrigada a ter um filho do homem que a estuprou ou que comprou seus serviços contra a vontade dela. Às vezes eu pagava uma passagem aérea. Fazia o que podia. E, naturalmente, eu estava quebrando todas as regras da objetividade. *Não se envolva*. Eu me envolvi.

Com o tempo, perdi o interesse pelo sexo. Parecia-me uma coisa vulgar, repugnante e animalesca. Tudo o que se

relacionava com sexo parecia levemente desagradável. Eu não estava impotente, só não estava interessado. A fadiga crônica também não ajudava. Eu deveria ter falado disso com minha mulher, mas não o fiz. Quando falaria? Eu nunca estava em casa. Telefonava para casa de noite para dar boa-noite às crianças. Resolvia mandar um e-mail para ela durante o dia, mas muitas vezes esquecia. Eu estava ficando distante. E via isso acontecendo como se estivesse observando outra pessoa. Eu deveria ter explicado isso a ela, mas eu não queria. Ela não parecia interessada em meu trabalho, e parei de falar sobre ele. Discutimos. Ela me acusava de gastar dinheiro demais com bebidas, e eu não queria dizer que estava dando dinheiro a mulheres que ela não conhecia. Por quê? Tinha medo de que ela me mandasse parar com aquilo. Talvez ela não tivesse feito isso. Provavelmente teria sido compreensiva. Mas não lhe dei uma chance.

Quando mentir faz parte de seu trabalho, você esquece como deveria funcionar o amor.

Comecei indo dormir no quarto dos fundos sempre que chegava tarde em casa. As crianças dormiam no nosso quarto, o que também dificultava a intimidade. Não tínhamos um quarto de verdade, apenas um aposento com tatame onde estendíamos nossos futons.

Mesmo quando eu chegava cedo, o que era raro, começava a inventar desculpas para dormir no quarto dos fundos. Lá eu me sentia melhor. Já não gostava de ser tocado quando dormia.

Eu sabia que estava prestes a sofrer um esgotamento nervoso. Quando meus pais telefonavam, percebiam que eu estava sempre distraído. Comecei a pensar em largar tudo e ir embora para casa. Decidi que seria uma boa coisa, a

melhor coisa a fazer. A melhor escolha para mim, para meu casamento e para meus filhos.

19 Era o mesmo Pilantra que eu conhecera quando cobria o assassinato de Lucie Blackman.

20 Antes de ir falar com o Pilantra, certifiquei-me de que Veronika tinha deixado o país e que estava em segurança.

# Dez mil e um cigarros

Às vezes me surpreendo com a frequência com que me vejo de volta a um ponto de partida.

“Aqui está uma caixa do melhor fumo que o dinheiro pode comprar”, disse eu, quando Sekiguchi abriu a porta, levantando a sacola da loja duty-free. Ele ficou surpreso de me ver — afinal, eu nem deveria estar no Japão. Mas ele não pareceu muito preocupado. Apareci em sua casa sem aviso por volta das cinco de uma tarde de janeiro de 2006; ele estava sozinho em casa, e numa hora decente, o que era raro.

Ele teve uma espécie de reação retardada e depois gritou: “Jake! Feliz ano novo!”.

“Feliz ano novo! Este ano quis trazer pessoalmente meu cartão de Ano-Novo.” Entreguei-lhe o cartão. Lá estávamos todos nós, em fotos engraçadas de Beni e Ray, meu filho. Sunao e eu também parecíamos tranquilos na foto. Escrevemos nossos votos em japonês e em inglês. Tinha sido provavelmente a primeira vez em muitos anos que pude me sentar e escrever direito um cartão.

Sekiguchi achou graça em nossa falsa casa japonesa sextavada que aparecia nas fotos. “Obrigado pelo cartão, mas você já ouviu falar em selos? Ou isso é uma coisa que vocês, bárbaros do Meio-Oeste americano, ainda não

conhecem? Venha, entre. A mulher e as crianças saíram para fazer compras, em uma hora estarão de volta.”

Tirei os sapatos na entrada, deixei-os voltados para a porta e entrei, dizendo a frase obrigatória: “*Ojama shimasu*” (Tenho agora a honra de incomodá-lo).

Enquanto eu pendurava o guarda-chuva na chapeleira, ele olhou para meus pés.

“Hoje suas meias não são do mesmo par. Suponho que Sunao e as crianças já voltaram para os Estados Unidos, certo?”

Ri. Como sempre, as técnicas detetivescas dele estavam afiadas. Agradeceu o pacote de cigarros. Não eram da marca que ele fumava, mas sim Premium Mild Sevens — edição limitada, ou coisa que o valha. Pegou um cinzeiro limpíssimo.

Tirou um maço do pacote, olhou longamente para ele, deu de ombros e abriu-o. Procurei meu maço, os cigarros de cravo. Ele acendeu o meu e eu acendi o dele. Sekiguchi fez uma careta ao sentir o cheiro de cravo. “Essas coisas sempre cheiram a incenso. Você sabe... Ainda não morri.” Ele aspirou profundamente seu próprio pito.

“O que significa isso?”

“Você já não foi monge? Incenso é bom para enterros. Você não devia fumá-lo agora. Mas depois poderá acender um para mim. Não é preciso ter pressa. Logo você vai ter a oportunidade.”

“É tão grave assim?”

“Ah, é. Estou em casa porque ontem fiz a química. Sentia-me muito mal para trabalhar. Mas vou quase todos os dias. O que mais posso fazer? Jogar golfe? Os médicos dizem que me resta um ano, talvez dois.”

O câncer de Sekiguchi tinha se espalhado. Começou no apêndice e fez metástases rapidamente. Houve um período em que ele parecia curado, mas o câncer estava lá, inabordável e indetectável. Quando foi descoberto pela segunda vez, era tarde demais.

Se Sekiguchi fosse Tadamasa Goto, o poderoso gângster, estaria recebendo o melhor tratamento médico do mundo. Muitos médicos estariam analisando seus exames, checando seus sinais vitais e mapeando seus progressos todos os dias, todas as noites. Ele teria uma suíte só para si no Hospital da Universidade de Tóquio. Mas ele não era Tadamasa Goto, era apenas um policial de baixo escalão que nunca passara de sargento, e não tinha muito dinheiro.

Ele não podia se dar ao luxo de ficar em casa para se tratar. Tinha de trabalhar todos os dias. O preço de não morrer era alto, mesmo no Japão.

“Você sabe, acabei parando de fumar. Um pouco tarde, mas parei.”

“Desculpe. Eu não devia ter comprado estes cigarros.”

“Nããã, uma última fumada com você. Parece uma boa coisa a fazer. Mesmo que seja com esta merda de cigarro premium. Talvez eu fume um dos seus.”

“Sirva-se.” Ofereci um cigarro a ele.

Ele o tomou entre os dedos, bateu-o devagar na mesa, olhou-o de cima a baixo, acendeu-o — duas vezes, eles custam a acender — e tragou.

“Doce. Posso sentir a nicotina queimando. Nada mau, nada mau mesmo. Agora, enquanto fumo este troço, me ponha a par das novidades. É melhor que você tenha uma boa razão para estar de volta ao Japão, ou vou puxar suas orelhas... algo que pensei que nunca teria de fazer. Não acho que voltar tão cedo tenha sido uma boa ideia.”

Ele tinha razão. Ele quase sempre tinha razão. Teve razão quando estivemos no hotel de Shinjuku tendo aquela amável conversa com os embaixadores de Goto alguns meses antes. Muita coisa tinha mudado desde então. Pedi demissão do *Yomiuri Shimbun* em novembro de 2005, cerca de um mês depois que os emissários de Goto haviam feito ameaças.

Na minha cabeça, o artigo sobre Goto teria sido meu último furo, minha tese de graduação. Não funcionou, e eu não pretendia ficar para mais um artigo que não fosse conseguir publicar. O *Yomiuri* me deixou tirar a maior parte de minhas férias atrasadas e me dispensou. Eu tinha gostado muito de trabalhar no *Yomiuri*, mas no início de 2005 as matérias sobre o tráfico de pessoas haviam cobrado seu preço, e meu desagradável encontro com os homens de Goto foi o bastante para que eu começasse a fazer as malas. O *Yomiuri* foi muito compreensivo durante todo o processo e me manteve no plano de seguro da empresa mesmo depois que saí.

Depois de me demitir, voltei para casa no Meio-Oeste americano. Inscrevi-me num cursinho e comecei a me preparar para entrar na faculdade de direito. Estava empenhado na transição para novos hábitos. Nada de cigarros. Nada de beber até as três da manhã. Nada de amigos ligando depois da meia-noite. Nada de andar para lá e para cá com *yakuzas*, policiais, strippers ou prostitutas. Nenhum objeto por perto mais perigoso do que um cortador de grama.

Foi então que recebi o e-mail de um bom camarada, Ken, que já tinha trabalhado para a cia. O Departamento de Estado estava patrocinando um amplo estudo sobre o tráfico de pessoas no Japão. Ele me recomendara para esse

trabalho e queria saber se eu estava interessado. Li o e-mail diversas vezes. Pensei a respeito. Eu tinha esclarecido as coisas com Goto, ostensivamente. Havia feito uma espécie de tratado de paz. Mas não queria levar minha família. Não confiava naqueles sujeitos. O emprego parecia bom, e a remuneração não era ruim. Poderia fazer alguma coisa boa no mundo. Eu podia fazer muito mais tendo as verbas necessárias. No entanto, aceitar o emprego me levaria de volta ao mundo de devassidão que eu tinha deixado para trás.

Pensei em meus planos para a faculdade de direito. Pensei nas promessas que fizera a Sunao. E então, sem consultar ninguém, respondi: “Sim. Adoraria pegar esse trabalho”.

Tinha a sensação de que seria errado dizer não. Como se aquilo fosse um dever, um compromisso. Talvez devesse ter visto a coisa apenas como uma tentação.

Assim, antes mesmo do fim do ano eu estava de volta ao Japão, revisitando os lugares onde antes passava tanto tempo. Precisava ver Sekiguchi. Acho que eu queria mais a aprovação dele do que seu conselho.

Contei-lhe tudo. Ele ficou satisfeito com minhas respostas.

“Você tem um amigo que era da cia? Sempre achei que havia algo mais, em você, por trás da aparência de bobão. Mas toda vez que falo com você, penso: ‘Talvez não’. Bom, é um bom trabalho a fazer. É importante. E o salário parece bom. Você vai deixar a família nos Estados Unidos enquanto isso, não vai?”

“É claro.”

“Ótimo. Porque esse negócio é perigoso. Vou lhe dizer uma coisa a respeito de estudos sobre os *yakuzas*. Você

pode escrever o que quiser sobre as guerras de gangues deles, as tatuagens, a exploração sexual, mas quando começar a mexer com as coisas com que eles realmente ganham dinheiro, as empresas que eles têm... vai pisar em terreno minado. E não se engane, tráfico de pessoas é uma das grandes fontes de renda desses caras. Pornografia infantil. Prostituição. Qualquer coisa que dê altos lucros. Esses caras só querem saber de dinheiro, e esse tipo de estudo pode prejudicar os negócios deles.”

Eu tinha uma pergunta. Queria saber se minha “trégua” com Goto estaria de pé.

“Estou convencido de que ele sabe que você saiu do *Yomiuri*. Ou melhor, estou absolutamente certo de que ele sabe. Assim, para ele, você é um ex-repórter. O que você está fazendo agora, enquanto ele não souber, está bem. Mas você precisa ter muito cuidado. Tóquio é a praia dele. Você estará incursionando em território dele sem permissão. Se vai começar a fazer perguntas para esse estudo, tenha muito, mas muito cuidado. Cuidado com quem fala por telefone, com as pessoas que conhecer, com o que diz. Entendeu?”

Fiz sinal de que tinha entendido. Sekiguchi não parecia bem, e eu não queria aumentar suas preocupações. Enquanto conversávamos, a sra. Sekiguchi chegou com as meninas, agora adolescentes, com cabelos extravagantes. Foi difícil digerir.

As duas me deram um abraço e conversamos um pouco. A sra. Sekiguchi fez yakisoba para nós e massageou as pernas de Sekiguchi, que estavam duras como tábuas, uma espécie de efeito colateral da quimioterapia. Ele me fez bater em suas pernas, foi como bater em madeira.

Fiquei lá uma hora e chamei um táxi. Sekiguchi me acompanhou até a porta e fez sinal para que a mulher e as filhas ficassem. Não houve a despedida familiar de costume. Estava escuro como breu em Konan, e a única área iluminada era o amplo círculo diante do alpendre. Do ponto onde estávamos, era como se olhássemos para o espaço sideral. Sekiguchi-san me devolveu o pacote de cigarros e o maço aberto, dizendo: “Obrigado, mas por enquanto é o bastante. Agradeço pela lembrança”.

“Compreendo. Gostaria de poder fazer alguma coisa.”

Ele balançou a cabeça e fez um gesto com as mãos como se dissesse “não precisa fazer nada”. “Jake, conheço você há uma década”, disse. “Estranho, não? Você percorreu um longo caminho desde que era um ingênuo aprendiz de repórter. Estou muito orgulhoso de ter conhecido você. Acho que você está fazendo a coisa certa, mas é bom que saiba aonde vai chegar com isso, está bem? Vigie a sua retaguarda. E cuide das pessoas de quem gosta. Quando você começar a mexer com esse negócio de escravidão sexual... Esqueci a expressão elegante... vai pisar num monte de calos. Às vezes as pessoas também pisam de volta. Mantenha contato.”

Deu-me um vigoroso tapa no ombro, esperou que eu entrasse no táxi e acenou. Fez uma leve mesura quando eu estava quase saindo. As meninas e a sra. Sekiguchi saíram para o alpendre e acenaram.

Fiquei grato pelos sentimentos dele, mas eu já não era um repórter novato que não conhece a diferença entre bater uma carteira e assaltar à mão armada. Eu sabia o que estava fazendo. Ou pelo menos achava que sabia.

# De volta à ronda

É difícil pensar quando você não consegue respirar. É ainda mais difícil pensar quando você não consegue respirar porque um brutamontes *yakuza* está apertando você contra a parede, com uma das mãos ao redor do seu pescoço e a outra socando suas costelas, enquanto seus pés balançam, suspensos.

Além disso, você ficaria surpreso com a diversidade de pensamentos que lhe passam pela cabeça. Eu estava na entrada de um tal “pub russo”, o local mais quente de Tóquio da época em matéria de tráfico de pessoas. As mulheres eram trazidas da Rússia, da Ucrânia e de outros países, supostamente para trabalhar como acompanhantes/recepcionistas, e encaminhadas para grupos de *yakuzas*, que as punham para trabalhar à força como prostitutas.

Essa boate ficava no terceiro andar de um edifício de quatro andares em Ikebukuro, nome que significa literalmente “bolsa de lagos”. A área faz jus ao nome. A boate se chamava Moscow Mule.

Era uma das boates mais novas. Eu tinha ouvido falar dela por Helena e fui verificar. Como a maior parte das boates onde trabalhavam estrangeiras, era proibida para não japoneses. O problema dos estrangeiros é que eles se

compadecem das moças que trabalham nas boates — e procuram a polícia ou alguma ong.

Se eu falar devagar, suprimir toda emoção da voz, usar um terno e óculos de aros pretos e grossos, posso passar por japonês em lugares de pouca iluminação. Consegui entrar na boate. Mas a mulher com quem eu estava falando não aguentou e começou a chorar, o que me denunciou.

O homenzarrão de oito dedos, todo tatuado e bexiguento que estava na porta deve ter percebido, porque me agarrou, empurrou-me porta afora e começou a me bater com vontade. Eu não estava aguentando numa boa. Na verdade, estava pensando que ia morrer em breve e que aquela não era a forma que eu teria escolhido para deixar o mundo. Ao contrário de um guerreiro apache, eu sempre acordava pensando comigo mesmo que “hoje é um bom dia para não morrer”.

Como em outros tempos, eu ainda era um péssimo praticante de artes marciais. Mesmo tendo estudado caratê e aikidô, não tinha o menor talento para posturas e movimentos, ou para qualquer outra coisa. O maior elogio que meu professor de caratê me fez foi: “Você faz tudo errado, sua postura é medonha, seus movimentos são terríveis e desleixados... mas quase sempre, como você captou os fundamentos, o que você faz... funciona. Isso me deixa espantado”.

Na verdade eu não tinha muito tempo para pensar qual seria a magnífica e complexa chave de pulso que faria meu oponente largar meu pescoço para que eu pudesse respirar. Foi quando eu estava pensando em respirar que lembrei qual era o mais eficaz dos movimentos do aikidô, segundo meu velho professor de aikidô, que era policial. É eficaz

porque nem o maior homem do mundo pode sobreviver sem oxigênio.

Estendi os dedos e cravei-os várias vezes na pequena saliência sob a laringe do sujeito, com toda a força, como uma rajada. Isso é *atemi* básico. Tive a agradável sensação tátil de espetar carne macia, e ele recuou. Agora eu conseguia respirar.

Mas ele não conseguia respirar; soluçou convulsivamente e caiu de joelhos. Enquanto ele estava no chão, eu, com as mãos em concha, lhe apliquei um telefone nas orelhas com toda a força que pude. Isso se chama *happa-ken*. Teoricamente, pode romper os tímpanos de uma pessoa, tirar-lhe o equilíbrio, provocar náusea e causar muita dor. Na prática, parecia funcionar.

Ele gemeu e balançou para trás. Dei-lhe um soco na cara e caí fora dali o mais rápido que pude, correndo sem parar até a estação de Ikebukuro, onde me enfiei num táxi e pedi ao motorista que me levasse a Roppongi. Só depois que me sentei no banco de trás do táxi e inspirei profundamente foi que me dei conta de como as malditas das minhas costelas doíam. Achei que minhas mãos deviam estar cobertas de suor e sangue, mas vi que era a pomada do cabelo do leão de chácara. Tinha um perfume frutado, como de remédio. Provavelmente era a pomada Mandom.

Nem pensei em ligar para a polícia. Talvez eu pudesse alegar legítima defesa, mas tive medo de ter exagerado. E era estrangeiro, o que significava que em nove de dez casos seria considerado culpado até prova em contrário. E não me sentia nem um pouco atraído pela perspectiva de ir para a cadeia. E embora antigamente eu contasse com a proteção do poderoso *Yomiuri* em casos de emergência, agora eu era um ninguém, um homem que não tinha cartão de visita

profissional nem um emprego normal. Era quase uma nulidade, um ex-jornalista que trabalhava no Japão para um governo estrangeiro como investigador e sem nenhum respaldo real. Sim, pode ser um tanto perigoso, mas achei que era por uma boa causa. O bem contra o mal. Eu era o mocinho. Só precisava ter mais cuidado.

No dia seguinte liguei para um amigo da divisão de entorpecentes. Tinha visto umas garotas usando cocaína ou metanfetamina nos fundos da boate, estimuladas pelo gerente, de modo que sabia que ali rolava droga. A mulher com quem falei tinha dito que tudo o que queria era voltar para casa. Imaginei que de um jeito ou de outro aquilo a levaria de volta para casa. Eu não sabia mesmo o que mais poderia fazer.

O que salvou minhas costelas foi um colete *boha*. Colete antifacada. Se alguém tiver de ser morto no Japão, é mais provável que seja esfaqueado do que baleado. As penas para crimes cometidos com arma de fogo são altas, o que incentiva o uso de facas. Nos últimos anos, as penas para o uso de revólver aumentaram muito. Ter arma é crime, dispará-la é outro crime, e o uso de arma de fogo é agravante para o crime de ferir ou matar alguém. Isso acarretou um renascimento da espada japonesa como arma de preferência dos *yakuzas*, e era por isso que eu usava esse colete.

A pesquisa estava indo bem. O trabalho não consistia em rastrear vítimas, mas seus algozes — mapear toda a indústria da escravidão sexual ou capturar um detalhado microcosmo dela. Eu deveria descobrir como as mulheres eram trazidas para o país, quem as trazia, quem lucrava com o negócio e quais políticos e funcionários de governo estavam ajudando e estimulando os traficantes. Consegui

que um antigo funcionário da Imigração me desse o nome de um senador, Koki Kobayashi, que tinha pessoalmente feito pressão para que ele interrompesse as batidas em boates ilegais de sexo. Já tinha o nome de uma entidade, a Zengeiren, que aparentemente fazia lobby em favor do tráfico de pessoas e realizava sua reunião anual na sede do Partido Liberal Democrático. Um negócio alucinante.

Não fazia muito tempo que eu tinha deixado de ser repórter policial, e minha rede de informações ainda estava em boa forma. É claro que precisava de ajuda para fazer o trabalho. Liguei para Helena e a convidei para jantar, depois de ouvir que tinha rompido com o noivo e andava meio deprimida. Eu não queria só ajuda, queria também consolá-la. Estava com saudade dela, também. Havia um ótimo restaurante japonês em Nishi-Azabu, com compartimentos semiprivativos, bem iluminado e silencioso. Combinamos de nos encontrar na porta.

Esperei do lado de fora e ela quase me atropelou com sua moto. Tive de dar um salto para trás. Ela estacionou, desmontou, tirou o capacete e sacudiu o cabelo comprido, endireitando o pescoço e rindo. Vestia sua habitual jaqueta de couro, jeans justos e uma blusa quadriculada que parecia roubada de um lenhador magricela. O batom era preto. Ela estava bem — um pouco cansada, mas muito bem.

“Bom, panaca, há quanto tempo não nos vemos!”

“Panaca? Você não pode estar falando comigo.”

“Você é o único panaca aqui, panaca. E você sabe que para mim esse é um termo carinhoso, Jake.”

“Sem dúvida.”

Não sei como ela me convenceu a dar uma volta em sua moto. Algumas vezes, em meus tempos de repórter, Helena tinha me levado para casa, e depois de desmontar eu achava que mal podia ficar de pé, de tanta força que fazia segurando a moto com as pernas. Subi e ela me disse para pôr os braços em volta de sua cintura. Pegou o capacete e atirou-o numa moita perto do restaurante. Protestei.

“Viva a vida a mil, Jake. Isso vai lhe fazer bem. Pode crer!”

Ligou o motor e antes de soltar o freio olhou por cima do ombro e disse: “Que bom que você voltou. Eu sabia que não ia conseguir ficar longe muito tempo”.

E então saímos. Acho que ela gostava do incrível mal-estar que eu sentia montado naquela coisa. Disparou através de vielas, furou sinais, deu voltas — eu não tinha ideia de para onde ela estava indo. A noite estava fria, mas eu me sentia bem por estar na garupa daquela moto. Andamos sem destino durante vinte minutos. Passamos pelas ruínas do Ministério da Defesa, descemos para Roppongi-dori e finalmente voltamos ao restaurante.

Ela saltou da moto com um movimento rápido. Eu desmantei.

Ela sorriu, pegou o capacete e, sem uma só palavra, galgamos os degraus para ir jantar. Contei a ela o que estava fazendo e que meus planos de ir embora não tinham dado certo. Falamos sobre amigos comuns. Contei-lhe sobre a pesquisa que estava fazendo, e ela me falou de seu trabalho.

Ela não tinha a menor vergonha de sua ocupação. Falava disso como eu falaria de técnicas de espionagem com meus amigos repórteres japoneses. Coincidiu que um

de seus clientes habituais era um repórter que eu conhecia superficialmente

“Você não fica de saco cheio do trabalho?” Eu sempre quis lhe perguntar isso; achava que ela podia fazer muito mais do que aquilo.

“Você sabe, eu gosto do trabalho. Tentei ser professora de inglês, que remunera bem, mas detesto esse trabalho. Principalmente lidar com gramáticos obsessivos. Existe um pretérito do imperativo? Que interesse tem isso? Quando ganhei dinheiro com sexo pela primeira vez, entendi que faria muito melhor ganhando a vida deitada do que em pé. Cinquenta mil ienes... Eu poderia trabalhar como professora de inglês durante três dias de oito horas e não ia ganhar isso.”

Era verdade.

“Adelstein”, disse-me ela, batendo-me na cabeça com um *hashi* para que eu prestasse atenção, “você se mata por uns trocados. Eu ganho cem dólares por minuto. Sabe por quê?”

“Não faço ideia.”

“Porque a maior parte dos japoneses leva dois minutos. Talvez seja porque este mulherão gaijin que está diante deles os assuste. Eu não sei. Eles começam e terminam antes que você se dê conta. Os únicos que me enlouquecem são os que só querem conversar. Como esse cara do nhk. Ele nunca quer só fazer a coisa. Eu preferia que quisesse, porque quando ele não quer tenho de ser babá, psiquiatra e professora de inglês. O que eu penso mesmo quando estou ouvindo o cara falar e falar é: ‘Droga, vamos foder logo e assim posso acabar com isso e pôr você para fora daqui’. Às vezes não consigo mesmo aturar isso e abro a calça do cara, tiro o pau dele e começo a chupá-lo. A maior parte dos

homens fica de boca calada quando você chupa o pau deles. Provavelmente até você, que quase nunca fica calado.”

Achei graça. “Você tem razão. Em termos de salário por minuto, meu trabalho não se compara ao seu. Mas isso não te deprime um pouco?”

“Bom, é aí que a cocaína entra em cena. Uma cheirada e estou pronta para chupar.”

Disso eu não achei graça.

“Jesus Cristo, Helena”, eu disse, “você é muito inteligente para estar fazendo essa merda. O que há de errado com você?”

Ela deu de ombros, virou a cabeça e piscou.

“Bom, isso torna o sexo muuuuito melhor. E o trabalho fica tão chato! Preciso de alguma coisa para me segurar durante o dia. Às vezes, durante a noite.”

“Você quer acabar morrendo como aqueles pobres coitados no ano passado? Você se lembra deles, os caras que achavam que estavam comprando coca e tomaram uma overdose de heroína pura? Você pode se matar com essa merda. Você sabe do que estou falando, não sabe?”

“Eu sei, eu sei. Li a versão traduzida de seu artigo. Você mandou para mim.”

Continuei com meu sermão. Levantei a voz. Fiquei um pouco zangado. Ela ficou em silêncio, olhou para o chão.

“Sabia que você ia ficar putinho comigo. Desculpe.”

“Não precisa pedir desculpas. É só parar com esse troço.”

“Eu sei. Vou parar. Vou parar.”

Mudei de assunto. Falamos sobre *O portão*, tradução do romance de Natsume Soseki que eu tinha dado a ela para ler. Ela gostou do livro. Não chegamos a um acordo sobre se

houve um final feliz ou não. Ela me convidou para tomar a saideira na casa dela. A ideia me pareceu boa. Ela morava perto de Shibuya. Fiz que promettesse dirigir com segurança. Ela concordou com a cabeça e disse, num tom de menina declamando uma parlenda: “Juro por Deus, quero ver minha mãe mortinha se eu disser uma só mentirinha. Vou ser uma motoqueira exemplar”.

Acho que deveríamos ter definido “exemplar” antes de empreender a volta. Para os padrões das 500 Milhas de Indianápolis, ela provavelmente estava dizendo a verdade.

Quando chegamos à casa, ela pôs um disco do Death Cab for Cutie para tocar e nos sentamos no sofá. Ela acendeu umas velas, serviu um bom vinho tinto australiano em xícaras de café e me ofereceu uma. Pôs as pernas sobre as minhas e se encostou em mim, e não me importei nem um pouco. Pus um braço em torno do ombro dela e me senti feliz. Durante uma música inteira ficamos assim. Foi um dos poucos momentos nos últimos anos de minha vida em que me senti verdadeiramente em paz com o mundo.

“Diga-me uma coisa, como é que você está realmente, Helena? Ouvi dizer que rompeu com seu namorado. O que aconteceu? Quer falar sobre isso?”

“Não, porra. Quero que aquele idiota filho da puta se foda, caralho.”

“Você tem a boca muito suja.”

“Você não faz ideia. Se for bonzinho, vou lhe mostrar como minha boca é suja, e pode crer, você não vai se arrepender.”

“Acho que você quer falar. Gostaria de ouvir, se você puder parar de ser sarcástica por cinco minutos.”

“Tem certeza de que quer?”

“Tenho.”

Ela me contou o que tinha acontecido. Vinha saindo com Carl, que trabalhava numa empresa estrangeira de comércio com escritório no Japão. Era bonitão, gostava de windsurfe. Eu não sabia muito sobre ele, pois só tínhamos estado juntos uma vez. Parecia estar muito interessado nela. Estiveram comprometidos durante algum tempo.

Carl começou a suspeitar dela quando encontrou em sua carteira um cartão da boate onde ela trabalhava. Pediu a um de seus colegas japoneses que desse uma checada na boate. Ele mesmo não podia ir porque a entrada de estrangeiros era proibida.

“Bom...” Helena teve dificuldade ao chegar a essa parte. “O japonês foi à boate e me comeu. E gravou tudo. Não é coisa de doente? Quero dizer, é uma coisa bem pervertida para se fazer. Fiquei humilhada pra caralho. Carl poderia ter concluído aquilo sem ter que ficar procurando coisas pelas minhas costas como fez. De onde ele acha que saía o dinheiro para nossas viagens a Bali? Era eu quem pagava. Não se pode pagar um resort de luxo com o salário de professora de inglês.”

“E então o que aconteceu?”

“Cheguei do trabalho uma noite e ele estava esperando por mim. Fora do apartamento. No início, sorria normalmente. Eu não sabia de nada, e então ele disse: ‘Tenho uma coisa que você deve ouvir’, e pôs a fita no toca-fitas. Cristo, foi horrível. Tentei explicar.”

Ela se calou e bebeu uma xícara de vinho de um só gole. Servi outra dose. Ela desviou os olhos e fitou a parede.

“Ele ficou muito zangado. Me xingou de um monte de coisas horríveis e depois me bateu. Algumas vezes. Finalmente, me empurrou para a cama, levantou minha

saia, abaixou minha calcinha e me comeu, chamando-me de puta o tempo todo. Gozou e foi embora. Foi isso.”

Eu sabia a resposta para a pergunta que ia fazer, mas engasguei um pouco e ela me interrompeu pelo meio.

“Bom, na verdade eu não tive tempo de dar queixa... Isso é um saco.” Ela estava começando a chorar um pouco, mas ria através das lágrimas. “Você sabe, ele também estava soluçando parte do tempo. Que cagão! Acho que ele me amava de verdade. Eu também chorei. Isso doeu. Doeu muito.”

Há momentos em que se deve apenas ficar calado. Normalmente, eu falo mesmo assim, mas dessa vez fiquei calado. Abracei-a um pouco mais forte, acariciei-lhe o cabelo e segurei a mão dela. O cd tinha acabado, e tudo o que eu ouvia era o barulho do trânsito lá fora e Helena chorando baixinho, quase envergonhada. Fiquei com ela um tempão.

No dia seguinte nos encontramos para tomar um café no Starbucks. As coisas pareciam normais. Eu tinha algum material, e era hora de pôr mãos à obra e escrever. Havia uma organização sem fins lucrativos de nome Associação Internacional de Entretenimento que funcionava perto de um condomínio elegante e caríssimo chamado Roppongi Hills Residences. Presumia-se que sua função fosse promover a amizade internacional, mas na realidade recrutava mulheres para o comércio sexual. Um dos responsáveis tinha antecedentes de transgressão das leis de tráfico de mulheres e prostituição. Eu dificilmente a teria

considerado merecedora da condição de organização sem fins lucrativos.

Pedi a Helena que desse uma olhada. Ela era bem relacionada e conhecia todo mundo em Roppongi. Preveni-a de que tivesse muito cuidado, mas não acredito que tenha me ouvido. Estava entusiasmada com aquilo. Ela queria ajudar.

Tivemos uma estranha despedida.

“Ouça bem”, disse eu, com o dedo em riste, “se souber de alguma coisa, ótimo. Não vá futucar demais. Não sei muita coisa sobre essa gente da ong além de que não são muito legais.”

“Entendi. Vou ter cuidado.”

“Pergunte pouco. Se tiver a menor suspeita de que está em perigo ou algo assim, pare e desista. Você tem meu telefone. Pode me ligar a qualquer hora. Nos Estados Unidos ou aqui.”

“Prometo que terei cuidado.”

“Está bem. Ótimo.”

Perguntei-lhe quanto tempo mais pretendia ficar no Japão. Ela disse que estava pensando em ir embora na primavera. Tinha comprado uma casa na Austrália e pensava em voltar para a faculdade — talvez para estudar “literatura ou qualquer coisa igualmente inútil”.

Levantei-me e me preparei para lhe entregar algum material. Ela me deu um tapinha no ombro, abriu os braços e deu uma reboladinha.

“Um abraço de saideira?”

“É claro.”

Em março, ela ligou para minha casa nos Estados Unidos. Disse-me que andara indagando e achava que a Associação Internacional de Entretenimento era uma empresa de fachada do Goto-gumi.

Quase deixei cair o telefone.

Disse a ela que parasse imediatamente, e ela ficou chateada. Talvez achasse que eu estava exagerando, ou que a imaginava indefesa. Ela ficava de porre com facilidade. Claro que eu a acusei disso. Dessa forma, nossa conversa evoluiu para uma discussão, e ela desligou.

Tentei encontrá-la, mas ela não atendia o telefone. Liguei no dia seguinte, o dia inteiro. Liguei para um amigo e pedi a ele que a procurasse. Ele prometeu procurá-la e o fez, mas não havia ninguém no apartamento dela. Tive medo de falar com a polícia e que ela fosse presa por prostituição. Eu precisava ir atrás dela. Não podia perder nem um dia. Antecipei meu voo para o Japão. Sunao ficou uma fera.

Continuei a lhe mandar e-mails durante toda a longa viagem. Depois de pousar em Narita, fui imediatamente ao lugar onde ela trabalhava, mas não a encontrei. Já não havia nenhuma estrangeira trabalhando ali. Meus e-mails não tiveram resposta, e o telefone estava mudo. Fui ao apartamento em que ela morava, e o senhorio disse que ela não aparecia havia dois ou três dias.

Depois de uma semana, não havia dúvida de que ela desaparecera de seu apartamento e do trabalho diurno como professora de inglês. Também estive lá. Ela não deixara endereço de contato e tudo o que possuía estava no apartamento.

Eu não sabia mais o que fazer.

Fiz a única coisa em que pude pensar. Fui trabalhar. A Associação Internacional de Entretenimento estava ligada ao Goto-gumi, portanto eu tinha de esclarecer isso. Precisava seguir a pista descoberta por Helena.

Se Goto tinha sido de alguma forma responsável pelo desaparecimento dela — e eu não sabia se isso era verdade —, eu queria saber. Mesmo que ele não tivesse nada a ver com isso, fazia muito tempo que eu devia ter voltado a trabalhar na matéria sobre o transplante de fígado a que ele se submetera. Seria um desvio da pesquisa sobre tráfico de pessoas, mas não completo. Eu sabia que estava correndo perigo e provavelmente irritaria Goto de novo, mas não me importava muito. Era provável que isso já tivesse acontecido.

Como diriam os japoneses, como eu já tinha tomado o veneno, agora podia muito bem lamber o prato.

# Confissões de um *yakuza*

Comecei a avançar em minhas suposições sobre o modo como Goto havia entrado nos Estados Unidos. Tinha uma pista e conseguira uma boa fonte, alguém que sabia muito e queria falar. Num dia claro e frio de dezembro de 2006, fui ver Masaki Shibata, um *ex-yakuza*, num excelente hospital no centro de Tóquio. Shibata era um homem muito inteligente. Tinha sido amigo do Imperador da Agiotagem. O mundo é mesmo pequeno, afinal.

Eu estava terminando o projeto sobre tráfico de pessoas e fazia outro trabalho de investigação para manter o fluxo de caixa. Estava preocupado com Helena. Ela tinha sumido do mapa.

Eu vivia viajando entre os Estados Unidos e o Japão. As crianças pareciam felizes em seu novo país e estavam aprendendo inglês bem depressa.<sup>21</sup> Houve alguns problemas de adaptação, sendo o maior deles o fato de os Estados Unidos não contarem com um sistema público de saúde como o Japão. Foi bem complicado quando Beni teve uma febre alta e percebi que não poderíamos pagar a visita a um pronto-socorro, a menos que fosse indispensável. No Japão, teríamos ido no meio da noite sem nem pensar nisso. Nunca em minha vida eu tinha me defrontado com despesas médicas.

O serviço público de saúde no Japão pode ser ruim, mas na maior parte dos casos é bom e sempre é melhor que nada. No entanto, o Japão tem uma coisa esquisita: quase todos os restaurantes são imaculados (os pisos brilham, os balcões estão sempre limpos, as toalhas são alvíssimas), mas isso não acontece nos serviços médicos. A maior parte dos hospitais apresenta uma fina camada de poeira no chão; os lençóis são lavados, mas continuam manchados. As janelas dão a impressão de não serem limpas durante décadas. Você tem de tirar os sapatos e calçar umas sapatilhas mofadas para andar pelos saguões escuros, com equipamentos e suprimentos entupindo os corredores.

O hospital de Shibata era diferente. Era permitido usar sapatos. O lugar era limpo e bem iluminado. Podia-se comer a comida servida sem medo de pegar uma infecção secundária.

Não assinei o livro de visitantes. Não queria deixar nenhuma prova de que tinha visitado o cara, ou que o conhecia.

Shibata tinha sido importante em sua facção do crime organizado, mas já não pertencia à organização. Quando seu câncer de fígado foi diagnosticado, ocorreu-lhe que tinha levado uma vida perversa. Você deve estar se perguntando por que os *yakuzas* são vitimados por câncer de fígado. Grande parte disso se deve às tatuagens. A maior parte deles se tatuou na juventude, quando as agulhas não eram esterilizadas. Muitos contraíram hepatite C, e é comum que bebam muito. É uma combinação letal. Além disso, as tatuagens tradicionais quase matam as glândulas

sudoríparas. O corpo tem dificuldades para se livrar de suas toxinas, e isso também sobrecarrega os órgãos.

Shibata sabia que não ia conseguir um transplante de fígado e decidiu fazer as pazes com o mundo, corrigir os erros onde pudesse. Casara-se com uma malásia que trabalhava numa de suas boates e tinha um filho com ela.

Por sorte, Shibata queria falar com alguém, fazer um balanço de seus pecados. Foi então que um monge budista nos apresentou. *Tsumihoroboshi* é o nome disso. Havia condições, é claro, com relação ao que ele me contaria e quanto ao que eu poderia fazer com a informação. Ele sabia que depois de sua morte sairiam coisas terríveis sobre ele na imprensa. Tive de prometer que diria a seu filho que o pai tivera outro lado, que tinha tentado ser um homem melhor. Eu deveria entregar uma carta lacrada ao filho.

Shibata parecia muito mal. As pessoas com câncer hepático em estado avançado apresentam uma palidez horrível. Amarelada. No entanto, ele ainda não estava assim.

À medida que o fígado vai parando de funcionar, todas as toxinas do corpo que seriam filtradas por ele deixam de ser eliminadas. A pessoa se torna tóxica para o próprio corpo. Alguns ficam violentos, delirantes.

Antes de perguntar o que nos interessa como repórter, é sempre bom conversar um pouquinho. Mencionei que tinha passado pelo hotel Yaesu Fujiya a caminho do hospital e lembrei o assassinato de Eiju Kim em 2002.

Ele me perguntou se eu queria saber o que havia de fato acontecido. Mas antes disso eu tinha de abrir a janela. Ele

queria fumar. Eu lhe trouxera da loja duty-free um pacote de luxo de Lucky Strikes, sua marca predileta. Um pacote com dez maços. Precisei subir na cama dele para desligar o alarme antifumaça.

Eu me lembrava claramente do tiroteio do hotel Fujiya. Tudo o que tive de fazer foi olhar para o que estava a meus pés. Bancando mais uma vez o gaijin idiota, papel que não me exigia nenhum grande método de interpretação, dei um jeito de passar por baixo da fita amarela da polícia e me aproximar do corpo. O sangue no chão praticamente atapetava a rua, de tão abundante e copioso. Imaginei ter visto vapor emanando daquele charco. Havia um cheiro de papel-alumínio no ar.

Mesmo com todo o sangue que havia em sua roupa, era óbvio que a vítima, Kim, se vestia bem. Talvez Armani, risca de giz. Não sou entendedor de moda, mas sou capaz de reconhecer um bom terno. O tom da camisa era cinza-escuro, no padrão espinha de peixe. Feita sob medida, saltava aos olhos.

Kim era da velha escola. Contei dez dedos completos, embora o mindinho esquerdo parecesse suspeito. Podia não ser original — podia ter sido reconstituído por cirurgia a partir de um dos dedos do pé. Se eu lhe tirasse os sapatos, saberia ao certo, mas seria abusar da sorte.

Fiz algumas fotos antes que um policial em pânico agarrasse meu braço, me erguesse do chão e me empurrasse de volta para trás do cordão de isolamento. Enquanto ele me arrastava, vi que meus pés deixavam um rastro de sangue, meio viscoso, como gosma de caramujo. Acho que poderiam ter me acusado de alterar a cena do crime, mas quando uma pessoa é fuzilada na frente de um hotel próximo de uma das maiores estações de trem do

mundo, bom, a maior parte do dano já está feita. O atirador estava detido. Não senti uma culpa horrorosa.

Shibata ainda esperava enquanto eu revia a cena em minha cabeça.

“Bom, você estava lá?”

“Sim, estava na cena do crime. Vi o corpo.”

Eiju Kim, de idade desconhecida mas de prováveis quarenta e tantos anos, cidadão japonês de ascendência coreana e líder do grupo *yakuza* Kyoyou-kai, de Osaka — que pertencia à família do Yamaguchi-gumi —, entabulou uma acalorada discussão com Naoto Kametani, líder da gangue Rokkorengo, também do Yamaguchi-gumi, na frente do hotel Fujiya. Eram grandes amigos.

Kim, que estava acompanhado de Kenichi Takanuki, trinta anos, seu criado e motorista, interrompeu a conversa e sentou-se rapidamente no banco de trás de um carrão preto que estava parado perto deles. Takanuki pulou para o volante. Kametani ficou de pé perto do carro. Assim que o veículo começou a rodar, Kametani sacou uma arma e meteu bala no banco de trás, matando Kim na hora. O motorista saltou do carro e também foi baleado. Kametani fugiu a pé, mas conseguiu correr apenas uns cinquenta metros: foi apanhado por policiais que passavam por ali e preso por tentativa de homicídio. Aparentemente, um homicídio puro e simples. No entanto, era bem pouco comum: violência como essa entre facções era rara.

“Quer saber a verdadeira história?”

“Sim, adoraria.”

“Tudo bem.” E não disse nada mais. Shibata parecia perdido em seus pensamentos, e lembrei a ele que eu queria mesmo saber a verdadeira história. Ele aquiesceu.

Shibata tragou profundamente, feliz da vida. Segurava o cigarro entre o polegar e o indicador, fazendo uma espécie de círculo, com o mindinho delicadamente levantado. E então falou.

Era uma história incrível. Envolvia corrupção na promotoria de Osaka, censura à imprensa e um acobertamento colossal. Mesmo assim, a história não fechava, mais parecia uma espécie de teoria da conspiração das que existem aos montes no Japão. Eu entraria em maiores detalhes, mas pretendo viver até o fim da minha vida natural. Mesmo assim, quis saber mais.

“Qual é a prova?”, perguntei ao homem bem informado.

“Eu sou a prova, porra. É verdade porque estou dizendo que é verdade”, retrucou Shibata com firmeza, e amassou o cigarro no peitoril da janela. Por um segundo, mesmo com seu rosto pálido e enrugado, tive um vislumbre da força absoluta que o transformara em mandante que inspirava cagaço em sua época. Ele deixava transparecer aquela intensidade.

O quarto ficou em silêncio. Ouvia-se o crepitar do cigarro.

“Para mim isso ainda não faz muito sentido.”

“Você é o repórter, pode deduzir.”

“Ex-repórter.”

“Está bem, está bem. Não tem importância. São águas passadas. Ninguém se importa. Mas você nunca achou que era estranho? Nunca se perguntou por que Kametani jamais disse uma palavra sobre os motivos que teve para fazer o que fez? Nunca se perguntou por que ele pegou vinte anos e não pena de morte?”

“Bom, suponho que se tivesse matado um civil teria pegado pena de morte.”

“Seus filhos da puta. Quando um *yakuza* mata outro, ninguém dá a menor bola.”

Isso me deu um tempo. “Você sabe”, respondi, “eu disse a mesma coisa a um policial de Saitama e fizemos uma aposta. Acabei levando a família dele a uma churrascaria coreana, e eles pediram *wagyu*!<sup>22</sup> Quer ouvir a história?”

Ele fez que sim.

Aconteceu há alguns anos, quando Sekiguchi ainda tinha boa saúde. Em 16 de novembro de 1994, vieram à tona as hostilidades entre o Kokusui-kai e o Yamaguchi-gumi. O Kokusui-kai atacou primeiro, baleando e ferindo gravemente dois soldados do Yamaguchi-gumi que visitaram o escritório deles em Tóquio. No dia seguinte, o Yamaguchi-gumi retaliou, e a guerra de gangues se estendeu a duas províncias — Saga e Yamanashi — e depois a Shinjuku, em Tóquio, e finalmente à província de Saitama.

Naquele dia, eu esperava que alguma coisa acontecesse, e não me decepcionei. Estava passando o tempo na sala de imprensa da polícia, aprendendo detalhes do jogo de *mahjong* com um antigo repórter do *Tokyo Shimbun*, quando um funcionário da assessoria de imprensa entrou correndo, gritando algo sobre uns tiros. Tinham sido disparados contra pessoas, duas pessoas, não apenas contra as portas de um escritório. Peguei uma carona até o local do crime.

Era um apart-hotel de sete andares no coração de Konosu. O escritório do Kokusui-kai tinha na porta um letreiro em que se lia *tooutanteisha* (Investigações Privadas Orientais e Europeias). Era uma das três agências de detetives particulares existentes na área que serviam de fachada para as atividades do Kokusui-kai; eles tinham até anúncio nas páginas amarelas.

Facínoras com cara de *yakuzas* entravam e saíam, gritando em seus celulares e ignorando os policiais, que enxameavam na área e providenciavam o isolamento de todo o primeiro andar. Na calçada via-se sangue, mas não corpos. Tirei todas as fotos que pude. Um *yakuza*, que usava óculos escuros enormes e um moletom branco, olhava para mim enquanto falava ao celular. Fazia gestos violentos com a mão, como se dissesse: “Não se atreva a me fotografar”. De qualquer modo, fotografei.

Ele não gostou nem um pouco. Avançou em minha direção gritando palavrões, que não consegui entender porque ele engrolava os erres e emitia o grunhido típico dos *yakuzas*, provavelmente aprendido em filmes ruins sobre *yakuzas*. Como os mafiosos italianos, que se espelham nos filmes de Hollywood sobre a Máfia, os *yakuzas* japoneses imitam personagens de filmes sobre eles. Na verdade, os *yakuzas* são donos dos estúdios que fazem filmes de *yakuzas*, o que significa que às vezes, num filme de *yakuzas*, os extras que representam *yakuzas* são *yakuzas* de verdade. Mas os sujeitos carrancudos que estavam na minha frente não eram atores, em absoluto.

Mostrei minha braçadeira do *Yomiuri*. “Sou repórter. Tenho o direito de fazer fotos.”

A sutileza de meu argumento não o dissuadiu, e ele agarrou minha câmera. Puxei-a para fora de seu alcance, balançando o dedo para ele, como se dissesse “comigo não”. Eu estava valente porque meu policial predileto, Sekiguchi, tinha aparecido em cena. Usava jeans escuros, suéter azul-marinho e uma jaqueta de couro comprida. Tinha o cabelo esticado com gel e usava luvas de couro. Parecia mais *yakuza* que os próprios *yakuzas*.

Quando o Sr. Moletom Branco estava prestes a apagar minhas luzes, Sekiguchi gritou o nome dele e disse: “Dê o fora daqui e pare de usar a porra do celular”. O homem recuou, ainda me encarando.

Sekiguchi começou a caminhar pelo local em busca de projéteis e disse baixinho: “Jake, não abuse da sorte. Não provoque esses caras. Eles não têm o menor senso de humor”. E depois: “Dê uma passada lá esta noite”.

Aquiesci. Tínhamos uma norma: nunca nos falávamos no local de um crime. Circulei um pouco em busca de alguma declaração. Uma moça do bar de acompanhantes do segundo andar disse: “Eu sabia que essas pessoas aí de baixo não eram detetives de verdade, mas não sabia que eram *yakuzas*. Até agora foram bem discretos”.

“Agora que sabe, você está com medo?”, perguntei, orientando um pouco a testemunha.

“Bom”, disse ela, puxando um cigarro Mild Seven, “para dizer a verdade, não. É como o raio: nunca cai duas vezes no mesmo lugar, certo?”

Comentário totalmente inaproveitável.

Consegui que um professor aposentado do terceiro andar dissesse algo mais apropriado: “Sempre tive medo de que acontecesse uma coisa dessas, e agora aconteceu. Estou tão assustado que quero me mudar daqui. Por que será que a polícia não faz alguma coisa com essa gente perigosa?”.

Isso poderia servir, mas tinha um aspecto problemático e teria de ser editado. Porque se a polícia sabe onde ficam os escritórios dos *yakuzas*, e os cidadãos do local também sabem, por que o governo não os fecha? É isso mesmo, por que não? Mas isso são outros quinhentos. Acho que a versão

final do comentário seria: “Espero confiante que a polícia pegue essa gente”.

Uma dona de casa que morava no apartamento vizinho acrescentou: “Se uma dessas balas se perdesse... Tenho horror de pensar nisso. É uma sorte que ninguém tenha sido ferido...”. Essa agora ia mais diretamente à questão, embora de forma tecnicamente incorreta, pois dois *yakuzas* estavam em estado grave. Aos olhos do público, dois *yakuzas* e somente *yakuzas* atingidos quer dizer que “ninguém foi ferido”.

Enviei meu artigo, tirei uma soneca e saí para ir ver Sekiguchi. Ele chegou por volta das dez. Eu já estava lá, com os pés debaixo do *kotatsu*, ao lado de Yuki-chan, a filha mais velha, que me laçou com doçura para ajudá-la no dever de inglês. Chi-chan, a mais nova, estava vendo um musical horroroso na televisão, comendo lula confeitada num palito. A sra. Sekiguchi lia o jornal. A casa era tão pequena que se eu abrisse os braços por pouco não tocaria as paredes opostas. Mas era aconchegante.

Sekiguchi entrou, atirou a jaqueta no tatame e se sentou conosco no chão, esticando os pés para baixo do *kotatsu*.

“*Otsukare-sama* (expressão convencional do tipo ‘Que trabalhadeira, você deve estar exausto’). Como está indo a investigação?”, perguntei, sem perda de tempo.

“Bem, os caras do Kokusui não estão colaborando. Não falam. Mas, seja quem for o atirador, ele tinha colhões.”

“O que você quer dizer com isso?”

“Veja todos os outros tiroteios. Uns tirinhos contra uma porta. Grande coisa! Mas esse cara, o que fez esse serviço,

é um puta dum kamikaze. Ele toca a campainha, entra no escritório e pergunta: 'Quem é o responsável?'. E não espera resposta. Vai até um dos otários Kokusui-kai que estão ali, levanta a arma e *pum, pum...* Direto no peito e na barriga. Vira para o outro lado e faz a mesma coisa com outro otário. Depois, sai caminhando pela porta. Ele *sai caminhando* pela porta. Então, um garoto de dezoito anos, aprendiz de *yakuza*, agarra o sujeito na rua, tenta tomar a arma dele, que está na mão direita. Lutam. Não houve conversa... O pistoleiro esfaqueia o moleque no estômago com a outra mão. E cai fora. O síndico do edifício ouve o barulho, desce pela escada, põe os três feridos no carro e os leva para o hospital. Chamam a polícia. O pessoal de investigações criminais ainda está lá."

"Tem ideia de qual foi a arma?"

"Tokarev, provavelmente. Arma russa. Hoje em dia todo *yakuza* tem uma."

"Por que esses caras estão brigando?"

Sekiguchi acendeu um cigarro. "Você não vai acreditar na merda que faz esses caras brigarem. Foi o que fiquei sabendo. Dois caras do Yamaguchi-gumi foram fazer uma visita ao escritório do Kokusui-kai no bairro de Taito, em Tóquio. Um dos caras do Yamaguchi-gumi se chama Nakai. Um amigo dele se envolveu num acidente de carro com um cara do Kokusui-kai, então Nakai e seu camarada foram lá para acalmar as coisas, fazer o acerto, o que fosse. Ao que parece, Nakai é um falastrão e disse alguma coisa que irritou os caras do Kokusui-kai. Um deles é coreano, certo, por isso é esquentado, e puxou um revólver. Não demorou para que os do Yamaguchi-gumi estivessem no chão."

"Uma guerra de gangues por causa de um acidente de trânsito?"

“Sim, mas não é só isso. Os Yamaguchi-gumi controlam a região de Kansai (oeste do Japão) e são donos de cerca de quarenta por cento do mercado. Eles tentavam expandir-se para Tóquio (que fica na região de Kanto, leste do Japão) fazia anos. Os caras do Kokusui-kai ficaram irritados porque os capangas de Kansai estão sempre invadindo seu terreno. Ninguém os quer aqui. Em Saitama eles não têm escritório por enquanto, então acho que o problema é parte de um quadro mais geral. Como, por exemplo, fique longe daqui. Mas isso não importa muito. Depois que começam a trocar tiros, não há volta.”

Na época dessa guerra de gangues, o Kokusui-kai era o terceiro dos grupos criminosos de Saitama, depois do Sumiyoshi-kai e do Inagawa-kai. Tinha dezoito escritórios e cerca de 230 membros conhecidos. Agora havia policiais na frente de cada um dos escritórios.

Segundo Sekiguchi, não era comum que os *yakuzas* usassem uma agência de detetives como fachada, já que preferiam imobiliárias e incorporadoras. Os Kokusui-kai tinham se dado bem passando por detetives: pegaram um caso de infidelidade conjugal, extorquiram o que puderam do cliente e, quando descobriram que o cônjuge estava traindo (o que sempre acontecia), passaram a chantageá-lo, ameaçando contar a verdade ao cliente. Era um bom bico.

Na manhã do dia 18, o Departamento da Polícia Metropolitana de Tóquio recebeu uma ligação de alguém que dizia ser o atirador.

“O tiroteio de Konosu? Sou eu o diabo do cara.”

Disse que se apresentaria naquela tarde, com a arma, e fez o que prometeu. Tratava-se de Takehiko Sugaya, 27 anos, membro do Yamaguchi-gumi.

Em Saitama, Sekiguchi foi designado para interrogá-lo. As técnicas usadas por Sekiguchi em interrogatórios eram famosas. Os *yakuzas* em geral confessavam de imediato, para evitar que no curso do interrogatório Sekiguchi os levasse a produzir provas que os envolvessem em outros crimes. (Sekiguchi também não era ruim com criminosos de colarinho-branco, embora se destacasse bastante com relação a outros investigadores de formação elitista e currículo pretensioso. O que pude observar é que ele tratava os *yakuzas* com deferência e respeito, como se fossem pessoas de bem, e tratava burocratas e culpados de crimes empresariais como se fossem a escória — como se fossem *yakuzas*.)

Esperei um dia antes de ir vê-lo. Naquele momento, um caso que envolvia *yakuzas* na falsificação de recibos de *pachinko* e na extorsão de milhões de dólares dos gigantes do *pachinko* estava a ponto de estourar. A guerra de gangues tinha terminado, e agora que o pistoleiro estava preso, a notícia já era velha. Mas o trabalho de Sekiguchi não havia terminado.

Enquanto a sra. Sekiguchi preparava arroz frito para nosso fim de noite, Sekiguchi e eu, espremidos debaixo do *kotatsu*, falávamos de trabalho. Sugaya estava se mostrando um osso duro de roer, disse ele. O garotão alegava que havia feito aquilo por conta própria; ninguém o teria induzido ao crime. Sekiguchi tinha razões para não acreditar. Se um soldado do Yamaguchi-gumi puser fora de combate um membro de uma gangue rival e depois se entregar, será promovido à classe executiva assim que acabar de cumprir sua pena. Era um rito de passagem. Mas em muitos casos o verdadeiro autor dos disparos se livrava da condenação porque a organização mandava alguém no

lugar dele. Sekiguchi pretendia determinar se Sugaya tinha sido mesmo o autor dos disparos. Por sorte, como as vítimas estavam vivas, ele tinha testemunhas oculares de primeira ordem.

Dei uma profunda tragada em meu cigarro e tentei soprar anéis de fumaça, coisa que não fazia direito. Foi então que fiz minha observação cretina do dia: “Tudo bem, mas que importa? Sugaya será condenado e sairá em três ou quatro anos. Se um *yakuza* mata outro *yakuza*, ninguém liga a mínima para isso. Principalmente se ele na verdade nem matou, apenas feriu outros *yakuzas*”.

“Sim, acho que esse é o problema.”

“Problema?”

“Por que esses caras podem sair com mais facilidade que qualquer outra pessoa? O crime é o mesmo. Eles sabem que os tribunais vão tratá-los de maneira diferente, e isso incentiva as guerras de gangues. Os caras são mais propensos a se matar porque sabem que não vão pegar muito tempo.”

“Bom, isso pode ser verdade, mas mesmo assim Sugaya vai pegar no máximo quatro anos. Veja as estatísticas.”

“Sou eu quem faz o interrogatório. Posso deixar esse cara fora de cena por dez anos.”

“Dez anos? Só se for em sonhos, Sekiguchi-san.”

“Dez anos no mínimo.”

“Vamos fazer uma aposta. Se você conseguir que esse cara pegue dez anos, levo você e sua família para comer *yakiniku*, e vocês poderão pedir a carne que quiserem. Se ele pegar menos que isso, você me dará a lista de todos os escritórios dos *yakuzas* em Saitama e os nomes de seus executivos.”

Sekiguchi apagou o cigarro. “Você vai se arrepender dessa aposta. Está certo que tenho duas menininhas, mas comem como cinco meninos. Prepare a carteira, Adelstein.”

A sra. Sekiguchi deu uma risadinha ao ver os dois marmanjos fazerem uma aposta infantil. “Serei a testemunha. Jake-san, acho que dessa vez você não ganha.”

Garanti a ela que nunca tinha perdido uma aposta na vida, e recitei: “Agressão nunca dá dez anos, nem mesmo à mão armada”.

“Quem está falando de agressão? Isso foi tentativa de homicídio.”

Eu não tinha pensado nisso. Seja como for, a intenção tem de ser provada. “Sugaya disse algo como ‘Morra, filho da puta’, ou ‘Vou te matar’?”

Sekiguchi recuou. “Não, não disse.”

“Bem, então como vocês vão estabelecer a intenção?”

“O princípio legal é *mihitsu no koi*. Qualquer pessoa de bom senso sabe que, se atirar à queima-roupa no peito ou nos intestinos de uma pessoa, há uma forte possibilidade de que ela morra.”

“Sugaya não é bobo. Basta dizer que só pretendia assustá-los. Não houve nada como encostar a arma na cabeça deles e liquidá-los. Alguns tiros, e ele fugiu. Assustadíssimo. Não tinha intenção de matar.”

“Você está completamente enganado, Jake-kun. Esse cara é um soldado. Para ele dava no mesmo que os caras morressem ou não. Ele ficaria feliz se os tivesse matado.”

“Pode ser, mas alguém seria tão estúpido a ponto de admitir isso?”

“Ah, para mim ele vai admitir.”

“Boa sorte. Avise-me quando eu puder pegar a lista.”

Com a aposta fechada, a brincadeira continuou. Mas sobre uma coisa Sekiguchi falava sério: ele detestava os Yamaguchi-gumi e estava contente com o fato de eles não estarem em Saitama. “Depois que lançam raízes numa província, se espalham como um câncer. Prefiro mil vezes o Sumiyoshi-kai a esses caras.

Para encurtar a história, Sekiguchi fez que Sugaya fosse acusado de tentativa de assassinato e transgressão das leis de controle de armas de fogo. Apelou para a “dignidade masculina” a fim de fazer Sugaya contar a verdade. Sugaya foi sentenciado a dez anos. Tive de levar a família Sekiguchi para comer *yakiniku* e paguei 30 mil ienes (trezentos dólares) por uma refeição de carne japonesa de primeira qualidade.

Shibata sorriu.

“Jake-san, às vezes você é um verdadeiro *bakayaro* [imbecil]. Você nunca devia ter apostado com o policial. Até eu já ouvi falar de Sekiguchi. Não era nosso amigo, mas todos o respeitavam. E aquele Sugaya... Eu o admiro. Os *yakuzas* eram assim: cometeu o crime, cumpre a pena. Era um *gokudo*. Não se queixavam nem imploravam, como os *chimpiras* fazem agora. Eles vivem como homens, recebem o castigo como homens.

“Os garotos de hoje têm medo de ir para a cadeia. São uns fracotes. É por isso que repassamos o trabalho sujo para chineses e iranianos. Quando vão presos, não falam e são apenas deportados. Sugaya vai sair da prisão e não vai encontrar organização alguma para onde ir, nem lugar algum onde sua honra seja admirada.”

“Você acha mesmo?”

“Agora só o que importa é o dinheiro. Lealdade ao *oyabun*, honra, resistência, compromisso... Nada disso conta muito. O Kokusui-kai de Sugaya agora faz parte de nosso grupo. Nós nos unimos a eles no ano passado, portanto agora estamos em Tóquio. Não vai demorar muito para controlarmos todo o país. E não acho que isso seja uma coisa boa.”

Eu estava um pouco confuso. “Você também é um *yakuza*. Onde está seu orgulho de grupo?”

Ele riu. “Talvez no passado eu tenha sentido orgulho de ser membro de uma organização. Mas quando você chega perto do fim, começa a questionar as coisas. Começa a pensar se tudo o que você deu como certo é mesmo certo. A organização para a qual entrei não é a mesma que já foi. Quando as coisas ficam muito grandes, saem do controle e tudo vai mal. Muitos *yakuzas* já não têm regra nenhuma, não respeitam os cidadãos comuns, não respeitam nada. Estão envolvidos em todo tipo de coisas ruins pra valer. Principalmente o Goto-gumi.”

“Mais do que antes?”, perguntei, detestando interromper suas reminiscências.

Ele ficou em silêncio. Pôs as mãos nos joelhos e inspirou profundamente. “Talvez”, disse. “Talvez tenha sido sempre uma merda. Não sei. Fiz uma porção de coisas ruins na vida, mas algumas coisas fiz direito. Nunca traí o *oyabun*, nunca dei rasteira em amigo e nunca corri de uma briga. Pode não ser muito, mas dá a medida do que eu sou.”

“Já é alguma coisa.”

“Pode apostar que sim. E o que é que você quer me perguntar?”

“Duas coisinhas.”

“Não perguntei quantas são. Pergunte.”

“Uma amiga minha desapareceu. Há meses que não a vejo.”

“Dê-me o nome.”

“Helena.”

“Tem um retrato dela?”

Dei-lhe uma foto. Ele olhou o retrato e depois olhou para mim.

“Dê os detalhes.”

Contei tudo. Disse-lhe quem era ela e o que eu tinha lhe pedido que fizesse. Ele estremeceu um pouco quando mencionei o Goto-gumi e o nome da ong. Resmungou alguma coisa e fez sinal para que eu chegasse à janela junto da qual estava sentado. Mal podia ouvi-lo, e me inclinei.

Ele me deu um tapa na cara com tanta força que fui jogado para trás e caí sentado. Meus ouvidos zumbiam tanto que achei que tinha ficado surdo de um deles. Ele se pôs de pé e me olhou fixo, fazendo sinal para que me levantasse. Respirava com esforço, mas parecia bem. Quem não se sentia bem era eu.

“Que porra você estava pensando?”, gritou para mim.

“Eu não sabia.”

“Você devia saber. Você não é uma criança, é um homem. Você nunca deveria ter pedido a ela para investigar aquela organização. O que há com você?”

“Pelo amor de Deus, Shibata. Eu disse a ela para parar.”

“E você devia saber que ela não ia parar. Você gostava dessa mulher, talvez mais que isso, e ela deve ter gostado de você. Então por que correu o risco? Às vezes você é tão inteligente, Jake-san, e às vezes é um imbecil de merda.”

Ele me deu a mão e ajudou-me a levantar. Sua pegada era forte. Sentou-se outra vez.

“Vou procurar saber. Não acredito que você receba as respostas que quer, mas vou perguntar. E agora, qual é a outra coisa que quer saber?”

Sentei-me na cama, tentando manter-me firme. Meu equilíbrio parecia meio perturbado.

“Sei que Goto não foi o único cara a fazer um transplante de fígado na ucla. Soube que há outros. Quero mais um nome.”

Shibata ofereceu-me um de seus cigarros, que aceitei. Ele tinha quase acabado com o maço de Lucky Strike. Balançou a cabeça e olhou para o chão durante alguns minutos. Depois levantou o olhar para mim e olhou fixo nos meus olhos. Não sei o que ele viu, mas balançou a cabeça de novo.

“Já sei o que você está querendo fazer. Não acho que seja ajuizado. Mas compreendo. Você tem certeza de que quer prosseguir trilhando esse caminho? É *kemono no michi*.”

“*Kemono no michi?*”

“Em algumas ocasiões, nas montanhas, por passar diversas vezes pelo mesmo caminho, os animais produzem trilhas. Se você não souber disso, pode pensar que a trilha foi traçada por seres humanos... Parecem feitas por homens. Se você seguir essa trilha, a trilha das feras, não vai chegar a lugar nenhum. Quando as pessoas que se perdem nos ermos seguem essas trilhas, só conseguem ficar cada vez mais perdidas. Às vezes se desorientam totalmente e morrem. Não é um caminho para seres humanos, é um desvio perigoso. Você tem certeza de que

essa é a estrada que quer tomar? Ela pode não levar aonde você está querendo chegar.”

“Olhe, estou apenas acompanhando o caso. Não pretendo fazer loucuras.”

“Não, você não está pretendendo nada. Pense um pouco. Mantenha os olhos no caminho certo, não no caminho errado.”

E então o velho filho da puta me deu outra bofetada, com mais força ainda. E quando caí, chutou meu estômago. Consegui não vomitar, mas me dobrei em posição fetal, sentindo-me muito estúpido e um pouco assustado. Na verdade, bem assustado.

“Não estou fazendo piada agora. Você não pode se descuidar. Não confie em ninguém. Se você acha que isto dói, saiba que o que Goto vai fazer com você ou com seus amigos, se souber o que está fazendo, vai doer mil vezes mais. Não dê bobeira.”

“Entendo.”

“Bom. Agora levante essa bunda daí e me passe mais alguns Luckys. Estou sem. A caixa está em cima da televisão.”

Peguei os cigarros, mas não os levei até ele. Neguei-me a ficar ao alcance de sua mão e atirei-lhe os cigarros na cabeça. Ele os pegou e deu uma risadinha. Depois disso tivemos uma longa conversa. Antes de ir embora, recoloquei o detector de fumaça com muita dificuldade. Foi difícil manter o equilíbrio em cima da cadeira. Se alguém esbofetear você com toda a força de que é capaz, você vai entender por quê.

Em 2007, Shibata morreu. Antes disso, me deu um nome: Hisatoshi Mio, fundador do Mio-gumi. Era também um dos sustentáculos do Imperador da Agiotagem, Kajiyama. Tudo isso era muito lógico. Goto ensinara Kajiyama a fazer o dinheiro circular através de Las Vegas. Não era de surpreender que Goto também conhecesse Mio. Eu estava cada vez mais convencido de que o caso de Goto não era um incidente isolado. Havia alguma coisa muito estranha acontecendo na ucla. Mantive a promessa que tinha feito a Shibata. Dei a carta a sua mulher, que prometeu entregá-la ao filho quando tivesse idade para lê-la. Provavelmente voltarei lá algum dia para me certificar de que ele a recebeu.

Ele nunca me disse nada a respeito de Helena.

Sekiguchi seguiu Shibata naquele outono. De repente, fiquei sem minha principal fonte *yakuza* e sem minha principal fonte na polícia. Minhas perspectivas de solucionar o caso Goto se tornaram sombrias.

Sekiguchi tinha 48 anos. Olhando em retrospecto, eu era amigo dele e da família havia quase catorze anos. Ele exalou o último suspiro às 3h45 de uma tarde chuvosa no fim de agosto. Eu estava de regresso ao Japão com minha família, hospedado na casa de minha sogra. Foi muito bom para as crianças — elas estavam ficando muito boas em inglês, mas precisavam dar um polimento no japonês.

Na véspera do dia em que devíamos retornar aos Estados Unidos, 29 de agosto, estávamos comendo comida chinesa quando a mulher de Sekiguchi ligou para dizer que ele tinha morrido. Eu quis cancelar o voo e ficar para o

enterro, mas todos, menos as crianças, ficaram muito bravos. Tive uma acalorada discussão com Sunao e minha sogra. Elas achavam que eu deveria ir ao velório, se houvesse, e depois visitar a família da próxima vez que viesse ao Japão. Eu não concordava. Ninguém acreditaria que um desajeitado moleque judeu e um policial do crime organizado dez anos mais velho pudessem se tornar tão bons amigos, mas ao cabo daqueles anos, foi o que aconteceu. Eu queria ficar, mas Sunao não aceitava. Perguntei se ela podia voltar para os Estados Unidos sozinha com as crianças. Eu a acompanharia a Narita e mandaria alguém esperá-la no aeroporto nos Estados Unidos e levá-la para casa, mas fui acusado de pôr meus interesses egoístas à frente das necessidades da família.

Saímos do restaurante chinês depois de comer e voltamos para a casa de Sunao. Eu precisava pelo menos ver a família de Sekiguchi e prestar homenagem ao morto. Às dez da noite estava num táxi, debaixo de chuva, indo para a casa de Sekiguchi no desolado Konan. Sunao ia comigo. Não nos falávamos. Chovia tanto que o táxi teve de parar uma ou duas vezes pelo caminho. A corrida custou quase 250 dólares.

Uma passada à meia-noite pela casa de Sekiguchi. Parecia com os velhos tempos, mas não era. Eu usava um terno preto que era meu e uma gravata preta que peguei emprestada com a mãe de Sunao.

Sei que enterros e velórios são rituais sem sentido, mas não para os que ficam. Eu tinha prometido a Sekiguchi que quando ele morresse eu iria ao enterro e lhe renderia homenagem; que usaria um terno de verdade e tentaria usar meias iguais. Eu lhe devia pelo menos um palito de incenso. Você pode achar que as pessoas entendem que às

vezes as promessas são imperativas mesmo depois da morte. É um dos poucos arrependimentos que tenho na vida: prometi ir ao enterro dele, e não fui.

O corpo já estava em casa quando cheguei. Não jazia à maneira budista, que é mais comum no Japão. Ele teria um enterro xintoísta. Quando cheguei, o corpo estava num futon, na sala, à maneira xintoísta. Eu nada sabia sobre rituais xintoístas. Foi uma nova experiência.

Sekiguchi tinha me ensinado mais sobre jornalismo, inquéritos, honra e confiança do que qualquer um que eu tenha conhecido. Eu o considerava uma espécie de segundo pai. Levei minha filha Beni para que ele a conhecesse antes de levá-la a meus próprios pais. Até na morte Sekiguchi teve algo a me ensinar sobre o Japão.

Era estranho vê-lo deitado daquela forma no tatame. Tiraram o pano branco que lhe cobria o rosto para que eu pudesse ver sua expressão. Parecia estar sorrindo. Era o mesmo sorriso debochado que exibia quando me acenava com alguma apetitosa informação, contava uma piada boba ou quando eu perdia mais uma aposta para ele.

Ele tinha sentido muita dor nos meses anteriores. Nem as doses endovenosas de morfina estavam dando resultado. O câncer se espalhara para todo o corpo. Durante algum tempo, ele frequentou o Instituto do Câncer Ariake em Odaiba, a mais ou menos três horas de Saitama, onde morava. Era paciente externo e por isso, depois de ser entupido de medicamentos e radiação, fazia de trem a extenuante viagem de volta a Saitama, muitas vezes na hora do rush, quando não havia assentos livres.

Insisti em pagar-lhe um hotel perto do hospital, o Grand Pacific Le Daiba, para que pudesse descansar ao sair do tratamento, antes de voltar para casa. Ele, naturalmente, protestou e recusou. Não podia aceitar um presente como aquele. Como policial — parece mentira, mas ainda estava trabalhando —, ele não queria aceitar nada de mim, nada que tivesse valor monetário. Disse-lhe que estava trabalhando para a empresa que era proprietária do hotel e que o quarto sairia de graça.

Claro que era mentira. Acho que ele sabia que era mentira, e sabia que eu sabia que ele sabia. Mas era preciso. Isso lhe permitiu aceitar a oferta, e eu queria muito que aceitasse. Esse procedimento é comum no Japão. Há uma imagem pública, *tatema*, a fachada que deve ser mantida, e atrás dela o que realmente acontece. O *tatema* era que ele estava apenas tomando um quarto emprestado. Era bom para ele e para mim. “*Uso mo hoben*” — as mentiras são também métodos eficientes — é um provérbio derivado de um sutra budista.

Nesse sutra, conta-se o caso de um grupo de crianças que está brincando numa casa. A casa está pegando fogo, o perigo é grande, e se as crianças não saírem de lá, morrerão queimadas. Mas as crianças não querem ir embora porque estão se divertindo muito. As pessoas gritam-lhes que saiam, mas elas não atendem, e a porta está fechada por dentro. Então alguém diz às crianças que lá fora há doces deliciosos esperando por elas. É mentira, mas isso faz que elas saiam da casa e sejam salvas.

*Uso mo hoben.* Às vezes são mesmo.

Infelizmente, eu não tinha o poder de tirá-lo da casa. Tudo o que pude fazer foi dar-lhe um pouquinho mais de conforto enquanto a casa pegava fogo.

Eu sabia como prestar homenagem num funeral budista, mas dessa vez estava completamente perdido. Segui o protocolo tendo a sra. Sekiguchi a me orientar: dei-lhe água e me curvei. Deixei um cigarro na mesa próxima de sua cabeça, junto com a comida.

Não foi por causa dos cigarros que ele teve câncer; foi por causa da traição. Alguns anos antes, outro policial dera informações desabonadoras sobre ele a um jornal. Era colega de Sekiguchi, mas se ressentia de seu sucesso.

Os “crimes” de Sekiguchi tinham sido retirar as algemas de um *yakuza* e dar-lhe de comer uma tigela de macarrão antes de levá-lo à delegacia para que fosse preso. Além disso, Sekiguchi quase desencadeara um motim na prisão ao tirar um *yakuza* da cela para que fumasse um cigarro. Todas essas coisas violavam o protocolo da polícia. O policial que queria prejudicá-lo relatou tudo a um repórter do *Mainichi Shimbun*. O caso foi publicado, e depois disso todos os jornais deram suítes da matéria. Ele, no fim das contas, era um “mau policial”.

Foi destituído do cargo de investigador, rebaixado, repreendido e designado para o serviço de trânsito. Ficou nesse limbo alguns anos. Isso acabou com ele. Foi provavelmente nessa época que contraiu o câncer. Acho que essa foi a verdadeira causa: uma combinação de traição, humilhação e frustração.

Poucos meses antes de morrer, ele me pediu que fizesse certas coisas. Cumpri a maior parte de minhas promessas. Prometi que verificaria periodicamente a situação de sua mulher e suas filhas. Ainda faço isso. É difícil acreditar que hoje elas são duas mulheres. Olho para elas e ainda vejo a menina de seis anos e a de nove que tentavam me convencer de que eu não podia ser judeu porque todos os

judeus tinham sido mortos na Segunda Guerra Mundial, como tinham aprendido na escola. A mais nova quis até me levar à escola para uma exibição diante da turma.

Sekiguchi viveu bem. E morreu bem, também. Parecia bem da última vez que o vi. Foi quando tive certeza de que estava morrendo. A maior parte das pessoas aparenta uma melhora pouco antes de morrer: os meio loucos ficam lúcidos, o doente de câncer parece saudável. Ele conversou com a família na véspera da morte e disse coisas positivas. Tiveram uma boa conversa. Ele deixou este mundo em paz consigo mesmo e com sua família. Foi isso que a sra. Sekiguchi me disse, e fiquei contente ao ouvir.

Para os budistas, depois de 49 dias você renasce, mas no xintoísmo depois de cinquenta dias você se torna uma divindade, segundo a família Sekiguchi. Olhando para ele, pensei: espero realmente que isso seja assim.

É sempre bom ter um deus a seu lado.

Eu sabia que estava com problemas. Tinha posto minha família em perigo. Helena ainda estava desaparecida.

Ainda me lembro do sorriso no rosto de Sekiguchi. Era como se ele estivesse fingindo dormir. Na minha imaginação, eu o ouvia falando comigo. Eu queria ouvir suas palavras: “Jake, às vezes você tem de retroceder para lutar. Pergunte a si mesmo: agora é hora de quê?”.

Bem, Deus sabe que eu estava cansado de apanhar. Retroceder não me parecia uma boa escolha. Talvez fosse hora de lutar. Isso me parecia melhor que a outra opção.

21 Meu filho, Ray, nasceu em maio de 2004, quando eu ainda estava na reportagem policial. O nome dele vem do ideograma japonês para "delicadeza",

"recompensa" e "obrigado".

22 Carne de alta qualidade, proveniente da área de Kobe.

# Dois venenos

O sumiço de Helena mexeu comigo. Se eu soubesse o que tinha acontecido com ela, teria sido melhor. Não saber era angustiante.

Eu precisava saber mais sobre Tadamasa Goto, quanto poder ele tinha, quais eram seus aliados e seus inimigos. A morte de Shibata foi um grande golpe para mim, e a de Sekiguchi, ainda maior.

Eis o que eu tinha conseguido reunir sobre Goto:

Tinha sido o líder da infiltração do Yamaguchi-gumi em Tóquio e era dono de mais de cem empresas de fachada. Sua fortuna pessoal se calculava em mais de meio bilhão de dólares. Em certo momento, chegou a ser o maior acionista da Japan Airlines.

O motivo de sua má fama foi a surra que teriam mandado aplicar no famoso diretor de cinema Juzo Itami em maio de 1992. Itami dirigira um filme chamado *Yakuza: A arte da extorsão (Minbo no onna)* que, ao contrário de todos os filmes anteriores sobre os *yakuzas*, os mostrava como uns brutamontes rudes e gananciosos e não como pessoas nobres à margem da lei. Goto não gostou do filme e ficou especialmente contrariado com a insinuação de que os *yakuzas* não cumpriam suas ameaças. Em 22 de maio, cinco membros de sua organização atacaram Itami num estacionamento diante de sua casa, retalharam sua face

esquerda e seu pescoço e lhe provocaram outros graves ferimentos.

Itami passou a apoiar publicamente as novas leis contra o crime organizado postas em vigor pelo governo japonês e tornou-se uma pedra no sapato do crime organizado. Era um símbolo vivo daquilo que os *yakuzas* realmente faziam, e não do que simulam fazer. Poucos anos depois, ele teria se suicidado, atirando-se do alto de um edifício.

Reuni centenas de páginas de material sobre o Goto-gumi. Usei todos os subterfúgios que aprendi quando trabalhava no *Yomiuri*. Tive de fazer algumas concessões morais para conseguir tudo isso, mas precisava conhecer meu inimigo. Foi de extrema utilidade para mim um relatório ultrassecreto da Agência Nacional de Polícia sobre Tadamasu Goto e sua organização, elaborado em 2001 com ajuda de todas as entidades policiais do Japão. Uma fonte valiosíssima me deu esse relatório em troca de serviços prestados.

Eles não hesitam em tomar medidas extremas nem levam em conta o envolvimento de terceiros quando se trata de planejar um ataque/represália. Agem em presença de mulheres e/ou crianças, obrigando-as a presenciar atos violentos e hediondos depois dos quais não se atrevem a apresentar queixa-crime.

A execução de represálias é totalmente deliberada e planejada, amadurecida durante longo tempo. A divisão de funções é clara (inspeção preliminar, pistolagem, vigilância etc.). Ninguém é informado sobre quem é realmente o mandante. (Assim uma investigação ampla se torna impossível.) Para cometer seus crimes, usam veículos de passeio com placas trocadas (roubadas) de outras províncias (o que também dificulta a investigação ampla).

O relatório destacava ainda que outra característica da organização era a “intimidação dos meios de comunicação”,

afirmando também que “usando o nome (e os poderes) da organização, seus membros ameaçarão grave e incansavelmente seja quem for o responsável pela cobertura desfavorável”.

Basta dizer que em 2006, antes mesmo de me encontrar com Shibata, suspeitei que não só Goto, mas três outros de seus sócios tinham se submetido a um transplante de fígado na ucla.

Foi ótimo que Shibata tenha me dado o nome de Mio, mas de certa forma a pessoa que mais me ajudou foi o próprio Tadamasa Goto. Os métodos que usava para manter a disciplina em sua organização lhe granjearam inimigos no interior dela. A anp descreve esse método de controle em detalhe:

[Os membros da gangue são mantidos sob controle por] um sistema de Castigo e Recompensa. Sempre se confere uma honraria ou recompensa quando é o caso (despesas de manutenção da família, promoção pós-prisional, prêmios em dinheiro, carros etc.).

Numa situação em que as atividades criminosas de um membro da organização causem problemas para os demais, Goto degrada essa pessoa. Para que sirva como exemplo, essa pessoa é surrada por Goto diante de seus pares, que em certas ocasiões são obrigados a infligir eles mesmos o castigo.

Por causa dessas técnicas impiedosas, pude me aproximar de um dos soldados de Goto, que tinha sido obrigado a mutilar um amigo. Ele não gostava muito de mim, mas o ódio que sentia por Goto era maior. Embora não fosse minha única fonte na organização, era a mais confiável.

Em novembro de 2006, tivemos um encontro bem longe de Tóquio, e ele me contou algo que me pegou totalmente

de surpresa: Goto tinha conseguido entrar nos Estados Unidos porque o fbi permitiu.

O fbi.

Meu contato deu dados aproximados e o nome da pessoa que tinha negociado o acerto: Jim Moynihan, adido para assuntos legais (na verdade, representante do fbi) na embaixada dos Estados Unidos no Japão.

Eu conhecia Jim. Era um amigo e mentor. Eu não quis acreditar, mas sabia que era verdade. E agora eu entendia por que Goto não ia gostar que eu escrevesse a matéria: ele tinha vendido seus amigos para obter permissão de entrada nos Estados Unidos. Era um acerto óbvio. Ele dera às autoridades os nomes de alguns dos principais chefes da gangue, documentos e listas de empresas de fachada, e até mesmo pistas sobre as instituições financeiras que o Yamaguchi-gumi usava para lavar dinheiro nos Estados Unidos. Mesmo no mundo selvagem dos *yakuzas*, delatar os próprios camaradas não era algo tolerável. Na verdade, é o tipo de coisa que pode fazer alguém ser expulso da organização ou até mesmo ser assassinado.

Em dezembro de 2006, fui jantar com Jim e perguntei, com toda a cortesia de que era capaz, depois de algumas Guinness bem geladas, por que diabos ele tinha feito acordo com aquele homem.

Jim contou-me tudo o que pôde. E fazia sentido. Não deu todos os detalhes, mas disse o bastante. Com direito a publicação.

No entanto, as informações decisivas surgiram em meados de 2007, quando um investigador do Departamento de Polícia de Kitazawa baixava material pornográfico em seu computador e acidentalmente acessou uma rede interna winny, do Departamento da Polícia Metropolitana de Tóquio,

com a ficha completa de Tadamasa Goto. Todos os principais jornais japoneses noticiaram a informação vazada. Baixei imediatamente os arquivos.

Foi um orgasmo de informação. Todos os voos dele estavam relacionados, além do nome da maior parte de suas amantes (pelo menos nove das quinze), e outras informações úteis. Eu agora tinha as datas em que ele fora à ucla para a cirurgia e sabia quem o acompanhara. Havia também nos arquivos outras fofocas saborosas. Uma de suas amantes era uma famosa atriz de cinema. É claro que isso foi amplamente noticiado pela imprensa japonesa, que adora fofocas sobre celebridades. O que não se disse foi que na lista de empresas de fachada estava a Burning Productions, a maior e mais poderosa agência de talentos do Japão. O controle que Goto exercia sobre a Burning Productions era um instrumento dos mais úteis para a censura à imprensa. Qualquer canal de televisão que se interpusesse no caminho de Goto teria vedado o acesso aos melhores atores, cantores e apresentadores do Japão. Isso também queria dizer que todos os jornais ligados a redes televisivas, o que é comum no Japão, estavam indiretamente ameaçados. O retorno financeiro da programação voltada para o entretenimento sempre foi maior que o retorno proporcionado pelo noticiário.

Naquele gigabyte de dados havia coisas que confirmavam suspeitas minhas de longa data. Depois de falar com uma fonte do Departamento de Justiça dos Estados Unidos e outras fontes da polícia e do submundo no Japão, eu estava em condições de juntar todas as pontas.

Em janeiro ou fevereiro de 2001, os médicos da Universidade Showa que cuidavam de Goto lhe disseram que ia morrer se não fizesse um transplante de fígado com urgência. Tinha hepatite C e era cardíaco, sendo portanto, no Japão, um candidato a transplante com poucas chances.

Em abril de 2001, Goto contactou o fbi por intermédio de Hoshi Hitoshi, antigo testa de ferro de Nobusuke Kishi, homem estreitamente ligado ao pld. (Kishi foi duas vezes primeiro-ministro do Japão. Um de seus netos, Shinzo Abe, tornou-se primeiro-ministro em setembro de 2006.) Kishi foi o portador da oferta de Goto.

O fbi queria os nomes de *yakuzas* importantes porque a Agência Nacional de Polícia do Japão se negava a fornecer as informações que tinha, alegando “questões de privacidade”. Isso na prática impossibilitava o fbi de monitorar as atividades dos *yakuzas* nos Estados Unidos.

Goto prometeu ao fbi (e possivelmente a outro órgão de inteligência) uma lista ampla de membros do Yamaguchi-gumi, de empresas de fachada e de instituições financeiras a eles relacionadas, além de informação sobre as atividades dos norte-coreanos. Em troca dessa informação, Goto queria um visto para o Estados Unidos para poder fazer o transplante na ucla.<sup>23</sup> Ele negociou por conta própria com a ucla, quanto a isso não há dúvida. O visto foi concedido por pressão do fbi sobre a Imigração e Alfândega dos Estados Unidos, que concordou, embora com relutância.

Se eu fosse Jim, também teria feito o acordo. O potencial das informações era enorme. O fbi não estava dando um fígado a Goto, apenas a chave da porta. A ucla fez o resto. Segundo Manabu Miyazaki, jornalista que faz apologia dos *yakuzas* e amigo chegado de Goto, além das informações referentes aos *yakuzas*, o fbi tinha profundo

interesse no que Goto pudesse saber sobre a Coreia do Norte. Naquela época, esse país estava empenhado na falsificação, com excelente qualidade, de dólares americanos, e a questão era de importância crucial para os Estados Unidos. Goto já tivera estreitas relações com a Coreia do Norte, que supostamente lhe fornecia drogas, armamento e dinheiro.

A cirurgia foi realizada em 5 de julho. Goto, no entanto, só forneceu ao fbi uma pequena parte da informação prometida. Depois que se pilhou com seu fígado novo, entrou num avião, voou de volta ao Japão e nunca mais falou com o fbi. Não há registro da volta de Goto ao Japão.

Para o fbi, “a operação” não foi um grande sucesso.

Para Goto, foi de um êxito estrondoso. Ele voltou para o Japão antes do fim do ano, já sem sinal da icterícia e mais saudável do que nunca.

Naquele ano, na festa de Ano-Novo do Yamaguchi-gumi, Goto estava vendendo saúde. Como dizem os japoneses, durante as festividades ele “bebeu e comeu como uma baleia” e fumou como uma chaminé.

Uma vez, Goto chegou a se vangloriar com Chihiro Inagawa, outro chefe *yakuza*, de que “desde que ganhei este fígado novo, nunca mais tive problema para levantar este aqui”, e indicou o pau. Inagawa então teria dito a Goto: “Você teve uma sorte dos diabos. Conseguiu o doador perfeito, um adolescente, morto num acidente de carro apenas dois meses depois que você entrou para a lista de espera... Uma coincidência inacreditável”.

Goto respondeu com um risinho: “Oh, não foi coincidência”.

Inagawa não achou graça.

Nunca pude confirmar se Goto se referia à morte no trânsito ou a sua rápida ascensão ao topo da lista de espera. De um modo ou de outro, não consigo imaginá-lo alheio à manipulação desse jogo.

O próprio Inagawa tentou mais tarde viajar para os Estados Unidos para um transplante de fígado, mas teve o visto negado. Quando foi contemplado com uma entrevista especial para discutir seu caso com funcionários do governo dos Estados Unidos, o agente responsável lhe disse com rudeza: “Se quer saber por que não vamos deixá-lo entrar no país, pergunte ao senhor Goto”.

A Imigração e Alfândega não se deixaria enganar outra vez. Tinha uma visão crítica do acordo feito pelo fbi e achava que produzira pouca informação litigável.

Goto disse a um de seus comparsas que pagara um total de 3 milhões de dólares pelo fígado. (Os relatórios policiais trabalham com a cifra de 1 milhão de dólares e supõem que o médico de Goto tenha recebido 100 mil dólares por cada “visita em domicílio” no Japão, normalmente no Hotel Imperial.) As únicas pessoas que sabiam do acordo com o fbi eram as mais próximas de Goto. Era bom saber disso.

Foi quando eu pesquisava outros materiais relativos ao Yamaguchi-gumi que entendi que Goto não teria sido o único a fazer um transplante de fígado na ucla. Havia provavelmente mais três.

Achei que tinha em mãos uma história fantástica, não apenas do ponto de vista americano, mas do japonês também. O Japão tem um sistema muito limitado de transplante de órgãos. Há poucos doadores e as cirurgias são raras. A maior parte dos japoneses que precisam de transplante sai do país ou morre na fila de espera. Mas do

lado americano, a coisa não era menos deplorável. Por que criminosos japoneses têm prioridade sobre cidadãos americanos cumpridores da lei? Eu não fazia ideia.

Escrevi tudo o que sabia para um livro, que seria originalmente publicado pela Kodansha International, divisão de língua inglesa da Kodansha, uma das editoras mais antigas e mais conhecidas do Japão. Tentei oferecer a matéria a uma revista semanal e me disseram, na bucha: “De jeito nenhum”. Nenhum motivo foi alegado.

Decidi esperar. E ainda estaria esperando se não fosse por um pequeno incidente.

A Kodansha International publicou em seu site europeu, sem me notificar, uma longa introdução ao livro. Só fiquei sabendo disso em novembro de 2007. O texto não detalhava tudo, mas, se você fosse Tadamasu Goto, teria o bastante para saber claramente que um problema estava germinando. Fiz a Kodansha retirar a página de seu site, mas subestimei a capacidade dos escudeiros de Goto de entender inglês e sua possibilidade de usar os alertas do Google. Mais tarde, um dos sócios de Goto me diria que alguém deve ter dado um jeito de conseguir uma cópia do catálogo em que havia uma sinopse de meu livro, o que teria confirmado suas suspeitas. Em dezembro de 2007, percebi indícios de que estava numa encrenca grave. Em janeiro do ano seguinte, tive a confirmação definitiva de que Goto estava outra vez planejando me matar.

O homem que me servia de fonte pediu que eu o visitasse em Kabukicho. Fui encontrá-lo em seu bar predileto. Ele gostava do bar porque tinha uma boa seleção de bourbons. Esperou que eu estivesse razoavelmente bêbado antes de me expor a coisa.

“Jake, você está numa enrascada. Goto sabe que você está escrevendo um livro. Se eu fosse você, teria muito cuidado.”

Não tentei contradizê-lo. Dei de ombros. “O que ele vai fazer? Ameaçar-me de morte? Já fez isso antes.”

“Ele não vai ameaçar. Vai te matar. Vai fazer que pareça suicídio.”

“Como? Não sou do tipo que se suicida.”

“Como você acha que Juzo Itami morreu?”

“Foi suicídio. Quero dizer, é claro que de início pensei que tivesse sido morto, mas depois ouvi outra coisa. Ele estava deprimido porque a revista semanal *Friday* ia expor um caso extraconjugal. Ele saltou do telhado. Se isso tivesse sido suspeito, tenho certeza de que a polícia teria investigado.”

“Você viu a matéria? Sabia que ele riu dessa história quando o jornalista o abordou? Ele disse ‘Ah, ela já sabe’. Isso lhe parece vindo de uma pessoa deprimida e estressada?”

“Não sei. Não conheço os detalhes. Mas ele deixou um bilhete.”

“Sim, um bilhete escrito num editor de texto. Qualquer um poderia ter escrito esse bilhete.”

De repente, meu bourbon começou a não me parecer tão gostoso.

“Por quê?”

“Ele estava preparando outro filme. Seria sobre o Goto-gumi e sua relação com o grupo religioso Soka Gakkai. Goto não gostou disso. Cinco de seus homens pegaram Itami e o obrigaram a saltar daquele telhado sob a mira de uma arma. Foi assim que ele cometeu suicídio.”

“Como você sabe que isso é verdade?”

“É indelicado fazer uma pergunta como essa.” Os dedos dele apertaram o copo com tanta força que achei que fosse quebrá-lo.

Apressei-me a me desculpar.

“Então o que devo fazer?”

“Tenha cuidado. Escreva já, se puder.”

“Conheço a maior parte da história.”

“Se você não souber de tudo, ninguém vai acreditar em você. Não ia servir para nada. Você tem de escrever sobre tudo, sobre os outros também.”

“Sim, ouvi dizer que há outros. Quem são?”

“Eu não sei. Você devia saber. Posso apresentá-lo a alguém que vai ajudá-lo. Ela não gosta muito de Goto.”

“Ela?”

“Uma entre muitas. Ela tem seus motivos.”

“Não é perigoso para ela?”

“Acho que ela não se importa.”

Deu-me o cartão dela; no verso estava o endereço. Deu-me também o de outra. Eu a reconheci com base no material da polícia que tinha vazado.

“Por que essas duas mulheres?”

“Ele confia nelas, acho eu. Você tem jeito com as mulheres. Elas vão confiar em você. Elas gostam de você. Ouvi dizer que você é muito amiguinho de uma certa policial.”

“Sou amiguinho de todo mundo. Sou um cara legal.”

Pedi a conta e paguei. Quando estávamos saindo, perguntei-lhe por que Goto não me eliminava de imediato.

“Ele está esperando alguma coisa antes de tomar a decisão. Não sei o que é. Ele provavelmente não sabe até onde você sabe, ou a quem você repassou suas informações. Não tem pressa. Está observando você.”

Colhendo informações a seu respeito. Talvez tente desacreditá-lo antes que você possa escrever alguma coisa... Como plantar drogas em seu apartamento e chamar a polícia. Fazer que uma mulher dê queixa contra você por assédio no trem. Há muitas maneiras de neutralizar uma pessoa sem matá-la, porque matar você chamaria demais a atenção. Você sabia que ele ainda está sendo processado?”

Claro que eu sabia que Goto estava sendo processado. Eis aqui o que aconteceu.

Em maio de 2006, Goto, que era presidente de uma empresa de construção, foi preso, com mais oito pessoas, sob suspeita de transferir ilegalmente a propriedade de um edifício no bairro de Shibuya. Segundo a polícia, Goto, diretor executivo da empresa de capital aberto Ryowa Life Create, e os outros suspeitos tinham registrado a falsa transferência de propriedade de um edifício de doze andares, o edifício Shinjuku, que pertencia em parte a uma empresa de fachada do Goto-gumi. A prisão decorreu de uma investigação iniciada mais de um ano antes. Em março de 2005, Kazuoki Nozaki, de 58 anos, consultor de uma administradora de condomínios e um dos proprietários do edifício Shinjuku, morreu esfaqueado numa rua do bairro de Minato, em Tóquio.

A polícia acusou Goto de transgressão das leis de propriedade porque queria incriminá-lo pelo assassinato de Nozaki. Todo mundo sabia disso.

A execução fora perpetrada com a eficiência típica do Goto-gumi: um grupo pequeno, sem testemunhas, pouco ou nenhum indício. Pensei que essa seria a forma como me pegariam, se essa hora chegasse: esfaqueado num beco, sangrando até morrer.

Contei-lhe que tinha conhecimento do processo. Eu estava intrigado com o fato de ainda não ter tido o destino do sr. Nozaki.

“Você é conhecido. As pessoas acham que você trabalha para a cia. Goto, pelo menos, acha. Além disso, você é judeu. Ele acha que pode haver repercussão se pegarem você.”

“O que tem o fato de eu ser judeu com isso?”

“Você poderia pertencer ao Mossad.”

“Não posso acreditar que estamos tendo esta conversa!”

“Eu lhe disse o que sabia. Agora é com você. Boa sorte. Não subestime o homem. Ele não subestima você.”

Não tive a menor dúvida de que ele tinha razão.

As coisas azedaram em pouco tempo. Eu soube que Goto decidira que se fosse condenado — o que em seu estado de saúde equivalia a uma sentença de morte — ele mandaria me matar.

Fui posto sob proteção policial em 5 de março de 2008. Um agente especial do fbi me acompanhou à Agência Nacional de Polícia, e eles discutiram as medidas que poderiam tomar. O fbi fez contato com autoridades policiais americanas e pediu-lhes que protegessem minha casa nos Estados Unidos. Nessa reunião, eles me pediram que revelasse quem era minha fonte no Goto-gumi, mas me recusei. Fui avisado de que isso tornaria mais difícil justificar uma proteção de 24 horas por dia por parte da polícia japonesa, e tudo o que pude dizer foi: “Bom, vou ficar satisfeito com o que for possível”.

Fui levado ao dpmt para falar com os investigadores da Divisão de Investigação 3 de Combate ao Crime Organizado, que se encarregaria de minha proteção. Nos velhos tempos,

esses eram os caras sobre quem eu escrevia, não aqueles de quem dependia para continuar vivo.

Antes de ir ao escritório do dpmt, mandei um breve e-mail aos policiais que eu conhecia sugerindo que fingissem não me conhecer. Um deles respondeu de imediato: “Em tempos como estes, quando um bom amigo está com problemas, estou me lixando para minha carreira. Eu e os outros vamos imediatamente dizer ao chefe que conhecemos você e que você é um cara direito. Ainda lhe devemos aquela da Soapland. Vamos dar o troco”.

Eu não era muito próximo daqueles policiais e os considerava apenas amigos circunstanciais. Fiquei muito honrado. Estava descobrindo que pessoas que eu considerava bons amigos não eram afinal tão amigos, e que pessoas que eu julgava apenas conhecidos eram alguns dos melhores amigos que já tive. Não é a toda hora que chegamos a uma situação de medir a lealdade e a dedicação de nossos amigos. Os resultados provavelmente nunca serão o que prevíamos.

No dpmt, tivemos uma boa conversa. Um dos investigadores presentes apertou minha mão quando eu estava indo embora e disse: “Goto é truculento de verdade. Está ligado a mais de dezessete assassinatos e àquela tentativa de assassinato em Seijo. Foi o único caso em que os capangas de Goto não conseguiram encontrar o cara que ele queria matar, e então esfaquearam a mulher dele. Você está complicando a vida dele. Está fazendo o que devíamos fazer. Boa sorte”.

Gostei de ouvir isso.

Eu tinha de preencher alguns formulários e voltar à Agência Nacional de Polícia para entregá-los. Na saída, um

funcionário da anp que me conhecia de meus tempos em Saitama me convidou a acompanhá-lo à cafeteria.

Tomamos um cappuccino bastante bom e pusemos a conversa em dia. O chefe da perícia, depois de ter chefiado o Departamento de Polícia de Saitama, tinha sido nomeado presidente da associação local de segurança do trânsito e estava gostando do trabalho. Alguns outros policiais do caso do criador de cachorros também estavam aposentados.

Ele tinha boas informações e más notícias para mim: “Você deve estar pensando em voltar para casa. Não faça isso. Se você for para casa e ele souber onde você mora, sua família vai ficar no fogo cruzado. Ele provavelmente vai contratar algum pistoleiro, e se sua família estiver por perto pode pegar a rebarba. É bem provável que ele vá atrás de seus amigos se não puder pegar você”.

Não era isso o que eu queria ouvir. Eu queria ir para casa. Mas ele ainda não tinha terminado.

“No ano em que Goto esteve na ucla, a anp descobriu uma movimentação de cerca de 1 milhão de dólares feita por intermédio das contas dele em cassinos. Ele tinha uma conta em Tóquio, na sucursal japonesa de um cassino importante. Você escreveu sobre o caso Kajiyama, então sabe como a coisa funciona. Sua informação é boa.”

“Você tem alguma sugestão?”

“Na verdade eu não devia dizer isto, mas o negócio é o seguinte: você é uma ameaça à reputação e à posição dele. Se ele varrer você do mapa, talvez possa acalmar as coisas. Mas se você publicar, haverá menos motivos para te matar. Você é escritor, não é? É hora de escrever.”

Em 7 de março, irritei a anp por ter ido ao julgamento de Goto no Tribunal Distrital de Tóquio. Segundo policiais que trabalhavam no caso, a principal testemunha tinha sido

intimidada a ponto de negar-se a depor. Consegui ficar no tribunal durante alguns minutos. Sentei-me bem na frente do homem. Poderia tê-lo alcançado com a mão e estrangulado, se quisesse, ou enfiado um lápis na garganta dele. Não fiz nada disso, mas não pude resistir a tocá-lo, pelo menos por um segundo, para certificar-me de que ele existia. Ao que parece, ele nem notou. Tive de sair no meio do julgamento. Para começar, eu nem devia estar ali. Fiquei esperando do lado de fora.

Depois que o veredicto “inocente” foi anunciado aos jornalistas que esperavam no saguão, um dos investigadores que trabalharam no caso me disse: “Você sabe, todos os que depuseram contra Goto neste julgamento vão desaparecer. E depois, um a um, serão mortos”. Balançou a cabeça.

Uma coisa inesperada aconteceu então. Goto saiu da sala de audiência em direção ao elevador, com seu guarda-costas. Nem pela porta dos fundos, nem com alarde. E nenhum repórter ousou falar com ele. Todos olharam, é claro, mas ninguém o seguiu. Assim que o advogado dele surgiu no saguão, todos correram em sua direção e se afastaram de Goto o mais rápido possível. E por um instante, diante dos elevadores, ficamos apenas eu, Goto e seu guarda-costas. Foi a única vez que nos encontramos face a face.

Pela primeira vez entendi por que ele era tão poderoso. Não era grandalhão, nem musculoso ou imponente, mas quando olhava nos olhos de uma pessoa era como se tivesse a mão ao redor de seu pescoço. Houve um reconhecimento mútuo. Ele sussurrou alguma coisa em japonês. Não queria deixar atrás de si uma ameaça audível. Pareceu-me uma ameaça, mas não sou bom em leitura

labial em língua nenhuma. Respondi, igualmente, de forma não verbal — um simples gesto com um dedo só. Era tudo o que tínhamos a nos dizer.

Depois que o guarda-costas fez o chefe, zangado, entrar no elevador, fui atrás da multidão de repórteres para o lugar em que o advogado, Yoshiyuki Maki, antigo promotor, era o centro das atenções.

Ele estava alisando o queixo grisalho, perorando sobre a injustiça da prisão e da acusação contra Goto. Fazia questão de deixar implícito que qualquer jornal que tivesse falado de Goto como se ele fosse culpado poderia ser processado, se fosse vontade de seu cliente. Era Goto, por intermédio de Maki, pondo uma mordaca numa imprensa já complacente.

“Devido a essa prisão ilegal e a este longo julgamento, Goto-san viveu um inferno pessoal. Gostaria que a imprensa refletisse um pouco sobre o sofrimento que meu cliente suportou.”

Não tive estômago para suportar aquela cascata e levantei a mão para fazer uma pergunta. Acabou sendo mais uma diatribe do que uma pergunta, o que não foi uma coisa lá muito profissional. Num tribunal, não se deve levantar questões a respeito do certo e errado. Não se deve acusar os advogados dos *yakuzas* de serem vendidos ou criminosos. Eles estão apenas fazendo seu trabalho. No entanto, eu não conseguia me manter indiferente ao que estava acontecendo. E honestamente, o que ele dizia era um insulto aos mortos. Se havia alguém entre os *yakuzas* que merecesse sofrer, era aquele homem.

“Perdão, o que senhor quis dizer exatamente com o sofrimento *dele*? Esse é um homem cuja organização mata gente, vende drogas, distribui pornografia infantil e faz exploração sexual de mulheres de outros países. A

quantidade de sofrimento infligida a inocentes pelo Goto-gumi e por extensão pelo próprio Goto é imensa. Por que deveria alguém se importar com o sofrimento dele? Na condição de ex-promotor, como é possível que o senhor diga essas coisas?”

Maki ficou desconcertado, fosse pela pergunta, fosse por minha fúria. Estremeceu perceptivelmente. Todos os outros repórteres se afastaram de mim como se eu fosse um cão raivoso. Maki pigarreou e disse: “É meu dever defender meu cliente, e não há dúvida de que Goto-san não cometeu nenhum ato ilegal, o que...”.

Enquanto ele arengava, dei-lhe as costas e me afastei. Momentos depois, ouvi um risinho nervoso vindo do grupo de repórteres. Maki deve ter feito alguma piadinha a meu respeito, e acho que eu mesmo me sentia uma piada. Mas eu o vira estremecer, e isso foi bom.

No dia seguinte ao julgamento de Goto, voltei ao trabalho. Reuni todas as minhas anotações e entreguei-as a repórteres que eu conhecia e em quem confiava. E para alguns que eu conhecia, mas nos quais não confiava. Eu não queria furo nenhum, queria a matéria publicada, não importava quem levasse o crédito.

Enquanto fazia isso, deparei-me com um grave problema.

Algumas pessoas da anp deram uma passada lá em casa para tomar uma bebida. Eu conhecia um deles, Akira-kun, desde a época em que ele estivera na polícia de Gunma. Às vezes, eu ia ao lugar onde ele praticava *kenjitsu* (luta com espadas) e treinava um pouco. Eu também não tinha o menor jeito para aquela arte marcial, mas era uma forma de estar com os policiais e esquecer a separação entre jornalistas e policiais durante algumas horas de suor.

Num golpe de sorte, o Policial E.T. tinha sido transferido para a anp por um ano, e agora estava no Birô de Controle do Crime Organizado. Ele trouxe uma enorme garrafa de saquê Otokoyama (Montanha do Homem). Asako, um amigo da faculdade e meu eventual assistente de pesquisa, também estava lá, servindo bebidas, paparicando os policiais e contando piadas. Sentamo-nos no tatame, de pernas cruzadas, em torno de uma peça de antiquário, uma mesa dobrável, a *chabu-dai*.

Falávamos sobre o julgamento de Goto, seu final melancólico, e como o advogado dele, Maki, era um vendido sem escrúpulos. Defendi Maki um pouco, lembrando que um dia ele começara a carreira com boas intenções. Tinha escrito um excelente livro sobre o sistema legal japonês havia uma década ou algo assim.

No meio da confraternização, o Policial E.T. pousou seu copo de saquê e fez um sinal para os três caras que estavam perto dele, como se dissesse “Bem, vamos lá”. Pigarreou.

“Jake, tem um cara na polícia que trabalha para Goto, o tenente K. Ele vem perguntando por você. Sabemos que é corrupto, mas contribui com boas informações sobre assuntos que não têm nada a ver com Goto, e por isso tem uma espécie de autorização para fazer as coisas que faz.”

Pousei meu copo e o enchi outra vez.

“O que significa isso, exatamente?”

“Significa que Goto sabe tudo a seu respeito. Onde você mora, onde sua família mora, tudo o que temos em sua ficha. É possível, e até bem provável, que ele tenha registro de suas ligações telefônicas. Como você tem o número do celular impresso no cartão de visita, isso seria bem fácil para ele.”

Aquiescendo, Akira-kun completou: “O que soubemos foi que ele contratou a Agência de Detetives G para que faça uma ampla investigação a seu respeito. Goto é dono de pelo menos duas agências de detetives particulares. Chantagem e extorsão são a especialidade dele. Se você tiver segredos que não queira que se tornem públicos, saiba que em breve estarão expostos”.

A verdade é que o Kokusui-kai não era a única facção *yakuza* que tinha seus próprios detetives privados.

O Policial E.T. pediu para ver meu celular. Tirei o aparelho do bolso e entreguei-o a ele, que deu uma olhada no visor e o devolveu.

“Você tem de lembrar com quem tem falado com mais frequência nos dois últimos meses. Porque se Goto perceber que não pode te pegar, ou se quiser saber onde você está, essas serão as pessoas que ele vai procurar. O tenente K. é um preposto de Goto. Se ele tiver seu número de telefone, encontrará seu endereço, bastam algumas ligações. Ainda que ele não conseguisse, a Agência de Detetives G teria como fazer isso. Você tem de avisar as pessoas mais chegadas que devem ter muito cuidado.”

O Policial E.T. me serviu outro copo de saquê. “Beba. Duvido que esse velho afinal faça alguma coisa, mas achamos que você devia saber disso... Nem todos os policiais são seus amigos.”

“Bom”, disse eu, “este é para os bons amigos... *Kampai!*”

“Aliás”, disse o Policial E.T., servindo uma rodada para todos, até mesmo para Asako, “parece que K. está procurando uma boa foto sua. Não é muito fácil. Ele sabe que eu te conheço, e perguntou se eu tinha uma. Disse que

não. Ele vai querer se encontrar com você. Não aceite esse encontro.”

“Por quê?”

“O tenente K. é desenhista e tem memória fotográfica. Às vezes, um bom desenho é ainda melhor do que uma foto para identificar pessoas. Você se encontra com ele uma vez, pronto, haverá um belo retrato seu pendurado no quartel-general de Goto. E possivelmente uma cópia menor na carteira dos sujeitos que forem enviados atrás de você.”

“Ótimo. O que eu devo fazer agora?”

“Escreva a porra do artigo e pare de perder tempo. Elimine o motivo que ele tem para calar sua boca. Só isso. E depois pode me levar àquele bar de striptease com todas aquelas garotas branquinhas com *ushipai* (tetas de vaca). Você me deve essa, Adelstein.”

Asako riu. “Jake, eu não sabia que você frequentava esses lugares.”

O Policial E.T. deu uma risadinha. “Então você não o conhece tão bem, afinal.”

Em certo momento, o E.T. e eu escapulimos para fumar lá fora, e ele me perguntou como eu estava.

“Bastante bem.” Foi tudo o que pude dizer.

“Andei procurando aquela sua amiga.”

“E então?”

“Nada. O lugar onde ela trabalhava foi fechado pela polícia, possivelmente em fevereiro de 2006. Reabriram sem garotas gaijins. Tentei localizá-la. Cobrei um favor que prestei à Imigração. Não há registro de nenhuma Helena que tenha deixado o país. Será que ela tem outro nome? Dupla nacionalidade?”

“Acho que não.”

“Você estava dormindo com ela?”

“Não.”

“Por que não?”

“Porque era uma boa amiga. Quero dizer, é uma boa amiga.”

“Você tinha problemas com o tipo de trabalho dela?”

“Não é isso.”

“Está comendo outra pessoa?”

“Sou um cavalheiro. Por princípio, não vou responder a essa pergunta.”

“Eu tinha razão, não tinha?”

“Sobre o quê?”

“Você sabe.”

“Ah, sim. Regras práticas. Mas sobre uma coisa você estava errado.”

“O quê?”

“Não é como descer uma ladeira, é um puta de um tobogã.”

“Bom, Jake, às vezes, você sabe, é preciso combater veneno...”

“...com veneno. Conheço o provérbio.”

“Bom, faça o que tiver de fazer para concluir o trabalho. É isso o que importa, afinal. Você entendeu.”

“Entendi”, confirmei. Ele não chegava nem perto de Sekiguchi, mas era sábio a sua maneira. Talvez não fosse um bom policial, mas era boa pessoa e bom amigo. Ao quebrar a parede de silêncio, estava arriscando a carreira por mim. Eu não sabia muito bem se era merecedor de tanta generosidade, mas estava feliz com isso.

Ficamos bebendo até as 11h30, quando todo mundo se mandou para pegar os últimos trens para casa. Depois que se foram, me servi de um drinque, acendi um cigarro, pus um Miles Davis no som e apaguei as luzes, pensando.

Quando você bebe sozinho, é porque está com problemas. O mundo todo parecia morto, e os únicos sons que se ouviam eram o crepitar da brasa do cigarro, o vento sacudindo levemente a persiana e o cd girando no aparelho Bose, emitindo os sons de “Final take 2”.

Acho que nunca tinha me sentido tão só em toda a minha vida.

Aquilo me atingiu como um soco no estômago: compreender que eu tinha posto em perigo todas as pessoas com quem me preocupava, aquelas de quem gostava, as que amava ou apenas conhecia. E na verdade não importava o que elas sentissem por mim: qualquer pessoa para quem eu tivesse ligado daquele maldito telefone tinha se tornado uma alavanca potencial para um homem que não tinha escrúpulo algum em usar pessoas como bucha de canhão.

Eu precisava muito de alguém para conversar. Como estava um pouco bêbado, não pensava com clareza e liguei para o celular de Sekiguchi. Ainda estava em minha agenda, nunca o tirei de lá. Tocou algumas vezes antes que eu me convencesse de que ele nunca atenderia. Eu não tinha ninguém para me guiar. Ninguém a quem pedir conselho. Não tinha mentor. Estava entregue a mim mesmo.

O que Sekiguchi teria feito?

Era esse meu mantra para mim mesmo. Muito bem, primeiro ele ia avaliar a situação. Fiz isso. Não me pareceu nada boa.

A maior parte dos *yakuzas* deixa os civis de fora de seus conflitos. Pelo menos é o que se espera que façam. Não se considera aceitável agredir a mulher, a amante ou o melhor amigo de um sujeito que se indispôs com você. Um *yakuza*

de verdade não vai dar uma surra no irmão de um mau pagador; ele surraria o próprio mau pagador.

Tadamasa Goto era de uma raça diferente. Tinha fama de levar tudo a ferro e fogo. E esse policial de merda praticamente lhe tinha dado uma lata de gasolina. Agora eu precisava descobrir quem teria mais probabilidade de ser queimado, talvez literalmente.

Eu precisava empreender alguma ação preventiva, e concluí que isso não podia esperar. Subi, agarrei minha caixa de cartões de visita e voltei para baixo. Descarreguei os cartões no chão e os espalhei. Abri meu laptop e digitei todos os nomes que estavam em meu celular, pois não era sabido a ponto de transferi-los digitalmente para o computador. Classifiquei meus amigos pelo risco potencial que corriam. Eu não tinha a gravação das minhas próprias ligações, então voltei aos e-mails dos últimos dois meses, e com a ajuda deles tentei restabelecer onde e com quem tinha estado.

Entre todos os cartões estava o de Helena. Amarrotado, com as beiradas gastas de tanto ser tirado da carteira e guardado de volta, desbotado depois de ter andado em meus bolsos, encarquilhado, sem brilho.

Lembro-me de quando ela me deu o cartão. Tive de conquistar aquele *meishi*. Dei o meu a ela no primeiro encontro. Só na terceira ou quarta vez em que nos encontramos ela confiou em mim o bastante para me revelar seu verdadeiro nome. Ela usava uma jaqueta de couro preta sobre um vestidinho vermelho, calçava botas e tinha o cabelo preso num rabo de cavalo. Fez uma elaborada imitação da reverência japonesa ao me oferecer seu *meishi* com ambas as mãos, e disse: “Helena *desu*. Uma puta, mas não uma puta qualquer... Uma puta profissional”.

Ela riu ao dizer isso, com os olhos piscando, achando graça da própria brincadeira.

Sempre mantive um diário, ainda que pouco sistemático. É bom, porque esquecemos muita coisa. Um repórter conhece tanta gente, cobre tantas tragédias e escreve tantas matérias que é difícil reconstituir o que aconteceu e recordar onde esteve. Mas em alguns objetos há mais lembranças que num diário do tamanho de um catálogo telefônico. Fiquei com aquele cartão na mão, e era como se pesasse cinquenta quilos de lembranças.

Uma vez tínhamos usado aquele cartão para representar a carta do Park Place no jogo de Banco Imobiliário. Passei pela casa dela num domingo de chuva, depois de trabalhar um pouco na redação, e jogamos uma maratona de Banco Imobiliário. Faltava a carta do Park Place, então ela pôs o cartão no lugar. Argumentei que o cartão não trazia o valor do aluguel nem as informações necessárias, e ela recitou todos os números de memória, dizendo: “Eu conheço o Park Place, neném. Esta mulher só procura propriedades de alta classe, e quando terminarmos você vai ter perdido até as calças”.

Era verdade. Quando o jogo acabou, eu era Lehman Brothers Japão. Ela era muito boa em jogos de estratégia. Banco Imobiliário, Batalha Naval, Othello. Foi ruim para meu ego. Acho que os jogos eram o único passatempo dela.

Entre as pilhas de cartões de visita, encontrei o que tinha servido como Park Place. Eu me sentia como se a culpa fosse minha.

Não pude me lembrar da última vez que tinha jogado Banco Imobiliário. E então me dei conta de como sentia falta dela para conversar, e durante alguns segundos não consegui respirar.

Eu não queria pensar naquilo. Mas pensava.

Se eu não tivesse dado para trás em 2005, talvez Goto houvesse sido alijado do poder e isso não teria acontecido. Naquela época, pareceu-me que era a melhor decisão. Um recuo estratégico. Mas teria mesmo sido isso? Não teria sido um ato de covardia? Quem sabe apenas preguiça? Revivo aquele momento a toda hora.

Resolvi que tinha de fazer alguma coisa para derrubá-lo. Estava cansado de fugir. Para ser realista, eu não tinha muita coisa. Não tinha novecentas pessoas trabalhando para mim, nem milhões escondidos no banco. Tinha alguns bons amigos, alguma informação, alguns contatos e muita raiva em estado bruto.

Mas, antes de mais nada, precisava fazer ligações e mandar e-mails. Muitas pessoas não ficaram nada satisfeitas com o que eu tinha a dizer. Alguns nunca mais voltaram a ser meus amigos. Eu mentiria se dissesse que não fiquei um tanto amargurado com isso, mas entendi. A amizade normalmente não exige que você se torne um alvo humano.

Escrevi a matéria.

A coisa parecia simples: publicar ou morrer. Sem exagero.

O problema é que ninguém queria publicar meu artigo. Nem mesmo as pessoas com quem eu contava para isso.

“A matéria é muito velha.” “Não queremos mexer com o pessoal da anp, eles vão parecer uns bobos se isso for verdade.” “Não acredito que o fbi confirme isso para nós.” Um dos jornais mostrou interesse na publicação, mas tudo o

que pretendia era fustigar o fbi. Achei que assim não ia adiantar. Eu não acreditava que o fbi estivesse errado ao fazer o acordo, nem queria que Jim fosse vilipendiado. Eu podia me virar sem isso.

Uma única pessoa, um editor experiente de uma editora de livros, usou de franqueza. “Esse troço é perigoso. Se publicarmos isso, não só teremos de nos haver com os advogados de Goto como gastaremos uma fortuna em segurança. A represália será inevitável. Vão agredir pessoas. Talvez nossos escritórios sofram atentados com bombas incendiárias. E para ser sincero, nós imprimimos material para o Soka Gakkai, e Goto rescindirá os contratos conosco. Sinto muito.”

Acho que esse foi um dos piores períodos de minha vida. Eu sabia de quase tudo, mas não conseguia fazer nada com isso. Uma revista garantiu que publicaria a matéria se eu pudesse conseguir mais algumas provas consistentes. Fiz uma viagem sigilosa à Costa Oeste dos Estados Unidos para conversar com um marchand que lavava dinheiro para o Goto-gumi. Foi um encontro desastroso.

Não consegui o que a revista exigia. Crescia em mim a sensação de coisas desabando. Num velho hotel construído nos anos 20, passei uma noite com *O perfeito manual do suicídio*, pensando em dar-lhe uma chance. Seria uma solução. No Japão, depois de alguns anos de carência, muitas seguradoras pagam o seguro de vida mesmo em caso de suicídio. Se eu saísse de cena, deixaria dinheiro para minha família e não haveria mais razão para que Goto importunasse as pessoas que me eram caras. Dez anos antes, eu jamais poderia considerar a possibilidade de entrar para a lista dos infelizes que punham em prática os

ensinamentos do manual. Mas não estava satisfeito comigo mesmo e me preocupava... com tudo.

Pode-se dizer que eu estava um pouco deprimido. Se não fosse uma ligação telefônica, na hora certa e da pessoa certa, eu poderia ter tomado aquele caminho, embora me envergonhe de admitir isso.

Finalmente, decidi escrever a matéria por minha conta... em inglês. Estava fumando um cigarro, observando o nascer do sol num aeroporto e me preparando para voltar ao Japão quando me ocorreu o que eu tinha de fazer. Eu deveria ter entendido que meu artigo jamais seria publicado no Japão em primeira mão. Eu tinha de partir de uma perspectiva diferente desde o início.

Imaginei que pudesse publicá-lo no jornal do Clube de Correspondentes Estrangeiros do Japão (ccej). Enganei-me quanto a isso também. Depois de enviar a matéria, recebi por engano um e-mail postado por um dos editores do jornal em que dizia "O fbi deu um visto a um *yakuza* infame para fazer transplante de fígado? Parece totalmente inacreditável. Talvez esse cara seja meio maluco".

Isso doeu. Está bem, com certeza dei a impressão de ser doido. É preciso reconhecer, a história era incrível.

Tentei contato com todas as pessoas que conhecia, e foi então que um amigo da família me apresentou a John Pomfret, editor da seção "Outlook" do *Washington Post*. Ele também achou que eu era meio louco. Não o recrimino. Pediu provas. Dei a ele todas as que tinha, cerca de cem páginas.

Nunca uma matéria minha fora examinada com tanto rigor. Passei várias horas por dia respondendo a perguntas, checando fatos, confirmando a origem de meu material durante mais de um mês, até que o sr. Pomfret se deu por

satisfeito. Por fim, o *Washington Post* conseguiu confirmar com o fbi que eu estava dizendo a verdade. Em 11 de maio, publicou a matéria. O ccej também mudou de parecer e publicou meu artigo, omitindo o nome de Goto.

Fiz mais uma coisa antes que o artigo fosse publicado. Contatei um cara de outra facção do Yamaguchi-gumi, pertencente ao comando da organização. Eu sabia que Goto era tido como criador de casos pelos principais executivos.

Expliquei ao cara do comando que estava escrevendo um artigo sobre Tadamasa Goto e seu acordo com o fbi. Em inglês. Disse a ele que passasse adiante o artigo e pedi ao comando do Yamaguchi-gumi que fizesse um comentário a respeito, embora achando que não seria atendido. Disse a ele: “Quero saber se esse assunto foi autorizado pelo comando do Yamaguchi-gumi, e em caso positivo, por quê. Isso é tido como um problema, ou não?”.

Dei-lhe a matéria em inglês e minha tradução. Ele leu tudo no ato. Não teve nenhuma reação.

Ligou-me alguns dias depois. Foi extremamente cortês.

“Não faremos comentário oficial. O Yamaguchi-gumi, como sabe, já não dá entrevistas nem faz comentários. No entanto, fui autorizado a lhe agradecer por ter trazido isso a nosso conhecimento. Não sabíamos. Preferimos tratar disso internamente. Compreendemos que o senhor empregou muito tempo nessa matéria e queremos compensá-lo por seu tempo e por seu esforço.”

Eu não sabia ao certo de que ele estava falando, então lhe disse, sem rodeios: “Não sou japonês. Sou estrangeiro. Sutileza não é comigo. De que o senhor está falando?”.

“Posso lhe oferecer 300 mil dólares para não publicar a matéria. Só preciso saber qual é o banco, agência e conta. Amanhã terá o dinheiro.”

“Não posso aceitar.”

“Em uma semana posso conseguir meio milhão. Mas vou precisar depositar em duas contas. Você poderá abrir uma conta com a maior facilidade, se é que ainda não tem.”

“O problema não é com a quantia. Obrigado. Continuarei mantendo-o informado.”

“Bom, não acho que esteja tomando a melhor decisão. Você poderia realizar o que eu acho que gostaria de realizar e tornar-se um homem rico. Começar uma nova vida.”

“Gosto de minha vida. Agradeço o oferecimento, fico muito honrado. Mas tenho de recusar.”

“Por favor, mantenha-me informado.”

Prometi que faria isso.

Eu estaria mentindo se dissesse que não me senti tentado a pegar o dinheiro e pular fora. Mas se o fizesse ficaria com o rabo preso.

Mandei uma cópia do artigo para o *Yomiuri* antes que fosse publicado. Pareceu-me o correto a fazer. O jornal o ignorou. Todos os jornais do Japão fizeram o mesmo. Foi o que eu imaginei que aconteceria.

Foi por isso que eu já tinha começado a conversar com o *Los Angeles Times* antes que a matéria do *Washington Post* estivesse pronta para sair. Em maio, eu tinha me encontrado com o chefe da sucursal de San Francisco, John Glionna, numa viagem ao Japão, e ele imediatamente sentiu o cheiro de uma boa história. Trabalhei com ele e Charles Ornstein durante semanas. O artigo do *Washington Post* não mencionara a ucla, e eles ficaram bem contentes com isso. Foi a matéria de primeira página da edição de 31 de maio. Dessa vez, a mídia japonesa não conseguiu ignorá-la, embora alguns veículos o tenham feito. Quase todas as publicações que comentaram a matéria tiveram o cuidado

de ressaltar que “Segundo um artigo publicado pelo *Los Angeles Times*...”. É uma tática usual no Japão para lidar com notícias constrangedoras: atribuí-las a outrem. “Não fomos nós que dissemos isso... Foi o *Los Angeles Times*!” Não encontrei um só artigo em que se tentasse uma verificação independente da matéria, ou uma tentativa de aprofundá-la.

A matéria tinha saído. No entanto, Goto continuava incólume. Não sei como foi que ele se arranjou para explicar-se, a questão é que não houve impacto perceptível. Eu, por meu lado, passei a dormir bem melhor. Era agora um alvo muito visível, o que tornava improváveis a minha eliminação e a agressão a alguma pessoa ligada a mim. Mas estava claro que, se eu quisesse derrubar Goto, teria de escrever tudo detalhadamente e em japonês.

Tomohiko Suzuki, grande amigo e antigo editor de uma revista *yakuza* de celebridades, procurou-me para perguntar se eu estaria interessado em escrever um dos capítulos de uma antologia de “matérias proibidas” para a editora Takarajima. Perguntei-lhe se poderíamos escrevê-lo juntos. Era uma coisa terrível de pedir, pois com isso ele atrairia também para si a fúria do Goto-gumi. Ele nem piscou. Preveniui-me de que eu correria grande perigo. Respondi que era isso o que eu queria.

Foi então que ele me disse que eu ia precisar de um guarda-costas. Reconheci o sujeito pelo nome, Teruo Mochizuki. Tinha sido grande amigo de Yasunobu Endo, o chefe *yakuza* morto por Gen Sekine nos anos 90. Eles não estavam na mesma facção do crime organizado, mas às vezes a amizade entre os *yakuzas* transcende os limites da organização. Um membro do Sumiyo Shikai podia ser “irmão de sangue” de um membro do Inagawa-kai, assim como um

membro do Yamaguchi-gumi podia ser irmão de alguém do Kokusui-kai. Mochizuki e Endo tinham uma relação desse tipo. O que importava era que nos conhecíamos. Perguntei a Suzuki por que Mochizuki estava querendo aquele trabalho.

“Ele não é mais *yakuza*. Saiu no ano passado. Tem um filho de um ano e está desempregado. É o guarda-costas e motorista perfeito. É um cara legal.”

“Sim, eu o conheço. Mas ele era um chefe do crime! Acho que tinha uns cem caras trabalhando para ele.”

“Sim.”

“Então trabalhar para mim não seria um passo atrás?”

“É claro. Mas é pouco provável que um ex-*yakuza* de meia-idade, nove dedos e tatuagens pelo corpo todo tenha muitas opções. Vai ser legal!”

Foi assim que contratei Mochizuki. Eu havia poupado algum dinheiro depois de trabalhar num projeto de pesquisa bem pago sobre a indústria do *pachinko* para uma empresa da Califórnia. E achei que não tinha mesmo muita escolha.

Em julho, a antologia estava pronta para sair. Nessa época, Mochizuki já estava comigo havia algum tempo. Quis ouvir a opinião dele antes de entregar a versão final. Ele conhecia Goto muito bem; pensei que seria a pessoa indicada para isso.

Ele leu o original e não fez cara boa. É um sujeito muito cortês, e demorou um pouco a dizer o que tinha na cabeça.

“Jake, você sabe que se publicar isso ele vai tentar matar nós dois. Primeiro você, é claro. Ele odeia você. Ninguém vai pensar mal de você se não quiser fazer isso. Você podia ir embora.”

Mochizuki-san tirou um cigarro do bolso do casaco, ofereceu-o a mim e protegeu a chama de seu Zippo enquanto o acendia para mim. É uma estranha coisa ter um ex-chefe de *yakuzas* acendendo seus cigarros e fazendo café para você de manhã.

Claro que ele já não era mais um chefe do crime. Estava trabalhando para mim. Eu preferia dizer que estava trabalhando *comigo* — mas não era assim que Mochizuki-san via a coisa. Eu pagava o salário dele; isso fazia de mim o chefe. Ele tinha cinquenta anos, eu, 39. Ele era meu *senpai* e muito mais safo do que eu, mas estava obedecendo às minhas ordens. Nunca entendi bem a mentalidade daquele soldado *yakuza*, mas apreciava sua ética de trabalho.

Ele usava uma camisa de mangas compridas, como de costume, que lhe cobria as tatuagens. O dedo ausente na mão esquerda, no entanto, não tinha como ser encoberto. Ele nunca deveria ter sido um *yakuza*, deveria ter sido pintor. Tinha sido pintor no passado, e bastante talentoso. Mas andou com as pessoas erradas, acumulou dívidas na Soapland e tornou-se *yakuza*. Quando um de seus subordinados pisou na bola e ele decepcionou parte do próprio dedo mínimo em sinal de expiação e remorso, acabou com as chances de voltar à vida de artista — são necessários os dez dedos para o tipo de arte que ele praticava. Ele também foi obrigado a deixar os *yakuzas*, por insubordinação. Não aprovava o caminho do “dinheiro a qualquer preço” cada vez mais trilhado pelo comando superior. Estava parado no tempo, como uma relíquia da época em que todos os *yakuzas* obedeciam a uma espécie de código, ainda que moralmente falho. Um ano antes, ele era responsável por cem gângsteres; agora estava acendendo os cigarros de um

judeu esquisito, mais japonês que americano. E pondo sua vida em risco na condição de meu guarda-costas 24 horas por dia.

Cada qual a sua maneira, éramos dois marginalizados, creio eu. É claro que não tínhamos chegado aonde pretendíamos. Traguei profundamente e soltei a fumaça com força. Meus pulmões já não eram os mesmos. Eu olhava para Mochizuki. Ele esperava minha resposta.

“Eu quero fazer isso. Foda-se, ele vai me matar de qualquer maneira. Só está esperando a poeira baixar. Se esta é a chance de arruiná-lo para sempre e talvez vê-lo expulso do Yamaguchi-gumi, eu quero fazer isso.”

“Então cuidarei de sua retaguarda.”

“Agradeço muito, mas o que você ganha com isso?”

“Uma nova vida. Gosto de trabalhar para você.”

“Eu lhe pago um péssimo salário.”

“É, é verdade.”

“Achei que você quisesse voltar a ser um chefe do crime depois que as coisas se acalmassem em sua antiga organização.”

“Não. Mudei de ideia. Estes últimos meses, dedicados a ficar com meu filho e minha mulher, foram bem bons. Também gosto do trabalho que você me dá para fazer. Posso andar pela rua num dia de chuva sem ficar olhando para trás.”

“Só tenho dinheiro para te pagar até o fim do ano.”

“Bom, depois procuro outro emprego.”

“Obrigado. Alguma sugestão?”

“Suprima a palavra *traiu*. Traição é uma palavra muito pesada. Dizer que Goto ‘traiu’ o Yamaguchi-gumi é como lançar gasolina na fogueira. Encontre uma palavra melhor.”

Aceitei a sugestão.

Ele fez mais um pequeno pedido à medida que o dia da publicação se aproximava.

Estávamos sentados lá embaixo na sala, fumando e ouvindo uma obscura banda de rock japonesa que ele adorava, quando ele me pediu um favor.

“Jake, quero que saiba que se alguma coisa lhe acontecer, eu vou encontrar os responsáveis. E vou matá-los. Você deve saber disso, não?”

“Não, eu não conto com isso e você não deve fazê-lo.”

“*Isshukuippaku no ongi*. É japonês, você deve conhecer. No mundo dos *yakuzas*, refere-se à dívida com o homem que te abriga por uma noite e te dá de comer. Você me acolheu e cuidou de mim, por isso eu e minha família temos essa dívida com você. E sempre pago minhas dívidas. Isso é o que um *yakuza* de verdade faz.”

“Agradeço esse sentimento, mas...”

“Então respeite o que digo. É o que vou fazer. Se eu não fizer isso, que tipo de homem seria? Nem seria um homem.”

“Qual é o seu pedido?”

“Se alguma coisa acontecer comigo, não tente me vingar. Deixe para lá. Você não é um *yakuza*, mas é um bom homem. Prometa que cuidará de meu filho... garanta uma boa educação para ele, que cresça direito. É o que eu preciso que você faça. É o que eu queria pedir que você fizesse.”

“Claro que vou fazer isso. Se alguma coisa acontecer, vou adotá-lo como se fosse meu filho. E o que você quer que lhe diga a seu respeito?”

“Diga-lhe que o pai era um *yakuza*, um dos últimos *yakuzas* de verdade, e tinha muito orgulho disso.”

“Pode deixar. Se isso acontecer. E sua mulher?”

“Ela? Ah, só não deixe que ela se case com um babaca. Nem com um jornalista. Esses caras só arrumam encrenca.” Não sei bem se isso foi ou não uma brincadeira.

A antologia foi publicada em 9 de agosto, com o título *Heisei Nihon Taboo Daizen 2008 (As notícias proibidas do Japão em 2008)*. Meu contato no conselho editorial conseguiu uma cópia do meu texto bem antes que o livro estivesse nas bancas.

Incluí nele algo que nunca tinha sido publicado: o nome dos outros três *yakuzas* que tinham feito transplante de fígado. Depois de Goto, foi a vez de Yoshiro Ogino, um chefe do Matsuba-kai, outro grupo *yakuza* de Tóquio.<sup>24</sup> Ele e Goto eram irmãos de sangue. Ogino também teria doado 100 mil dólares à ucla depois da cirurgia. O seguinte foi provavelmente Hisatoshi Mio, o nome que Shibata tinha me dado. O último foi Saburo Takeshita, o Keyser Söze do Goto-gumi e mago das finanças. Dirige vinte empresas de fachada e controla grande parte das finanças do Goto-gumi. Em 1992, foi preso pelo Departamento de Polícia de Shizuoka, com um cúmplice, por ameaça e agressão. Tinha ido buscar dinheiro com o dono de uma empresa local, homem de 51 anos, que, por não poder pagar, recebeu de Takeshita a ordem “traga aqui sua filha para que eu retalhe a cara dela”. Como o homem não obedeceu, Takeshita e seu camarada o espancaram tanto, no peito e nas pernas, que ele teve de ficar semanas hospitalizado.

Claro, todos eram japoneses muito trabalhadores que mereciam receber seu fígado antes de qualquer americano preguiçoso e inútil.

Diga-se em defesa da ucla que nunca ficou provado que a instituição, ou o dr. Busuttil, soubesse, à época dos transplantes, que algum dos pacientes tinha laços com a máfia japonesa. Todos disseram em suas declarações que não emitem juízos morais sobre os pacientes e tratam deles segundo suas necessidades médicas. No entanto, não negaram explicitamente que sabiam que alguns daqueles pacientes tinham ligações com os *yakuzas*; eles simplesmente se recusaram a falar sobre o que sabiam a respeito dos quatro homens e sobre quando ficaram sabendo disso. Deve-se também destacar que as centrais nacionais dos serviços Medicare e Medicaid investigaram, juntamente com a ucla, se o centro médico da instituição ou seus funcionários tinham agido de forma reprovável por ocasião dos transplantes dos quatro japoneses. Segundo o *Los Angeles Times*, a investigação não encontrou indícios de conduta inadequada. No entanto, muita gente questionou o fato de se proporcionar órgãos a estrangeiros com antecedentes criminais à custa dos americanos.

O que aconteceu na ucla pode não ter sido questionável apenas do ponto de vista moral. Autoridades federais deram a entender que a ucla pode ter sido envolvida inadvertidamente em lavagem de dinheiro. Diversos agentes especiais me explicaram informalmente que a lavagem de dinheiro, em âmbito internacional, significa apenas a transferência de ganhos obtidos com atividades criminosas no exterior para os Estados Unidos, como no caso do Imperador da Agiotagem. Já que os *yakuzas* obtêm a maior parte de seu dinheiro em atividades criminosas, há no mínimo uma grande possibilidade de que o dinheiro pago à ucla por no mínimo um dos quatro transplantados ligados aos *yakuzas* proviesse de atividades ilegais no Japão. Até

onde sei, nenhum dos quatro foi investigado por lavagem de dinheiro, e qualquer investigação exigiria a assistência das autoridades japonesas. E permanece a dúvida sobre se a ucla sabia que os transplantados eram *yakuzas* e se sabia que parte dos pagamentos (ou doações, no caso) poderia provir de atividades ilegais. Eu adoraria saber a resposta.

A reação à publicação da antologia foi violenta. Suzuki recebeu todas as ligações e ameaças. Acho que foi uma sorte para mim não ter de lidar com isso. O livro foi citado e resenhado aqui e ali. Uma revista *yakuza* de celebridades, *Shukan Jitsuwa*, publicou um artigo sobre o livro e sobre mim no qual me acusava de ser (a) agente da cia, (b) colaborador da cia e possivelmente da Conspiração Judaica Internacional e (c) caçador de publicidade e americano idiota que não entende nada de como os *yakuzas* são bacanas e o quanto contribuem para a sociedade japonesa.

Eu não sabia disso, porém mais ou menos na época da publicação da antologia, o irmão de sangue de Mochizuki, que ainda era um homem da organização, manteve quatro carros estacionados em meu bairro 24 horas por dia. Era um aviso ao Goto-gumi de que eu estava sob proteção de outra facção criminosa. Eu não pedira isso, mas foi bom que tivesse sido assim. Ele não perguntou se eu queria, porque eu teria dito que não. Nunca quis me sentir em dívida com nenhum grupo da máfia japonesa. Mas foi assim que aconteceu. Sou grato ao homem, tenho de respeitá-lo por ter arriscado o pescoço por mim.

Houve outra repercussão negativa. A Kodansha International recolheu o livro. Ela tinha encomendado uma avaliação do risco de publicá-lo, e a conclusão não fora positiva.

No entanto, por volta de 14 de outubro, Goto foi expulso oficialmente do Yamaguchi-gumi. Quem disse que as antologias não têm impacto? Essencialmente, a explicação oficial foi de que o mais rico e mais influente *yakuza* do país tinha sido chutado por dedicar-se demais a festas e fazer gazeta. No entanto, a polícia me garantiu que na verdade a publicação da *Heisei Nihon Taboo Daizen 2008* foi a gota d'água. Aconselharam-me a ficar quieto por uns tempos.

Muitos aliados de Goto também foram suspensos, afastados ou banidos da organização. O Goto-gumi dividiu-se em duas famílias criminosas, e Goto já não era um poderoso chefe do crime: era um ex-chefe. Foi um grande dia para mim. Recebi cumprimentos de policiais, amigos, repórteres e fontes.

No dia 15, atendi o telefone e ouvi uma voz que me paralisou. Já a ouvira anteriormente num dvd sobre uma cerimônia do Yamaguchi-gumi, mas nunca esperei receber uma ligação de pessoa tão importante na organização. Ele se identificou e foi direto ao assunto.

“Obrigado por nos chamar a atenção para certos problemas. Acho que nós os resolvemos satisfatoriamente. Agradecemos por seu árduo trabalho.”

E desligou.

Não faço ideia de como conseguiu meu telefone.

23 Goto teria sido apresentado à ucla e a seu médico por Nobu Naiya, pai de um dos mais famosos jogadores de futebol do Japão, Kazuyoshi Miura, também conhecido como "Kazu". (Por muitas razões, Kazu evita usar o sobrenome do pai.)

24 Até onde sei, Ogino — que agora é líder do Matsuba-kai — e os outros *yakuzas* não fizeram acordo com o fbi. Conseguiram introduzir-se no país com nomes falsos e/ou falsos pretextos. Consta que Goto interveio para levá-los à ucla, mas não se sabe como os outros três foram parar na lista de espera do transplante.

# Epílogo

Ainda havia uma coisa que eu queria fazer.

Marquei um encontro em Chong Kong com a primeira pessoa que tinha me falado sobre a história de Goto, o Ciclope. Ele caíra em desgraça na organização e foi muito difícil encontrá-lo. Fora seu pai quem nos pusera em contato, e agora o Ciclope me culpava em parte, não sei bem por quê, pelos problemas em que tinha se metido. Mas concordou em encontrar-se comigo, talvez movido por um sentimento residual de dever e obrigação. Nosso encontro se deu no Aeroporto Internacional de Chong Kong, pois eu queria estar em território seguro. Não confiava nele. Tinha minhas razões. Sentamo-nos no saguão para uma breve conversa. Eu queria saber uma coisa: ele tinha me dado aquela informação de propósito, tudo tinha sido premeditado? Fazia um tempo que eu vinha pensando nisso.

O Ciclope respondeu na hora.

“Claro que foi planejado. Se você tivesse feito o que devia, Goto teria caído em 2005. Mas não fez. Eu disse a todo mundo que você ia escrever, mas você pulou fora. E eu me fodi. Ajudei você com o caso de Kajiyama e você fodeu comigo. Você arruinou a minha vida. Me fez ser expulso.”

Na verdade, eu não tinha resposta para isso. Pelo menos não uma boa resposta.

“Como eu poderia adivinhar o que esperavam que eu fizesse? Você nunca me disse. E tem certeza de que não foi

expulso por causa da metanfetamina?”

Era verdade. Ele tinha sérios problemas com drogas. Fora viciado durante tanto tempo que mesmo quando não estava usando era um sacana irascível, emotivo, paranoico. *Ponchu* é a gíria para um cara como ele: o som é parecido com *punch-drunk* (doidão), e o significado é, provavelmente, bem próximo. Talvez essa não tenha sido a melhor coisa para lembrar.

“Todo mundo usa essa merda. Isso não tem a menor importância. Não foi por isso que fui mandado embora. Foi por sua culpa.”

“Você me deu uma peça do quebra-cabeça. Eu não sabia o bastante para escrever a matéria. Se tivesse me falado no fbi, teria sido diferente.”

“Não falei em fbi. Mas disse que ele tinha feito um acordo com os policiais, isso devia bastar.”

“Não, você não disse isso. Não disse nada sobre policiais.”

“Conversa mole. Você não prestou atenção.”

Talvez ele tivesse razão. Estávamos bêbados, eu pelo menos estava bêbado da primeira vez que ele soltou uma informaçãozinha sobre a Grande Aventura de Goto em Los Angeles, mas tenho certeza de que teria me lembrado de um detalhe tão importante. Noventa e nove por cento de certeza.

“Bom, agora aconteceu. Ele já era. Fiz o que devia ter feito. E só para constar, não gosto de ser usado.”

“*Zannen da ne* (que pena).”

Havia uma mesinha entre nós. A bolsa dele estava no chão. À nossa frente, duas xícaras de café. O dele era puro. No meu, pus açúcar e creme.

Tomei mais um gole de café. Achei que a conversa estava encerrada e me levantei para ir embora. Mas ele tinha mais uma coisa a dizer.

“Diga-me uma coisa, o que aconteceu com sua amante?”

“Que amante?” A pergunta me deixou bastante intranquilo.

“Você sabe quem é a puta de que estou falando.”

“Não.”

“Aquela vadia gaijin. Helena era o nome dela, não?”

Acho que foi nesse momento que senti uma forte náusea me embrulhando o estômago. Não me refiz de imediato. Sentei-me de novo. Tomei mais um gole de café.

“Conheço uma mulher chamada Helena. Estou tentando localizá-la há algum tempo. Bastante tempo.”

“Você nunca mais vai ouvir falar nela. Você a matou, está sabendo?”

E o filho da puta abriu um sorriso, um sorriso grande, escancarado e alegre. O tipo de sorriso que as crianças dão quando você está contando uma piada e elas te interrompem com o final. As palavras saltaram-lhe da boca como bolas de gude: “Você mandou que ela investigasse a Associação Internacional de Entretenimento, não foi? Ela foi surpreendida bisbilhotando. Eles a arrastaram para um de seus escritórios, lá em Ebisu. Ela estava com seu cartão de visita. Não quis falar, você sabe como é. Quis proteger esse seu traseiro magricela”.

O Ciclope explicou tintim por tintim o que tinham feito com ela. “Durou algumas horas. Foi torturada durante algum tempo. Bateram nela. Foi estuprada também, com objetos que estavam por ali. Sangrou muito. Deve ter morrido asfixiada com um pinto na boca. Talvez com seu

próprio vômito. Pode ser que eles não quisessem matá-la, mas sabe como é, ela não queria falar.”

Explicou tudo isso com indiferença. Nem sequer se preocupou em baixar a voz. E quando terminou, arrematou dizendo: “É culpa sua, porque mandou que ela investigasse. Se o Goto-gumi não tivesse achado que você era uma espécie de policial disfarçado, teriam matado você também. Você é um pé no saco”.

“Isso é papo furado.”

“Está bem, então como é que eu sabia o nome dela?”

Eu não soube responder. Sabia que não tinha dado o nome a ele. Fiquei sem fala. Tinha pedido a algumas de minhas fontes que tentassem saber onde ela estava, e talvez alguma dessas fontes tivesse lhe falado a respeito dela. Eu não podia falar nisso sem correr o risco de queimar o cara. Perdi-me em meus pensamentos. Ele bateu na mesa.

“Você ainda está aí? Veja só, você não está fazendo graça agora.”

Tirou um envelope pardo da bolsa de couro e jogou-o na mesa.

“Considere isso um presente. Uma vez fiquei lhe devendo um favor, andei investigando para você e agora estamos quites.”

“O que há aí dentro?”

“Fotos. Por que desperdiçar um bom corpo? Eles fazem fotos para mostrar às outras garotas que trabalham nas boates. ‘Isto é o que acontece com quem causa problemas.’ Dê uma olhada. Vai ver que não estou de brincadeira.”

Peguei as fotos. Eram horríveis. Não acho necessário descrevê-las em detalhe.

Era uma mulher. Não sei se era Helena. O cabelo era igual, comprido e castanho-avermelhado. Os olhos estavam

vidrados. Não os achei parecidos com os dela, mas é possível que os olhos dos vivos e dos mortos sejam muito diferentes. Procurei o sinal que tinha no lábio superior — não consegui vê-lo. Mas poderiam ter cortado os lábios dela. A mensagem não era nada sutil.

Não tive muito tempo para olhar. Ele arrancou as fotos de minhas mãos, meteu-as de volta no envelope e guardou-o na bolsa.

Tive de fazer esforço para não vomitar e mais ainda para não demonstrar que estava me sentindo muito, muito mal. De repente, foi como se a gravidade tivesse aumentado tanto que me puxava para o chão e me pregava na cadeira.

“Seja como for, bom trabalho. Goto na verdade já era”, disse o Ciclope. “Isso facilita um pouco a minha vida.”

“Tenho outra pergunta.”

“Nada a declarar.”

“Goto mandou matá-la? Se é que ela realmente foi morta.”

“O que você acha?”

“Não sei o que acho. Quero saber o que aconteceu.”

“Claro que quer. Talvez alguém tenha ligado para ele e perguntado o que devia fazer. Talvez tenham feito por conta deles. Isso eu não sei. Por que não pergunta ao próprio Goto?”

“Você acha que ele me diria?”

“Não. Acho que seria engraçado se você perguntasse. Mesmo que ele tenha dado a ordem, duvido que se lembre disso.”

“Por que você está me contando isso?”

“Para que você fique sabendo. Para que fique sabendo o que acontece quando não fazemos o que se espera de nós.”

“E o que se esperava que eu fizesse?”

“Que você escrevesse a matéria sobre o acordo que Tadamasa Goto fechou com a polícia para poder fazer um transplante de fígado nos Estados Unidos... E que como parte do acordo ele entregou membros do Kodo-kai. Isso é o que se esperava de você. Isso teria acabado com a carreira dele naquele instante.”

“E agora eu fiz isso. Goto e três outros imbecis que fizeram transplante de fígado na ucla. Todos foram desmascarados.”

O Ciclope deu uma risadinha. “Bom, não era para você escrever sobre os outros três. Não era nem para saber deles. Você irritou uma porção de gente futricando desse modo. Uma coisa eu vou lhe dizer: você é um repórter melhor do que eu pensava. Você é idiota, burro, teimoso e inconsequente, mas no final das contas acho que isso tudo é o que faz um bom jornalista.”

Ficamos em silêncio. Eu estava pensando.

Ele projetou o queixo e ergueu uma sobrancelha.

“E então?”

“E então o quê?”

“Bom, quando uma pessoa lhe dá um presente, você normalmente não lhe agradece?”

“Obrigado.” Foi a única coisa que pensei em dizer.

“De nada. Achei que você gostaria de saber. Deve ser duro descobrir que, se você tivesse feito as coisas direito, ela ainda estaria viva. É mesmo uma bosta. Você sabe que uma coisa dessas pode até acabar com sua carreira de jornalista. Quem vai confiar num repórter que leva suas fontes à morte?”

“Se o que você está dizendo for verdade, é isso mesmo.”

“Você sabe que é verdade, seu cagão imbecil. Eu não minto.”

“Não”, disse eu, um pouco zangado, “você mente, sim. Já mentiu para mim antes e não tenho razão para crer que não esteja mentindo agora.”

“Por que eu mentiria para você?”

“Porque você é um idiota vingativo e quer que eu me sinta tão infeliz quanto você.”

Ele deu uma risadinha. Estava mesmo sob o efeito de alguma droga, sem dúvida.

“Acha que inventei uma coisa dessas só para você se amargar?”

“Não sei. Por que você não me diz?”

“Se quer acreditar nisso, vá em frente. Fim de papo.”  
Levantou-se. Eu me levantei.

“Olhe”, disse eu, estendendo as mãos, na tentativa de retê-lo um pouco mais, “diga-me apenas se está dizendo a verdade. Deixe-me ficar com uma das fotos. Eu posso pedir a alguém que dê uma olhada, quem sabe fazer uma análise fotográfica, comparar estrutura óssea ou algo assim. Quero averiguar se é ela. É só o que peço.”

A bolsa estava na mão dele. Pousou-a na mesa a trinta centímetros de onde eu estava — o bastante para que eu pudesse agarrá-la. Era como se me convidasse a tentar. Cruzou os braços e olhou para mim, inclinando a cabeça para um dos lados. Sorriu um pouquinho, de modo quase imperceptível.

“Você está me insultando.”

“Você mentiu para mim. Você não foi honesto sobre o que estava fazendo ou o que queria. Me manipulou. Brincou comigo como se eu fosse um otário. Como posso ter certeza

de que não está fazendo isso de novo? Se estivesse no meu lugar, você faria a mesma coisa.”

O Ciclope ficou impassível. “Mas eu não sou você. E se eu fosse você, vou lhe dizer o que faria. Seria homem e mataria Goto com minhas próprias mãos. Não seria difícil. Posso lhe dizer onde encontrá-lo. Um lugar a que ele vai sozinho.”

“Não sou um *yakuza*.”

“Nem é um homem.”

“Você também não é lá muito *yakuza*.”

“Conversa fiada!”

“É, você nem foi ao enterro de Shibata. Onde está a lealdade, o respeito?”

“Eu fui. Mas não vi seu rabo branquela de gaijin lá.”

“Então você conhecia Shibata. Foi ele que lhe disse que eu estava procurando a moça?”

Ele pegou a bolsa e deu de ombros. “Se alguma vez lhe devi um favor, não devo mais. Acabou.”

“Basta que me dê uma foto. Se for verdade isso que você está dizendo, quero saber com certeza. Uma porra de uma foto do rosto dela. É só o que eu peço.”

“Quanto você pagaria por ela? Essas coisas custam caro.”

“Quanto você quer?”

“Mais do que você pode pagar.”

“Preciso de uma resposta positiva.”

“Boa sorte! Tenha o cuidado de ficar fora do meu caminho.”

“Não sei se isso vai ser possível.”

Ele se inclinou um pouco para a frente e disse com delicadeza: “Você se deu bem uma vez. Não abuse da sorte. Você ficou vivo porque era útil. Agora que Goto caiu, as

peessoas podem ver isso de outra forma. Se cruzar comigo ou com minha gente da maneira errada, vamos esmagá-lo. Há como fazer isso sem encostar um dedo em você”. Virou-se e se dirigiu para o portão de embarque.

Não tenho ideia de onde ele esteja agora. E, com certeza, não vou procurá-lo.

Sei que Helena queria começar vida nova. Tinha dinheiro no banco. Havia comprado uma casa. Era bonita, carinhosa, corajosa e engraçada, para quem gosta de humor licencioso. Uma parte de mim quer acreditar que ela simplesmente fez as malas, cortou vínculos e começou uma nova vida. Mantenho contato com alguns dos amigos dela daquela época. Ainda mando saudações de Ano-Novo para seu antigo endereço de e-mail. Sempre voltam. Mas espero algum dia receber uma resposta. Talvez um dia ela encontre um de nós pelo Facebook. Às vezes, quando estou caminhando pelas ruas de Tóquio, tenho a impressão de vê-la. Ouço a voz dela. Mas nunca é ela.

Lembro-me de que um dos recursos que os policiais de homicídios usam para extrair a confissão de um suspeito é a afirmação *“Kokuhaku shinai to hotoke ga ukabarenai”*. É quase um clichê, aparece em filmes policiais da televisão aos montes. Uma tradução livre seria: “Se você não confessar, a natureza de Buda (do morto) não vai se manifestar”. Ou seja, a vítima nunca encontrará a paz (estado de Buda). Isso se baseia na crença popular japonesa de que os assassinados ficam aprisionados entre encarnações, como fantasmas famintos, até que sua morte seja vingada. Na mitologia budista, até mesmo o céu e o

inferno são apenas estágios da existência. Segundo consta, estamos condenados a nascer e renascer até que, como seres humanos, nos livremos do ódio, da ignorância e da cobiça. O que acontece quando se chega a isso... bem, isso nunca ficou muito bem explicado. Imagino que seja um grande bem-estar.

Se é possível que o fantasma de alguém nos persiga, suponho que Helena me persiga — ou que eu mesmo me persiga. Estou convencido de que ela não está viva. Gostaria de acreditar em outra coisa. Volta e meia sonho com ela. Às vezes ela está perdoando. Às vezes está muito brava. Às vezes só pede ajuda. Não durmo muito bem. Isso vem acontecendo desde março de 2006. Se ela estiver morta, talvez se liberte quando Goto finalmente abandonar este vale de lágrimas. Ela finalmente chegará aonde queria. Gostaria de saber que ela chegou lá.

Na época em que eu estava colhendo as últimas provas, aproximei-me de uma das amantes de Goto. Pouco antes que ela deixasse o Japão, em maio de 2008, tivemos um último encontro no Aeroporto Internacional de Narita. Eu xingava o homem, e ela me ouvia pacientemente. É bem possível que ela o odiasse mais do que eu. No meio de minha diatribe, ela me interrompeu.

“Jake, já passou pela sua cabeça que você o odeia tanto porque é muito parecido com ele?”

“Não, não vejo isso, de jeito nenhum.”

“Vocês são dois maníacos do trabalho, com forte libido, viciados em adrenalina e mulherengos desavergonhados. Você bebe demais, fuma demais e exige lealdade. Você é generoso com os amigos e impiedoso com os inimigos. Você faz qualquer coisa para obter o que deseja. Vocês se parecem em muitas coisas. Vejo isso em você.”

“Não admito isso.”

“Devia pensar a respeito.”

“Então você está dizendo que somos a mesma coisa?”

Ela riu. “Não. Há duas grandes diferenças.”

“Que alívio! Quais são?”

“Você não tem prazer com o sofrimento de outras pessoas e não traiçoa seus amigos. Já é muito.”

Ela me beijou de leve no rosto e foi para o portão de embarque pegar seu avião. Nunca mais a vi desde então. Acho que está se dando bem em sua nova vida.

Certa vez, pensei em me tornar monge budista. Achei que gostaria de ser um desses bons sujeitos, fazer alguma coisa pelo mundo, alguma coisa boa. Quando estava vivendo no templo, eu tentei. Não fumava, não bebia, tentava trilhar o bom caminho. Mas não era muito bom naquilo.

Em 8 de abril de 2009, num templo de Kanagawa, Tadamasu Goto fez seus votos e começou a preparar-se para se tornar monge budista. É claro que isso era, provavelmente, muito mais um golpe publicitário do que um desejo sincero de se arrepender de todo o mal que ele causara neste mundo. Ele ainda tem outro processo e provavelmente está querendo causar boa impressão. Há um boato segundo o qual os mandachucas do Yamaguchi-gumi encomendaram a morte dele — ele sabe demais e tem histórico de negociar com policiais. Talvez ele imagine que matar um sacerdote fosse ruim para a reputação de seus inimigos. Talvez espere que um rosário budista funcione como colete à prova de balas. Talvez se arrependa da maneira como viveu a vida, agora que foi destituído de poder e vive com medo da morte.

Mesmo assim, isso me irrita um pouco. Parece-me blasfemo.

Se ele realmente se sente culpado pelo que fez, se está sinceramente arrependido, acho que lhe desejo sucesso.

Sei que comecei do lado dos mocinhos, mas não tenho certeza de ter acabado dessa forma.

Não me arrependo de muitas coisas que fiz. Bom, talvez tenha começado como um pau-mandado, mas joguei o jogo o melhor que pude. Combati veneno com veneno e provavelmente me envenenei nesse processo, mas era a única forma de fazer isso. Protegi minha gente e fiz meu trabalho, e no final das contas isso é uma espécie de vitória.

Acho curioso que tanto ele quanto eu tenhamos sido budistas amadores. Provavelmente ele teve para isso mais motivos práticos do que fé, mas, repito, talvez ele tenha mesmo uma consciência pesada. É possível.

Gosto de ler alguns sutras budistas, embora não tenha me convertido. Não acredito em coisas como carma e reencarnação. Gostaria de acreditar. Gostaria de acreditar que o mal é castigado, e o bem, recompensado; que o amor derrota o ódio, a verdade derrota a mentira e cada um recebe o que merece. Não é preciso ser cético para olhar o mundo ao redor e ver que as coisas não são assim.

Talvez o fato de ter sido criado no judaísmo me leve a encontrar alguma satisfação nas características implacáveis do budismo tradicional. O único meio de se redimir do erro é fazer o que é certo. “Desculpe” não basta. Não há no baralho uma carta de “saída livre da prisão”. Isso faz sentido para mim.

Ainda assim, encontro algum conforto, por assim dizer, nos livros sagrados. Gosto especialmente do *Hokukyo*, uma coletânea de provérbios budistas — uma espécie de

“documento-fonte” dessa religião. Se Goto estiver estudando o Nobre Caminho com seriedade, vai lê-lo mais cedo ou mais tarde. Há algumas passagens que eu gostaria de destacar para ele.

*Todos os seres tremem ante a violência.*

*Todos os seres temem a morte.*

*Todos os seres amam a vida.*

*Lembra-te: és como eles.*

*E eles são como tu.*

*Então, a quem feririas?*

*Que mal causarias?*

*Aquele que busca a felicidade*

*Fazendo mal a outros que buscam a felicidade*

*Nunca encontrará a felicidade.*

*Nem no céu,*

*Nem nas profundezas do mar,*

*Nem nas montanhas mais altas,*

*Te esconderás de tuas iniquidades.*

Espero que tarde da noite, deitado em seu futon, rebobinando e revendo o filme de sua vida desperdiçada, Goto reflita sobre o que fez e sobre o que fizeram seus soldados, e pense muito tempo, profundamente, sobre essas palavras.

Sei que eu faço isso.

# Nota sobre fontes e proteção de fontes

Ao escrever este livro, tive de lutar para descobrir a maneira de não pôr em risco minhas fontes e/ou afetar negativamente as pessoas envolvidas. No Japão, um policial que passe informação a um repórter pode ser indiciado criminalmente; e com certeza perderá o emprego. O fato de isso não acontecer com frequência não serviria de consolo ao policial, ao promotor ou ao funcionário administrativo da anp que fosse demitido por eu não ter protegido sua identidade. Para um *yakuza*, revelar segredos da organização ou trabalhar com uma pessoa como eu pode lhe custar a vida.

Com certeza não sou o primeiro jornalista ou a primeira pessoa no Japão a ser ameaçada pelos *yakuzas*. Se eles apenas fizessem ameaças, não seria tão ruim. O problema é que às vezes os *yakuzas* cumprem suas ameaças. O respeitado jornalista Mizoguchi Atsushi, que investigou a atividade dos *yakuzas*, teve a desagradável experiência de ver o filho esfaqueado por membros do Yamaguchi-gumi. Isso aconteceu depois que ele escreveu uma série de artigos que foram julgados desfavoráveis. Atacaram não o próprio autor, mas o filho dele — apenas porque, casualmente, estava mais à mão. E não foi um caso isolado de ataques de *yakuzas* contra civis. Quando se escreve sobre o crime organizado no Japão, proteger as fontes pode ser uma questão de vida ou morte. Levo isso muito a sério.

Se Goto Tadamasa ainda comandasse sua organização, este livro não traria agradecimentos nem dedicatórias. Mas o guru de Goto, o sacerdote Jishu Tsukagoshi, insiste que o antigo chefe da gangue é agora um dedicado discípulo de Buda e vive uma vida de paz, expiação e tolerância. Por isso, vou presumir que as coisas tenham mudado.

A outra questão problemática é que a maior parte das mulheres que trabalhavam na indústria do sexo quando eu era repórter leva hoje outra vida. Algumas estão casadas, outras têm filhos, a maioria exerce atividades completamente diferentes. Eu não gostaria de envergonhá-las ou expor seu passado.

Fiz muitos rodeios para proteger minhas fontes. Mudei nomes, usei apelidos, alterei nacionalidades e traços particulares, entre outras coisas. Tentei manter o

equilíbrio entre ocultar e desorientar, e espero que tenha dado certo.

# Agradecimentos

Gostaria de agradecer — numa ordem absolutamente aleatória — a numerosas pessoas que me ajudaram a tornar realidade este livro, a permanecer vivo e proteger meus amigos e minha família.

Quinze rapazes da Força Policial Metropolitana de Tóquio e da Agência Nacional de Polícia do Japão, especialmente a Gangue dos Cinco.

Uns poucos *yakuzas* do bem. Sim, eles existem.

A corajosa Michelle Johnson, que me fez companhia quando todos os demais sumiram e cuidou de minhas feridas quando foi preciso.

Howard Rosenberg, por ter velado por mim e por meu pai ao longo de anos.

Sunao Adelstein, que suportou muita coisa e criou nossos filhos praticamente sozinha; ela tem sido uma ótima esposa e uma mãe fantástica, além de uma das mulheres mais inteligentes e mais bonitas que conheci. Espero ter feito o que era certo e gostaria que as coisas tivessem funcionado melhor.

Beni, minha filha linda e brilhante, e Ray, meu filho superesperto e corajoso. Espero que quando forem bastante crescidos para ler este livro, aprendam com meus erros e levem uma vida melhor.

Bob Whiting, grande escritor e amigo dileto. Eu nunca poderia ter concluído o livro sem ele.

Tim O'Connell, meu editor na Pantheon, grande sujeito com fama de ser um tremendo sushiman. Serei o juiz.

Katie Preston. Seu notável domínio de tudo o que se refere à Inglaterra, o conhecimento profundo da língua e da cultura japonesas e a grande sensibilidade editorial foram inestimáveis.

Christina Kinney, fiel escudeira, pesquisadora e Girl Genius!

Michiel Brandt, a pesquisadora mais alegre do mundo e duas vezes sobrevivente da leucemia. É um exemplo.

Asako Ichisaka, meu amigo íntimo, confidente e o melhor assistente do mundo.

Sua Santidade, o dalai-lama, pelos bons conselhos. Peço desculpas por aquela pergunta no avião, mas eu precisava saber. Espero que os protetores de ouvido ainda estejam funcionando.

O *Yomiuri Shimbun*, por minha primeira oportunidade.

Boting Zhang, editor e revisor em regime de 24 horas por dia, sete dias por semana, e meu Kannon Bosatsu pessoal. Obrigado à editora *ronin* Tama Lung e a seu marido, Phil — ambos me ofereceram um lugar para me esconder e todo o apoio quando as coisas estavam pretas, principalmente Tama, que suportou a alegria de escrever comigo.

Também *merci beaucoup* a Kaori Shoji, brilhante escritora em duas línguas — “a Dorothy Parker do Japão” —, grande amiga e confidente quando precisei.

O orgulho de Montana, Kathy Laubach, e a incansável jornalista Sarah Noorbakhsh também contribuíram para o livro com trabalhos de tradução e edição.

Obrigado a John Pomfret e a Emily Langer, da seção “Outlook” do *Washington Post*, pela avaliação e publicação de meu artigo em maio de 2008.

Andrew Morse, então no *Wall Street Journal*, pelo apoio e pela minha apresentação a John “Mosca” Glionna do *Los Angeles Times*. Foi ótimo trabalhar com ele e com Charlie Ornstein.

Um agradecimento especial a Lara Logan, cujos conselhos sinceros me ajudaram a aprimorar os originais. Vanessa Mobley, uma excelente artífice da palavra, também me conduziu pelo caminho certo.

*Kudos* aos agentes especiais (ice) Jerry Kawai e Mike Cox, que trabalharam como loucos para confiscar o dinheiro de Kajiyama, manchado de sangue, e devolvê-lo a suas vítimas no Japão. São rapazes incríveis. Sou muito grato ao ex-agente especial Jim Moynihan pela sinceridade e por seu árduo trabalho para banir, ainda que em parte, a pornografia infantil no Japão.

Devo agradecer a meus colegas de reportagem e a meus chefes do *Yomiuri*: Maruyama, Komatsu, Yamamoto, Shimizu, Murai, Hirao, Mizoguchi, Yamakoshi, Wakae, Misawa, Inoue, Umemura, Kurita-desk, o louco Nakamura, Endo, o presidente Mizukami, Ishima “Cabeça de Pedra” e todos os demais. Sou muito grato pelo tempo que passei lá e pelos ensinamentos que me deram.

Obrigado também aos que me ajudaram nos tempos de universitário no Japão: Ryogan Adachi, o monge budista que me deixou morar em seu templo enquanto eu cursava a faculdade. Laurence Moriette, que me ensinou boas maneiras europeias à mesa e a ter alguma sensibilidade. Meus professores da Sofia, principalmente James Shields, que me iniciou nas alegrias da literatura japonesa, e Richard Gardner, que me mostrou que o Japão ainda pode ser um lugar maluco e místico. Speer Morgan, escritor, editor e mentor, também me deu preciosos conselhos.

Também uma menção às seguintes pessoas: Action e seu parceiro, duas pessoas que não posso citar mas que estavam lá para o que desse e viesse.

Obrigado por isso. Ikuru Kuwajima, meu protegido, repórter fotográfico fantástico e amigo destemido. Rod Goldfarb, que sempre cuidou de meus interesses, e Tim e Gina Overshiner, por terem me aguentado. Arianne, antiga companheira de banda e a segunda na lista de minhas escorpionas favoritas. Shannon Loar, minha vizinha do lado na infância e boa amiga até agora. J. T. Rogers, dramaturgo e *senpai*. Aya Yoshikawa, *man-killer*, supermãe e íntima amiga, e a incrível P-rama, que dança com os olhos fechados. Mais uma vez obrigado a Greg Starr e Elmer Luke, que tornaram possível a primeira versão deste livro. E, é claro, a minha mãe, Willa Adelstein — que me levou na barriga durante nove meses, como não se cansa de me recordar. *Gracias* a minhas irmãs Jennifer e Jacky, que ainda acham que sou um réprobo estúpido, e com isso continuo humilde. Gostaria de expressar minha gratidão a alguns amigos das Fundações Sociedade Aberta (osi), do Serviço de Investigações Criminais da Marinha (ncis) e do Departamento de Entorpecentes (dea), que se desdobraram por mim. *Kudos* a Pete, Joe e Miki por evitar que drogas norte-coreanas inundem o Japão. Uma menção especial a Miles Saverin, especialista em *yakuzas* e renomado funcionário do serviço de informações, e a Aki Adachi, fantástico correspondente. Sou grato a Anna Przeplasko pelas fotos da capa. Kou Sundberg foi de importância inestimável na pesquisa sobre a lavagem de dinheiro pelos *yakuzas* nos Estados Unidos.

Gostaria de agradecer também a Dan Frank, Pat Johnson, Paul Bogaards, Edward Kastenmeier, Chris Gillespie, à ex-aluna da Universidade de Saitama Michiko Clark, Altie Karper, Catherine Courtade, Virginia Tan e a todos da Pantheon Books que colaboraram para tornar possível este livro. Devo agradecimentos também a outros incansáveis jornalistas do Japão que foram bons amigos e incentivadores nos últimos anos. David McNeill, especialista em assuntos relativos aos *yakuzas*, o destemido Justin McCurry, o abalizado repórter de economia Leo Lewis, o lúcido Coco Masters, o perito criminal Mark Schreiber, o bambambã em subcultura Hiroko Tabuchi, Dan Slater, Allison Backham, Marsha Cooke, Richard Parry, Julian Ryall e todos os demais segregados do sistema de sala de imprensa. Não sei se cabe pedir desculpas nos agradecimentos, mas farei isso. Devo desculpas a minha família e a alguns amigos por ter-lhes trazido tanta preocupação e até mesmo riscos. Fiquei bastante transtornado por algum tempo, e naquele período é provável que tenha lhes dado aborrecimentos e problemas. Sinto muito.

Algumas pessoas não aprovaram a maneira como conduzi as coisas, e estou certo de que lhes desagradei. Fiz o que pensei que daria certo, o que quase sempre aconteceu.

Finalmente, obrigado aos que me apoiaram nos tempos difíceis. Não vou esquecer e pagarei em espécie.

## Nota do autor

Para os interessados em mais informações sobre o crime organizado no Japão ou sobre os *yakuzas*, ou que gostariam de ler um resumo do relatório da anp sobre o Goto-gumi, publiquei esse e outros materiais relevantes em meu sempre negligenciado site [www.japansubculture.com](http://www.japansubculture.com) [em inglês]. Grande parte do material está em japonês — peço desculpas. Algum dia o site será realmente bilíngue.

Copyright © 2009 by Joshua Adelstein

This translation published by arrangement with Pantheon Books, an imprint of The Knopf Doubleday Group, a division of Random House, Inc.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Tokyo vice — An American reporter on the police beat in Japan

*Capa*

Elisa v. Randow

*Foto de capa*

© Bruce Gilden/ Magnum Photos/ LatinStock

*Preparação*

Leny Cordeiro

*Revisão*

Valquíria Della Pozza

Isabel Jorge Cury

ISBN 978-85-8086-066-5

Todos os direitos desta edição reservados à editora schwarcz ltda.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — sp

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacia.com.br](http://www.blogdacia.com.br)